

Autora do best-seller Anna e o Beijo Francês

Stephanie Perkins

Lola
e o
Garoto da Casa ao Lado

A fórmula perfeita para a paixão e o humor.




Nôvo Conceito

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A aspirante a designer Lola Nolan não acredita em moda... Ela acredita em fantasias. Quanto mais expressiva a roupa mais brilhante, mais divertida, mais selvagem, melhor. Mas apesar do estilo de Lola ser escandaloso, ela é uma filha e amiga dedicada com grandes planos para o futuro. E tudo está perfeito (incluindo seu namorado roqueiro e atraente), até que os gêmeos Bell, Calliope e Cricket, retornam à vizinhança. Quando Cricket, um talentoso inventor, sai da sombra de sua irmã gêmea e volta à vida de Lola, ela finalmente deve reconciliar uma vida de sentimentos pelo garoto da casa ao lado.

01

Eu tenho três desejos simples. Eles não são realmente nada demais.

A primeira é ir ao baile de inverno, vestida de Maria Antonieta¹. Eu quero uma peruca tão elaborada que poderia ser a gaiola de um pássaro e um vestido tão grande que eu só vou ser capaz de entrar no salão através de um conjunto de portas duplas.

Mas eu vou segurar minhas saias mais alto quando eu chegar para revelar um par de botas de combate plataforma, para que todos possam ver que sob a frescura, eu sou uma punk-rock durona.

A segunda é para os meus pais aprovarem o meu namorado. Eles o odeiam. Eles odeiam o seu cabelo descolorido com as suas constantes raízes escuras, e eles odeiam seus braços, que são tatuados com partes de teias de aranha e estrelas. Eles dizem que as sobrancelhas são estranhas, que seu sorriso é forçado. E que estão cansados de ouvir sua música explodir do meu quarto, e eles estão cansados de lutar contra o meu toque de recolher, sempre que eu assisto sua banda tocar em clubes.

E meu terceiro desejo?

É nunca, nunca mais ver os gêmeos Bell nunca mais.

Mas eu prefiro discutir sobre o meu namorado. Eu percebo que não é legal desejar a aprovação dos pais, mas, sinceramente, minha vida seria muito mais fácil se eles aceitassem que Max é o único. Isso iria significar o fim das restrições constrangedoras, ao final de cada telefonema de hora em hora e o melhor de tudo, o fim do brunch de domingo.

O fim da manhã como esta.

— Outro waffle, Max?

Meu pai, Nathan, empurra a pilha de ouro por toda a nossa mesa antiga e para meu namorado. Esta não é uma questão real. É um comando, de modo que meus pais possam continuar o seu

interrogatório, antes de sairmos. Nossa recompensa por lidar com o brunch? Um sábado a tarde mais relaxado com menos checadas.

Max pega dois e coloca a calda de framboesa caseira de pêssego. — Obrigado, senhor. Está incrível, como sempre. — Ele derrama a calda com cuidado, uma gota em cada quadrado. Apesar das aparências, Max é cuidadoso por natureza. É por isso que ele nunca bebe ou fuma maconha nas noites de sábado. Ele não gosta vir de ressaca para o brunch, que é, naturalmente, o que os meus pais estão prestando a atenção. Com expressões de deboche.

Eu me estico, e os sete centímetros de pulseiras de metal na minha mão direita batem uma na outra. — Sim, gosto, vinte minutos atrás. Vamos — eu viro e imploro para Andy, o candidato mais provável para nos deixar sair mais cedo. — Não podemos ir agora?

Ele pisca os olhos inocentemente. — Mais suco de laranja? Frittata?

— Não. — Eu luto tentando não desmoronar. Cair seria pouco atraente.

Nathan esfaqueia outro waffle. — Então. Max. Como vai o mundo da leitura?

Quando Max não está sendo um indie, punk ou deus do rock, ele trabalha para a cidade de San Francisco. O que irrita Nathan é que Max não tem interesse na faculdade.

Mas o que meu pai não entende é que Max é realmente brilhante. Ele lê livros complicados de filosofia escritos por pessoas com nomes que não posso pronunciar e conhece toneladas de documentários políticos. Eu certamente não iria querer debater com ele.

Max sorri educadamente, e suas sobrancelhas escuras levantam um pouco. — O mesmo que na semana passada.

— E a banda? — Andy pergunta. — O executivo da gravadora vai ligar sexta-feira?

Meus pais olharam severamente meu namorado. O cara da gravadora nunca ligou. Max atualizou Andy sobre isso.

Eles odeiam que eu tenha 17, e Max 22.

Mas eu sou uma firme defensora que idade não é problema. Além disso, a diferença é de apenas cinco anos, menos do que a diferença entre meus pais. Embora não adianta apontar isto, ou o fato de que

meu namorado tem a mesma idade de Nathan quando meus pais começaram a namorar. Isso só iria irritá-los ainda mais. — Eu poderia ter tido a sua idade, mas Andy tinha 30 — Nathan sempre diz. — Não éramos adolescentes. E nós dois tivemos vários namorados antes, nós tínhamos experiência. Você não pode saltar em um relacionamento dessa maneira, você tem que ter cuidado.

Mas eles não se lembram de como é ser jovem e estar apaixonados. Claro que posso saltar para estas coisas. Se eu não fizesse isso por alguém como Max, eu seria no mínimo estúpida. Minha melhor amiga acha hilário que meus pais sejam tão rigorosos. Afinal, como um casal de gays não simpatizariam com a tentação oferecida por um namorado, um pouco sexy e perigoso?

Isto seria um sonho, por que a verdade é dolorosa.

Não importa que eu seja a filha perfeita. Eu não bebo ou uso drogas, e eu nunca fumei um cigarro. Eu não destruo seu carro e eu não passo da velocidade, para que eles não paguem taxas de multas, eu tenho um trabalho decente. Eu tenho boas notas. Bem, além de biologia, por que eu me recusei a dissecar um feto de porco no começo do ano. E eu só tenho um furo por orelha e não tenho tatuagem. Ainda. Eu não tenho vergonha de abraçar meus pais em público.

Exceto quando Nathan usa um suéter de corrida. Porque realmente...

Eu tiro os pratos da mesa, na esperança de acelerar as coisas. Hoje Max está me levando para um dos meus lugares favoritos, o jardim de chá japonês, e depois ele vai me levar para trabalhar no meu turno da noite. E espero que, entre as paradas, nós possamos passar algum tempo de qualidade juntos em seu Chevy Impala 645.

Eu me inclino contra a bancada da cozinha, sonhando com carro de Max.

— Estou chocado que ela não está usando seu quimono — Nathan diz.

— O quê? — Eu odeio quando as pessoas falam de mim, quando acham que eu não estou prestando a atenção.

— Pijama chinês para o jardim de chá japonês — ele continua, apontando para os meus quimonos de seda vermelha. — O que as

pessoas vão pensar?

Eu não acredito em moda. Eu acredito em traje. A vida é muito curta para ser a mesma pessoa todos os dias. Reviro os olhos para mostrar a Max que meus pais estão agindo feito crianças.

— Nossa pequena drag queen — Andy diz.

— Porque essa é nova. — Eu pego o prato e despejo o brunch que sobrou na tigela de Betsy. Seus grandes olhos estão arregalados, e ela come os restos em uma mordida esfomeada, típica de cachorro.

Seu nome completo é Betsy Heavens, nós a salvamos do controle de animais há vários anos. Ela é uma vira-lata, muito parecida com um golden retriever, mas na cor preta. Eu queria um cachorro preto, porque uma vez Andy cortou um artigo de uma revista, ele está sempre recortando artigos, geralmente sobre os adolescentes morrendo de overdoses ou contraindo sífilis ou engravidando e abandonando a escola, e sobre como os cães pretos são sempre os últimos a serem adotados nos abrigos e, portanto, os mais propensos a serem abatidos. O que é totalmente um tipo de Racismo canino, se você me perguntar. Betsy é a melhor cachorra do mundo.

— Lola. — Andy está com seu rosto sério. — Eu não tinha terminado.

— Portanto, pegue um novo prato.

— Lola — Nathan diz, e eu dou um prato limpo a Andy. Tenho medo de que isso se transforme em uma coisa na frente de Max, quando percebem que Betsy está implorando por mais waffles.

— Não — eu digo a ela.

— Você já passeou com ela hoje? — Nathan me pergunta.

— Já — Andy responde.

— Antes de eu começar a cozinhar — Andy diz. — Mas ela já está pronta para outra.

— Por que você não a leva para um passeio, enquanto nós terminamos com Max? — Nathan pergunta. Outro comando, não uma pergunta.

Olho para Max, e ele fecha os olhos como se ele não pudesse acreditar que eles estão fazendo isso de novo. — Mas, papai...

— Nada de mais. Você queria um cão, então você tem que cuidar dele.

Este é um dos bordões mais irritantes de Nathan. Céus Betsy era para ser minha, mas ela teve a coragem de se apaixonar por Nathan, o que irrita Andy e eu. Somos os únicos que a alimenta e a leva para passear. E eu ainda carrego os saquinhos biodegradáveis e seus brinquedos – Eu até fiz para ela roupas bordadas com bonecas russas, mas mesmo assim ela preferiu Nathan. — Yeah, yeah. Vamos.

Eu atiro outro olhar de desculpas para Max, e em seguida, Betsy e eu estamos fora da porta.

Há vinte e um degraus da nossa varanda até a calçada. Em qualquer lugar que você vá em San Francisco, você tem que lidar com as rampas e colinas. É extraordinariamente quente aqui fora, por isso, juntamente com a blusa do meu pijama e as pulseiras de baquelite⁶, estou vestindo uma camiseta regata. E também tenho os meus óculos de sol brancos gigantes da Jackie O, uma longa peruca morena, com tons de esmeralda e sapatilhas pretas de balé.

Sapatilhas de balé de verdade, não aquelas sapatilhas normais que só parecem sapatilhas de balé.

Minha promessa de Ano Novo foi nunca mais usar a mesma roupa duas vezes.

A luz do sol se sente bem nos meus ombros. Não importa que seja agosto, por causa da baía, a temperatura não muda muito ao longo o ano. É sempre legal. Hoje eu estou grata pelo clima peculiar, porque significa que não vou ter que carregar um casaco para todo lado.

Betsy faz xixi em um minúsculo retângulo de grama na frente da porta vitoriana onde ela sempre faz xixi, o que eu aprovo totalmente e seguimos em frente. Apesar de meus pais irritantes, eu estou feliz. Eu tenho um encontro romântico com meu namorado, uma grande agenda com as minhas amigas favoritas, e mais uma semana de férias de verão.

Nós subimos e descemos o morro enorme que separa minha rua do parque. Quando chegamos, um cavalheiro coreano com um terno de veludo me cumprimenta. Ele está fazendo tai chi entre as

palmeiras. — Olá, Dolores! Como foi o seu aniversário? — Sr. Lim é a única pessoa além de meus pais (Quando eles são loucos) que me chama pelo meu nome real. Sua filha Lindsey é minha melhor amiga, eles moram algumas ruas acima.

— Olá, Sr. Lim. Foi divino! — Meu aniversário foi na semana passada. Eu sou a mais velha na minha classe, que eu amo. Isso me dá um ar adicional de maturidade. — Como está o restaurante?

— Muito bom obrigado. Todo mundo está pedindo galbi de carne esta semana. Adeus, Dolores! Diga olá a seus pais.

O nome de velha é porque eu herdei o nome de uma. Minha bisavó Dolores Deeks morreu alguns anos antes de eu nascer. Ela era avó de Andy, e ela era maravilhosa. O tipo de mulher que usava chapéus de penas e marchava em protesto pelos direitos civis. Dolores foi a primeira pessoa a quem Andy se revelou. Ele tinha treze anos. Eles eram muito próximos, e quando ela morreu, ela deixou a sua casa para Andy. E é onde nós vivemos, na casa verde da avó Dolores com uma frente no estilo Vitoriana no Distrito de Castro.

Andy não seria uma pessoa tão generosa se não fosse por ela. Meus pais têm uma vida saudável, mas nada comparada a dos vizinhos. Os wellkept têm casas na nossa rua, com suas molduras de madeira nobre com uma ornamentação extravagante, todos têm muito dinheiro. Incluindo os vizinhos da casa lavanda ao lado.

Meu nome também é compartilhado com este parque, *Missão Dolores*. Não é uma coincidência. A avó Dolores foi nomeada após uma missão nas proximidades, e depois também foi nomeado um riacho chamado Arroyo de Nuestra Señora de los Dolores. Isso se traduz em - Rio Nossa Senhora das Dores. - Porque quem não gostaria de ser chamado de um riacho deprimente? Há também uma rua principal por aqui chamada Dolores. É meio estranho.

Eu prefiro Lola.

Céus. Quando acabarmos, e eu levo Betsy, para casa. Espero que meus pais não tenham torturado Max. Para alguém tão ousado no palco, ele é realmente muito introvertido, e essas reuniões semanais não são fáceis para ele. — Eu pensei que lidar com um pai protetor

era ruim o suficiente — ele disse uma vez. — Mas dois? Seus pais vão ser a minha morte, Lo.

A movimentação de caminhões pela rua é estranha, porque de repente e rapidamente, meu bom humor é substituído por um mal-estar. Nós aceleramos. Max deve estar sentindo certo incômodo agora. Eu não posso explicar, mas quanto mais eu me aproximo da casa, pior eu me sinto. Um cenário terrível percorre minha mente: meus pais interrogam Max exageradamente, e ele decide que eu não valho mais a pena.

Minha esperança é que algum dia, quando nós estivermos juntos por mais de um verão, meus pais vão perceber que ele é o único, e que a idade não será mais um problema. Mas, apesar de sua incapacidade de ver essa verdade agora, eles não são burros. Eles lidam com Max por que acho que se eles me proibissem de vê-lo, nós iríamos acabar fugindo juntos. Eu me mudaria para o apartamento dele e arrumaria um trabalho, como dançando nua ou fazendo Streep tese.

O que seria completamente louco.

Mas eu estou correndo agora, segurando Betsy e descendo o morro. Algo não está certo. E eu tenho certeza de que aconteceu que Max deixou ou meus pais o encurralar em uma discussão acalorada sobre a falta de direção em sua vida, quando eu chego na minha rua e olho tudo está no lugar.

O caminhão está em movimento.

Não é o brunch.

O caminhão continua em movimento.

Mas tenho certeza que o caminhão pertence a outro locatário. Ele sempre pertence. A última família era um casal que cheirava a queijo suíço e pegava esquisitices médicas, como fígados velhos conservados em formaldeído e vaginas de tamanho desproporcional. A casa está desocupada há uma semana. Nos últimos dois anos, houve uma seqüência de locatários, e cada vez que alguém sai, eu não posso ajudar, mas me sinto mal até os novos chegarem.

Porque e se eles voltarem agora?

Eu vou devagar para dar uma olhada melhor no caminhão. Pode ser qualquer um não? Eu não percebi um carro na garagem quando

passamos mais cedo, mas eu adquiri um hábito de não olhar para a casa ao lado. Com certeza, há duas pessoas na frente da calçada. Se eu esticar os olhos vou encontrar, uma mistura de agitação e alívio, por que é apenas os empacotadores. Betsy me puxa em sua coleira, e eu pego o ritmo novamente.

Tenho certeza de que não há nada para me preocupar. Quais são as chances?

Com exceção... Há sempre uma chance. O motorista tira um sofá branco da parte de trás do caminhão, e meu coração bate mais forte. Eu o reconheci? Eu já sentei naquele sofá antes? Mas não. Eu não lembro. Espio dentro do caminhão abarrotado, em busca de algo familiar, e eu estou observando pilhas de mobiliário moderno que eu nunca vi antes.

Não são eles. Não pode ser eles.

Não são eles!

Eu sorrio de orelha a orelha, um sorriso bobo que me faz parecer uma criança, que eu normalmente não me permito ser, e aceno para os empacotadores. Eles sorriem e acenam com a cabeça para trás. A porta da garagem está aberta, e agora eu tenho certeza que não são eles. Eu inspeciono o carro, e o meu alívio se completa. É algo compacto e de prata, e eu não o reconheço.

Salva. Mais uma vez. É um dia feliz.

Peguei Betsy e entrei. — O brunch acabou! Vamos, Max.

Todo mundo está olhando pela janela da frente na nossa sala.

— Parece que temos vizinhos novamente — eu digo.

Andy parece surpreso com a alegria na minha voz. Nós nunca conversamos sobre isso, mas ele sabe que algo aconteceu há dois anos. Ele sabe que eu me preocupo com seu retorno, e ele se preocupa a cada dia quando uma nova família chega.

— O quê? — Eu sorrio de novo, mas depois eu paro, consciente de que Max está falando em um tom mais baixo.

— Uh, Lo? Você não os viu, por acaso, não é?

A preocupação de Andy está me tocando. Eu libero Betsy de sua coleira e vou para a cozinha. Determinada terminar tudo rápido para ter o meu encontro, eu pego os pratos restantes da mesa e sigo em

direção a pia. — Não. Eu ri. — O quê? Será que eles têm outra vagina de plástico? Uma girafa? Uma armadura medieval o quê?

Todos os três estão olhando para mim.

Minha garganta se aperta. — O que é isso?

Max me examina com uma curiosidade incomum. — Seus pais dizem que você conhece a família.

Não. Não.

Alguém disse alguma coisa, mas eu não consegui entender a palavras. Meus pés estão me levando para a janela enquanto o meu cérebro está gritando para eu voltar. Não pode ser eles. Não era a sua mobília! Não era o seu carro! Mas as pessoas compram coisas novas. Meus olhos estão pregados na porta ao lado quando uma figura sai para a varanda. Os pratos em minhas caem, por que ainda estou carregando os pratos da refeição matinal? Se espatifando contra o chão.

Porque lá está ela.

Calliope Bell.

02

— Ela é tão linda quanto parece na televisão — eu cutuquei o pote grátis de biscoitos de arroz. — Tão linda quanto sempre foi.

Max deu de ombros. — Ela é ok. Nada que valha tanto trabalho.

Como eu já estava acostumada com seu jeito de não se deixar impressionar, não foi o suficiente para me distrair. Encostei-me contra a grade da casa de chá, e uma brisa flutuou através do espelho d'água ao nosso lado. — Você não entende. Ela é *Calliope Bell*.

— Você tem razão. Não entendo. — Seus olhos franziram atrás de sua espessa armação Buddy Holly. Isso é algo que havíamos em comum, uma péssima visão. Eu amo quando ele usa seus óculos. O roqueiro fodão encontra o nerd sexy. Ele apenas os usa fora do palco, a menos que ele esteja tocando um número acústico. Então ele os adiciona para um toque necessário de sensibilidade. Max sempre é consciente de sua aparência, o que algumas pessoas podem achar fútil, mas eu entendo completamente. Você só tem uma chance de causar uma boa impressão.

— Deixa eu entender isso direito — ele continua. — Quando vocês eram calouras...

— Quando eu era caloura. Ela era um ano mais velha.

— Ok, quando você era uma caloura... O que? Ela foi má com você? E você continua chateada com isso? — Suas sobrancelhas franziam como se ele estivesse perdendo metade da equação. O que ele estava. Mas eu não ia completar para ele.

— Sim.

Ele acenou. — Deve ter sido uma grande vaca para você quebrar seus pratos desse jeito.

Levou quinze minutos para eu limpar minha bagunça. Fragmentos de porcelana, e o omelete ficou preso entre as rachaduras do piso de madeira, e xarope pegajoso de framboesa, salpicado como o sangue através dos rodapés.

— Você não faz idéia. — Eu o deixei com isso.

Max se serviu de outra xícara de chá de jasmim. — Então porque você a idolatra?

— Eu não a idolatro agora. Somente quando éramos mais jovens. Ela era essa... Garota linda e talentosa, que por acaso também era minha vizinha, Quero dizer, nós brincávamos de Barbie e faz de conta quando éramos crianças. Machucou quando ela se virou contra mim, só isso. Eu não acredito que você não tenha ouvido falar sobre ela — eu acrescentei.

— Sinto muito. Eu não assisto muito patinação artística.

— Ela esteve no Campeonato Mundial duas vezes. Medalha de prata? Ela é a grande esperança Olímpica desse ano.

— Sinto muito — ele disse de novo.

— Ela estava na caixa do Wheaties⁹.

⁹ Cereal

— Sem dúvida vendendo por R\$0,99 no eBay. — Ele cutucou meu joelho com o seu por baixo da mesa. — Quem se importa?

Eu suspirei. — Eu amava suas fantasias. Os babados de chiffon, as pérolas e os cristais Swarovski, as saias pequenas...

— Saias pequenas? — Max tomou o resto do chá.

— E ela tinha aquela graça, pose e confiança. — Eu empurrei meus ombros para trás. — E aquele cabelo brilhante perfeito. Aquela pele perfeita.

— Perfeição está superestimada. Perfeição é entediante.

Eu sorri. — Você não acha que sou perfeita?

— Você é deliciosamente maluca, e eu não gostaria de você de nenhuma outra maneira. Beba seu chá.

Quando eu terminei, nós demos outro pequeno passeio. O Jardim Japonês do Chá não era grande, mas compensava com sua beleza. Flores perfumadas em cores neutras, equilibradas pelas plantas intrincadamente cortadas em azuis e verdes tranqüilos. Caminhos meandro em torno de estatuária budista, lagos de carpas, um banco vermelho, e uma ponte de madeira em forma de lua. Os únicos sons são o canto dos pássaros e o suave clique das câmeras. É pacífico. Mágico.

Mas a melhor parte?

Cantos escondidos e perfeitos para beijos.

Nós achamos o banco perfeito, privado e escondido, e Max colocou suas mãos atrás da minha cabeça e puxou meus lábios até os seus. Isso é o que eu estive esperando. Seu beijo era gentil e áspero, com gosto de hortelã e cigarros.

Nós saímos durante todo o verão, mas eu ainda não estava acostumada com ele. Max. *Meu namorado*, Max. A noite que nos conhecemos foi a primeira vez que meus pais me deixaram ir a uma boate. Lindsay Lim estava no banheiro, então eu estava temporariamente sozinha, empoleirada nervosamente contra a áspera parede de concreto do Verge. Ele andou diretamente para mim, como se ele tivesse feito isso mil vezes antes.

— Sinto muito — ele disse — Você deve ter me notado, te encarando durante toda a apresentação.

Isso era verdade. Seu olhar me emocionou, embora eu não tenha acreditado. O pequeno clube estava lotado, e ele poderia estar observando qualquer uma das garotas famintas dançando ao meu lado.

— Qual o seu nome?

— Lola Nolan. — Eu ajustei minha tiara e ajeitei meus pés.

— Lo-lo-lo-lo Lo-la — Max cantou como na música do Kink. Sua voz profunda estava rouca do show. Ele usava uma simples camisa preta, que eu descobriria em breve ser seu uniforme. Por baixo, seus ombros eram largos, seus braços torneados, e eu logo vi a tatuagem que se tornaria a minha preferida, escondida na dobra de seu cotovelo esquerdo. Seu nome vinha do *Where the Wild Things Are*. O pequeno garoto no terno branco de lobo.

Ele era o homem mais atraente que já tinha falado comigo. Frases semi-coerentes rodavam em minha cabeça, mas eu não conseguia seguir com nenhuma delas por tempo suficiente para falar.

— O que você achou do show? — Ele teve que aumentar sua voz sobre os Ramones, que tinham começado a explodir nos alto-falantes.

— Você foi ótimo — eu disse. — Eu nunca tinha visto sua banda antes.

Eu tentei gritar esta segunda parte casualmente, como se eu nunca tivesse visto *suabanda* antes. Ele não precisava saber que esse era o meu primeiro show.

— Eu sei. Eu teria notado você. Você tem namorado, Lola? Joey Ramone ecoou atrás dele. *Hey garotinha, eu quero ser seu namorado.*

Os garotos da escola nunca eram tão diretos. Não que eu tivesse muita experiência, apenas um namoro estranho de um mês aqui, e ali. A maioria dos garotos sentiam-se intimidados por mim, ou me achavam estranha. — O que há com você? — Eu erguia meu queixo, disparando confiança.

Doce garotinha. Eu quero ser seu namorado.

Max me olhou de cima a baixo, e um lado de seu lábio se curvou em um sorriso. — Vejo que você já tem que ir — ele sacudiu sua cabeça, e eu me virei para encontrar Lindsay Lim, boquiaberta. Apenas uma adolescente poderia parecer tão desajeitada e surpresa. Será que Max percebeu que estávamos no ensino médio? — Porque você não me dá seu telefone? — ele continuou. — Eu gostaria de te ver.

Ele deve ter ouvido meu coração batendo enquanto eu vasculhava o conteúdo da minha bolsa: chiclete de melancia, ingressos de cinema, recibos de burritos vegetarianos, e um esmalte de arco-íris. Eu retirei um Sharpie, percebendo tarde demais que apenas crianças e groupies andavam com Sharpies. Felizmente, ele não pareceu se importar. Max esticou um pulso. — Aqui.

Sua respiração era quente em meu pescoço enquanto eu pressionava o marcador em sua pele. Minha mão tremeu, mas de alguma maneira eu consegui escrever claramente, pinceladas ousadas embaixo de sua tatuagem. Então ele sorriu - sua assinatura, aquele sorriso só com um lado da boca - e caminhou para longe, através dos corpos suados, em direção ao bar pouco iluminado. Eu me permiti encarar suas costas por um momento. Apesar do meu telefone, eu tinha certeza de que nunca nos veríamos novamente.

Mas ele ligou.

Obviamente, ele ligou.

Aconteceu dois dias depois, no ônibus a caminho do trabalho. Max queria me encontrar no Haight para o almoço, e eu quase morri ao dispensá-lo. Ele perguntou sobre o dia seguinte. Eu estaria trabalhando também. E então, ele perguntou sobre o outro dia, e eu não podia acreditar em minha sorte porque ele ainda estava tentando. Sim, eu disse a ele. *Sim*.

Eu usava um vestido rosa, e meu cabelo natural, sou morena, cor média estava usando dois coques como as orelhas de Mickey Mouse.

Nós comemos falafe² e descobrimos que ambos éramos vegetarianos. Ele me disse que não tem mãe, e eu lhe disse que na verdade, eu também não. E então, enquanto eu limpava as últimas migalhas da minha boca, ele disse o seguinte: — Não há forma educada de perguntar, então eu só vou fazer isto. Quantos anos você tem?

Minha expressão deve ter sido terrível, porque Max pareceu arrasado enquanto eu lutava para dar uma resposta aceitável. — Merda. Tão ruim assim, han?

Eu decidi que demorar era minha melhor tática. — Quantos anos você tem?

— De jeito nenhum. Você primeiro.

Atrasei de novo. — Quantos anos você acha que eu tenho?

— Eu acho que você tem um rosto fofo que parece enganosamente jovem. E eu não quero te insultar de nenhuma maneira. Então você tem que me dizer.

É verdade. Meu rosto é redondo, e minhas bochechas são apertáveis, e minhas orelhas são maiores do que eu gostaria. Eu luto contra isso com maquiagem e roupas. Meu corpo curvilíneo ajuda também. Mas eu ia dizer a verdade, eu realmente ia, quando ele começou a adivinhar. — Dezenove?

Eu sacudi a cabeça.

— Mais nova ou mais velha?

Eu dei de ombros, mas ele sabia onde isso estava indo. — Dezoito? Por favor, diga que você tem dezoito.

— Claro que eu tenho dezoito. — Eu empurrei a embalagem vazia de comida para o lixo. Por fora, eu era a rainha do gelo, mas eu estava surtando por dentro. — Eu estaria aqui se não tivesse 18?

Seus olhos âmbar estreitaram-se em desconfiança, e o pânico cresceu dentro de mim. — Então, quantos anos *você* tem? — eu perguntei de novo.

— Mais que *você* . *Você* está na faculdade?

— Eu estarei. — Um dia.

— Então, *você* ainda mora em casa?

— Quantos anos *você* tem? — eu perguntei pela terceira vez.

Ele fez uma careta. — Eu tenho vinte e dois, Lola. Eu nós provavelmente não deveríamos estar tendo essa conversa. Eu sinto muito, se eu soubesse...

— Eu sou legal. — E então, eu me senti imediatamente estúpida.

Houve uma longa pausa. — Não — Max disse. — *Você* é perigosa. Mas ele estava sorrindo.

Levou outra semana de encontros casuais, até que eu o convencesse a me beijar. Ele estava definitivamente interessado, mas eu podia dizer que o deixava nervoso. Por alguma razão, isso só me deixava mais ousada. Eu gostava de Max de uma maneira que eu não sentia por ninguém há anos. Dois anos, para ser exata.

Foi na biblioteca pública, e Max quis que nos encontrássemos lá porque era seguro. Mas quando ele me viu, de vestido curto, botas longas seus olhos procuraram por seu livro, mas eu o joguei para o lado. Seu domínio foi perdido. — Lola — ele alertou.

Eu olhei para ele inocentemente.

E foi quando ele pegou minha mão e me guiou das mesas públicas até as prateleiras vazias. Ele me encostou nas biografias. — *Você* tem certeza que quer isso? — A provocação estava nítida em sua voz, mas seu rosto era sério.

Minhas palmas suavam. — É claro.

— Eu não sou um cara legal. — Ele chegou mais perto.

— Talvez eu não seja uma boa garota.

— Não. *Você* é uma garota muito boa. É isso que eu gosto em *você* . — E com apenas um dedo, ele levantou meu rosto para o dele.

Nosso relacionamento progrediu rapidamente. Era eu quem estava atrasando as coisas. Meus pais estavam fazendo perguntas. Eles não acreditavam mais que eu estava passando tanto tempo com Lindsey. E eu sabia que era errado continuar mentindo para Max

enquanto as coisas estavam indo para frente, então eu fui sincera sobre minha idade.

Max ficou furioso. Ele desapareceu por uma semana, e eu já tinha perdido as esperanças quando ele ligou. E disse que estava apaixonado. Eu disse que ele teria que conhecer Nathan e Andy. Pais o irritavam, seu pai era alcoólatra, sua mãe partiu quando ele tinha cinco anos, mas ele concordou. E então restrições foram colocadas sobre nós. E na semana passada, no meu aniversário de dezessete anos, eu perdi minha virgindade em seu apartamento.

Meus pais pensam que nós fomos ao zoológico.

Desde então, nós dormimos juntos mais uma vez. E eu não sou uma idiota sobre essas coisas; Eu não tenho ilusões românticas; Eu li bastante para saber que leva um tempo até que seja bom para as garotas. Mas eu espero que melhore logo.

O beijo é fantástico, então tenho certeza que vai acontecer.

Exceto que hoje eu não consigo me concentrar em seus lábios. Eu esperei por ele durante toda a tarde, mas agora que eles estão aqui, eu estou distraída. Sinos tocam a distância – são do grupo? De fora dos jardins? E tudo que eu consigo pensar é *Bell. Bell. Bell.*

Eles estão de volta. Tinham três deles essa manhã, Calliope e seus pais. Nenhum sinal de seus irmãos. Não que eu me importe de ver Aleck. Mas o outro...

— O quê?

Eu me assustei. Mas está me olhando. Quando paramos de nos beijar?

— O que é? — ele pergunta de novo. — Onde você está?

Eu reviro os olhos. — Sinto muito, estava pensando sobre o trabalho.

Ele não acredita em mim. Esse é o problema por ter mentido para seu namorado no passado. Ele suspira com frustração, levanta, e coloca uma mão em seu bolso. Eu sei que está procurando por seu isqueiro.

— Sinto muito — digo novamente.

— Esqueça — Ele olha para a hora no celular. — É hora de ir, de qualquer maneira.

A estrada para o centro cívico Royal 16, é quieta, tirando Clash tocando em seu rádio. Mas está estranho, e eu me sinto culpada. — Me liga mais tarde? — eu peço.

Ele acena enquanto vai embora, mas sei que ainda estou encrocada.

Como se eu precisasse de outro motivo para odiar os Bells.

03

Minha supervisora esta reorganizando os saleiros, Ela o faz com uma freqüência alarmante.

O cinema está calmo essa noite, durante a seção entre os filmes, e estou aproveitando a oportunidade para tirar o cheiro de pipoca e manteiga dos meus cabelos e braços.

— Tente com isto. — Ela me entrega uma toalhinha úmida. — Funciona melhor do que guardanapo.

Eu aceito com uma genuína gratidão. Apesar de sua neurose Anna é minha companheira de trabalho favorita. Ela um pouco mais velha que eu, e muito bonita e acabou de começar a escola de cinema. Tem um sorriso alegre com um pouco de espaço entre seus dentes da frente. E um traço único de platina em seus cabelos de cor marrom escuro.

É um bom toque. Além disso, ela sempre usa um colar com perolas de vidro em formato de bananas.

Admiro alguém com uma fixação firme.

— De onde diabos vêm isso. — Pergunta a única outra pessoa atrás do balcão, ou mais precisamente na parte superior do bar, onde seu ridículo e atraente noivo - com sotaque inglês - fica.

Ele é outra coisa que gosto em Anna, aonde quer que ela vá, ele a segue. Ele inclina a cabeça para minha toalhinha de bebe. — O que mais você leva em sua bolsa? Roupas para os pobres? Mobiliário polonês?

— Tenha cuidado. — ela diz. — Ou vou esfregar *seus* braços Etienne.

Ele lhe dá um sorriso.

— Contanto que o faça em privado.

Anna é a única pessoa que o chama pelo seu nome. O restante de nós o chamamos por seu apelido. St Clair. Não estou bem certa do por que. É só mais uma dessas coisas.

Mudaram-se para cá faz pouco tempo, mas se conheceram ano passado em Paris, onde foram a escola secundária. Paris. Mataria para ir a uma escola em Paris, principalmente se tivesse garotos como Etienne St Clair por lá.

Não é que eu enganaria Max. Só estou dizendo.

St Clair tem charmosos olhos marrons e cabelos despenteados de artista. Apesar de que é um pouco baixo para meu gosto, vários centímetros mais baixo que sua noiva.

Ele freqüenta a universidade de Berkeley, mas apesar de seu desempenho, ele passa tanto tempo aqui no cinema como o faz através da baía. E já que é charmoso, arrogante e seguro, todo mundo o ama. Só é preciso uma questão de horas para que ele pule para a área dos empregados, sem nenhuma queixa por parte da administração.

Este tipo de carisma é impressionante. Mas isso não quer dizer que quero ouvir sobre suas *esfregadas* particulares.

— Meu turno acaba em meia hora. Por favor, esperem até que eu tenha saído das instalações para continuarem com esta conversa.

Anna sorri para St. Clair que está retirando sua enorme insígnia de: PERGUNTE-ME SOBRE NOSSO CLUBE DE CINÉFILOS. De seu jaleco marrom.

— Lola só esta com inveja. Está tendo problemas com Max de novo.

Ele me olha, e seu sorriso se torna irônico. — O que te disse sobre os músicos? Esse tipo de garoto malvado, que só vai quebrar seu coração.

— Só são maus porque são chatos. — Murmura St. Clair, ele aperta os botões de sua própria roupa, esta fabulosa jaqueta preta, que lhe dar um ar muito europeu, de fato.

— O fato de que em outros tempos vocês tiveram problemas com outro alguém? — digo. — Não quer dizer que eu os tenha. Max e eu estamos bem. Não, não faça isso. — Digo a St.Clair. — Esta arruinando um ótimo casaco.

— Sinto muito, você o quer? Poderia criar sua própria coleção. — Assinala com um gesto para o meu próprio jaleco marrom. No meio dos botões de requerimento de cinema, eu coloquei vários broches

brilhantes vintage. Só um administrador se queixou até agora, mas como eu amavelmente lhe expliquei minhas jóias só atraem mais atenção para seus anúncios. Ele não falou mais nada.

E por sorte, nada tem dito sobre o mesmo jaleco que eu peguei, realmente o ajustando e cortando as mangas. Você sabe. Para ser um jaleco de poliéster.

Meu telefone vibra em meu bolso.

— Espera um instante. — digo a St Clair.

E uma mensagem de Lindsey Lim: *Não acreditara em quem vi correndo no parque. Prepare-se.*

— Lola. — Anna se balança para me pegar, mas eu não estou caindo. Estou caindo? Sua mão esta em meu braço, me sustentando em posição vertical. — O que houve? Qual é o problema?

Sem duvida, Lindsey viu Calliope. Calliope estava se exercitando no parque como parte de seu treinamento. Naturalmente era Calliope. Sob a outra possibilidade, respiro fundo e fortemente, mas novamente. Este parasita cresce dentro de mim. Nunca desaparece, não importa quantas vezes o diga para esquecê-lo. É passado, e nada pode mudar o passado. Contudo cresce ao mesmo tempo. Devido à tão terrível como é pensar em Calliope Bell, não é nada comparado à dor que me oprime quando penso em seu irmão gêmeo.

Que vem a ser um estudante de ultimo ano, este ano. O que significa que apesar da apresentação desta manhã não a razão pela qual seu irmão não esteja aqui. O melhor que eu posso esperar é algum tipo de atraso. Necessito deste tempo para me preparar.

Mandei para Lindsey uma nova mensagem de texto com um simples sinal de interrogação. *Por favor, por favor, por favor*, peço ao universo. *Por favor, que seja calliope.*

— É o Max? — Anna pergunta. — Seus pais? O meu Deus é o cara do filme de ontem não? É o louco com um telefone gigante e o cubo de carne de frango! Como ele descobriu seu nome...

— Não é ele. — Mas não posso explicar. Não agora. — Tudo está bem.

Anna e St Clair compartilham olhares idênticos de incredulidade.

— É Betsy. Minha cachorra. Andy disse que ela parece doente, mas estou certa de que é algum problema... — Meu celular vibra de novo, estive prestes a deixá-lo cair na minha ânsia de ler a nova mensagem de texto: *Calliope. A investigação revela um novo treinador. Ela esta de volta.*

— É boa? — St Clair pergunta.

Calliope. Graças a Deus! CALLIOPE. Olho para meus amigos — O que?

— Batsy. — dizem entre si.

— Oh. Sim. — Lhes dou um sorriso de alívio. — Alarme falso. Ela acaba de vomitar um sapato.

— Um sapato? — pergunta St Clair.

— Amiga. — Anna diz. — Você me assustou, precisa ir para casa?

— Podemos fechar, se precisar ir. — adiciona St Clair como se trabalhasse aqui. Sem dúvida só quer que eu vá, para poder colocar sua língua, na boca de sua noiva.

Caminho para longe até a máquina de pipoca, envergonhada por ter feito uma exibição pública. — Batsy esta bem. Contudo, obrigada. — adiciono enquanto meu celular vibra outra vez: *Esta bem?*

Sim. A vi esta manha.

POR QUE NÃO ME DISSE?

Ia te falar depois do trabalho, não a viu...?

Não. Mas estou procurando. Liguei às 18h. Ned.

Lindsey Lim imagina a si mesma como um detetive. Isto se deve a sua obsessão de toda vida por mistérios, desde que recebeu o quite da *Nancy Drew - O segredo do velho relógio através da porta da fazenda de Red.* - No seu oitavo aniversário.

Por tanto eu sou "Ned". Ela me apelidou de Bess, a amiga feliz de Nancy que flerta com todo mundo, mas eu não estava feliz com esse apelido, por que Bess está sempre dizendo a Nancy que a situação é muito perigosa e que ela deve se dar por vencida.

"Que tipo de amigo diz isso?"

E definitivamente eu não sou George, outra melhor amiga de Nancy, porque George é uma garota pouco feminina e atlética, com um nariz arrebitado. George nunca usaria um vestido tipo Maria

Antonieta, e botas de combate com plataforma. Para seu baile de inverno. Então só sobrou Ned Nickerson. O namorado de Nancy. Ned é realmente útil e com frequência vê Nancy em situações potencialmente mortais. Posso trabalhar com isso, mesmo que seja um garoto.

Fico imaginando Lindsey parada na frente de seu computador. Sem dúvida indo diretamente aos sites de fãs de patinação artísticas, por isso descobriu sobre o novo treinador. Embora eu não me surpreendesse se ela fosse caminhando até Calliope. Lindsey não se deixa intimidar facilmente, visto que será uma grande detetive no futuro. É racional, franca e honesta.

Neste sentido nos balanceamos.

Temos sido melhores amigas desde, Bueno... Desde que os Bells deixaram de ser meus melhores amigos. Quando entrei no jardim da infância, e me dei conta de que não era genial sair com a garota da porta ao lado, o que só aconteceu um dia e meio na escola.

Mas essa parte da nossa história não é tão dura como parece. Porque logo conheci Lindsey, e descobrimos nossa paixão mútua por escalas, os lápis de cor verde, biscoitos e bolos com a forma de árvores de natal.

E depois quando nossos companheiros começaram a me provocar por levar tutus e sapatilhas de rubi, Lindsey foi lá e rosnou de volta um: *"Deixe ela em paz seus fedidos com hálito de gambá."* Sou muito leal a ela.

Pergunto-me se ela poderá averiguar sobre o outro Bell.

— Perdão. — St Clair diz.

— Hum? — Me viro e dou de cara com ele e Anna me dando outra olhada rara.

— Disse algo sobre um sino.

Anna balança a cabeça. — Esta realmente bem? Tem estado muito distraída esta noite.

— Estou ótima. De verdade. — *Quantas vezes terei que mentir hoje?* Ofereço-me como voluntária para limpar os banheiros do quarto piso para parar de me incriminar. Mais tarde quando Andy aparece para me levar para casa. Meus pais não gostam que eu

pegue ônibus tão tarde da noite. Seus olhos me miram com a mesma preocupação.

— Está bem Loladoodle?

Eu jogo minha bolsa no chão. — Por que todos me perguntam isso?

— Talvez por que te vêem... — Andy se detem, mudando sua expressão a uma esperança mal disfarçada. — Você e Max terminaram?

— Papai.

Ele da de ombro, mas seu pomo de adão sobe e desce em sua garganta, um sinal claro de que ele se sente culpado de perguntar, talvez haja esperança para Max e meus pais depois de tudo. Ou ao menos Max e Andy. Andy é sempre o primeiro a amolecer em situações difíceis.

Que por certo não o faz a “A mulher da relação.” Nada me irrita mais do que alguém achar que um de meus pais e menos... Pai.

Sim. Andy assa para ganhar a vida, ficou em casa para me criar. É bom falando de sentimentos. Mas também conserta as tomadas elétricas, ductos descobertos da cozinha, esmaga as baratas e também muda os pneus. Nathan pode ser que seja um residente disciplinado e um rígido advogado, mas também decora a casa com antiguidades e se debulha em lágrimas quando vemos casamentos nas comedias românticas.

Assim que nenhum é “a mulher”. Os dois são homens homossexuais.

Duh.

E também, não é como se todas as mulheresoubessem nesses estereótipos tão pouco.

— E... Por nossos vizinhos? — A voz de Andy é curiosa. Ele sabe que sim, que se trata de nossos vizinhos, mas não vou falar.

— Não é nada demais papai, foi apenas um dia longo.

Voltamos para casa em silêncio. Começo a tremer quando saio do carro, mas não é devido à queda de temperatura. Me pego olhando a varanda vitoriana, e a janela do quarto do outro lado do meu. Não há nenhuma luz acesa. O frio que agarra meu coração se afrouxa, mas não o solta. Tenho que olhar dentro dessa casa. A adrenalina

surge através de mim e salto as escadas para a casa e depois subo o outro lance de escada.

— Hey! — Nathan me chama. — Não tem um abraço para teu querido e velho pai?

Andy lhe fala em voz baixa. Agora que estou na porta do meu quarto tenho medo de entrar. Qual é o absurdo. Sou uma pessoa valente. Por que deveria ter medo de uma janela?

Mas faço uma pausa para me assegurar que Nathan não está vindo. O que seja que me espere no outro lado, não quero interrupções.

Ele não vem. Andy deve ter dito para ele me deixar em paz. Bom.

Abro minha porta com uma falsa confiança. Alcanço o interruptor de luz, mas mudo de opinião e decido entrar ao estilo Lindsey Lim. Me arrasto adiante nas sombras. As filas de casas de cor pastel nesta cidade estão tão alinhadas que a outra janela se alinha perfeitamente com a minha, é só alguns poucos metros de distancia.

Olho através da escuridão e procuro pela casa.

Não há cortinas na janela. Forço os olhos, mas ate onde posso dizer o quarto esta... Vazio. Não há nada ali. Olho para direita, o quarto de Calliope. Caixas. Olho para a cozinha. Caixas. Olho para frente de novo.

Sem gêmeos.

SEM GEMEOS.

Todo meu corpo relaxa. Eu ligo a luz e logo coloco uma musica. - A suposta banda de Max. - e aumento o volume. Alto. Jogo minhas sapatilhas para a montanha de sapatos que bloqueiam o armário e puxo minha peruca. Balanço meu cabelo e tiro meu jaleco de trabalho. A estúpida camisa de manga curta que me fazem vestir e a calça preta e chata segue o jaleco ao sair. A parte de baixo de meu pijama de seda chinesa vem depois. E coloco a parte superior correspondente. Sinto-me como eu outra vez.

Eu olho a janela vazia.

Oh sim. Definitivamente me sinto como eu outra vez.

As musicas do Amphetamine toca nos alto-falantes e deslizo ate meu celular. Vou ligar para Lindsey em primeiro lugar. E depois para Max para que eu possa me desculpar por ter minha cabeça no

espaço no jardim. O melhor eu tenho a manha livre amanhã. Não tenho que trabalhar ate as duas, poderíamos ir tomar café, nos nossos próprios termos. Ou talvez poderíamos *dizer*, que íamos tomar café da manhã, mas na realidade poderíamos ir a seu apartamento.

Meus olhos se fecham, pulo e movo minhas pernas de acordo com a batida da bateria.

Giro em círculos, rio e balanço meu corpo. A voz de Max está com raiva, suas letras cheias de sarcasmo. A energia de sua guitarra cresce e cresce e o dedilhar do baixo passa através de mim como sangue. Sou invencível.

E logo abro os olhos.

Cricket Bell sorri.

— Ola, Lola.

04

Ele está sentado na janela. Literalmente, sentado nela. Com seu traseiro no peitoril da janela, e suas pernas - impossivelmente longas e torneadas - estão penduradas do lado da casa, dois andares acima do chão. E suas mãos estavam apoiadas no seu colo. É como se espionar sua vizinha fosse à coisa mais natural do mundo.

Olho, impotente e perplexa, e ele explode em gargalhadas. Seu corpo treme e ele joga a cabeça para trás e bate palmas.

Cricket Bell está rindo de mim. E ainda aplaude.

— Eu chamei seu nome. — Ele tenta parar de rir, mas sua boca fica cada vez maior com o prazer. Eu consigo praticamente contar seus dentes. — Eu chamei uma dúzia de vezes, mas sua música estava tão alta que eu resolvi esperar. Você é uma boa dançarina.

A vergonha me tira a capacidade de ter uma conversa inteligente.

— Me desculpa. — Seu sorriso não desapareceu, mas ele visivelmente se contorce. — Eu só queria dizer Olá.

Ele coloca as pernas para dentro de seu quarto em um movimento fluído. Há uma leveza na maneira que ele aterrissa em seus pés, uma certa graça, que é imediatamente reconhecível. E toma conta de mim uma vergonha dolorosa e familiar. E então ele se estica, e eu fico surpresa de novo.

— Cricket, você está... Alto.

O que é, possivelmente, a coisa mais tola que eu poderia dizer pra ele.

Cricket Bell sempre foi mais alto que a maioria dos garotos, mas nos últimos dois anos, ele cresceu 15 cm. Pelo menos... Seu corpo esbelto - que já foi magrelo e desajeitado, apesar dos seus movimentos graciosos - também mudou. Ele está mais cheio, só um pouco. Seus ângulos sumiram. Mas lembrar que alguém é alto é como apontar o tempo quando está chovendo. Ambos óbvio e irritante.

— É o cabelo — ele diz com a expressão séria. — A gravidade sempre foi minha Nêmesis.

E seu cabelo escuro está longo. E desajeitado, meio que... O contrário de desajeitado. Eu não tenho certeza de como é possível sem uma quantidade séria de mousse ou gel. Mas até quando ele era criança, o cabelo de Cricket era arrepiado pra cima. Isso lhe dá um ar de cientista louco, que não está tão distante da realidade. Seu cabelo é uma das coisas que eu sempre gostei nele.

Até que eu não goste dele em nada. É isso.

Ele me esperou responder, e quando eu não o fiz, ele limpou sua garganta e falou. — Mas você está mais alta também. Claro. Eu quero dizer... Já faz um tempão. Então, é óbvio que você está. Mais alta.

Nós estamos nos avaliando. Minha mente gira tentando conectar o Cricket do presente com o Cricket do passado. Ele está crescido e seu corpo cresceu, mas ainda é ele. O mesmo garoto que eu me apaixonei na nona série. Meus sentimentos estão sendo construídos desde a nossa infância, mas aquele ano, o ano que ele fez dezesseis anos, foi quando tudo mudou.

E a culpa foi dele nessas calças.

Cricket Bell sempre foi... *Legal*. E ele era fofo, e ele era inteligente, e ele era mais velho, e era natural que eu nutrisse sentimentos por ele. Mas o dia que meu mundo desabou foi o dia que eu descobri que ele tinha se interessado pela sua aparência. Não de um jeito egoísta. Simplesmente de um jeito - talvez um short largo e tênis gigantes não é o visual mais atraente para uma menina como eu.

Então, ele começou a usar estas calças

Belas calças. Nem calças modernas ou calças de mauricinho ou qualquer coisa assim, apenas calças que diziam que ele se preocupava com as calças. Elas foram escolhidas para se adequar ao seu corpo.

Algumas retas, algumas risca de giz que alonga ainda mais sua altura. E ele as combina com camisas vintage e casacos incomuns de uma forma legal que não parecia forçada.

Assim, enquanto os caras da minha sala mal conseguiam se lembrar de manter seus zíperes fechados - os únicos que se preocupavam com a aparência eram projeto de homossexuais - aqui estava um cara hetero perfeitamente amigável, perfeitamente atraente, perfeitamente vestido que aconteceu justamente de morar na porta do meu lado.

Claro que eu me apaixonei por ele. Claro que isso terminou mal.

E agora ele está aqui, eu seu modo de se vestir não mudou. Em nada, ele melhorou. Ambos, suas calças e camisa ainda estão justas, mas agora ele tem acessórios. Uma pulseira grossa de couro no pulso, uma infinidade de pulseiras e elásticos coloridos no outro.

Cricket Bell parece bem. Ele parece estar muito melhor.

A compreensão disso é surpreendente, mas o que me espanta ainda mais é o que está por vir.

Eu não estou mais apaixonada por ele.

Em vez disso, olhar pra ele fez com que eu me sentir... Vazia.

— Como vai? — Eu dei a ele um sorriso que era ao mesmo tempo quente e frio. Um que eu espero que diga, *eu não sou mais aquela pessoa. Você não me magoou e eu nunca penso em você.*

— Bem. Muito, muito bem. Eu acabei de iniciar em Berkeley. É onde minhas coisas estão. Você sabe. Em Berkeley. Eu parei pra ajudar meus pais a desfazer as malas. — Cricket apontou para trás como se as caixas estivessem logo ali. Ele sempre falou com as mãos.

— Berkeley? — Estou chocada. — Como na...?

Ele olha para baixo para o beco entre as nossas casas. — Eu, uh, me formei cedo. Escola em casa? Calliope fez, também, mas ela pulou essas coisas de faculdade por alguns anos para se concentrar em sua carreira.

— Você vai ficar aqui? — Eu pergunto com dificuldade de acreditar. — Em um dormitório?

— Sim.

SIM. MEU DEUS, SIM!

— Quer dizer, eu vou trazer algumas coisas mais — ele diz. — Para fins de semana e férias escolares. Ou o que quer que seja.

Meu peito se apertou. — Semanas?

— Provavelmente. Eu acho. — Ele parece pensativo. — Isso tudo é novo pra mim. Sempre tem sido o desfile de Calliope, sabe?

Eu sei. A família Bell sempre esteve envolvida na carreira de Calliope. Essa deve ser a primeira vez na vida de cricket que seus compromissos não giram em torno dela.

— Eu a vi na TV no último ano. — eu digo, tentando não parecer angustiada pela idéia de vê-lo regularmente. — Campeonato Mundial. Segundo lugar, é impressionante.

— Ah. — Cricket encosta contra a moldura da sua janela. Ele coça o lado do nariz e revela a mensagem escrita na parte de trás da sua mão esquerda: CIRCUITO REVERSO. — Mas não deixe que ela te escute.

— Por que não? — Eu olho pra mão dele. É surreal. Ele sempre escreveu lembretes codificados lá e sempre o mesmo marcador preto. Eu costumava escrever na minha algumas vezes só pra parecer com ele. Meu estômago se apertou com a lembrança. Ele percebeu? Será que Calliope o provocou sobre isso que eu não estava por perto?

— Você conhece Cal. Não conta se não for o primeiro lugar.

Ele endireita-se, em movimento de novo, e estende as duas mãos na minha direção. — Mas como você está? Sinto muito, eu monopolizei a conversa.

— Bem. Eu estou bem!

Eu estou bem? Dois anos de fantasias de vinganças e é assim que eu estou? Claro que nos meus devaneios eu nunca estou usando pijamas combinando, também.

Oh, não. Eu estou usando pijamas combinando.

E meu cabelo! Eu tenho uma peruca na cabeça! É totalmente lisa e suada! Tudo neste momento está errado. Era pra eu estar vestindo algumas coisa glamorosa e única. Nós deveríamos estar em uma sala cheia e eu roubaria seu ar quando me visse. Eu iria rir e ele seria atraído pra mim como se fosse uma força magnética. E eu estaria surpresa, mas não interessada em vê-lo. E, então, Max apareceria. Colocaria seu braço em volta de mim. E eu partiria com a minha dignidade recuperada, e Cricket seria deixado agonizando por que ele não me quis quando teve a oportunidade.

Em vez disso, ele está olhando pra mim com uma expressão estranha. Sua sobrancelha fez um vinco e sua boca está aberta, mas seu sorriso desapareceu. É sua expressão de resolvendo-uma-equação-difícil. Por que ele está fazendo essa cara de equação difícil?

— E sua família? — ele pergunta. — Como eles estão?

É irritante. Essa cara.

— Hum, eles estão bem. — Estou confiante e feliz. E sobre você. Não se esqueça, eu passei por essa fase.

— Andy começou seu próprio negócio. Ele faz, e entrega aquelas tortas deliciosas, de todos os sabores. Está indo bem. E Nathan é o mesmo. Você sabe. Bem. — Eu olho pra longe, através da rua escura. Eu quero que ele pare de olhar pra mim.

— E Norah? — Sua pergunta é cuidadosa. Delicada.

Um outro silêncio constrangedor. Muitas pessoas não sabem sobre Norah, mas há certas coisas que não podem ser escondidas dos vizinhos. Coisas como a minha mãe biológica.

—Ela é... Norah. Ela está no negócio de adivinhação agora, lendo folhas de chá. — Meu rosto fica quente. Quanto tempo vamos ficar aqui sendo educados?

— Ela tem um apartamento.

— Isso é legal, Lola. Estou feliz em ouvir isso. — E porque ele é o Cricket, ele parece feliz. Isso é tão estranho. — Você a vê com frequência?

— Na verdade, não. Ainda não vi o Snoopy este ano. — Não tenho certeza porque eu falei isso.

— Ele ainda está...?

Eu concordei. Seu nome verdadeiro é Jonathan Head, mas eu nunca ouvi ninguém chamá-lo assim. Snoopy conheceu Norah quando eram adolescentes. Ele também era alcoólatra, viciado em drogas e um mendigo degradado. Quando ele engravidou Norah, ela veio até seu irmão mais velho pedir ajuda. Nathan. Ela não me queria, mas também não queria abortar. E Nathan e Andy, que estavam juntos há sete anos queriam uma criança. Eles me adotaram e Andy mudou seu último nome pra Nathan para que todos tivéssemos o mesmo nome.

Mas sim. Meu pai Nathan é biologicamente meu tio.

Meus pais tentaram ajudar Norah. Ela não estava vivendo nas ruas há anos - antes de ter um apartamento, ela esteve com diversos grupos em casas - mas ela não é exatamente uma pessoa confiável, eu sei. O melhor que posso dizer é que, pelo menos ela está sóbria. E eu só vejo Snoopy de vez em quando, sempre que ele passa na cidade. Ele vai telefonar aos meus pais, nós o levamos pra comer um hambúrguer, e então não vamos ouvir falar dele por meses.

Os sem-teto se mudam mais do que a maioria das pessoas imaginam.

Eu não gosto de falar dos meus pais biológicos.

— Eu gosto do que você fez no seu quarto — Cricket fala de repente. — As luzes estão bonitas. — Ele aponta para os fios de luzes brilhantes cor de rosa e branco amarrados em meu teto. — E as cabeças de manequins.

Eu tenho prateleiras por toda a parte de cima das paredes do meu quarto, alinhadas com cabeças de manequins turquesa. Elas são modelos das minhas perucas e óculos. As próprias paredes estão cobertas com pôsteres de filme de época e preto-e-brancos brilhantes de atrizes de clássicos. Minha mesa é cor de rosa com glitter ouro, que eu joguei enquanto a tinta secava, e a superfície está enterrada debaixo de frascos abertos de maquiagem brilhante, garrafas esmaltes de unha meio seca, presilhas de plástico infantis e cílios postiços.

Na minha estante, eu tenho infinitas latas de tinta em spray e um monte de bastões de cola quente e minha mesa de costura é toda colada com recortes de revistas de moda de rua japonesa.

Fechos de tecido são empilhados de forma precária por cima, e na parede ao lado tem prateleiras ainda mais cheias de frascos de vidro de botões, fios, agulhas e zíperes. Sobre a minha cama, eu tenho um dossel feito de saris indianos e guarda-chuvas de papel de Chinatown.

É caótico, mas eu amo isso, Meu quarto é meu santuário.

Eu olhei para o quarto de Cricket. Paredes lisas, chão liso. Vazio. Ele entendeu meu olhar. — Não é mais como costumava. Não é? —

Ele pergunta.

Antes de mudarem, era tão confuso quanto o meu. Latas de café cheia de engrenagens e rodas quebradas e roscas e as argolas e parafusos. Esboços de projetos gravados ao lado de quadros de estrela e da tabela periódica. Lâmpadas e fios de cobre e relógios desmontados. E sempre a máquinas de Rube Goldberg.

Rube era famoso por desenhar as caricaturas de máquinas complexas que executam tarefas simples. Você sabe, quando você puxar a corda para que a bota chute sobre a canema, que libera a bola, que desembarca na pista, o que rola na gangorra, que libera o martelo que desliga o interruptor de luz? Esse era o quarto do Cricket.

Eu dou-lhe um sorriso cauteloso. — É um pouco diferente, CGB.

— Você lembra meio nome do meio? — Suas sobrancelhas levantaram em surpresa.

— Não é fácil de esquecer, Cricket *Graham Bell*.

Sim. A família Bell é AQUELA família Bell. Como no telefone. Igual a uma das mais importantes invenções da história

Ele esfrega a testa. — Meus pais me fizeram carregar esse nome infeliz.

— Por favor. — Deixei escapar uma risada. — Você costumava a se gabar sobre isso o tempo todo.

— As coisas mudam. — Ele abre seus olhos azuis, como se estivesse brincando, mas há algum plano por trás de sua expressão. É desconfortável. Cricket sempre foi orgulhoso de seu nome de família. Como um inventor, assim como seu tatara-tatara-tatara-avô, que era impossível para ele não ser.

De repente, ele cambaleia para trás para as sombras de seu quarto. — Eu deveria pegar o trem. Escola amanhã.

A ação me assusta. — Oh.

E então ele bloqueia a frente novamente, e seu rosto é iluminado por luzes brilhante rosas e brancas. Seu rosto é difícil de ler. — Vejo você por aí?

O que mais posso dizer? Eu acenei na minha janela. — Estarei aqui.

05

Max sobe ao seu apartamento e pega sua camisa preta. Eu já estou vestida. Hoje eu me sinto um morango. Coloquei um vestido vermelho estilo década de cinqüenta, um colar longo de contas pretas e uma peruca verde escura com uma fivela Louise Brooks. Meu namorado morde meu braço brincando e sinto seu cheiro de suor e loção barata.

— Você esta bem? — ele pergunta. Ele pareceu não se importar muito com a mordida.

Concordo com a cabeça. E digo em seguida — Vamos logo, quero burritos e guacamole. — Eu não ia mencionar que eu também queria ir embora antes de seu colega de quarto chegar.

Baterista meio doido estava voltando pra casa. Johnny é um cara decente, mas às vezes me sinto meio deslocada quando os amigos de Max estão por perto. Eu prefiro quando somos só nos dois.

Max pega sua carteira. — É isso aí, Lo-li-ta — ele canta.

Eu beijo seu ombro, e ele me dá a sua assinatura, um meio sorriso sugestivo. Ele sabe que eu odeio esse apelido. Ninguém está autorizado a me chamar de Lolita, nem mesmo meu namorado, nem em particular. Eu não gosto de homens velhos e brutos. Max não é Humbert Humbert, e eu não sou sua ninfeta.

— Esse é o seu último aviso — eu digo. — E você ainda não comprou o meu burrito.

— Guacamole extra. — Ele sela sua promessa com um beijo profundo quando meu telefone toca. Andy.

Fiquei vermelha na hora. — Desculpe.

Ele se afasta frustrado, mas diz baixinho: — Tudo bem.

Digo a Andy que já estamos no restaurante, e que tínhamos ido a pé. Eu tenho certeza que ele acreditou. O clima murchou e Max e eu resolvemos ir a um restaurante a uma quadra de distancia.

Ele tem luzes verdes de plástico saguaro nas janelas e papagaios de papel-mâché pendurados no teto. Max vive no Mission, o bairro

ao lado do meu, que não tem escassez de restaurantes mexicanos surpreendentes.

O garçom nos traz chips de salgados e molho picante de salsa, digo a Max sobre a escola, que começa em três dias. Estou muito certa sobre isso. Eu estou pronta para o colégio, pronta para começar a minha carreira. Quero desenhar figurinos para filmes e teatro. Algum dia eu vou andar nos tapetes vermelhos em algo nunca visto antes, como Lizzy Gardiner quando ela recebeu o Oscar por Priscilla, a Rainha do Deserto em um vestido feito de ouro e cartões de crédito. Só que o meu será feito de algo novo e diferente.

Como tiras de imagens Photo Booth, ou cadeias de rosas brancas ou cartões mexicanos de loteria. Ou talvez eu vá usar um grande par de botas de escalada um chapéu de plumas. E eu vou subir ao palco com um sabre no meu cinto e uma pistola pesada no meu coldre, e eu vou agradecer aos meus pais por me mostrar como o vento funcionava quando eu tive a gripe na segunda série, porque isso me ensinou tudo que eu precisava saber sobre saias rodadas.

Principalmente, que eu precisava de uma. E mal.

Max pergunta sobre a família Bell. Eu recuo. Seu nome é um choque elétrico.

— Você não os mencionou durante toda a semana. Você já viu... Calliope de novo? — Ele faz uma pausa em seu nome. Ele está verificando a exatidão, mas, por um momento selvagem, eu acho que ele sabe sobre Cricket.

O que seria impossível, sendo que eu ainda não disse a ele.

— Só através das janelas. — Eu traço a borda fria do meu refrigerante. — Graças a Deus. Eu estou começando a acreditar que é possível viver ao lado e não ser forçada a ter uma conversa real.

— Você não pode evitar os problemas para sempre. — Ele franze o cenho e mexe em um de seus brincos. — Ninguém pode.

Eu caí na gargalhada. — Oh, isso é engraçado vindo de alguém cujo último álbum teve três canções sobre a fugir.

Max dá um sorriso pequeno, divertido de volta. — Eu nunca disse que eu não sou um hipócrita.

Eu não sei por que eu não contei a ele sobre Cricket. Eu ainda não encontrei tempo. Eu não o vi de novo, mas eu ainda sou uma

confusão de emoções sobre o assunto.

Nosso encontro não foi tão ruim quanto poderia ter sido, mas foi... Inquietante. Facilidade incomum de Cricket comparada a minha característica mal-estar combinada com o conhecimento que eu vou vê-lo novamente. Em breve.

Ele nem sequer mencionou a última vez que nos vimos. Como se isso não importasse. O mais provável, era que não o afetava. Passei tantas noites escuras tentando esquecer Cricket. E ele havia se esquecido rapidamente de mim.

É demais para explicar a Max.

E eu não quero que ele pense que Cricket Bell significa algo para mim sem ter certeza. Esse capítulo da minha vida acabou.

Acabou, ao contrário de minha conversa com Lindsey no dia seguinte, a mesma que estou tendo agora. — Eu gosto de Max — eu digo. — Ele gosta de mim. O que há de errado com isso?

— A lei — ela diz.

É a última sexta-feira das nossas férias de verão, e nós estamos espremidas juntas na minha pequena varanda. Sou uma tinta spray em um par de thrift e botas, ela é uma janela vitoriana lavanda. Lindsey suporta a minha relação na sua maior parte do tempo, mas ela é implacável quando se trata de algo desse nível.

— Ele é um cara bom — eu digo. — E nosso relacionamento é o que é.

— Eu não estou dizendo que ele não é um bom rapaz, eu estou apenas lembrando que poderia haver conseqüências por sair com ele. — Sua voz é calma e racional, seus olhos fazem uma varredura rápida no bairro antes de regressar a casa Bell.

Lindsey não pára de examinar seus arredores. É o que ela faz.

Minha melhor amiga é muito, racional. Ela veste roupa prática e mantém sua aparência limpa. Ela é baixa, tem chaves, e tem o mesmo corte de cabelo desde o dia que nos conhecemos. Na altura dos ombros pretos, franja arrumada. A única coisa que pode parecer fora do lugar é o seu vestido, um lindo vestido Chuck Taylors vermelho. Lindsey estava vestindo ele no dia em que ela tropeçou em um suspeito que está sendo perseguido pela polícia na Rua do Mercado.

Eu ri. Às vezes é a única opção com ela. — Conseqüências. Como a felicidade? Ou o amor? Você está certa, quem iria querer uma coisa dessas?

— Lá está ele — ela diz.

— Max? — Eu giro o meu vestido spray, quase pintando os tênis na minha emoção.

— Cuidado, Ned. — Ela dá um passo para o lado. — Nem todo mundo quer sapatos da cor de um ônibus escolar.

Mas ela não está falando sobre meu namorado. Meu coração dispara quando vejo Cricket Bell esperando para atravessar a rua.

— Oh, cara, você encostou na varanda.

— O quê? — um empurrão chama minha atenção de volta. Com certeza, há uma mancha feia de amarelo ao lado do jornal que eu espalhei para proteger a madeira. Eu peguei o pano molhado que eu trouxe de fora, para este mesmo fim, e esfreguei. Eu gemi. — Nathan vai me matar.

— Ele já te perdoou por tingir o rejunte do banheiro de preto?

Quanto mais esfrego, mais a mancha cresce. — O que você acha?

Ela está olhando para Cricket novamente. — Por que você não me disse que ele era assim...

— Como? — Eu perguntei. — Desejável?

—... Colorido.

Eu olho para cima. Cricket está caminhando pela rua, seus longos braços balançando a cada passo. Ele está usando calças skinny com uma listra vermelha abaixo a costura lateral.

Ela é um pouco curta propositalmente, posso dizer-expondo suas meias vermelhas e sapatos pontudos. Seus movimentos tornam-se subitamente exagerados, e ele cantarola uma melodia irreconhecível. Cricket Bell sabe que ele tem uma platéia.

Há uma contração familiar em meu estômago.

— Ele está vindo — Lindsey diz. — O que você quer que eu faça? Chute suas bolas? — Eu estou morrendo de vontade de chutá-lo nas bolas.

— Nada — Eu chiei volta. — Eu vou lidar com isso.

— Como?

Eu tossi para ela quando ele saltou até as escadas com a facilidade de uma gazela. —Lola! — Seu sorriso é de orelha a orelha. — Não esperava encontrar você aqui.

— Engraçado isso. Ela está em sua varanda e tudo — Lindsey diz.

— Sua casa? — Cricket tropeça e volta a descer os degraus superiores arregalando os olhos dramaticamente. — Todas elas parecem ser iguais.

Nós olhamos para ele.

— É bom ver você de novo, Lindsey — ele acrescenta, após um momento. Agora há um toque de constrangimento genuíno. — Eu só vi seus pais no restaurante.

— Huh — ela diz.

— O que você está fazendo aqui? — Eu deixo escapar.

— Eu moro aqui. Não aqui, aqui, mas há-aqui. — Ele aponta na porta ao lado. — De vez em quando. Nos fins de semana. Bem, meus pais me disseram para eu arrumar minha cama, de modo que eu tenho que ir.

— Eles fizeram. Eu os vi no seu quarto ontem — eu digo, sem querer. — Ainda não há nenhuma cortina em sua janela — eu acrescento, não querendo que ele pense que eu estava espiando seu quarto de propósito.

Ele mexe nas suas pulseiras rapidamente. — Agora, isso é uma vergonha. Promete que não vai rir quando você me ver de cueca.

As sobranceiras Lindsey levantam.

— Eu fico horrível sem roupa — ele continua. — Vestido, também, para ser exato. Ou seminu. Só de meia, com o outro pé de fora. Apenas com um chapéu. Sem chapéu. Você pode me parar a qualquer momento, você sabe. Sinta-se livre para me dizer para calar a boca.

— Cale a boca, Cricket — eu digo.

— Obrigado. Será que você tingiu seu cabelo? Porque você não estava loira na semana passada. Oh, é uma peruca, não é?

— Vós...

— Hey, sapatos legais. Eu nunca vi botas dessa cor antes. Exceto botas de chuva, é claro, mas esses não são botas de chuva.

— Não.

A porta da frente se abre, e Andy aparece em um avental branco. Ele está segurando uma enfarinhada colher de pau como se fosse uma extensão do seu braço.

Cricket aparece de volta na varanda, estende seu tronco entre Lindsey e aperta a mão do meu pai. — É bom ver o senhor de novo, Mr. Nolan. Como o senhor está?

A boca de Lindsey se contrai, O que ele está fumando?

Eu estou tão confusa quanto ela. Ele às vezes se parece com um grilo.

— Eu estou bem. — Andy olha para mim, tentando determinar se ele deve jogá-lo ou não para fora de nossa propriedade. Eu dou o meu pai o menor balanço da minha cabeça, e ele volta sua atenção para Cricket. O que, francamente, seria impossível não fazer, considerando a pura energia que irradia para fora dele. — E você? Ainda inventando objetos misteriosos e maravilhosos?

— Ah. — Cricket hesita. — Não há realmente um mercado para esse tipo de coisa nos dias de hoje. Mas eu ouço você está abrindo uma loja de tortas de sucesso?

Meu pai parece lisonjeado que a notícia se espalhou. — Eu estava prestes a perguntar se as meninas gostariam de experimentar a minha nova torta. Gostaria de uma fatia?

— Eu adoraria uma fatia. — E ele surge à frente de Andy, e o segue para dentro.

O apêndice está silencioso. Viro-me para Lindsey. — O que aconteceu?

— Seu pai convidou o antigo amor de sua vida em para a torta.

— Yeah. Isso é o que eu pensava.

Estamos em silêncio por um momento.

— Ainda há tempo para uma desculpa — ela diz. — Nós não temos que ir lá.

Eu suspiro. — Não, nós realmente temos que ir.

— Ótimo. Porque esse cara merece uma observação. — E ela caminha dentro.

Eu dou outra olhada para a mancha de tinta que já está seca. Crap. Eu pinto o último lado dos meus sapatos, movo o projeto para não tropeçar e, entro de cabeça para a tortura que me espera. Eles

estão de pé em torno de uma das mesas em nossa cozinha. Temos uma cozinha excepcionalmente grande para ao nosso tipo de casa, porque os meus pais removeram da sala de jantar para adicionar o espaço para os negócios de Andy. Todo mundo já tem um prato de torta e um copo de leite.

— Inacreditável. — Cricket limpa as migalhas de seus lábios com os dedos longos. — Eu nunca teria pensado colocar kiwi em uma torta.

Andy me vê parada na porta. — É melhor se apressar antes que ele coma a torta toda. — Ele acena com a cabeça em direção ao seu convidado. Externamente, o meu pai está controlado, mas eu posso dizer que por dentro ele está feliz como uma criança. A rapidez com que muda de fidelidade sob a influência de um elogio. Eu sorrio como se nada disso fosse um grande negócio. Mas eu estou enlouquecendo. Cricket Bell. Na minha cozinha. Comendo torta de kiwi. E então eu caminho para perto da mesa, e eu estou chocada novamente sua altura extraordinária. Ele paira sobre mim.

Andy aponta o garfo na outra metade do bolo verde — Pega mais Cricket.

— Oh, não. Eu não posso. — Mas os seus olhos brilhantes sugerem o contrário.

— Eu insisto. — Meu pai cutuca o prato para ele. — Nathan está sempre reclamando que eu estou tentando lhe fazer engordar, por isso vai ser melhor se ela acabar antes de ele chegar em casa.

Cricket se vira para mim com todo o seu corpo, cabeça, ombros, peito, braços, pernas. Não há meios gestos com Cricket Bell. — Outra fatia?

Eu vou em direção à parte na minha frente, que eu ainda nem sequer comecei a comer.

— Lindsey? — Ele pergunta.

Ela balança a cabeça. — Eu vou acabar engordando, vindo aqui tantas vezes.

Por que ele está aqui? Ele não pode sair nomeio da semana, ele deve estar no...? Quanto mais penso nisso, mais indignada eu fico. Como ele ousa aparecer e espera que eu seja simpática? As pessoas não podem simplesmente fazer isso.

— Como está sua família? — Andy pergunta.

Cricket sorri. — Eles estão bem. Meus pais são os mesmos. Papai está um pouco esgotado, mãe é um pouco entusiasmada. Mas eles estão bem. E Cal está ocupada treinando, claro. É um grande ano com as Olimpíadas chegando. E Aleck é casado agora.

— Ele ainda está compondo? — Andy pergunta. Alexander, ou Aleck como é chamado pelo apelido de família, é irmão mais velho dos gêmeos. Ele já estava em alta na escola, quando Calliope começou a treinar, de modo que ele escapou a maior parte do drama familiar. Eu nunca o conheci bem, mas me lembro vividamente dos concertos complicados que costumam deslizar através das nossas paredes. Todos os Bells poderiam ser considerados prodígios em suas áreas.

— Ele está dando aula. — Cricket confirma. — E ele teve seu primeiro filho no ano passado.

— Menino ou menina? — Lindsey pergunta.

— Uma menina. Abigail.

— Tio... Cricket — eu digo.

Tanto Lindsey quanto Andy saltam um grunhido descontrolado, mas Andy instantaneamente fica horrorizado por fazê-lo. Ele olha pra mim. — Lola.

— Não, está tudo bem — Cricket diz. — É completamente ridículo.

— Sinto muito — eu digo.

— Não, por favor. Não sinta. — Mas há um problema em sua voz, e ele diz tão rapidamente que eu olho para ele com surpresa. Por um breve momento, os nossos olhos se encontram. Há um flash de dor, e ele se afasta. Ele não se esqueceu.

Cricket de Bell se lembra de tudo.

Meu rosto arde. Sem pensar, eu empurro o meu prato. — Eu preciso... Me preparar para o trabalho.

— Vamos. — Lindsey agarra a minha mão. — Você vai se atrasar.

Andy olha para o calendário da Frida Kahlo na parede onde eu deixo minha agenda. Ele franze a testa para a parede. — Você não anotou ele lá.

Lindsey já está me puxando para cima. — Eu estou cobrindo alguém! — Digo.

— Eu deveria te buscar? — Ele grita.

Eu me inclino sobre o corrimão e olho para a cozinha. Cricket está olhando para mim, com a sobrancelha franzida. Seu rosto equação difícil. Como se eu fosse o problema, não ele. Eu rasgo o meu olhar. — Sim, no horário de sempre. Obrigado, pai.

Lindsey e eu caminhamos o resto do caminho para o meu quarto. Ela bloqueia a minha porta. — O que você vai fazer? — Sua voz é baixa e calma.

— Sobre Cricket?

Ela vai para debaixo da minha cama e tira o colete de poliéster. — Não. Sobre o trabalho.

Eu procuro as peças restantes do meu uniforme, tentando não chorar. — Eu vou para a casa do Max. Ele pode me levar para trabalho antes de Andy chega lá.

— Okay. — Ela balança a cabeça. — Isso é um bom plano.

É a noite antes de a escola começar, e eu estou realmente trabalhando. Anna, eu e seu namorado, é claro, estamos dentro da bilheteria. A principal bilheteria do teatro, e é enorme. Mais oito bilheteria estão na parte de baixo de um teto 25 pés pilares esculpidos geométricas e estrelas. Pilares brancos gigantescos dão o acabamento de madeira escura adicionando à opulência marcando o edifício como um cinema original da década de 50. Sua primeira edição foi um hotel de luxo, o segundo um showroom de automóveis usados.

Essa é uma noite lenta. Anna está escrevendo em um caderno surrado, com a mão esquerda, enquanto St. Clair e eu argumentamos sobre o tamanho total da bilheteria.

Ela só tem outro trabalho a tempo parcial, não remunerado, ele escreve opiniões sobre filmes para o jornal a universidade. Uma vez que ela é um calouro, eles estão apenas lhe dando filmes ruins. Mas ela não se importa. — É divertido escrever um comentário se você odeia o filme — ele me disse antes. — É fácil falar de coisas que odiamos, mas às vezes é difícil explicar exatamente por que gostamos de alguma coisa.

— Eu sei que você gosta dele — St. Clair diz para mim, recostando-se na cadeira. — Mas ele é muito velho para você.

Aqui vamos nós outra vez. — Max não é velho — eu digo. — Ele é apenas alguns anos mais velho que você.

— Como eu disse. Muito velho.

— A idade não importa.

Ele bufa. — Sim, talvez quando você for uma senhora de meia idade.

— Golfe — Anna prestativamente fala, sem olhar para cima de seu caderno.

— Pagar a hipoteca — ele diz.

— Compras em uma minivan.

— Com sacos de ar laterais.

— E porta-copos extras!

Eu ignoro o riso. — Você nem o conhece.

— Porque ele nunca vem aqui. Ele te deixa na rua — St. Clair diz.

Eu lanço as minhas mãos, que eu estive ocupada escrevendo com uma caneta Bic. — Você tem alguma idéia de como é difícil estacionar na cidade?

— Eu só estou dizendo que se fosse Anna, eu gostaria de conhecer seus colegas de trabalho. Saber onde está gastando seu tempo.

Eu olho para ele séria. — Obviamente.

— Obviamente. — Ele sorri.

Eu o encaro volta. — Arranje um emprego.

— Talvez eu vá.

Anna finalmente olha para cima. — Eu só vou acreditar quando ver. — Mas ela está sorrindo para ele. Ela gira a banana de vidro em seu colar. — Oh, sua mãe ligou. Ela queria saber se ainda estamos indo para o jantar amanhã.

Agora eles estão em seu próprio mundo de novo. Como se eles não se vissem o suficiente todos os dias. Ele permanece em seu dormitório durante a semana, e ela permanece em seu nos fins de semana. Apesar de eu não admitir que seu relacionamento seja atraente. Espero que Max e eu compartilhem algo parecido algum dia. Na verdade, eu espero que Max e eu compartilhem um lugar algum dia — Oi! — St. Clair está falando comigo de novo. — Eu conheci o seu amigo hoje.

— Lindsey? — Eu sentar-se reto.

— Não, seu vizinho. Cricket.

O teto ornamentado se inclina em curvas. — E como você sabe que Cricket Bell foi o meu vizinho?— Minha pergunta é estrangulada.

St. Clair dá de ombros. — Ele me disse.

Eu fico olhando para ele. E?

— Ele vive no primeiro andar, no meu dormitório. Estávamos conversando na sala, e eu mencionei que eu estava vindo para encontrar Ana, e onde ela trabalha.

Falando de sua namorada, e estou impressionada com uma pontada peculiar de ciúmes. Será que Max informa as pessoas sobre mim?

— E ele disse que conhecia alguém que trabalhava aqui, também. Você.

Uma semana, e já não consigo escapar dele. É apenas a minha sorte que Cricket mora ao lado da única pessoa que eu conheço em Berkeley. E como ele sabe onde eu trabalho? Eu mencionei o teatro? Não. Eu tenho certeza que eu não fiz. Ele deve ter perguntado Andy depois que eu saí.

— Ele me perguntou sobre você — St. Clair continua. — Cara legal.

— Huh — eu finalmente consigo falar.

— Há uma história por trás disso NE — Anna diz.

— Não há história — eu digo. — Definitivamente não é uma história.

Anna faz uma pausa em consideração antes de virar em direção a St. Clair. — Você se importaria de ir até o café?

Ele levanta uma sobrancelha. Depois de um momento, ele diz: — Ah. Claro. — Ele mergulha em um beijo de despedida, e, em seguida, ela vê a sua licença de visitante antes de olhar para mim com um sorriso travesso.

Eu xingo. — Você vai apenas lhe contar mais tarde, quando vocês estiverem sozinhos.

Seu sorriso se alarga. — Sim.

— Então, de jeito nenhum.

— Cara. — Anna desliza para o assento ao meu lado. — Você está morrendo de vontade de falar.

Ela está certa. Eu falo.

06

Quando eu tinha cinco anos, Cricket Bell construiu um elevador. Era uma maravilhosa invenção feita com barbante, rodas de um caminhão Tonka e uma caixa de sapato infantil, e por causa disso, minhas Barbies viajavam do primeiro ao segundo andar de suas casas de boneca sem ter que andar sobre seus pés anormalmente inclinados.

A casa foi construída na minha estante, e eu vinha desejando um elevador desde que eu consigo me lembrar. A Casa dos Sonhos da Barbie oficial tinha um feito de plástico, mas não importava o quanto eu implorasse aos meus pais, eles não comprariam. Não a Casa dos Sonhos. Era muito cara.

Então Cricket assumiu isso, e fez um para mim. Enquanto Calliope e eu decorávamos minha estante com abajures feitos de tampas de pasta de dente e tapetes persas feitos de amostras de carpetes, Cricket criou um elevador que realmente funcionava. Molinetes, alavancas e engrenagens vinham a ele tão naturalmente quanto sua respiração.

O elevador tinha completado seu primeiro passeio. A Barbie Veterinária estava aproveitando o segundo andar e Calliope estava descendo o elevador para buscar Skipper, eu fiquei nas pontas dos pés, e plantei um beijo em seu muito surpreso irmão.

Cricket Bell me beijou de volta.

Ele tinha gosto dos biscoitos mornos que Andy tinha trazido para nós. Seus lábios estavam sujos de cristais de açúcar azul. E quando nos separamos, ele cambaleou. Mas nosso romance foi tão rápido quanto nosso beijo. Calliope nos proclamou "revoltantes" e voltou balançando para a casa deles, carregando Cricket atrás dela. E eu decidi que ela estava certa. Porque Calliope era o tipo de garota que você queria impressionar, o que significava que ela estava *sempre* certa. Então eu decidi que garotos eram nojentos e que eu nunca namoraria um.

Certamente não o seu irmão.

Não muito depois do incidente do elevador, Calliope decidiu que eu era nojenta também e minha amizade com os gêmeos chegou ao fim. Eu imagino que Cricket cumpriu com o arranjo da maneira mais fácil para qualquer pessoa sob a influência de alguém com a personalidade mais forte.

Por muitos anos, nós não nos falamos. O contato era limitado em ouvir a porta da garagem bater e pelos vislumbres através das janelas. Calliope sempre tinha sido uma ginasta talentosa, mas o dia em que ela trocou por patinação artística, ela explodiu em um campeonato completamente diferente. Seus pais se gabaram com os meus a respeito de seu *potencial*, e a vida dela tornou-se uma longa sessão de treino. E Cricket, muito jovem para ficar em casa sem os pais, foi com ela.

Nas raras ocasiões em que ele estava em casa, ele se ocupava dentro de seu quarto, construindo engenhocas peculiares que voavam, queimavam e zumbiam. Algumas vezes, ele testava uma no espaço entre nossas casas. Eu ouvia uma explosão, que me levava a correr até minha janela. Então, somente então, nós trocávamos segretos sorrisos amigáveis.

Quando eu tinha doze anos, a família Bell se mudou por dois anos. Treinamento para Calliope. Quando eles voltaram, os gêmeos estavam diferentes. Mais velhos. Calliope floresceu na beleza que a vizinhança já esperava. Confiança irradiava de cada poro, cada quadrante dos ombros. Eu estava aterrorizada. Muito intimidada para falar com ela, mas eu conversava ocasionalmente com Cricket. Ele não era bonito como sua irmã. O que tornava Calliope esbelta tornou seu irmão desajeitado. E ele tinha acne, e hábitos peculiares de alguém desacostumado a socializar. Ele falava muito, e rápido. Mas eu apreciava sua companhia, ele parecia apreciar a minha. Nós estávamos na beira de uma amizade verdadeira quando os Bells se mudaram novamente.

Eles voltaram apenas alguns meses depois, no primeiro dia de verão antes do meu ano de caloura. Eu faria quinze anos em Agosto, e os gêmeos, dezesseis, em Setembro. Calliope parecia exatamente à mesma de antes de partir.

Mas, mais uma vez, Cricket havia mudado.

Lindsey e eu estávamos em minha varanda, tomando Cherry Garcia¹⁶ em cones de waffles, quando um carro parou na casa ao lado e dele saiu Cricket Bell como eu nunca tinha visto antes, uma longa perna delineada após a outra.

¹⁶ É um tipo de sorvete

Alguma coisa bem no fundo de mim *cambaleou*.

A agitação foi tão surpreendente e desagradável quanto foi emocionante e revolucionária. Eu já sabia que aquela imagem - suas pernas, aquelas calças - ficariam marcadas em minha mente para o resto da minha vida. O momento foi profundo desse jeito. Lindsey acenou um olá brilhante. Cricket olhou para cima, desconcertado, e seus olhos encontraram os meus.

Foi isso. Eu já era.

Nós seguramos o olhar por mais tempo do que era normal e aceitável, antes que ele virasse para Lindsey e erguesse sua mão em um aceno tranqüilo. Sua família se materializou do carro, falando todos de uma vez, e sua atenção desviou-se para eles. Mas não sem antes outro olhar em minha direção. E então outro, ainda mais rápido, antes de desaparecer na casa Vitoriana.

Peguei a mão de Lindsey e apertei firmemente. Nossos dedos estavam pegajosos de sorvete. Ela sabia. Tudo o que precisava ser dito foi falado na maneira que me agarrei a ela.

Ela sorriu — Uh-oh

O contato verbal aconteceu naquela mesma noite. A coisa chata é que eu não me lembro mais o que eu estava vestindo, mas lembro que foi escolhido cuidadosamente, antecipando um encontro. Quando eu finalmente puxei minhas cortinas para o lado, não fiquei surpresa de descobri-lo em sua janela, encarando a minha. Claro que ele estava. Mas ele foi pego de surpresa pela minha aparência. Mesmo o seu cabelo parecia mais assustado do que o habitual.

— Eu estava... Pegando um ar fresco — eu disse.

— Eu também — Cricket concordou e acrescentou um suspiro, grande e exagerado.

Eu ainda não tenho certeza se foi uma piada, mas eu ri. Ele me deu um sorriso nervoso em retorno, que rapidamente se quebrou

em seu sorriso super poderoso. Ele nunca teve nenhum controle sobre isso. De perto, vi que sua acne tinha desaparecido, e seu rosto tinha amadurecido. Nós permanecemos lá, sorrindo como bobos. O que você diz a alguém que não é o mesmo, e ainda assim é completamente igual? Eu tinha mudado também, ou foi só ele?

Cricket foi embora primeiro. Alguma desculpa sobre ajudar sua mãe a desempacotar a louça. Eu jurei começar uma conversa no dia seguinte, mas... Sua proximidade congelou meu cérebro, amarrou minha língua. Ele não se saiu muito melhor.

Então nós acenamos.

Nós nunca tínhamos acenado através de nossas janelas antes, mas era inevitavelmente claro que nossa presença era estranha um para o outro. Então, fomos forçados a reconhecer um ao outro dia e noite, ainda não tendo nada a dizer, mas querendo dizer tudo.

Levou semanas até que essa tortura silenciosa mudou. Betsy e eu estávamos saindo de casa enquanto ele estava passeando ao redor, as calças listradas e seu cabelo parecendo querer tocar o céu.

Nós paramos timidamente.

— É bom ver você — ele disse. — Aqui fora. Ao invés de lá dentro. Você sabe.

Eu sorri para que ele soubesse que eu sabia. — Eu estou levando-a para uma caminhada. Você não gostaria de se juntar?

— Sim

... A nós? — Meu coração vibrou.

Cricket desviou o olhar. — Sim, nós poderíamos caminhar. Deveríamos caminhar.

Eu desviei meu olhar também, tentando controlar o rubor. — Você precisa deixar isso aí?

Ele estava carregando um saco de papel da loja de ferramentas. — Oh sim, espere um pouco. — Cricket correu pelas escadas, mas parou pela metade. — Espere bem aqui. — Ele saltou dentro de casa e voltou alguns segundos depois. Ele carregava dois Blow Pops.

— É tão vergonhoso — ele falou. — Sinto muito.

— Não, eu amo isso — então ruborizei, por ter usado a palavra amor.

Nossas línguas ficaram verdes-maçã-verde, mas nós conversamos por tanto tempo que quando voltamos para casa, estavam cor de rosa novamente. O sentimento dentro de mim cresceu. Começamos a nos esbarrar, no mesmo horário, todas as tardes. Ele fingia estar fazendo algo, eu fingia estar surpresa, e então ele se juntava a Betsy e eu em nossa caminhada. Um dia, ele não apareceu. Fiz uma pausa antes de sua casa, desapontada, e olhei para cima e para baixo em nossa rua. Betsy se esticou para frente em sua coleira. A porta dos Bells se abriu bruscamente, e Cricket desceu tão rápido que ele quase caiu em cima de mim. Eu sorri. — Você está atrasado.

— Você esperou.

Ele torceu as mãos. Nós paramos de fingir. Cricket definia as horas do meu dia. A hora que eu abria as cortinas, na mesma hora que ele abria a sua, para que pudéssemos compartilhar um — olá — pela manhã. A hora que eu almoçava de modo que eu pudesse vê-lo almoçando. A hora que eu saía de casa para a nossa caminhada. A hora que eu ligava para Lindsey para falar da nossa caminhada. E a hora depois do jantar quando Cricket e eu conversamos antes de fechar nossas cortinas novamente.

À noite, eu deitava na cama e imaginava-o deitado na sua. Ele estava pensando em mim, também? Será que ele imaginava se esgueirar para o meu quarto como eu imaginava entrar no seu? Se estivéssemos sozinhos no escuro, invés da luz do dia, ele iria encontrar a coragem de me beijar? Eu queria que ele me beijasse. Ele era o menino. Ele deveria dar o primeiro passo.

Por que ele não deu o primeiro passo? Quanto tempo eu teria que esperar?

Esses pensamentos febris me mantiveram acordada durante todo o verão. Eu levantava de manhã, suada, sem lembrar quando finalmente adormecia e não me lembrava dos meus sonhos, além de três palavras que ecoavam na minha cabeça, em sua voz. *Eu preciso de você.*

Precisar. Que palavra poderosa e assustadora. Ela representava os meus sentimentos por ele, mas todas as noites, os meus sonhos me colocavam dentro de sua boca.

Eu precisava que ele me tocasse. Eu estava obcecada com a maneira como suas mãos nunca paravam de se mover. A maneira como ele esfregava-as juntas quando ele estava animado, a maneira como ele às vezes não podia deixar de bater palmas. A maneira como ele tinha mensagens secretas escritas na parte de trás da sua mão esquerda. E os dedos. Longos e selvagens, mas eu sabia por observá-lo construindo suas máquinas que era também delicado, cuidadoso, preciso. Eu fantasiava sobre os seus dedos.

E eu estava consumida pela maneira com que, sempre que ele falava, seus olhos brilhavam como se fosse o melhor dia da sua vida. E durante o caminho todo seu corpo inclinava-se para a mim quando eu falava, um gesto que mostrava que ele estava interessado, ele estava ouvindo. Ninguém nunca tinha movido o corpo para me enfrentar assim como ele o fez.

O verão passava rápido, cada dia mais angustiante e maravilhoso que o anterior. Ele começou a andar com Lindsey e os meus pais, até mesmo com Norah, quando ela estava por perto. Ele estava entrando em meu mundo. Mas cada vez que eu tentava entrar no seu, Calliope era hostil. Fria. Às vezes, ela fingia que eu não estava na sala, às vezes ela saía enquanto eu estava falando. Esta foi à primeira vez que ele escolheu alguém sobre ela, e ela se ressentia comigo. Eu estava roubando seu melhor amigo. Eu era uma ameaça.

Ao invés de confrontá-la, nós nos retiramos para a segurança da minha casa.

Mas... Ele ainda não tinha feito nenhum movimento. Lindsey supôs que ele estava esperando o momento certo, algo significativo. Talvez meu aniversário. O dele era exatamente um mês após o meu, também no dia vinte, então ele sempre lembraria. Naquela manhã, eu fiquei impressionada ao ver um sinal em seu vidro: *Feliz aniversário Lola! Nós temos a mesma idade outra vez!*

Inclinei-me para fora da janela. — Por um mês

Ele apareceu com um sorriso, suas mãos se esfregando. — É um bom mês.

— Eu tenho certeza que você vai se esquecer de mim quando fizer 16 — eu o provocava.

— Impossível. — Sua voz falhou, e isso balançou meu coração.

Andy levou Betsy para caminhar à tarde para que pudéssemos ter liberdade completa. Cricket me cumprimentou no horário de sempre, erguendo duas caixas de pizza sobre sua cabeça. Eu estava prestes a dizer que eu ainda estava cheia do almoço quando...

— Estão cheias ou vazias? — A minha pergunta era maliciosa. Eu tive um sentimento que aquilo não era pizza.

Ele abriu a caixa e sorriu. — Vazias.

— Eu não estive lá em anos!

— O mesmo aqui. Calliope e eu estávamos com você, provavelmente, a última vez que fui.

Nós corríamos morro abaixo, em direção ao parque do outro lado da nossa rua - que era pequeno e espremido entre duas casas - passando pela placa pintada com spray com um aviso PROIBIDO ADULTOS! SOMENTE SE ACOMPANHADO DE UMA CRIANÇA e para a parte superior do declive da rua Seward.

— Oh Céus — eu tive um arrepio de terror. — Isso sempre foi tão íngreme?

Cricket desdobrou as caixas e colocou-as ao longo do chão sujo, viradas para baixo, uma em cada escorregador estreito de concreto. — Eu quero a esquerda.

Eu sentei na minha caixa. — Chato ser você. O lado direito é mais rápido.

— Jamais! O lado esquerdo sempre ganha.

— Diz o cara que não esteve aqui desde os seis anos. Mantenha seus braços dobrados.

Ele riu. — Não há jeito de eu ter esquecido esses arranhões e queimaduras.

Na contagem de três, nós largamos. Os escorregadores eram pequenos e rápidos e nós voamos para baixo, segurando nossos gritos para não perturbar Seward Witch, a malvada senhora que gritava obscenidades às pessoas que se divertiam muito alto - apenas outra razão para os escorregadores serem tão divertidos. O pé de Cricket voou primeiro, seguido rapidamente de sua bunda. Ele atingiu o chão com um leve barulho que nos fez rolar de rir.

— Eu acho que a minha bunda está soltando fumaça — ele disse.

Eu reprimi o comentário óbvio, que suas calças tinham tornado esse fato abundantemente claro em Junho.

Nós ficamos por meia hora, dividindo os escorregadores com dois caras de uns vinte anos que estavam bêbados, um grupo de mães e crianças pré-escolares. Nós estávamos aguardando atrás das mães, próximos de irmos pela última vez, quando eu ouvi risos. Eu olhei por cima do meu ombro e vi a chegada de três garotas da escola. Meu coração parou.

— Belo vestido — disse Marta Velazquez. — É da sua mamãe?

Eu estava vestindo um vestido de época de bolinhas - tão grande que eu havia apertado com alfinetes - sobre uma camisa listrada de manga comprida e calças jeans.

Eu quis estar bonita para meu aniversário.

Eu não me sentia mais bonita.

Cricket se virou, confuso. E então... Ele fez algo que mudou tudo. Ele pisou deliberadamente na frente delas e bloqueou minha visão.

— Não dê ouvidos a elas. Eu gosto de como você se veste.

Ele gostava de mim pelo que eu era.

Eu me sentei calada em minha caixa de pizza. — É a nossa vez

Mas o que me doía para dizer era: *eu preciso de você*.

No caminho para casa, ele me manteve rindo e fazendo piadas sobre as pessoas que vinham me atormentando por anos. Eu finalmente percebi o quão absurdo era que eu me preocupasse tanto com o que meus colegas de classe pensavam sobre mim. Não era como se eu quisesse parecer como eles.

— Cricket — Andy disse quando nos viu chegando. — Você vem hoje para o jantar de aniversário, certo?

Eu olhei para ele esperançosamente. Ele colocou as mãos no bolso. — Claro!

Era simples e perfeito. Meus únicos convidados eram Nathan, Andy, Lindsey e Cricket. Nós comemos pizza marguerita, seguida por um extravagante bolo em forma de coroa. Eu comi o primeiro pedaço, Cricket comeu o maior. Depois, caminhei com meus amigos até lá fora. Lindsey me deu uma cotovelada nas costas e desapareceu.

Cricket arrastou os pés. — Eu não sou bom com presentes

Meu coração pulou. Mas ao invés de um beijo, ele tirou um punhado de peças de relógio e embalagens de doces do bolso. Cricket peneirou a pilha até que encontrou uma tampa de garrafa de refrigerante, rosa metálico. Ele ergueu-a. — Sua primeira.

Talvez a maioria das meninas já estivesse desapontada, mas eu não sou a maioria das meninas. Nós tínhamos visto recentemente um cinto feito de tampinhas de garrafa em uma vitrine, e eu disse que queria fazer um. — Você se lembrou!

Cricket sorriu, aliviado. — Eu achei que era boa. Colorida — E enquanto ele colocou na minha mão aberta, reli a mensagem rabiscada sobre as costas da mão pela centésima vez naquele dia: AGORA.

Este era o momento.

Segurei a tampa e dei um passo adiante. Sua respiração acelerou. Assim como a minha.

— Você prometeu que estaria lá!

Nós nos separamos. Calliope estava na varanda ao lado, aparentemente à beira das lágrimas. — Eu precisei de você, e você não estava lá.

Um flash inconfundível de pânico nos olhos dele. — Oh Deus, Cal. Eu não posso acreditar que eu esqueci.

Ela estava usando um casaco delicado, mas o jeito que ela cruzou os braços não foi nada suave. — Você está esquecendo um monte de coisas ultimamente.

— Sinto muito. Fugiu da minha mente, eu sinto muito — Ele tentou agitar os lacres e as peças de relógio no bolso, mas derrubou-os em minha varanda.

— Acalma-se, Cricket. — Ela olhou para mim e fez uma careta. — Eu não sei por que você está desperdiçando seu tempo.

Mas ela ainda estava falando com ele.

— Obrigado pelo jantar — ele murmurou, empurrando tudo de volta nos bolsos. — Feliz aniversário. — Ele saiu sem olhar para mim. De sua varanda, Calliope ainda estava gritando. Senti como se tivesse tomado um tapa na cara. Envergonhada. Eu não tinha nada para me envergonhar, mas ela tinha esse efeito. Se ela quisesse que você sentisse algo, você sentiria.

Mais tarde, Cricket me disse que ele deveria ter ido para alguma reunião. Ele foi vago a respeito. Depois disso, era como se tivéssemos dado um pequeno passo para trás. Começamos a escola. Ele andava comigo e com Lindsey, enquanto Calliope fez novos amigos. Havia uma tensão silenciosa entre os gêmeos. Cricket não falava sobre isso, mas eu sabia que ele estava chateado.

Numa sexta-feira depois da escola, ele me mostrou um vídeo do Swiss Jolly Ball - uma maravilha mecânica que vira enquanto visitava um museu em Chicago. Eu não tinha estado dentro de sua casa desde o comportamento gelado de Calliope no início do verão. Eu esperava que isso fosse uma desculpa para ir a seu quarto, mas seu laptop estava na sala de estar. Ele se sentou em um lado de um sofá pequeno, deixando espaço para me sentar ao lado dele. Era um convite? Ou um gesto de bondade, em que ele estava me oferecendo o maior sofá da sala? Por que isso era tão difícil?

Eu aproveitei a oportunidade e sentei ao lado dele. Cricket colocou o vídeo, e eu cheguei mais perto, sob o pretexto de vê-lo melhor. Não conseguia me concentrar, mas enquanto a bola da máquina de prata atravessa os túneis, apitava, e ampliava-se em faixas, eu ri de deleite de qualquer maneira. Aproximei-me mais até que eu estava no vão entre as almofadas. Eu cheirava a menor pontada de seu suor, mas não era ruim. Era muito longe de ser ruim. E então o lado da minha mão roçou ao lado da sua, e meu coração entrou em colapso.

Ele estava muito quieto.

Limpei a garganta. — Você está fazendo algo especial para seu aniversário amanhã?

— Não. — Ele moveu a mão em seu colo, afobado. — Nada. Eu não vou fazer nada.

— Ok... — Eu olhei para sua mão.

— Na verdade, Calliope tem alguma coisa de patinação. Então vai ser mais uma tarde de comidas ruins, vendedores de patins, e meninas estridentes.

Isso foi uma desculpa para me evitar? E se eu estivesse errada esse tempo todo? Fui para casa chateada e liguei para Lindsey.

— De jeito nenhum — ela disse. — Ele gosta de você.

— Você não o viu. Ele está agindo de modo estranho e cauteloso.

Mas na manhã seguinte, eu me encontrei com Lindsey para encontrar um presente para ele. Eu não estava pronta para desistir. Eu não podia desistir. Eu sabia que ele precisava de uma chave obscura para um projeto, e eu também sabia que ele estava tendo problemas para encontrá-la online. Passamos o dia todo caçando em lojas da cidade especializadas, e enquanto eu caminhava para casa naquela noite tão orgulhosa de obter uma, senti uma esperança nervosa. E então eu vi. Uma festa em pleno andamento.

A casa dos Bell estava barulhenta e lotada, e havia cordões de luzes tiki penduradas em suas janelas. Esta não foi uma festa que aconteceu no último segundo. Foi uma festa planejada. Uma festa planejada que eu não tinha sido convidada.

Eu congelei lá, arrasada, segurando a pequena chave no meio do espetáculo. Um bando de meninas correram por mim e subiram as escadas. Como os gêmeos tinham feito tantos novos amigos tão rapidamente? As meninas bateram na porta, e Calliope abriu e cumprimentou-os com uma risada. Elas passaram por ela e entraram na casa. E foi aí que ela me viu, olhando para cima da calçada.

Ela fez uma pausa, e então fez uma careta. — E aí? Você é boa demais para a nossa festa?

— O-o quê?

— Você sabe, depois de passar tanto tempo com meu irmão, parece que o mínimo que você poderia fazer é aparecer e lhe desejar um feliz aniversário.

Minha mente vacilava. — Eu não fui convidada.

A expressão de Calliope era de surpresa. — Mas Cricket disse que você não poderia vir.

Explosão. Dor. — Eu... Ele não perguntou. Não.

— Huh. — Ela me olhou nervosamente. — Bem. Tchau.

A porta lavanda se fechou. Olhei para ela, queimando com dor e humilhação. Por que ele não me quis em sua festa? Eu tropecei dentro da minha casa, fechei as minhas cortinas, e explodi em soluços violentos. O que tinha acontecido? O que havia de errado comigo? Por que ele não gostava mais de mim?

Sua luz acendeu à meia-noite. Ele chamou meu nome.

Eu tentei focar no golpe catastrófico dentro do meu peito. Ele chamou meu nome novamente. Eu queria ignorá-lo, mas como eu poderia? Eu abri minha janela.

Cricket olhou para seus pés. — Então, um, o que você fez hoje?

— Nada — Minha voz era curta enquanto eu respondia. — Eu não fiz nada.

Ele parecia transtornado. Isso só me fez desprezá-lo mais, tentar me fazer sentir culpada.

— Boa noite. — Eu comecei a fechar a minha janela.

— Espere! — Ele puxou o cabelo dele, deixando-o mais alto. — E-eu acabei de descobrir que estou me mudando.

Era como se eu tivesse apanhado na cabeça. Eu pisquei, surpresa ao descobrir lágrimas frescas. — Você está indo embora? Mais uma vez?

— Segunda-feira.

— Dois dias a partir de agora? — Por que eu não podia parar de chorar? Eu era uma idiota!

— Calliope está voltando para seu antigo treinador. — Ele parecia impotente. — Não está funcionando aqui.

— Não há *nada* funcionando aqui? — Eu soltei. — Não há nada que você queira me dizer antes de ir?

Os lábios de Cricket se separaram, mas ele permaneceu em silêncio. Seu rosto era uma equação difícil. Um minuto inteiro se passou, talvez dois. — Pelo menos temos isso em comum — Eu finalmente disse. — Não há nada que eu quero dizer para você também.

E eu bati minha janela.

07

Ele estava fazendo ali mesmo ao ar livre! — Digo. — Estou falando sério, Charlie estava admirando o seu traseiro em química.

Lindsey não dá importância. — Mesmo que ele estivesse, o que eu sinceramente duvido, você sabe que sobre a minha política. Sem caras.

— Até a formatura. Eu apenas pensei que já que era Charlie... E que os olhos dele te seguiram por toda a sala...

— Não. — E ela dá uma mordida feroz em seu sanduíche de geléia com manteiga de amendoim para terminar a conversa. Eu levanto as minhas mãos em um gesto de paz. Eu sei que isso é melhor do que ficar discutindo, mesmo ela tendo uma queda secreta pelo Charlie Harrison Ming desde que ele ganhou duas vezes mais pontos que ela no Quis Bowl do ano passado.

Nossa primeira semana em Harvey Milk Memorial High no nosso penúltimo ano foi como o esperado. As mesmas aulas chatas, as mesmas meninas desagradáveis, e os mesmos babacas. Pelo menos Lindsey e eu almoçamos juntas. Isso ajuda.

— Ei, Cleópatra. Quer pegar uma carona no meu Nilo?

Falando em idiotas. Gregory Figson bateu as mãos com um musculoso amigo. Eu estou usando uma longa peruca preta com franja reta, um vestido branco que eu fiz de um lençol, jóias com pedaços dourados, e claro — olhos pintados do antigo jeito egípcio com delineador.

— Não — eu digo sem rodeios.

Gregory agarra o peito com as duas mãos. — Pirâmides bonitas — ele diz, e vai embora, rindo.

— E eu pensando que ele não podia ficar mais nojento. — Eu abaixei meu hambúrguer vegetariano, o apetite tinha acabado.

— E como se eu precisasse de outro motivo para esperar — Lindsey diz. — Meninos do ensino médio são idiotas.

— É por isso que eu não saio com meninos do ensino médio. Eu saio com homens.

Lindsey revira os olhos. Sua principal razão para esperar para namorar é que ela acredita que ele vai ficar no caminho de sua agenda. *Agenda* é o seu termo, não meu.

Ela acha que caras são uma distração de seus objetivos educacionais, então ela não quer namorar até que ela estar firmemente estabelecida no pós ensino médio. Eu respeito sua decisão, mesmo preferindo usar moletom em público a desistir do meu namorado.

Ou desistir da minha primeira oportunidade de participar do baile de inverno. É apenas para veteranos, e ainda está a meses de distância, mas estou entusiasmada com o meu vestido de Maria Antonieta, para o qual já comecei a coletar materiais. Seda dupioni brilhante e tafetá enrugado. Fita de cetim lisa. Delicadas penas de avestruz e jóias de cristal ornamentadas. Eu nunca tinha tentado um projeto tão complexo, tão grande, e ele vai levar um o outono inteiro pra ficar pronto.

Eu decidi começar quando chegasse em casa. É sexta-feira, e pela primeira vez eu não tenho que trabalhar. Além disso, o Anphetamine vai tocar em um clube que esta noite onde menores de 21 não podem entrar. E não vou permitir que Max me coloque lá furtivamente.

De tudo que li online, eu preciso começar com as roupas íntimas.

Eu já comprei uma tonelada de tecido para o vestido, mas o traje ainda tem que ser construído de dentro para fora, para que quando eu tomar as medidas para o vestido real, eu possa fazê-las permanecer na volumosa e os aros gigantes.

Eu procuro por horas para obter instruções sobre como fazer aros historicamente precisos e não chego a nada. A menos que eu queira fazê-los com bambolês, e eu não quero, eu vou ter que ir à biblioteca para mais pesquisas. A busca para corpete traz mais sucesso. Os diagramas e instruções são esmagadoras, mas eu imprimo várias páginas e começo a tomar medidas e criar um padrão.

Eu tenho costurado por três anos, e estou bastante decente. Comecei com coisas pequenas, como todo mundo faz, fazendo bainhas, saias de linhas, fronhas, mas rapidamente passei para itens maiores, cada um mais complexo que o anterior. Eu não estou interessada em fazer o que é fácil.

Eu estou interessada em fazer o que é belo.

Eu me perco no processo: Traçando padrões no papel de seda, adequando-os juntos, refazendo, e remontando. Quem não entende não percebe quantos problemas tem que se solucionar na confecção de uma roupa, e os novatos, muitas vezes param de frustração. Mas eu gosto do quebra-cabeça. Se eu olhar para este vestido como uma coisa enorme, seria muito esmagador. Ninguém poderia criar tal vestido. Mas por dividi-lo em minúsculas etapas individuais, o tornando algo que eu posso alcançar. Quando meu quarto finalmente fica muito escuro, sou forçada a levantar do chão e ligar as luzes. Estendo meus músculos doloridos e olho para a minha janela.

Será que ele vai voltar para casa neste fim de semana?

A idéia me enche de inquietação. Eu não entendo por que ele está perguntado sobre mim pra Andy e St. Clair. Existem apenas três soluções possíveis, cada uma mais improvável do que a outra. Talvez ele não esteja fazendo amigos na escola e, por algum motivo distorcido, decidiu que eu seria uma amiga decente novamente. Quero dizer, ele veio para casa nos dois últimos fins de semana. Obviamente ninguém é interessante o suficiente para mantê-lo em Berkeley. Ou talvez ele se sinta mal sobre como as coisas terminaram entre nós, e está tentando compensar isso. Limpar sua consciência.

Ou... Talvez... Ele goste de mim. Dessa *outra* maneira.

Eu estava bem antes dele voltar, perfeitamente feliz sem essa complicação. Teria sido melhor se ele me ignorasse. Calliope e eu ainda não nos falamos, não há nenhuma razão para que Cricket e eu o façamos. Eu caminho em direção a minha janela, e fico surpresa ao descobrir cortinas listradas penduradas no quarto dele.

E então a sua luz acende.

Eu dou puxão para fechar as minhas cortinas. Meu coração bate enquanto eu fico de costas contra a parede. Através dos tecidos das cortinas, eu observo uma silhueta que é inegavelmente Cricket Bell jogando duas malas no chão, uma mochila e uma mala de roupa suja. Ele se move em direção a nossas janelas, e eu sinto guinadas de pavor dentro de mim. O que eu faço se ele chamar o meu nome?

Há um brilho repentino quando ele abre suas cortinas. Seu corpo muda de uma sombra escura para um ser humano plenamente concretizado. Eu me escondo ainda mais. Ele fica parado lá, e então se assusta quando outra figura entra em seu quarto. Eu mal posso ouvir o som da menina falando. Calliope.

Eu não posso me esconder para sempre. Minhas cortinas são espessas, e eu preciso confiar nelas. Eu respiro fundo e me afasto, mas eu tropeço no meu projeto e rasgo um molde. Eu amaldiçôo. Risos vem do vizinho, e por um segundo de pânico, eu acho que eles testemunharam a minha manobra desastrada. Mas isto é a paranóia falando. Qualquer que seja a razão dos risos não tem nada a ver comigo. Eu odeio que eles ainda possam me fazer sentir assim.

Eu sei o que eu preciso. Eu ligo, e ele atende um pouco antes do seu correio de voz.

— HEY — Max diz.

— Oi! Como está à noite? Quando vocês acabam? — O clube está barulhento, e eu não posso ouvir a sua resposta. — O quê?

“[SOM SOM] DEPOIS DAS ONZE [SOM].”

— Oh. Ok. — Eu não tenho nada a acrescentar. — Eu sinto sua falta.

“[SOM SOM SOM. SOM]”

— O quê? Me desculpe, eu não posso ouvir você!

“[SOM SOM] HORA RUIM [SOM].”

Eu suponho que ele está dizendo que tem que ir. — Ok! Vejo você amanhã! Tchau! — Um clique na outra linha, e ele se foi. Eu deveria ter lhe mandado uma mensagem. Mas eu não quero mandar agora, porque eu não quero incomodá-lo. Ele não gosta de falar antes dos shows.

A chamada me faz sentir mais fria do que consolada. O riso continua ao lado, e eu resisto à vontade de jogar minhas tesouras de

costura na janela de Cricket para fazê-los calar a boca. Meu telefone toca e eu respondo ansiosamente. — Max!

— Eu preciso que você diga a Nathan para vir me buscar.

Não é Max.

— Onde você está? — Eu já estou descendo apressadamente as escadas. Nathan está na frente da televisão, o olho semicerrado, vendo Antiques Roadshow com Betsy. — Porque você não pode dizer a ele?

— Porque ele vai ficar puto, e eu não posso lidar com uma pessoa chateada agora. — A voz está irritada e esgotada.

Eu parei no meio do caminho. — De novo não.

— Landlord mudou a fechadura, então fui forçada a arrombar meu apartamento. Meu próprio apartamento. Eles estão chamando isso de um incidente.

— Incidente? — Eu pergunto, e os olhos do meu pai se abrem. Eu empurrei o meu telefone para ele, sem esperar por uma resposta, enojada. — Norah precisa de você para ajudá-la.

Nathan xinga e pega meu celular. — Onde você está? O que aconteceu? — Ele ouve as respostas dela enquanto recolhe as chaves do carro e põe seus sapatos. — Eu estou levando seu telefone, ok? — Diz ele para mim. — Diga a Andy onde estou indo. — E ele saiu pela porta.

Esta não é a primeira vez que minha mãe biológica nos liga de uma delegacia de polícia. Norah tem um longo histórico, e é sempre sobre coisas estúpidas como furto de enchiladas orgânicas congeladas ou que se recusa a pagar multas às autoridades de trânsito. Quando eu era mais nova as acusações eram geralmente de intoxicação pública ou conduta desordeira. E, acredite, uma pessoa tem que estar muito intoxicada ou desordenada de ser presa nesta cidade.

Andy recebe a notícia em silêncio. Nosso relacionamento com a Norah é difícil para todos, mas talvez seja mais difícil para ele. Ela não é nem sua irmã, nem sua mãe. Eu sei que uma parte dele deseja que possamos abandonar ela inteiramente. Uma parte de mim quer isso também.

Quando eu era pequena, os gêmeos Bell me perguntaram por que eu não tinha uma mãe. Eu disse a eles que ela era a princesa do Paquistão - eu tinha ouvido o nome no noticiário e achei que soava bem - e ela me deu para meus pais, porque eu era o bebê secreto que ela teve com o jardineiro do palácio, e seu marido, o príncipe mau, nos mataria se ele descobrisse que eu existia.

— Então você é uma princesa? — Calliope perguntou.

— Não. Minha mãe é uma princesa.

— Isso significa que você é uma princesa, também — Cricket disse impressionado.

Calliope estreitou os olhos. — Ela não é uma princesa. Não existem coisas como príncipes do mal ou do Paquistão.

— Existem sim! E eu sou! — Mas eu ainda me lembro que senti o sangue quente correndo quando eles voltaram no final da tarde, e percebi que tinha sido descoberta.

Calliope cruzou os braços. — Nós sabemos a verdade. Nossos pais nos contaram.

— Sua mãe realmente não tem uma casa? — Cricket perguntou.
— É por isso que você não pode viver com ela?

Foi um dos momentos mais vergonhosos da minha infância. Assim, quando os meus colegas começaram a perguntar, eu deixei simples: — Eu não sei quem ela é. Eu nunca a conheci. — Me tornei uma história de adoção normal e chata. Ter dois pais não é um problema aqui. Mas, alguns anos atrás, Cricket e eu estávamos assistindo televisão, quando ele se virou para mim e, inesperadamente, perguntou: — Por que você finge que não tem uma mãe?

Eu me contorci. — Huh?

Cricket estava brincando com um clipe de papel, o dobrando em uma forma complicada. — Quero dizer, ela está bem agora. Certo? — Ele quis dizer sóbria, e ela esteve por um ano. Mas ela ainda era Norah.

Eu só olhei para ele.

E eu poderia vê-lo recordar o passado. Os Bells tinham ouvido minha mãe biológica gritar por anos, sempre que ela aparecia totalmente bêbada e sem avisar.

Ele baixou os olhos e deixou o assunto.

Eu sou grata que a minha genética não incomoda Max. Seu pai é um bêbado que vive em um bairro perigoso de Oakland, e ele nem sabe onde sua mãe vive. Se bem que Norah faz a minha relação com Max mais forte. Nós nos entendemos.

Deixo Andy e vou para o andar de cima. Através da minha janela, vejo que Calliope deixou o quarto de Cricket. Ele está andando. Meu molde rasgado zomba de mim.

Os suntuosos, pálidos tecidos azuis empilhados na minha mesa de costura perderam seu brilho. Eu os toco suavemente. Eles ainda estão macios. Eles ainda mantêm a promessa de algo melhor.

Eu estou determinada a compensar a noite passada. — Hoje será totalmente brilhante.

Betsy levanta a cabeça, ouvindo, mas não entendendo. Eu coloco uma fivela de strass na minha peruca rosa pálida. Eu também estou usando um vestido de baile de lantejoulas que eu alterei para um vestido curto, uma jaqueta jeans coberta de broches do David Bowie, e cílios postiços brilhantes. Eu coço atrás das orelhas de Betsy, e então ela trota atrás de mim para fora do meu quarto. Encontramos com Andy nas escadas, carregando um cesto de roupa limpa.

— Os meus olhos! — Diz ele. — O brilho!

— Muito engraçado.

— Você está parecendo uma bola de discoteca.

Eu sorrio e olho para trás. — Vou tomar isso como um elogio.

— Quando Max vai trazer você para casa?

— Mais tarde!

Nathan está esperando no fundo. — Quando, Dolores? Uma hora específica seria útil.

— Seu cabelo está caído daquele jeito. — Eu abaixo minha bolsa para corrigi-lo. Nathan e eu temos o mesmo cabelo - espesso, castanho médio, com um cacho estranho na parte da frente que nunca se comporta. Ninguém duvida que Nathan e eu estejamos relacionados. Nós também compartilhamos os mesmos grandes olhos castanhos e o sorriso infantil.

Quando nos permitimos sorrir. Andy é mais esbelto que Nathan e mantém o cabelo prematuramente grisalho cortado curto. Ainda assim, apesar de seu cabelo e, apesar de seus adicionais nove anos neste planeta, todo mundo acha que Andy é mais jovem, porque ele é aquele que está sempre sorrindo. E ele usa camisetas engraçadas.

— Quando? — Repete Nathan.

— Hum, quatro horas?

— Isso são 5:30. Não espero que chegue depois disso.

Eu suspiro. — Sim, papai.

— E três telefonemas para checar.

— Sim, papai. — Eu não sei o que eu fiz para merecer os mais rigorosos pais do mundo. Eu devo ter sido seriamente mal em uma vida passada. Não é como se eu fosse Norah. Nathan só chegou em casa depois da meia-noite. Aparentemente, sua fechadura foi trocada porque ela não vinha pagando o aluguel e ela causou uma cena jogando a espreguiçadeira de um vizinho na janela da frente. Nathan vai visitar o proprietário hoje para discutir novamente os pagamentos. E essa situação da janela quebrada.

— Tudo bem, então. — Ele acena com a cabeça. — Se divirta. Não faça nada que eu não faria.

Eu ouço Andy enquanto estou saindo pela porta da frente. — Querido, esse trato não funciona quando você é gay.

Eu ri todo o caminho até a calçada. Minhas botas pesadas, desenhada com redemoinhos de glitter rosa para combinar com a minha peruca, deixam um rastro de pó de fada enquanto eu ando.

— Você é como uma estrela cadente — uma voz chama da porta da varanda seguinte. — Brilhando.

Minha alegria imediatamente fica nula e sem efeito.

Cricket desce os seus degraus e se junta a mim na calçada. — Indo a algum lugar especial? — ele pergunta. — Você está bonita. Brilhando. Eu já disse isso, não disse?

— Você disse, obrigada. E eu estou saindo apenas por algumas horas. — Não é como se eu estivesse contando verdades completas ou dando explicações. Claro, agora eu me sinto envergonhada por pensar nisso, assim que eu adiciono com um encolher de ombros — Talvez eu vá até a Amoeba Records mais tarde.

Por que ele me faz sentir culpada? Eu não estou fazendo nada de errado. Eu não devo nada a ele. Balanço a cabeça - mais para mim do que para ele - e vou em direção a parada de ônibus. — Até mais — eu digo. Vou me encontrar com Max no Upper Haught. Ele não pode me levar, porque ele foi pegar minha surpresa antes. Uma surpresa. Eu não tenho idéia do que seja, o que poderia surpreender todos com quem me importo. O fato de eu ter um namorado que me traz surpresas é o bastante.

Sinto o olhar de Cricket. Uma pressão contra minha nuca. Na verdade eu me pergunto por que ele não está me seguindo. Eu me viro. — O que você vai fazer hoje?

Ele fecha a distância entre nós com três passos. — Eu não vou fazer nada.

Estou desconfortável novamente. — Oh.

Ele coça a bochecha, e a escrita na sua mão o instrui a *Carpe Diem*. Aproveite o dia. — Quero dizer, eu tenho algum dever de casa. Mas não vai demorar muito. Apenas uma hora. Duas no máximo.

— Certo. Lição de casa. — Eu estou prestes a dizer algo igualmente estranho quando ouço o ronco do meu ônibus se aproximando. — É o meu! — Eu corro até ele.

Cricket grita alguma coisa, mas eu não posso ouvi-lo sobre a explosão de gases no escape quando o ônibus para contra o meio-fio. Eu pego um assento ao lado de uma mulher ossuda em um avental estampado lendo o Livro Tibetano dos Mortos.

Olho pela janela. Ele ainda está me olhando. Nossos olhos se prendem, e desta vez, seu sorriso é tímido. Por alguma razão... Isso me faz sorrir de volta.

— Ooo — a mulher ao lado me diz. — Você está brilhando.

08

Eu deveria ter desejado o chiclete.

— Será ótimo para as batalhas de banda — Max diz, com mais animação do que o normal. — Você sabe como era ruim, carregar nossas coisas em três carros separados. O estacionamento nessa cidade é impossível para começar.

— Excelente! Certo! Exatamente!

É uma van. Max comprou uma van. É grande, e é branca, e é uma van. Como em, não é um Chevy Impala '64. Como meu namorado trocou seu carro para comprar uma van?

Ele anda em volta dela, admirando sua... O quê? Larga expansão? — Você sabe que nós sempre quisemos fazer uma viagem pelo litoral. Craig conhece alguns caras em Portland, Johnny conhece alguns caras em L.A. Isso era o que precisávamos. Nós podemos fazer agora.

— Viajar! Uau! Ótimo!

VIAJAR. Longos períodos de tempo sem Max. Mulheres provocantes, solícitas em outras cidades flertando com meu namorado, lembrando a ele sobre a minha inexperiência. VIAGEM.

Max para. — Lola.

— Hmm?

— Você está fazendo aquela coisa de garota. Dizendo que você está feliz, quando não está. — Ele cruza os braços. As teias de aranha tatuadas em seus cotovelos apontam para mim acusadoramente.

— Eu estou feliz.

— Você está chateada, por que você pensa que quando eu for, vou conhecer alguém. Alguém mais velho.

— Não estou irritada. — Estou *preocupada*. E como eu odeio que já tenhamos tido essa conversa antes, já que agora ele sabe exatamente o que estou pensando? — Estou... Surpresa. Eu só gostava do seu velho carro, é isso. Mas esse é bom, também.

Ele levanta uma única sobrancelha. — Você gostou do meu carro?

— Eu amei seu carro.

— Você sabe. — Max me encosta ao meu lado. O metal está frio contra minha espinha. — Vans são boas para outras coisas.

— Outras coisas?

— Outras coisas.

Okay. Talvez toda essa situação com a van não seja uma perda completa. Minhas mãos estão em seu cabelo desbotado branco amarelado, e nossos lábios estão esmagados um contra o outro quando ouvimos um alto, rude — Tem algum trocado, cara?

Nos separamos para encontrar um cara vestido dos pés à cabeça com uma roupa suja e feita de retalhos de algodão grosso, nos encarando.

— Desculpe — eu digo.

— Não precisa se desculpar. — Ele me olha com uma expressão de raiva por baixo de seus dreadlocks brancos. — Só estou fodidamente faminto.

— IMBECIL — Max grita assim que o cara cai fora.

A quantidade de mendigos em São Francisco está positivamente aumentando. Eu não consigo caminhar de casa para escola sem passar por uma dúzia. Eles me deixam desconfortável, por que são uma lembrança constante das minhas origens, mas normalmente consigo ignorá-los. Olhar através deles. Caso contrario... É muito exaustivo.

Mas no Haight, os mendigos são idiotas passivo-agressivos.

Eu não gosto de vir aqui, mas Max tem amigos que trabalham em boutiques de roupas vintage com preços superestimados, tabacarias, livrarias, e lanchonetes de burritos. Apesar de seus grafites psicodélicos e da exposição de janelas boêmias, A rua Haight - uma vez a Mecca da paz e do amor dos anos 60 - é inegavelmente mais violenta e suja do que o resto da cidade.

— Ei. Esqueça aquele cara.

Ele vê que eu preciso ser animada, então ele me leva à loja dos falafels onde nós tivemos o nosso primeiro encontro. Mais tarde, nós andamos até uma loja drag para experimentar perucas. Ele ri quando eu poso com uma absurda colméia roxa. Eu amo sua risada.

É rara, então sempre que eu a ouço, eu sei que a mereci. Ele até me deixa colocar uma em sua cabeça, uma Marilyn loira. — Espere até Johnny e Craig te verem — digo, me referindo a seus companheiros de banda.

— Vou dizer a eles que decidi deixar crescer.

— ROGAINE WORKS — eu digo na minha melhor imitação de sua voz.

— Essa é outra piada de velho? — Max ri de novo enquanto joga de volta minha pálida peruca rosa. — Nós temos que ir. Eu falei pro Johnny que o encontraria às três e meia. — Eu enrolei meu cabelo de verdade embaixo dela. — Por que você não o vê o suficiente em casa.

— Você raramente o vê — Max diz.

Johnny Ocampo - baterista do Anphetamine, colega de quarto de Max - trabalha na gravadora Amoeba, a única coisa que eu realmente amo nesse bairro. Amoeba é um vasto paraíso de concreto de raros vinís, pôsteres de bandas, e infinitas fileiras de CDs com etiquetas com cada gênero identificado por cores. Ainda há alguma coisa a ser dita sobre música que você consegue pegar nas mãos.

— Eu só estava te provocando. Além disso — eu adicionei — você nunca sai com a Lindsey.

— Por favor Lo. Ela é fofoqueira e imatura. É estranho entre nós.

Suas palavras são verdadeiras, mas... Ai. Às vezes mentir é a coisa educada a se fazer. Eu franzi a testa. — Ela é minha melhor amiga.

— Eu só preferiria passar um tempo com você. — Max pega minha mão. — A sós.

Nós estávamos quietos quando entramos na Amoeba. Johnny, um atarracado, mas musculoso Filipino, está em seu lugar de costume atrás da mesa de informações, que foi criada como se os caras atrás dela guardassem toda a verdade sobre Bom Gosto Musical e Conhecimento. Johnny e Max trocam acenos sutis de cabeça em reconhecimento enquanto Johnny termina com um cliente. Eu aceno para Johnny e desapareço na loja. Eu ouço principalmente rock, mas eu busco tudo, porque nunca se sabe quando eu vou descobrir

alguma coisa que eu não sabia que gostava. Hip-hop, clássica, reggae, punk, opera, eletrônica. Nada prende a minha atenção hoje, então eu volto para o rock. Estou procurando nos P's e Q's, quando os pequenos pêlos, invisíveis na minha nuca ficam eriçados. Eu olho pra cima.

E lá está ele.

Cricket Bell está parado olhando pra frente, focado. Procurando por alguma coisa. Alguém. E Então seu olhar se prende ao meu, e seu rosto se acende como as estrelas. Ele sorri - um sorriso completo que alcança todo o caminho até seus olhos - e é doce, puro e esperançoso.

E eu sei o que está para acontecer.

Minhas mãos começam a suar. *Não diga. Oh, por favor Deus, não diga.* Mas esse pedido traidor vem logo depois: *Diga. Diga.*

Cricket desliza facilmente entre os outros clientes como se fossemos as únicas duas pessoas na loja. A música das caixas de som muda de uma música pop austera para uma sinfonia de rock intensa. Meu coração bate cada vez mais rápido. Quão fortemente eu uma vez desejei por esse momento. Quão fortemente eu queria que acabasse agora.

Quão fortemente eu queria que continuasse.

Ele parou diante de mim, mexendo em suas pulseiras. — Eu - Eu esperava encontrá-la aqui.

Rubor invade minhas bochechas. NÃO. Esse sentimento não é real. É uma velha sensação que voltou para me atormentar e confundir. Odeio isso. Eu o odeio!

Mas é claro que eu só odeio Cricket porque eu *não* odeio Cricket. Eu olho pra baixo, para o álbum do Phoenix em minhas mãos. — Eu te disse que estava vindo pra cá.

— Eu sei. E não podia esperar mais, eu tenho que te contar...

O pânico aumenta, e eu seguro a banda francesa mais apertada. — Cricket, por favor...

Mas suas palavras são despejadas sobre em mim em um turbilhão. — Eu não consigo parar de pensar em você, e eu não sou mais quem costumava ser, eu mudei...

— Cricket... — eu olhei pra cima novamente, sentindo tontura.

Seus olhos azuis são brilhantes. Sinceros. Desesperados. — Saia comigo hoje à noite. Amanhã à noite, todas as noi... — A palavra é cortada em sua garganta quando ele vê alguma coisa atrás de mim.

Cigarros e hortelã. Eu quero morrer.

— Esse é Max. Meu namorado. Max, esse é Cricket Bell.

Max mexe levemente sua cabeça em um pequeno aceno. Ele ouviu tudo, não tem como não ter ouvido.

— Cricket é meu vizinho. — Viro-me para Max. — Era meu vizinho. Meio que é de novo.

Meu namorado estreita os olhos, quase que imperceptivelmente, enquanto sua mente absorve essa informação. É o exato oposto de Cricket que é uma verdadeira negação em esconder seus sentimentos. Seu rosto demonstra dor, e ele está se afastando. Eu imagino que ele nem perceba que está fazendo isso.

A expressão de Max muda de novo, quase imperceptível. Ele imagina quem seja Cricket. Ele sabe que Cricket Bell deve ser parente de Calliope Bell.

E ele sabe que eu tenho propositadamente excluído-o de nossas conversas.

Max coloca um braço em volta de meus ombros. O gesto provavelmente parece casual para Cricket, mas os músculos de Max estão rígidos. Ele está com ciúmes. Esse pensamento deveria me deixar feliz, mas eu só consigo ver a vergonha de Cricket. Eu queria não ligar para o que ele pensa.

Isso significa que estamos quites? É assim que é a sensação de estar quites?

O ar entre nós é denso como a neblina da baía. Eu tenho que agir, então dou a Cricket um sorriso reconfortante. — Foi bom encontrar com você. Te vejo outra hora, ok? — E então eu levei Max para longe. Eu posso dizer que meu namorado quer dizer alguma coisa, mas como sempre, ele está mantendo seus pensamentos para si mesmo até que estejam formados da maneira exata que ele os quer. Nós andamos de maneira tensa, de mãos dadas, passando por seu amigo na mesa de informações.

Não quero olhar pra trás, mas não posso evitar.

Ele está me encarando. Encarando através de mim. Pela primeira vez, Cricket Bell parece pequeno. Ele está desaparecendo bem diante de meus olhos.

09

É complicado admitir, mas quando Max e eu saímos, eu quero ficar mais, andar mais longe, falar mais alto, para que mais pessoas possam nos ver juntos. Eu quero encontrar cada colega que sempre me sacaneou por eu usar sapatos pontudos com ponta de elfo ou colares de contas, porque eu sei que eles irão olhar para Max com suas sobrelhas escuras, braços tatuados e cara de mau e saber que eu estou fazendo *alguma coisa* certa.

Normalmente, eu estou cheia de orgulho. Mas enquanto nós voltamos para sua nova van, eu não noto a cara de ninguém que passa. Porque Cricket Bell me chamou pra sair. *Cricket Bell me chamou pra sair*. O que eu devo fazer com essa informação?

Max abre a porta do lado do passageiro e segura para eu entrar. Nenhum de nós falou desde que saímos da Amoeba. Eu murmuro um agradecimento e começo a entrar. Ele sobe no lado do motorista, vira a chave na ignição, e então diz:

— Eu não gosto dele.

A frieza do seu tom faz meu estômago virar. — Cricket? Por quê?

— Só não gosto.

Eu não consigo responder. Eu não sei o que eu dizer. Ele não quebra o silêncio novamente até que passamos a marca de neon do Teatro Castro, apenas algumas quadras da minha casa. — Por que você não me contou sobre ele?

Eu olho para minhas mãos. — Ele não é importante.

Max espera com a expressão tensa.

— Ele só me machucou. É só isso. Isso foi há muito tempo atrás. Eu não gosto de falar dele.

Ele vira pra mim, lutando para se manter calmo. — Ele machucou você?

Eu afundo em meu lugar, querendo qualquer coisa menos esta conversa. — Não. Não assim. Nós costumávamos ser amigos, e

tivemos um desentendimento. Agora, ele está de volta e eu estou encontrando com ele em todos os lugares

— Você encontrava com ele antes. — Ele está olhando para a estrada novamente. Apertando os nós dos dedos no volante.

— Só... Na vizinhança. Ele não é importante. Ok, Max?

— Parece que uma omissão gritante para mim.

Sacudo a cabeça. — Cricket não significa nada para mim. Eu juro.

— Ele quer sair com você todas as noites, e você espera que eu acredite que não há nada acontecendo?

— Não há!

A van dá uma freada na frente da minha casa, e Max bate no volante. — Diga a verdade, Lola! Porque você não pode me dizer a verdade de uma vez?

Meus olhos ardem com lágrimas. — Estou dizendo a verdade.

Ele olha para mim.

— Eu te amo. — Estou ficando desesperada. Ele tem que acreditar em mim. — Eu não o amo, eu nem gosto dele! Eu te amo. Max fecha os olhos o que parece uma eternidade. Os músculos do pescoço estão tensos e rígidos. Até que eles relaxam. Ele abre os olhos novamente. — Desculpa. Eu também te amo.

— E você acredita em mim? — Minha voz é baixa.

Ele se puxa meu queixo na direção dele e me responde com um beijo. Seus lábios pressionam com força contra os meus. Eu empurro de volta ainda mais forte contra o dele. Quando nos separamos, ele olha no fundo dos meus olhos. — Eu acredito em você.

Max sai em sua van, o Misfits explode em uma nuvem musical de poeira atrás dele. Eu caio.

Tanta coisa para o meu dia de folga.

— Quem era aquele?

Eu me assusto com a voz forte atrás de mim. Então, me viro para encará-la pela primeira vez em dois anos. Seu cabelo escuro está puxado para trás em um rabo de cavalo apertado, e ela está usando casaco. E ela ainda consegue ficar mais bela do que eu jamais o ficaria.

— Ei, Calliope.

Ela me encarou como se dissesse: — *Por que você não respondeu a minha pergunta.*

— Aquele era meu namorado.

Calliope olha surpresa. — Interessante — ela diz depois de um momento. E eu posso dizer que ela está realmente interessada. — Meu irmão te achou? Ele saiu procurando por você.

— Ele achou. — Eu falo as palavras com cuidado. Ela está esperando mais, mas eu não vou dar mais nada pra ela. Eu nem sei o que seria *mais*. — Bom te ver de novo. — Eu andei na direção das escadas.

Eu estava no meio do caminho em frente a minha porta quando ela fala — Você está diferente.

— E você está igual.

Eu fecho a porta e Nathan está esperando no outro lado. — Você não ligou.

Oh, não.

Ele está furioso. — Você deveria me ligar a mais de uma hora atrás. Liguei cinco vezes, e foi direto para o correio de voz. Onde você esteve?

— Eu esqueci. Me desculpa, pai. Eu esqueci.

— Aquele na van era o Max? Ele comprou um carro novo?

— Você estava OLHANDO?

— Eu estava preocupado, Lola.

— ENTÃO VOCÊ DECIDE ME ESPIONAR?

— Você sabe por que os garotos compram vans? Você sabe??

— PRA GUARDAR SUAS GUITARRAS E BATERIAS? Para fazer suas TURNÊS? — Eu quase o atropeli e subi pro meu quarto.

Meu pai pula nas escadas atrás de mim. — Essa conversa ainda não acabou. Nós temos um acordo pra quando você sair com Max. Você tem que avisar.

— O que você pensa que vai acontecer? Por que você não confia em mim? — Eu tirei a peruca rosa e a joguei do outro lado do quarto. — Eu não estou me embebedando ou usando drogas ou quebrando janelas. Eu não sou ela. Eu não sou Norah.

Eu fui muito longe. A menção de sua irmã, o rosto de Nathan ficou tão magoado e torcido que eu sei que eu fui em cheio. Eu me

preparo para ele brigar comigo. Em vez disso, ele se vira sem dizer uma palavra. Que, de alguma forma, é pior. Mas a culpa é dele por me punir por coisas que eu não fiz. Por coisas que ELA fez.

Como esse dia ficou tão ruim? Quando isso aconteceu

Cricket.

Seu nome explode dentro de mim como tiros de canhão. Eu vou em direção a nossas janelas. Suas cortinas estão abertas. As bolsas que ele trouxe para casa ainda estão no chão, mas não há sinal dele. O que eu devo dizer que da próxima vez que nos vermos? Por que ele não para de arruinar a minha vida?

Por que ele tinha que me chamar pra sair?

E Max sabe sobre ele. Isso não deveria fazer diferença. Mas faz. Max não é do tipo de falar sobre o que incomoda. É do tipo de guardar o problema. Guardar pra quando ele precisar. Ele acreditou em mim quando eu disse que o amava? Que eu não gostava de Cricket?

Sim. Ele acreditou.

E eu estou apaixonada pelo Max. Então, por que eu não sei se a outra parte era mentira?

Eu não sou a única com problemas com garotos. Lindsey estava extremamente distraída esta semana. Ela não percebeu quando o nosso professor de matemática errou a fórmula de Baskara na segunda-feira. Ou quando Marta Velazquez, a garota mais popular da escola, esqueceu de tirar a etiqueta de tamanho da calça jeans na terça-feira. Sua calça dizia: 12 12 12 12 12. Como Lindsey não notou quando eu sentei lá atrás na aula de História Americana durante uma hora?

Antes de quinta-feira na hora do almoço, quando Charlie Harrison Ming passa por nós e diz: — Oi, Lindsey — e ela gagueja: — Ei, Charlie — que eu não percebi a questão. E então eu vejo que eles estão usando exatamente os mesmos Mandris²¹ vermelhos. Lindsey é ótima para resolver problemas de outras pessoas, mas seus próprios?

Sem chance.

— Você poderia dizer algo sobre os sapatos — eu sugeri.

— Você é a garota das roupas — ela diz miseravelmente. — Eu pareço boba falando sobre essas coisas.

Hoje estou usando óculos de gatinha e um vestido de oncinha que eu fiz na última primavera. Eu coloquei uns broches vermelhos enormes parecidos com feridas de bala na frente do vestido, e coloquei fitas vermelho-sangue amarradas de cima a baixo nos meus braços e nos meus cabelos naturais. Eu estou protestando contra esse esquema de caça na África.

— Você nunca parece boba — eu falo. — E não sou eu que estou usando os tênis dele.

— Eu já te disse que eu não quero sair com ninguém. — Mas ela não parecia convencida disso.

— Eu te apoiarei sempre. Não importa o que você decidir. Você sabe né?

Lindsey enfiou seu nariz dentro de um romance policial super emocionante e a nossa conversa acabou. Mas ela não está lendo. Ela está olhando através das páginas. Seu olhar me dá uma sensação familiar - é a expressão no rosto de Cricket a última vez que o vi. Ele não voltou para casa na semana passada. Suas cortinas ainda estão abertas, e as malas ainda estão no seu andar. Eu estou estranhamente fascinada por sua mochila. É uma mochila velha de couro marrom, o tipo que deve ser usada por um professor universitário ou um explorador da selva. Eu quero saber o que tem dentro dela. Provavelmente, apenas uma escova de dentes e uma muda de cuecas.

Ainda parece solitário. Até mesmo o cesto de roupa suja é triste, só pela metade.

Meu telefone vibra mais uma vez contra a minha perna, através da mochila aos meus pés, sinalizando um texto. Ops. Nós deveríamos mantê-los desligado na escola. De qualquer maneira, quem teria prazer em me enviar uma mensagem agora? Eu abaixo para pegá-lo, e os meus óculos - um par vintage que não vestiu muito bem - caiu no cimento.

Eles têm que estar bem abaixo de mim, mas eu não consigo vê-los. Eu não posso ver nada. Eu ouço a confusão de vozes altas de uma multidão de meninas de título nosso caminho.

— Eca, eca, eca...

Lindsey rouba meus óculos pouco antes de bater as meninas. Eles passam zumbindo, um enxame de perfume e risos. — Será que a sua visão vai piorar de novo?

Eu os coloco, e o mundo volta em foco. Eu franzo a testa. — Por favor. Fica pior a cada ano. Nesse ritmo, vou ficar cega aos vinte.

Ela acenou com meus óculos. — E quantos pares você tem agora?

— Só três. — Eu queria que eles não fossem tão caros. Eu os comprei pela internet com desconto, mas eles custaram todo meu salário. Meus pais pagam minhas lentes de contato, mas eu gosto de variar. Eu preferiria mais variedade. Eu dou uma olhada no meu celular, e levo um susto com uma mensagem do Max: *Vi dois ramos caídos na forma de um coração. Pensei em você.*

Eu rio feito uma idiota.

— Quem é? — Lindsey pergunta.

— Max! — Então eu vejo o olhar em seu rosto. Eu fico séria e desligo meu telefone. — Não é nada... Ele viu alguma coisa.

Ela abre seu livro novamente. — Ah.

Então, me vem à cabeça: a solução perfeita para o problema dela. Charlie está super interessado nela e Lindsey só precisa de alguém para ajudá-la a passar por estes primeiros passos. Ela precisa de mim. Um encontro duplo! SOU UMA GÊNIA! Eu estou... Saindo com Max. Que nunca aceitaria uma coisa dessas. Eu olho pra minha melhor amiga que está encarando seu livro de mistério novamente. Tentando resolver seu próprio mistério. Eu seguro o telefone em minhas mãos e mantenho minha boca fechada.

Eu me sinto tão desleal a ela.

Eu tenho um turno na madrugada de sábado. Fechei ontem à noite. Parece que eu nunca saí do trabalho, como eu deveria acabar logo com isso e coloquei o meu antigo saco de dormir das Princesas da Disney debaixo do balcão de atendimento do sétimo andar. Quando eu chego ao teatro, fico surpresa ao descobrir St. Clair atrás da bilheteria. Anna não está escalada para trabalhar hoje. Eu estou mais surpresa quando noto que ele está vestindo.

— O que aconteceu com o uniforme? — Eu pergunto

Ele fica sério. Foi lento e com o corpo inteiro que ele mostrou sua seriedade e o fez parecer... Mais europeu.

— Um dos gerentes disse que eu passava muito tempo aqui, que eu deveria estar trabalhando. Então eu estou.

— Espera. Você está trabalhando aqui?

— Sim, mas não conta pra ninguém. É segredo. — Ele arregala os olhos brincando.

— Você. Trabalhando? — St. Clair nunca fala sobre isso, mas todo mundo sabe que sua família tem dinheiro. Ele não precisa trabalhar. Nem parece uma pessoa que quer.

— Você não acha que eu consigo trabalhar rasgando bilhetes?

— Meus pés exaustos dizem que é um pouco mais do que isso.

St. Clair sorri e meu coração pula uma batida. Ele é realmente atraente. Qual é o meu problema? Eu devo estar mais cansada do que pensei. Eu não estou interessada no namorado da Anna - ele é muito pequeno, muito arrogante - mas o fato de eu ter reparado nele me incomoda. Eu mergulho no trabalho em outro andar para me distrair dos pensamentos cada vez mais desconfortáveis. Mais tarde, St. Clair se aproxima de mim, uma vez que já nos acalmamos de um período agitado. — Meus pés se sentem muito bem — ele diz. — Na verdade, estou pensando em formar um grupo de dança. Você estaria interessada?

— Ah, que saco! — Eu ainda estou irritada. As seis pessoas que reclamaram comigo sobre a nossa garagem também não ajudaram a situação. — Sério? Por que você quer um emprego?

— Porque eu pensei em construir uma imagem. — Ele pula para o meu balcão. — Porque todos os meus dentes caíram e eu estou sem dinheiro pra pagar dentaduras. Por que...

— Ótimo. Seja lá o que for. Seja um babaca.

— Eu deveria estar fazendo algo produtivo, não deveria? — St. Clair pula de volta para baixo e pega uma vassoura do armário de abastecimento. — Tudo bem, tudo bem. Eu estou economizando para o nosso futuro.

— Nosso futuro? — Dou um sorriso tímido. — Estou lisonjeada, realmente, mas isso é desnecessário.

Ele cutuca minhas costas com a ponta da vassoura.

— E Anna sabe que você está economizando para seus futuros juntos?

— Claro. — St. Clair varre a pipoca caiu em volta dos meus pés enquanto eu tomo uma Coca Diet e como um pretzel que alguém pediu. Quando eu termino, ele continua. — Você acha que eu iria conseguir um emprego e não conversar com ela antes?

— Não. Mas eu pensei... Sei lá... — Ele me olha confuso e eu sou forçada a concluir meu pensamento. — Pensei que você tivesse dinheiro.

St. Clair explode de tanto rir, como se eu tivesse dito algo idiota. — Meu pai tem dinheiro. E eu gostaria de mantê-lo fora do meu futuro.

— Isso soa... Ameaçador.

A seriedade européia de novo. Dessa vez, eu mudei de assunto. — E seria legal eu ter um pouco de dinheiro pra gastar e poder levá-la pra sair. Nós tendemos a comer, principalmente, nas lanchonetes dos nossos alojamentos. — Ele fecha a cara. — Pense nisso: nós *sempre* comemos nas lanchonetes da escola.

— Em Paris?

— Em Paris — ele confirma.

Eu suspiro. — Você não tem idéia de quanto é sortudo.

— Na verdade, estou certo que sou. — St. Clair encosta a vassoura na parede. — Então, por que você trabalha? Para manter hábitos não-saudáveis? E sobre o que é seu cabelo hoje?

— Eu queria ver como ele ficaria em pequenos coques. E então eu adicionei as penas, para que eles pareçam ninhos.

Ele está certo. É assim que eu sou. Ainda mais porque meus pais dizem que quando eu fizesse dezesseis anos eu teria que conseguir um emprego de meio período para aprender sobre responsabilidade. Assim eu fiz.

St. Clair examinou meu cabelo de perto. — Espetacular.

Eu dei um passo pra trás. — Exatamente, até quando no futuro você está planejando?

— Distante.

O silêncio fica entre nós, cheio de força e significado. Max e eu falamos em fugir para Los Angeles e iniciar uma nova vida juntos -

eu desenhando figurinos elaborados de dia, ele destruindo clubes de rock de noite - mas tenho a sensação de que as conversas de St. Clair com Anna são mais sérias do que as que eu tenho com Max. O pensamento me deixa inquieta. Eu fico olhando para St. Clair.

Ele não é tão mais velho que eu.

Como ele pode ser tão confiante?

— Quando está certo, é simples. — Ele disse para minha pergunta mental. — Ao contrário de seu cabelo.

10

A lua está cheia, mas a metade dela está faltando. Uma linha reta perfeita divide seu lado escuro de seu lado claro. Ela descansa baixa sobre a movimentada Castro, visível mais cedo do que a noite anterior. O outono está chegando. Desde que eu me lembro, eu converso com a lua. Pedindo a ela por conselho. Tem algo sobre seu pálido brilho, sua superfície cheia de crateras e seus altos e baixos que é profundamente espiritual. Ela usa um novo vestido toda noite, ainda sim, ela é sempre ela mesma.

E ela sempre está lá.

Já que meu turno acabou mais cedo, eu peguei o ônibus e o metro para casa. Eu não sei bem porque estou tão aliviada de estar de volta no meu bairro. Não é como se o trabalho tivesse sido difícil. Mas a familiaridade da Rua Castro me conforta - o glitter na calçada, a quentura radiante dos cookies de chocolate da Hot Cookie, os grupos de homens batendo papo, a arrumação antecipada de Halloween na janela das Variedades do Cliff.

Tenho sorte de viver num lugar que não tem que esconder o que é. Negócios como a Fábrica de Salsicha (restaurante), Spunk (salão de cabeleireiro), e Trabalho Manual (manicure) são claros sobre os moradores, mas tem um senso genuíno de amor e comunidade. É uma família, todo mundo conhece o negócio de todo mundo, mas não acho que isso seja uma coisa ruim. Eu gosto que os caras do café Spike's acenem quando eu passo. Eu gosto que os caras do Jeffery's saibam que Betsy precisa da caixa grande de carne de carneiro fresca, batata doce e vegetais. Eu gosto...

— LOLA !

Uma facada em meu estômago. Apreensivamente me viro para encontrar Cricket Bell fazendo um giro em torno de um casal mais velho que está entrando na mercearia Delano's enquanto ele está saindo. Ele está segurando uma caixa de ovos caipiras em cada mão.

— Você está indo pra casa? Tem um minuto?

Não consigo encontrar seus olhos. — Yeah. Yeah, claro.

Enquanto ele dá uma corridinha pra me alcançar, eu continuo andando em frente. Ele está vestindo uma blusa branca, com um colete preto, e uma gravata preta. Ele se pareceria com um garçom, exceto que está usando também suas pulseiras coloridas e elásticos de borracha.

— Lola, eu quero me desculpar.

Eu congelei.

— Me sinto como um imbecil, um idiota total por... Por te colocar naquela situação semana passada. Me perdoe. Eu devia ter perguntado se você tinha um namorado, não sei por que não perguntei. — Sua voz está cheia de dor. — É claro que você teria um namorado. Você sempre foi essa garota legal, maravilhosa e te ver de novo trouxe de volta toda essa confusão de emoções e... Eu não sei o que dizer, mas eu confundi as coisas, e me perdoe. Não vai acontecer novamente.

Estou chocada,

Não sei o que eu esperava que ele dissesse, mas certamente não era isso. Cricket Bell acha que sou legal e maravilhosa. Cricket Bell acha que eu *sempre* fui legal e maravilhosa.

— E eu espero que isso não deixe as coisas ainda mais estranhas — ele continua. — Eu só quero esclarecer as coisas. Eu acho você incrível, e ser seu amigo nesse verão foi o melhor verão da minha vida, e... Eu só quero ser parte da sua vida. De novo.

Não consigo nem pensar direito. — Certo.

— Mas eu entenderei se você não quer me ver...

— Não — eu digo rapidamente.

— Não? — Ele está nervoso. Ele não entende o que eu quero dizer.

— Eu quero dizer... Nós ainda podemos passar um tempo juntos.

— Eu continuei cuidadosamente. — Eu ia gostar disso.

Cricket relaxou, aliviado. — Você gostaria?

— Yeah. — Estou surpresa por quão óbvio isso é. Claro que o quero de volta em minha vida. Mesmo enquanto ele estava fora, alguma parte de seu espírito ficou pra trás. Eu o sentia no espaço entre nossas janelas.

— Eu quero que você saiba que eu mudei — ele diz. — Eu não sou mais aquele cara.

Seu corpo vira energicamente para encarar o meu, e o movimento me alarma. Eu tropeço nele e bato em seu peito, e uma das caixas de ovos cai de sua mão e despenca em direção à calçada. Cricket prontamente a pega antes que encontre no chão.

— Desculpe! Me desculpe mesmo! — eu digo.

O lugar onde seu peito toca o meu queima. Todo lugar onde seu corpo toca o meu parece vivo. Que tipo de cara ele pensava que era, e quem ele é agora?

— Está tudo bem. — Ele espia dentro da caixa. — Nenhum dano causado. Todos os ovos contados.

— Aqui, deixe-me pegar isso. — Eu alcanço uma caixa, mas ele a segura sobre sua cabeça. Está *bem* fora do meu alcance.

— Está tudo bem. — Ele sorri suavemente. — Eu tenho uma pegada muito melhor das coisas agora.

Eu tento a outra caixa. — O mínimo que eu posso fazer é levar uma.

Cricket começa a levantar a outra, também, mas algo solene cruza seus olhos. Ele as abaixa e me dá uma. Nas costas de sua mão lê-se: OVOS. — Obrigado — ele diz.

Eu olho para baixo. Alguém desenhou uma amarelinha no ladrinho com giz rosa. — De nada.

— Mas eu precisarei deles de volta. Minha mãe estava desesperada como o inferno atrás desses ovos, e ela me pediu que pegasse esses. Missão muito importante.

Silêncio.

Esse é o momento. Que eu ou deixo as coisas estranhas permanentemente ou eu torno a nossa amizade genuína. Eu olho pra cima - e então mais pra cima, até alcançar seu rosto - e pergunto — Como está a faculdade?

Cricket fecha os olhos. É só por um momento, uma respiração, mas é suficiente para me mostrar o quão grato ele está por minha pergunta. *Ele quer estar em minha vida.*

— Bem — ele diz. — Está... Bem.

— Eu sinto um, mas.

Ele sorri. — Mas faz um tempo desde toda aquela coisa de cercado-por-outros-alunos. Eu acho que leva um tempo pra se acostumar a isso.

— Você quer dizer que estudou em casa? Depois que se mudou?

— Bem, nos mudamos tanto que foi mais fácil do que enrolar de novo e de novo, sempre tendo as mesmas aulas. Sempre sendo o garoto novo. Nós já fizemos antes, e nós não queríamos fazer de novo. Além disso, nos permite trabalhar em torno da agenda de Cal.

A última frase me prende a um tópico desconfortável. — E a sua agenda?

— Ah, não é tão ruim quanto parece. Ela só tem agora para fazer isso. Ela tem que correr atrás disso enquanto pode — Eu devo parecer não-convencida, pois ele acrescenta — Mais cinco anos, e será minha vez no holofote da família.

— Mas porque não pode ser sua vez agora, também? Talvez eu esteja sendo egoísta, por ser filha única...

— Não, você está certa. — E eu capto o primeiro sinal de cansaço entre sua testa e seus olhos. — Mas as nossas circunstâncias são diferentes. Ela tem um dom. Não seria justo da minha parte não fazer tudo o que puder pra apoiá-la.

— E o que ela faz pra suportar você? — Eu perguntei antes que pudesse me impedir.

A expressão de Cricket obscurece. — Ela lava a louça. Leva o lixo para fora. Leva a caixa de cereal para fora por mim nos finais de semana.

— Desculpe. — Olho para longe. — Estou sendo fofqueira.

— Está tudo bem, não ligo. — Mas ele não respondeu à minha pergunta.

Nós andamos em silêncio por um minuto, quando algo me atinge. — Hoje. Hoje é seu aniversário!

Sua face vira para longe da minha rápida como um reflexo.

— Por que você não disse nada? — Mas eu sei a resposta antes de terminar a pergunta. Memórias da última vez que o vi em seu aniversário me preenchem com humilhação instantânea.

Cricket mexe inquieto em suas pulseiras. — Yep. Dezoito.

Eu sigo sua deixa para manter a conversa em andamento. — Um adulto. Oficialmente.

— É verdade, me sinto inacreditavelmente maduro. Então de novo, maturidade sempre foi minha maior força.

A essa altura, sua habitual auto-depreciação me faz recuar. Ele sempre *foi* mais maduro. Exceto, talvez, perto de mim. — Então... Você está aqui para visitar Calliope? — Eu balanço minhas mãos conforme o embaraço continua. — Claro que você está. É aniversário dela, também. Eu só estou surpresa de te ver, já que é sábado à noite. Eu imaginei que você estaria em alguma festa pela baía, virando cerveja e plantando bananeira.

Ela coça a lateral do pescoço. — Cal nunca admitiria isso, mas está sendo um ajuste difícil para ela. Eu estando fora enquanto ela ainda está em casa. Não que eu não fosse vir em casa hoje à noite, é claro que eu viria. E na verdade eu *realmente* passei em uma dessas festas por um minuto como um favor a alguém, mas... Talvez você não tenha notado. — Cricket ajeita sua gravata. — Eu não sou do tipo que vai à chopadas.

— Nem eu. — Eu não tenho que explicar que é por causa de Norah. Ele sabe.

— E o seu namorado? — Sua voz trai uma tranquilidade forçada.

Estou envergonhada que ele tenha pensado isso, mas não posso negar que Max parece esse tipo. — Ele também não é um cara festeiro. Não realmente. Eu quero dizer, ele bebe e fuma, mas respeita meus sentimentos. Ele nunca pede que me junte a ele ou qualquer coisa do tipo.

Cricket passa debaixo de um ramo de flores rosa em nosso caminho. No nosso bairro floresce o ano todo. Eu passo por baixo sem precisar me abaixar. — O que seus pais pensam sobre você namorar alguém tão velho? — ele pergunta.

Eu estremeço. — Você deveria saber que estou realmente cansada de ter esta conversa.

— Desculpe-me. — Mas então, como se ele não pudesse evitar — Então, uh... Quantos anos ele tem?

— Vinte e dois. — Por algum motivo, admitir isto a ele é desconfortável.

Uma longa pausa. — Wow. — A palavra é lenta e pesada.

Meu coração martela. Eu quero ser sua amiga, mas em que planta isso funcionaria? Tem história demais entre nós para amizade. Nós subimos o aclive de nossa rua silenciosamente até alcançarmos minha casa. — Tchau, Cricket. — Não consigo encontrar seus olhos novamente. — Feliz aniversário.

— Lola?

— Sim?

— Ovos. — Ele aponta. — Você está com meus ovos.

Oh.

Envergonhada, eu estendo a caixa. Seus longos dedos a alcançam, e eu me encontro torcendo pelo contato físico. Mas ele não vem. Ele pega a caixa pelas bordas. É um movimento cauteloso, deliberado. Me lembra que eu não deveria estar com ele.

E me lembra que eu não posso contar a Max.

11

Quanto mais eu penso sobre a nossa conversa, fico mais frustrada. Cricket diz que mudou, mas mudou o quê? A vontade de falar o que sente? Para, finalmente, dizer que ele gosta de mim? Ou há algo mais? Com o fim de nossa amizade, ele ficou tão estranho e distante, até que ele me machucou completamente por não ter me convidado para aquela festa idiota. Que ele ainda não quer falar. E agora ele quer voltemos a ser amigos, mas depois ele vai embora cedo na manhã seguinte e não volta para casa por duas semanas?

Qualquer que seja.

— Lola não pode brincar hoje. — Andy está batendo em torno de entre os seus tachos e panelas, que é por isso que não tinha ouvido batida Cricket em nossa porta. Deixamos ela aberta para deixar o calor escapar, porque a nossa cozinha fica quente quando todos os fornos estão funcionando. — Ela está me ajudando. Houve uma emergência, enorme, na ultima hora e ela está me ajudando nessa manhã.

— Papai. Ele não veio para brincar.

Cricket segura uma caixa. — Esta foi entregue na nossa casa. É sua.

Andy olha para cima.

— Lola — Cricket esclarece. Ele coloca-a no chão fora da cozinha, enquanto Betsy corre em círculos em torno dele. Ela sempre amou Cricket.

— Obrigado. — Eu digo a palavra com cautela, para que ele a escute. Pousei um saco de farinha me movi para examinar o pacote. — Legal! É o pacote que eu estava esperando.

— Estava?

— Espartilho — Andy diz distraidamente. — Lola, arraste sua bunda aqui pra trás.

Fico vermelha. — Oh.

Ponto número dois para Andy no departamento de constrangimento. Cricket se inclina para Betsy, que cai de barriga para cima, e eu finjo não notar seu rubor. Embora eu não tenha certeza que ele ganhou esse favor especial. Ou a barriga do meu cão.

— É um vestido — eu explico.

Cricket acena com a cabeça sem olhar para mim. — Torta de emergência? — Estou terminando uma massa, e então ele entra na cozinha, arregaçando as mangas e retirando suas pulseiras. — Precisa de uma mão?

— Oh, não. — Estou alarmada. — Obrigado, mas temos que fazer isso.

— Pegue um avental, eles estão na primeira gaveta lá. — Pontos para Andy no outro lado da sala.

— Você não pode pedir a ele para ajudar — eu digo. — Não é o seu trabalho.

— Ele não pediu. — Cricket amarra um avental longo e branco na cintura. — Eu me ofereci.

— Vêem? — Andy diz. — O menino faz sentido. Ao contrário de alguns adolescentes que eu poderia mencionar.

Eu estreito os meus olhos para ele. Não é minha culpa que eu prefiro gastar meu fim de semana em um dia fora com Lindsey. Eu tive que cancelar os nossos planos de sushi e compras em Japantown. Quando eu perguntei se ela queria vir e ajudar, ela disse: — Não, obrigado, Ned. Vou fazer novos planos. — E eu entendo isso. Mas se ela não sair comigo, ela vai ficar e assistir a uma maratona de CSI ou de Veronica Mars. Que a faz feliz. Mas, ainda assim.

— Aquelas abóboras precisam ser semeadas antes que eu possa jogá-las no forno. Coloque as sementes sobre essa pilha de composto — Andy diz.

— Aboboras. Pode deixar. — Cricket lava as mãos e agarra a maior abóbora.

Eu continuo pesando farinha para duas dezenas de tortas. Quando você cozinha em grandes quantidades, as escalas são

necessárias, não medindo em copos. — Realmente, estamos bem. Se você tiver lição de casa.

— Não há problema. — Cricket dá os ombros. — Onde está o outro Sr. Nolan?

Andy fecha os olhos. Cricket para, percebendo que ele disse alguma coisa errada. — Nathan está com Norah hoje — eu explico.

— É... Tudo bem? — ele pergunta.

— Claro — Andy diz.

— São só algumas coisas financeiras. — Eu Cricket colocamos a mão na maior faca para cortar as abóboras abertas, juntamente com um olhar de desculpas para Andy.

Cricket me dá um sorriso discreto de volta. Ele sabe o meu pai normalmente não é assim.

Voz de Andy é a única que ouvimos durante a próxima hora, como ele nos guia através da produção. A ordem original era para seis tortas no total, mas agora estamos fazendo seis de cada: abóbora clássica, vegan apple crumble, gengibre, pêra, nozes e batata doce. Estive ajudando-o a cozinhar durante anos, então eu sou muito boa na cozinha. Mas eu estou surpresa com a rapidez que Cricket se adapta. Andy explica que fermento é realmente uma ciência de ácidos, proteínas e amidos e Cricket o entende. Claro que para ele isso é natural. Bons químicos são bons padeiros.

Mas por que ele está gastando seu sábado fazendo tortas, quando ele não precisa? É aquela coisa de cara legal? Ou ele pensa que pelo tempo gasto comigo, eu posso se apaixonar por ele? Mas ele nem sequer tenta flertar. Ele fica longe de mim, focado em seu trabalho. É enlouquecedor como alguém tão fácil de ler pode ser tão impossível de compreender.

Quando o relógio bateu ao meio-dia, Andy solta um barulho engraçado de surpresa. — Estamos fazendo bom tempo. Nós podemos fazer isso. — E ele sorri pela primeira vez durante todo o dia.

Cricket e eu trocamos sorrisos aliviados do outro lado do balcão. Andy vira no rádio para uma estação que toca clássicos dos anos cinqüenta, e a cozinha relaxa, Cricket corta as fatias de maçãs, enquanto Andy e eu enrolamos a massa em perfeita sincronia.

— Poderíamos colocar esta rotina no gelo e levá-la aos cidadãos — Cricket diz.

À menção de gelo, Andy faz uma pausa. Meu pai ama patinação artística. E eu não uso essa expressão levemente a coisa mais gay sobre ele. Quando eu era criança, ele me levou para ver estrelas no gelo. Nós torcemos pelos patinadores com as mais belas piruetas e nós lambemos algodão doce azul de nossos dedos e ele me comprou um programa repleto de fotografias de pessoas bonitas em trajes bonitos. É uma das minhas memórias mais felizes. Quando Calliope começou patinação artística, eu queria fazer, também. Nós não éramos amigas, mas eu ainda pensava nela como alguém digno de admiração. O que significava copiar.

— Isso é bom — eu disse depois da minha primeira lição. — Mas quando recebo uma fantasia?

Andy apontou para o meu collant rosa claro. — Você vai usar esse, até que você esteja mais experiente.

Eu perdi o interesse.

Meus pais ficaram irritados. As aulas eram muito caras, então eles me fizeram terminar a temporada. Assim, posso afirmar que a patinação artística é difícil. Andy me falou de outras estrelas no gelo quando tinha treze anos, mas os meus devaneios de fazer eixos triplos em saias de lantejoulas estavam muito longe. Eu ainda me sinto mal que eu nem sequer tentei me divertir. Ele nunca perguntou de novo.

Andy deve ter perguntado sobre Calliope, porque Cricket está falando sobre sua agenda. — É um ano movimentado, por causa das Olimpíadas. Significa apenas práticas, mais promoção, mais stress...

— Quando ela vai saber se ela vai fazer parte da equipe olímpica? — Andy pergunta.

— Se ela for bem nas Nacionais, ela vai. Isso é em janeiro. Agora ela está trabalhando em seus novos programas, que ela vai levar para as primeiras competições do Grand Prix. Este ano, ela está fazendo Skate America e Skate Canadá. Então as Nacionais, Olimpíadas, ela está maluca.

— Você vai para todos eles? — Eu pergunto.

— A maioria deles. Mas eu duvido que eu vá para o Canadá. É durante uma semana ocupada na escola.

— Você já viu um monte de patinação no gelo.

Cricket puxa a carne amolecida abóbora do forno. — Oh, eu vi? Isso é raro? — Ele mantém uma cara séria, mas seus olhos faíscam.

Eu acabo jogando um pano de prato para ele. — Então, qual é o negócio com ela e com o segundo lugar? Você disse em sua primeira noite de volta.

— Cal é uma atleta muito talentosa, mas ela nunca patinou dois programas limpos em uma competição importante. Ela está convencida de que ela está amaldiçoada. É por isso que ela sempre muda de treinadores, e é por isso que ela prefere ficar em terceiro do que segundo. Quando ela fica em terceiro lugar, pelo menos ela está feliz. Mas em segundo lugar. Isso é muito próximo ao primeiro.

Eu parei de trabalhar novamente.

— Segundo dói. — Ele me olha por um momento antes de abaixar a cabeça para trás para as abóboras.

Andy estava enrolando a massa lentamente, depois de escutar nossa conversa com interesse. Ele pega uma faca e começa a cortar os QUEIJOS! — O que você tem feito, Cricket? O que você está estudando em Berkeley?

— Mecânica. Não é muito legal, não é?

— Mas é perfeito para você — eu digo.

Ele ri para si mesmo. — Claro que é.

— Eu quis dizer, é perfeito, porque você sempre esteve construído, você sabe as coisas mecânicas. Engenhocas e robôs e...

— Automaton — ele corrige. — É como um robô, mas completamente inútil. O tom negativo que tem em sua voz é desconcertante. É uma coisa rara de Cricket Bell. Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele dá um sorriso. — Mas você está certa. Combina comigo.

— Eu nunca vi ninguém fazer o que você pode fazer — Andy diz. — E a partir de uma idade tão jovem. Eu nunca vou esquecer quando você fixou a nossa torradeira com aquele cabide quando você tinha, o que, cinco anos de idade? Seus pais devem estar muito orgulhosos de você.

Cricket encolhe os ombros, desconfortável. — Eu acho.

Andy inclina a cabeça. Ele estuda Cricket por um longo momento.

Cricket voltou a trabalhar, e isso me lembra que eu tenho que voltar para o meu serviço. Eu começo a esmagar a batata-doce. A repetição é realmente calmante. Tanto quanto eu odeio perder um dia de folga, eu amo negócio do meu pai. Ele tropeçou nele acidentalmente quando ele assou uma torta de cereja com uma clássica cobertura de chantilly para um jantar, e todos ficaram surpresos. Eles nunca tinham provado nada assim antes.

Aí alguém lhe pediu para fazer outra torta, e então alguém naquela festa lhe pediu para fazer várias tortas. E virou um negócio em um piscar de olhos. Nathan brincando chamou Guy Pie, e o nome pegou. O logotipo é um homem de roupa retro com um bigode e um avental riscado, piscando e segurando uma pizza fumegante.

Com a aproximação da hora da entrega, falamos menos e menos. Até o momento que as últimas tortas estão fora do forno e em suas caixas, E Andy está arrumando as bordas novamente.

Estamos todos suando. Meu pai corre para fora para abrir as portas do carro, e eu pego duas caixas e saio correndo atrás dele. Quando terminamos de colocar as tortas com segurança dentro do carro a porta se abre.

Andy suspira.

Eu olho para encontrar Cricket segurando seis caixas... Em cada mão. E voando escada a baixo. — Meu Deus, meu Deus, meu Deus — Andy sussurra. Eu seguro seu braço com horror, mas Cricket caminha tranquilamente em nossa direção.

— Pronto para estas? — Ele pergunta.

As tortas ainda estão perfeitamente empilhadas.

Andy faz uma pausa por um momento. E então ele explode em gargalhadas. — Pode colocar no carro.

— O quê? — Cricket me pergunta quando meu pai vai embora.

— Talvez da próxima vez que você correr na escada você deva carregar menos caixas?

— Oh. — Ele sorri.

— Você seria um malabarista de circo excelente.

Ele aponta para as pernas. — Não precisaria nem alugar as palafitas²².

²² Pernas de pau

Eu observo a abertura para uma pergunta que eu queria fazer, mas eu hesitei. — Espero não ser rude...

— Então, você definitivamente vai ser.

Mas ele estava provocando, para que eu continuasse. — Exatamente qual é a sua altura?

— Ah, a questão da altura. — Cricket esfrega as mãos. Há uma equação matemática escrita lá hoje. — Seis quartos. — Ele sorri novamente. — Não incluindo o cabelo.

Eu ri.

— E ser magro me faz parecer ainda mais alto.

— E as suas calças apertadas — acrescento.

Cricket faz um barulho assustado.

OH meu Deus. Por que eu disse isso?

Andy reaparece, lhe dá um tapa nas costas, e então nós nos distraímos terminando de carregar o restante das tortas. Subo para o banco traseiro para mantê-las estáveis. Cricket segue atrás de mim, e mesmo que ele não tem que estar aqui, parece natural que ele deveria vir para a entrega. O tráfego do nosso bairro é previsivelmente lento, mas Andy acelera o resto do caminho a Russian Hill, passando por Alcatraz e teleféricos, para a área de alguns dos imóveis mais caros da cidade real.

Encontramos estacionamento na parte inferior da famosa Lombard Street, a colina íngreme, com curvas íngremes apelidada de - A rua mais torta da América. - A estrada estreita em ziguezague é pavimentada com tijolos vermelhos, cheios de flores vibrantes. Pegamos as tortas e eu fico boba quando Andy pega várias, a maioria delas foram colocadas nos braços do Cricket, lhe confiando para fazer a entrega de dois quarteirões de distância.

— Você está dez minutos atrasado, Guy Pie. — Uma mulher dura com cabelos penteados para trás abre a porta para nós. — Coloque-as lá dentro. Limpe os pés — acrescenta a Cricket quando ele cruza o limiar, cego pelas suas tortas.

Ele faz uma parada, limpa-los, e se move para frente.

— Mais — diz ela. — De novo.

Eu olho para o tapete. E ele está cheio de terra. Ele repete o processo mais uma vez, e então coloca as toras em uma mesa de cristal.

Há decantadores em sua sala de jantar. Ela está olhando para Cricket e para mim como se ela não gostasse do que vê. Que os adolescentes não tinham nada a ver com ela. Estamos em um silêncio desconfortável enquanto ela escreve um cheque Andy. Ele dobra-o uma vez e coloca no bolso de trás.

— Obrigado. — Ele olha em nossa direção antes de continuar. — E nunca me chame novamente. Sua empresa não é bem-vinda.

E então ele vai embora.

A mulher fica atordoada com indignação. As sobrancelhas de Cricket estão levantadas, e eu estou apenas mantendo meu riso sob controle quando eu saio para fora da porta.

— Bruxa — Andy acrescenta, quando nos juntamos a ele. — Ela olhou para vocês como se fossem...

Cricket examina a si mesmo. — Eu deveria estar coberto com as tatuagens da minha gangue.

— Eu não iria deixá-lo em minha casa — Andy diz.

Abraço meu estômago de tanto rir.

— Falando das aparências. — Cricket se vira para mim. — Eu tinha quase esquecido como você é.

O riso morre em minha boca. Não houve tempo para nada divertido quando Andy me acordou esta manhã, então eu coloquei um par de jeans e uma simples camiseta preta. Uma de Max. Eu não estou usando maquiagem, e meu cabelo está preso. Eu achei que não iria ver ninguém além de meus pais hoje.

— Oh. — Eu cruzo os braços. — Uh, sim. Esta sou eu.

— É um acontecimento raro ver Lola em sua verdadeira natureza — Andy diz.

— Eu sei — Cricket diz. — Eu não vi a Lola real desde a minha primeira noite de volta.

— Eu gosto de ser diferente.

— E eu gosto disso sobre você — Cricket diz. — Mas eu gosto de você de verdade melhor.

Eu sou muito auto-consciente para responder. O carona do carro é insuportável. Andy e Cricket começam a conversar, enquanto eu olho pela minha janela e tento não pensar sobre o menino ao meu lado. Seu corpo ocupa muito espaço. Seus braços longos e suas pernas finas. Ele tem que se curvar de modo que sua cabeça não vá bater no teto, embora seu cabelo ainda faça.

Eu chego mais perto da minha janela.

Quando chegamos em casa, estou feliz por ver Betsy e nossas pequenas coisas. Eu lanço meus braços em torno dela e respiro o seu cheiro. É mais seguro me concentrar em Betsy. Cricket se oferece para ajudar com os pratos, mas Andy se recusa quando pega sua carteira. — Você tem já fez muito hoje.

Cricket fica surpreso. — Isso não é necessário.

Andy estende vinte poucos dólares. — Por favor, pegue.

Mas Cricket coloca as mãos nos bolsos. — Eu devo ir para casa. Eu só vim entregar o seu pacote. — Ele acena para a caixa endereçada a mim, que ainda está no chão fora da cozinha.

Andy fica alarmado. — Ligou para seus pais? Será que eles sabem onde você está?

— Oh, está tudo bem. Eles tiveram um grande dia com Cal. Duvido que eles notaram que eu tinha ido embora.

Mas Andy não parece tranquilo. Alguma coisa está incomodando.

— Te vejo por aí. — Cricket chega à maçaneta.

Andy dá alguns passos para frente. — Gostaria de ir com a gente para Muir Woods no próximo domingo? Nós estamos tendo uma saída em família. Eu ficaria honrado se você se juntasse a nós, é o mínimo que posso fazer.

Muir Woods? Um passeio em família? O que ele está falando?

— Uh. — Cricket me olha nervosamente. — Ok.

— Certo! — Andy diz. Ele já está falando de cestas de piquenique e sanduíches de abacate, e minha mente está indo para o lado errado. Essa não é só a primeira menção de um dia de viagem, mas... Max.

— E o brunch de domingo? — Eu interrompo. Betsy se contorce quando eu a aperto.

Andy se volta para mim. — Ainda é para amanhã.

— Não. No próximo domingo.

— Oh — Andy diz, como se o pensamento acabasse de ocorrer a ele. Mesmo que ele não tenha. — Nós vamos ter que ignorá-lo na próxima semana.

Estou pasma quando Cricket vai embora. Meus pais nunca pediram Max para se juntar a nós. E Max é meu namorado. E Cricket é... Eu não sei o que Cricket é! Como vou explicar o cancelamento a Max? Eu não posso dizer a ele que eu vou a uma excursão com Cricket Bell. Eu abro a minha boca em indignação, mas eu estou muito furiosa para falar alguma coisa.

Andy tranca a porta e suspira. — Agora, por que você não podia namorar um rapaz como esse?

12

— Andy disse isso? — Lindsey pergunta. — Beijo da morte.

— Eu sei. Como se eu algum dia eu fosse atrás dele agora que *meu pai* quer que eu o namore.

— Certo... Certo.

Há uma pausa pesada no outro lado da linha. — Lola Nola, por favor, me diga que você não está pensando em Cricket Bell desse jeito.

— Claro que não estou! — E não estou. Definitivamente não estou.

— Por que ele partiu seu coração. Nós passamos dois bons anos o odiando. Lembra daquela página de fofoca que você enterrou no meu quintal? E a cerimônia em que jogamos a garrafa rosa nas ondas de Ocean Beach?

Sim. Eu lembro.

— E o seu namorado? Você se lembra do seu namorado? Max?

Eu franzo as sobrancelhas olhando para sua foto ao lado da minha cama. Sua foto franze de volta — Aquele que está me deixando para ir viajar.

— Ele não está te deixando. Pare de ser tão rainha do drama, Ned.

Só que ele está. Max anunciou no Brunch, essa manhã que Johnny já tinha garantido um show no Sul da Califórnia. O milagre é que é para o próximo sábado, então ele não poderia ir ao nosso próximo brunch, de qualquer jeito. Então não teve nenhuma necessidade de inventar qualquer desculpa para cancelá-lo.

— Eu não quero falar mais sobre garotos. — Eu digo. — Podemos em vez disso só conversar?

Só existe um tipo de programa de televisão em que eu e Lindsey concordamos: Programas que envolvem resolver crimes usando disfarces legais. *Alias*, *Pushing Daisies*, *Charlie's Angels*, and *The Avengers*²³ são nossos favoritos. Minha melhor amiga está feliz em

concordar, então não falamos de NENHUM garoto pelo restante do fim de semana. Mas eles estão em minha cabeça.

23 Series de TV

Meu namorado. Cricket. Meu namorado. Cricket.

Como Andy pôde me colocar nessa situação? Como ele pôde colocar uma família estúpida se sobressaindo assim? E eu estou frustrada por que desde que os Bells se mudaram de volta para cá, todo evento importante parece acontecer nos fins de semana. A escola sempre se arrastou, mas nada comparado com agora. Interminável.

E o trabalho? Esqueça. Eu perco a conta de quantos tickets eu imprimo errado, refrigerantes errados, salas erradas que eu varro. Até Anna - minha supervisora de melhor natureza, alguém que eu considero uma de minhas poucas amigas - finalmente perde a paciência quando eu volto do meu descanso do jantar, vinte minutos atrasada.

— Onde você esteve? Estou morrendo aqui. — Ela aponta com a cabeça para uma caixa no escritório enrolada enquanto ela dá o troco de alguém e pega o pedido da pessoa atrás dele.

— Eu sinto muito, perdi a noção do tempo. Tem essa coisa amanhã...

— Você fez isso ontem, também. Você me deixou na mão. Tinha, tipo, 60 pessoas no saguão com essas crianças escandalosas de cabelo ruim, e o projétil que aquela moça solteira espirrou em toda a minha janela, e foi totalmente de propósito, e...

— Eu sinto muito, Anna.

Ela levanta a mão em uma frustração apavorada, como se ela não quisesse mais ouvir, e me sinto terrível. Eu fui a uma loja de café Turco no quarteirão de baixo para me animar e acabei perdida em meus pensamentos. Não me sinto animada de jeito nenhum.

Na hora que o turno acaba e Andy me traz para casa, a casa dos Bell está escura. Cricket veio para casa? Suas cortinas não se moveram. Se ele não aparecer amanhã eu ficarei aliviada? Ou desapontada?

Eu planejo minha roupa. Se isto vai mesmo acontecer, eu preciso parecer melhor do que a última vez que o vi, mas eu não posso

parecer *tão* interessante. Eu não quero encorajá-lo. Eu escolho um top vermelho-e-branco (fofo) com jeans (chato). Mas pela manhã eu decidi que é uma pena irremediável, e eu mudo minha camisa duas vezes e minhas calças três vezes.

Eu fico com um similar vestido vermelho-e-branco de alcinhas, que eu fiz na verdade de uma toalha de piquenique do ultimo 4 de Julho. Eu adiciono um batom vermelho brilhante e pequenos brincos com formato de formiga para o tema, e as minhas grandes botas de plataforma pretas, porque caminhada estará inclusa. Eles são os sapatos mais esportivos que possuo. Eu aliso meu vestido, ergo minha postura, e desfilo escadas abaixo.

Não tem ninguém.

— Olá?

Sem resposta.

Meus ombros cedem. — Qual é o ponto de se ter uma escada se ninguém está aqui para ver minha entrada?

Atrás de mim, um meio sem fôlego — oi.

Eu me viro para encontrar Cricket Bell sentado em minha cozinha, e por alguma razão, sua visão me faz ficar meio sem fôlego, também. — Eu-eu não sabia que você estava aqui.

Cricket fica parado, quase derrubando sua cadeira num raro momento de falta de jeito. — Eu estava tomando um pouco de chá. Seus pais estão carregando o carro. Eles estavam te dando três minutos. — Ele olha para o relógio. — Você ainda tinha trinta segundos sobrando.

— Oh.

— Foi uma boa entrada — ele diz.

Nathan irrompe na sala. — Aí está você! Com vinte segundos de folga. — Ele me aperta em um abraço, mas rapidamente me solta e me olha de cima a baixo. — Eu pensei que você tivesse entendido que iríamos para a *natureza* hoje.

— Ha ha.

— Um vestido? Essas botas? Não acha que deveria trocar isso para algo menos...

— Não vale à pena brigar. — Andy toca sua cabeça. — Vamos lá. Vamos embora

Eu o sigo para fora para evitar a reprimida de Nathan. Cricket anda vários passos atrás de mim. É uma distância cuidadosa.

Eu imagino se ele está olhando para a minha bunda.

PORQUE EU PENSEI NISSO? Agora minha bunda parece COLOSSAL. Talvez ele esteja olhando para as minhas pernas. Isso é melhor? Ou pior? Eu quero que ele olhe para mim? Eu seguro a barra de meu vestido quando eu escalo o banco traseiro e me arrasto até o outro lado. Eu tenho certeza que ele está olhando para a minha bunda. Ele tem que estar. É enorme, e está logo lá, e é enorme.

Não. Estou ficando maluca.

Eu olho ao redor, e ele sorri para mim enquanto coloca seu cinto de segurança. Minhas bochechas ficam quentes.

O QUE TEM DE ERRADO COMIGO?

Como sempre, ele conversa facilmente com meus pais. Quanto mais relaxadas as pessoas estão, mais tensa eu fico. Nós estamos quase nos aproximando da Ponte Golden Gate, então estamos dirigindo há... Quinze minutos? Como pode?

— Lola, você está terrivelmente quieta — Nathan diz. — Você se sente bem?

— É enjôo pela viagem? — Andy pergunta. — Por que você não tem isso há anos.

— NÓS AINDA NEM ESTAMOS FORA DA CIDADE. NÃO É ENJÔ OPELA VIAJEM.

Um silêncio chocante.

— Talvez seja enjôo da viagem — eu minto. — Me desculpem. Eu sinto... Dor de cabeça, também. — Eu não posso acreditar que estou gritando sobre enjôo a um passo de Cricket Bell.

Respirações profundas. Respire profundamente. Eu ajusto meu vestido, mas o tecido gruda em minha perna, acidentalmente mostro minha coxa à Cricket. Dessa vez, eu o pego olhando. Seus dedos estão bagunçando seus braceletes e elásticos. Nossos olhares se cruzam.

Um elástico arrebenta e é atirado à janela.

O corpo de Cricket diminui em seu assento. — Desculpem! Desculpem.

E eu estou estranhamente aliviada por saber que não sou a única que está pirando.

13

Já faz anos que estive aqui, mas Muir Woods ainda faz com que eu me sinta como se tivesse pisando em um conto de fadas. É uma floresta encantada, tenho certeza disso. Entre as árvores tem diabólicos duendes de madeira e tampas de cogumelos vermelhos com pontos brancos e fadas mortalmente tentadoras com frutas douradas. As sequóias têm o mesmo efeito calmante em mim que a lua. Elas parecem tão antigas como a lua. Antigas e belas e sábias.

E eu preciso disso agora.

O restante do caminho foi agitado, mas pelo menos passou rapidamente. O parque fica a apenas 40 minutos de casa. Após passear na trilha por um tempo, nos separamos. Nathan e Andy, Cricket e eu. Nós vamos nos encontrar no carro em poucas horas, e porque não é Max, meus pais não me pedem para irmos com eles. Se eu não soubesse melhor, eu poderia jurar que eles estão tentando me arranjar outro namorado.

Espere. Os meus pais estão tentando me arranjar?

Não, eles sabem que eu tenho um namorado. E Nathan odeia a idéia de eu namorar alguém. Eles devem ver Cricket como o amigo de confiança que ele é. Certo?

— Está tudo bem se eu comer isso na sua frente? — Cricket parece hesitante.

Estamos sentados ao lado do riacho que atravessa o parque, metade do piquenique espalhado diante de nós. Ele segura o sanduíche que Andy fez para ele. É de salmão defumado com cream cheese e fatias de abacate. — Claro. Por que não seria?

Ele aponta para o meu wrap com hummus. — Você ainda é vegetariana, certo?

— Oh. Sim. Mas não me incomodo em ver outras pessoas comendo carne, eu simplesmente não consigo pensar em eu mesma comendo — Faço uma pausa. Obrigado por perguntar. A maioria das pessoas não perguntam.

Cricket se vira para o riacho borbulhante e estica as pernas. Suas calças estão bem desgastadas, com listras desbotadas e bainhas desfiadas. É apropriado para o ar livre, e enquanto seu guarda-roupa está em causa, mais uma vez, me vejo admirando o seu senso de estilo. Deus, ele tem bom gosto.

— Eu só não quero te ofender — Ele abaixa seu sanduíche, mas se volta para as sementes de papoula no pão. — Quero dizer, mais do que eu já tenho feito.

Um nódulo se forma na minha garganta. — Cricket. Você nunca me ofendeu.

— Mas eu te machuco — Sua voz fica baixa. — Eu gostaria de não ter feito.

As palavras estão saindo antes que eu possa detê-las. — Estávamos tão perto, e então você só me deixou. Eu me senti como uma idiota. Eu não entendo o que aconteceu. Ele pára de encarar as sementes de papoula. — Lola. Há algo que eu preciso te dizer.

A aceleração do meu batimento cardíaco é repentina e dolorosa. — O que é?

Cricket me encara com todo o seu corpo. — Quando falamos em nossas janelas naquela última noite — ele diz — eu sabia que algo estava errado. Eu poderia dizer que você estava magoada, quando eu pensei que era o único que deveria estar machucado. Mas eu estava tão chateado por estar me mudando que levei semanas para juntar os pedaços.

Viro-me para ele. Por que ele deveria ser o único ferido? Ele me excluiu.

Há uma pausa atroz enquanto ele move seus dedos tensos. — Minha irmã mentiu. Eu não sabia sobre a festa até que chegamos em casa e uma multidão de pessoas pulou e gritou — surpresa... — Cal me contou que ela tinha te convidado, e que você a rejeitou. Eu acreditei nela. Foi só depois que eu percebi você estava magoada, porque ela não tinha te chamado

A raiva cresceu dentro de mim. — Por que ela faria isso?

Ele parece envergonhado. — Ela se esquivou da pergunta, mas é óbvio, não é? Ela alegou que estava tentando fazer algo de bom, uma festa para mim, não para ela ou para ambos de nós. Às vezes...

Eu esqueço. Mas ela fez isso por medo, porque ela pensou que estava me perdendo.

— Você quer dizer, ela fez isso por maldade, porque ela é uma vadia. — Minha própria fúria me assusta.

— Eu sei que parece isso, mas não é. E é — Cricket sacode a cabeça. — Tem sido nós dois por tanto tempo. Sua carreira não lhe deu uma vida lá fora. Ela estava com medo de ser deixada para trás.

E eu sou tão culpado, eu deixava-a agir assim, porque ela era tudo que eu tinha, também.

Não. Ela não era.

Ele olha para suas mãos. Qualquer palavra que ele tenha escrito lá foi riscada. Há apenas um risco preto. — Lola, você era a única pessoa que eu queria lá naquela noite. Eu era louco por você, mas eu não sabia o que fazer. Era paralisante. Houve tantas vezes que eu quis pegar sua mão, mas... Eu não podia. Esse pequeno movimento parecia impossível.

Agora eu estou olhando para as minhas mãos também. — Eu teria deixado você pegar.

— Eu sei. — Sua voz quebra.

— Eu tinha um presente para você e tudo mais.

— Tenho certeza de que teria adorado. Fosse o que fosse — Ele parece com o coração partido, e o som rompe o meu. — Eu tinha algo para você também.

— Em seu aniversário? — Isso é tão parecido com ele. Há outra dor aguda em meu peito.

— Eu fiz este mecanismo que poderia correr entre nossas janelas, e eu pensei que nós poderíamos usá-lo para enviar cartas ou presentes. Ou qualquer coisa. Sei que são estúpido agora, eu sei. Mas era algo que um garotinho poderia pensar

Não. Isso não parece estúpido.

— Era para estar pronto no seu aniversário, mas eu queria que fosse perfeito. Pelo menos, é isso que eu dizia a mim mesmo. Mas eu estava protelando. Eu estraguei tudo. Eu confundi tudo

Eu rasguei o final do meu rap de hummus. — Calliope confundiu tudo.

— Não. Ela nunca teria sido um problema se eu lhe dissesse o que eu sentia. Mas eu não disse, nem mesmo quando eu sabia que estávamos nos mudando.

— Você sabia que você estava se mudando? — Estou chocada. Por alguma razão, essa notícia é pior do que a traição de Calliope. Como ele poderia manter isso de mim?

— Eu não poderia te dizer — Seu corpo se torce em miséria. — Eu pensei que você desistiria de mim. E eu continuei esperando que a mudança não acontecesse realmente, mas foi confirmado naquela noite.

Ele espera que eu olhe para ele. De alguma forma, eu faço. Estou esmagada pela tristeza e confusão. Eu não agüento mais. Eu quero que ele pare, mas ele não o faz. — Eu só vou dizer isto mais uma vez. Claramente, então não há nenhuma chance de interpretação errada. — Seus olhos escurecem nos meus. — Eu gosto de você. Eu sempre gostei de você. Seria errado para mim voltar para sua vida e agir de outra forma.

Estou chorando agora. — Cricket... Eu tenho namorado.

— Eu sei. Isso é péssimo.

Isso me surpreende, e eu dou uma risada abafada. Cricket empurra um guardanapo para eu assô meu nariz. — Sinto muito — ele diz. — Foi errado dizer isso?

— Não.

— Você tem certeza?

— Não.

Somos capazes de rir enquanto eu enxugo minhas lágrimas sujas de rímel, mas o nosso almoço é retomado em um silêncio agonizante. A distância entre nós parece muito perto, muito, muito perto. É mais quente do que deveria ser sob esse dossel verde. Minha mente palpita. *Eu sempre gostei de você.* Como teria sido minha vida se eu soubesse disso sem dúvida? Ele ainda teria se mudado. *Eu sempre gostei de você, eu sempre gostei de você, eu sempre gostei de você.* Mas talvez nós tivéssemos mantido contato. Talvez nós estivéssemos juntos agora. Ou talvez eu teria perdido o interesse. Estou apenas fixada em Cricket por causa da nossa

história traumática? Porque ele foi a minha primeira paixão? Ou algo sobre ele transcende isso?

Ele está polindo a casca de uma maçã dourada contra o seu braço. Fadas. Tentação.

— Se lembra daquele dia que eu te fiz o elevador? — Ele pergunta de repente.

Dou-lhe um leve sorriso. — Como eu poderia esquecer?

— Esse foi o dia em que tive meu primeiro beijo.

Meu sorriso desaparece.

— Estou melhor agora — Ele coloca a maçã ao meu lado. — Beijando. Só para você saber

— Cricket...

Ele segura meu olhar. Seu sorriso é triste. — Eu não vou. Você pode confiar em mim.

Eu tento não chorar novamente. — Eu sei.

Apesar desta complicação - sabendo que ele gostava de mim então, sabendo que ele gosta de mim agora, e sabendo que ele nunca me machucou propositalmente, enquanto nós andamos através dos bosques, a neblina entre nós levanta. O ar está carregado, mas claro. Eu sou tão egoísta? Será que eu só preciso me sentir desejada? Mas quando eu estudo-o no caminho para casa... Eu não posso deixar de notar seus olhos.

Há algo sobre seus olhos azuis. O tipo de azul que assusta cada vez que você está olhando em sua direção. O tipo de azul que faz com que você ache que eles olham para você de volta. Não azul, verde ou azul cinza, o azul que é só azul. Cricket tem esses olhos.

E sua risada. Eu tinha esquecido como é fácil. Nós quatro estamos rindo sobre algo estúpido daquela forma tola que acontece quando você está esgotado. Cricket conta uma piada e se vira para ver se eu estou rindo, se eu acho que ele é engraçado, e eu quero que ele saiba que eu acho que ele é engraçado, e eu quero que ele saiba que eu estou feliz que ele ser meu amigo, e eu quero que ele saiba que ele tem o maior coração do que qualquer um que eu já conheci. E eu quero pressionar a palma da mão contra o seu peito para senti-lo bater, para provar que ele está realmente aqui. Mas não podemos nos tocar.

Todo mundo ri de novo, e eu não sei por que. Cricket olha para a minha reação novamente, e eu não posso deixar de rir. Seus olhos se iluminam. Eu tenho que olhar para baixo, porque eu estou sorrindo muito. Eu vejo meus pais pelo espelho retrovisor. Eles têm um tipo diferente de sorriso, como se soubessem um segredo que nós não.

Mas eles estão errados. Eu sei o segredo.

Eu fecho meus olhos pesadamente. Eu sonho em atravessar o banco de trás e tocar sua mão. Apenas uma mão. Fechar lentamente, firmemente em torno da minha, e a sensação de sua pele contra a minha é espantosa. Eu nunca senti nada como isso antes. Eu não acordo até eu ouvir a sua voz. — Quem é essa? — ele pergunta, sonolento.

Algumas pessoas afirmam saber quando algo ruim está para acontecer, bem antes que isso realmente ocorra. Eu sinto medo na sua pergunta, embora eu não possa dizer por quê. Seu tom era inocente o suficiente. Talvez seja o silêncio no banco da frente que é tão ensurdecedor. Abro os olhos quando o carro para em frente da nossa casa. E eu descubro o profundo sentimento em meu intestino está certo. Está sempre certo.

Porque, desmaiada na varanda da frente, está minha mãe biológica.

14

Pele e osso. Eu não via Norah há meses. Eu não sei se é possível, mas ela perdeu mais peso. Desde que eu me lembro, Norah sempre foi bem magrela. Agora, com corpo encostado no parapeito da varanda, suéter enrolado em um travesseiro para apoiar a cabeça, ela parece uma pilha de galhos envolta em trapos hippies.

Ela está só dormindo? Ou ela está bêbada de novo?

Eu corei de vergonha. Essa é minha mãe e eu não quero que Cricket a reconheça, mesmo que seja óbvio quando os pedaços forem colocados juntos, agora que a pergunta paira no ar. Nathan está rígido. Ele coloca o carro em nossa garagem e desliga o motor. Ninguém sai. Andy desabafa com um xingamento.

— Nós não podemos deixá-la aqui. — Ele diz depois de um minuto.

Nathan sai, e Andy o segue. Vou pro meu lugar para observá-los cutucando-a, e ela imediatamente acorda assustada. Eu solto a respiração que eu nem sabia que estava segurando. Saio do carro e xingo pelo mau cheiro do odor corporal. Cricket está ao meu lado, e ele está falando, mas suas palavras não alcançam meus ouvidos.

Porque é minha mãe.

Com mal cheiro.

Na minha varanda.

Eu desvio dele e subo as escadas, passando Norah e meus pais. — Eu adormeci esperando vocês chegarem em casa — ela se pressiona eles. — Eu não estou bêbada. Apenas despejada — Mas me concentro na minha chave na minha mão, na minha chave na fechadura, nos meus pés para o meu quarto. Eu desabo na cama, mas uma voz diz algo sobre uma cortina, isso não vai parar no papo da cortina. Então, eu me levanto pra pedir silêncio e volto para baixo. Eu os ouço na sala de estar.

— Dezoito meses? — Nathan pergunta. — Você me disse que era doze desde o seu último pagamento. Pensei que já tinha trabalhado

isso. O que você espera que eu...

— EU NÃO PRECISO DA SUA AJUDA. EU SÓ PRECISO DE UM LUGAR PRA DORMIR.

O bairro inteiro pode ouvir a gritaria que dura minutos antes que ela abaixe a voz. Eu olho o relógio no meu telefone.

Ligação de Lindsey. Eu olho pro seu nome, mas não respondo.

Quando eu era pequena, eu pensava que meus pais eram só amigos que moravam juntos. Eu queria morar com a Lindsey quando eu crescesse. Levou um tempo até que eu entendesse que a situação era um pouco mais complicada que isso. Mas quando eu entendi, não fez diferença. Meus pais eram meus pais. Eles se amam e eles me amam.

Mas sempre houve um incômodo em um canto obscuro da minha mente.

Nathan e Andy tinham todo o meu apoio, assim como eu tinha todo o apoio deles. Por que eu não conseguia dar esse apoio para Norah? Eu sei que ela não tinha condições de cuidar de mim. Mas por que ela nem tentou? E por que nós não éramos - nós três, sua família - um motivo para ela tentar agora? Ela podia não estar mais nas ruas, mas... Mas, agora, ela está. Por que é tão impossível pra ela ser uma adulta normal?

Meu telefone toca. Lindsey enviou uma mensagem: "*Eu escutei. O q posso fazer? Xoxo*"

Meu coração caiu feito uma pedra. Ela escutou? Quanto tempo Norah estava lá fora? Quantas pessoas a viram? Eu imagino o que meus colegas vão dizer quando descobrirem que eu tenho um fio pela metade no meu código genético. Imagina. É a única explicação para alguém que estragou tudo. Ela deve ter perdido enquanto Lola estava útero. Mas isso não é verdadeiro. Eu não sou metade perdedora. Estou cem por cento. Eu fui criada a partir do lixo da rua.

Andy bate na minha porta. — Lo? Posso entrar?

Eu não respondo.

Ele pergunta de novo. Quando eu não respondo, ele diz — estou entrando. Minha porta abre.

— Oh, querida. — Sua voz é de partir o coração. Andy senta na ponta da cama e coloca a mão nas minhas costas e eu começo a

chorar. Ele me pega e me segura, e eu me sinto pequena e indefesa enquanto eu choro tudo na blusa dele.

— Ela me envergonha tanto. Eu a odeio.

Ele me abraça mais forte. — Algumas vezes, eu também a odeio.

— O que vai acontecer?

— Ela ficará aqui por um tempo.

Eu vou pra trás. — Por quanto tempo? — Eu deixei uma poça de sombra vermelha em seu ombro. Eu tento limpá-la, mas ele gentilmente pega a minha mão. A camisa não importa.

— Só uma semana ou duas. Até a gente achar um novo apartamento pra ela.

Eu encaro meus dedos vermelhos e fico com raiva que Norah tenha me feito chorar de novo. Estou com raiva porque ela está na minha casa. — Ela não se importa com a gente. Ela só está aqui porque ela não tem outra opção.

Andy suspira. — Então nós não temos outra opção senão ajudá-la. Né?

Começa a ficar escuro lá fora. Ligo pra Lindsey.

— Graças a Deus! Cricket ligou duas horas atrás e eu estava tão preocupada. Você está bem? Quer que eu vá aí? Você quer vir pra cá? Tá muito ruim?

Uma explosão na minha cabeça. — Cricket contou pra você?

— Ele estava preocupado. Eu estou preocupada.

— Cricket contou pra você?

— Ele ligou para o restaurante e deu o número dele para meus pais e pediu pra que eu ligasse de volta. Ele disse que era uma emergência.

Eu segurei meu telefone com mais força. — Então você não a viu? Ou a escutou? Ou escutou sobre isso por alguma pessoa?

Lindsey entendeu sobre o que era o problema. Sua voz ficou mais calma. — Não. Eu não escutei nada dessa vizinhança esperta. Eu não acho que ninguém reparou nela.

E eu relaxei e deixei a tristeza e a frustração voltar. Depois de quase um minuto de silêncio, Lindsey pergunta de novo se eu gostaria de ficar com ela. — Não. — Eu digo. — Mas eu converso com você sobre isso amanhã.

— Ela não estava... Estava?

É fácil responder sua lacuna. — Não estava drogada, nem bebada. Só Norah.

— Bem — ela diz. — Pelo menos, isso.

Mas é humilhante ela ter de perguntar. Escuto um sinal sonoro na outra linha. Max. — Eu tenho que ir. — Eu transfiro a chamada com medo. A visão do meu namorado no brunch com Norah passa pela minha cabeça. Isso me obriga a colocar uma pressão ainda maior sobre seu relacionamento com minha família. O que ele vai pensar dela? Será que vai mudar sua opinião sobre mim? E se... E se ele encontra alguma coisa de mim em Norah?

— Senti saudade — ele diz. — Você vem pro show hoje?

Eu tinha esquecido isso. Eu estive tão fixada no show da noite passada que eu nem lembrava que ele estaria de volta aqui para outro show esta noite. — Hum, eu acho que não. — As lágrimas já estão se formando. Não, não, não. Não chore. Estou farta de chorar hoje.

Eu praticamente o escutei sentar. — O que está acontecendo?

— Norah está aqui. Ela vai ficar conosco.

Silêncio. E depois — Meeeerrddaaa. — Ele disse de uma vez só. — Sinto muito.

— Obrigada. Eu também — eu acrescento.

Ele dá um pequeno sorriso de entendimento, e eu fico surpresa pela forma como ele fica com raiva quando eu lhe conto a história completa. — Então ela espera que seus pais a tirem disso?

Eu rolo para o meu lado, ainda na minha cama. — Como sempre fazemos.

— O que fode tudo é seus pais deixarem que ela tire vantagem deles de novo.

Este pensamento já me ocorreu diversas vezes ao longo dos anos, mas eu ainda não sei se é verdadeiro. Eles, especialmente Nathan, estão deixando? Ou ela estaria mais perdida se não fossem eles? — Eu não sei. — Eu digo. — Ela não tem mais ninguém pra recorrer.

— Escute a si mesma. Você está defendendo-os. Se eu fosse você, eu estaria puto. Eu não sou você e estou puto.

Sua raiva alimenta a minha. Está ficando mais fácil falar sobre isso, falar sobre qualquer coisa. Nós ficamos mais uma hora até que ele precisa colocar as coisas na van pro seu show. — Você quer que eu te pegue? — ele pergunta.

Eu digo a ele que sim.

Eu me senti tão enfurecida, como não me sentia em anos. Acho que um vestido de gaze preta, que eu nunca gostei muito, na parte de trás do meu armário, e rasgo a barra pra ficar mais curto.

Maquiagem laranja e amarelo. Peruca vermelha. Botas que amarram nos joelhos.

Hoje estou pegando fogo.

Eu desço feito um raio. Meus pais estão falando baixinho na cozinha. Eu não tenho nenhuma idéia de onde Norah está, e também não me importo. Eu escancaro a porta da frente, e escuto uma voz alta — HEY! — Mas eu já estou correndo até a calçada. Onde está o Max? Onde ele está?

— Dolores Nolan, traz sua bunda de volta aqui — Nathan diz da porta.

Andy está atrás dele. — Onde você pensa que vai?

— Eu vou pro show do Max! — Gritei de volta.

— Você não vai a lugar nenhum nesse estado ou vestida desse jeito — Nathan diz.

Uma van branca familiar vira a esquina e acelera na nossa rua. Andy xinga, e meus pais correm até a porta, mas bloqueiam um ao outro no processo. A van inclina com a freada. Johnny desliza a porta para abrir.

— Não entra nessa van — Nathan grita.

Eu dou a mão a Johnny. Ele me puxa pra dentro e bate a porta. Eu bato em um címbalo²⁸ dobrado parado enquanto a van sacode quando anda pra frente, e eu grito de dor. Max deixa escapar uma seqüência rápida de palavrões ao ver sangue escorrendo pelo meu braço. A van sacode com outra parada enquanto ele se inclina para trás para se certificar de que estou bem.

²⁸ Instrumento musical.

— To bem, to bem! Vai!

Eu olho pela janela e vejo meus pais na calçada congelados sem conseguir acreditar no que fiz. E atrás deles, sentado nos degraus da lavanda Vitoriana - como se eles estivessem lá por muito, muito tempo - estavam Cricket e Calliope Bell.

A van rugiu e saiu.

15

Eu não deveria ter vindo aqui.

Falta muito tempo para a banda ficar pronta e eu fico sozinha o tempo todo. Eu não trouxe o meu celular, então eu não posso ligar para Lindsey. O clube é frio e nada amigável. Limpei o sangue do meu braço no banheiro, mas foi só um arranhão. Estou inquieta. E me sinto estúpida. Meus pais vão ficar furiosos, Norah ainda vai estar em minha casa, e os gêmeos serão testemunhas de outro ato insensato. A memória de suas expressões é quase demais para suportar: O desprezo de Calíope, a dor de Cricket, o choque dos meus pais.

Estou em tantos problemas.

Como sempre, minha mente retorna de novo e de novo para Cricket Bell. Muir Woods parece que foi há muito tempo. Eu me lembro o que eu senti, mas eu não posso me lembrar como.

— Lola?

O QUE É ISSO? QUEM ESTA AQUI? Quem os meus pais enviaram? Eu estou quase surpresa de que eles mesmos não apareceram.

— Nós pensamos que era você. — É Anna.

— Difícil dizer, às vezes. — E St. Clair.

Eles estão de mãos dadas e sorrindo, e eu estou tão aliviada que eu caio para trás contra a parede de tijolos do clube. — Obrigado Deus, são vocês.

— Você está bêbada? — ela pergunta.

Eu me endireito e levanto meu queixo. — NÃO. O que vocês estão fazendo aqui?

— Estamos aqui para ver banda de Max — St Clair diz lentamente.

— Desde que você nos convidou? Na semana passada? Se lembra? — Anna responde diante a minha confusão.

Eu não me lembro. Eu estava tão preocupada com a turnê de Max e a viagem de um dia com Cricket que eu poderia ter convidado o

editor da Teen e ter esquecido. — Claro. Obrigado por vir — eu digo distraidamente.

Eles não compram isso. E acabo derramando outra história particular para eles: A história do nascimento de meus pais. Anna agarra a banana em seu colar, como se o pingente minúsculo fosse um talismã. — Sinto muito, Lola. Eu não tinha idéia.

— Muitas pessoas não têm.

— Então Cricket estava com você quando você a encontrou na sua varanda? — St. Clair pergunta

Sua pergunta atrai toda a minha atenção. Eu propositalmente tinha deixado Cricket fora da história. Eu estreito meus olhos. — Como você sabia disso?

St. Clair encolhe os ombros, mas ele parece culpado. Como se ele disse algo que não deveria ter dito. — Ele mencionou algo sobre uma viagem com você. Isso é tudo.

Ele sabe. St. Clair sabe que Cricket gosta de mim. Eu me pergunto se eles já se falaram esta tarde, se St. Clair já sabe o que aconteceu com minha mãe. — Eu não acredito nisso — eu digo.

— Perdão? — ele diz.

— Cricket te disse. Ele disse a você sobre tudo isso, sobre a minha mãe. — A raiva cresce dentro de mim novamente. — É por isso que você está aqui? Ele mandou você para me checar?

O semblante de St. Clair endurece. — Eu não tenho falado com ele há dois dias. Você convidou Anna e eu, então nós viemos. Obrigado.

Ele está dizendo a verdade, mas minha paciência já está fervendo. Anna agarra meu braço e me leva para frente. — Ar fresco — ela diz. — Ar fresco seria bom.

Eu a empurro e me sinto terrível ao ver sua expressão ferida. — Eu sinto muito. — Eu não posso olhar para qualquer um deles. — Você está certa. Eu vou sozinha.

— Você tem certeza? — Mas ela parece aliviada.

— Yeah. Eu estarei de volta. Desculpe — eu murmuro novamente. Eu gasto míseros quinze minutos lá fora. Quando eu volto, o clube está lotado. Quase não há lugar para ficar de pé. Anna tinha roubado um banquinho de madeira de um dos poucos

assentos daqui. St. Clair está perto dela, de frente para ela, e ele alisa a faixa de platina em seu cabelo. Ela o puxa para ainda mais perto pela parte superior de seus jeans, um dedo enfiado dentro. É um gesto íntimo. Eu tenho vergonha de assistir, mas eu não consigo desviar o olhar.

Ele a beija lenta e profundamente. Eles não se importam que qualquer um possa assistir. Ou talvez eles tenham esquecido que eles não estão sozinhos. Quando eles se separam, Anna diz algo que o faz cair na boba gargalhada de menino. Por alguma razão, esse é o momento que me faz virar. Algo sobre o amor deles é doloroso.

Dirijo-me em direção ao bar para pegar uma garrafa de água, mas Anna me chama novamente. Eu volto, me sentindo irracionalmente preocupada que eles estão aqui.

— Melhor? — St. Clair pergunta, mas não de uma forma mal intencionado. Ele parece preocupado.

— Yeah. Obrigado. Desculpe por tudo isso.

— Não tem problema. — E eu acho que nós estamos deixando por isso mesmo, quando ele acrescenta: — Eu entendo como é se envergonhar de um pai. Meu pai não é um bom homem. Eu não falo sobre ele também. Obrigado por confiar em nós.

Seu tom sério me assusta, e eu estou comovida por esse raro vislumbre de sua vida. Anna aperta sua mão e muda o assunto. — Eu estou ansiosa com isso. — Ela balança a cabeça em direção a banda no palco. A guitarra de Max está mais baixa enquanto ele ajusta algo em seu amplificador. Eles estão prestes a começar. — Você vai nos apresentar a ele mais tarde, certo?

Max tem estado ocupado demais para sair e dizer Olá. Eu me sinto mal sobre isso. Eu me sinto mal a respeito de tudo esta noite. — É claro. Eu prometo.

— Você se esqueceu de mencionar que ele é muito mais alto do que nós.

Havia preocupação em sua voz.

St. Clair, de volta a si mesmo, está claramente pronto para dar uma resposta maliciosa, e eu estou satisfeita que o momento em que ele abre a boca é o mesmo momento em que Amphetamine explode. Suas palavras - todas as palavras exceto a do meu

namorado - se perderam. A intensidade de radiação de Max espelha o que eu sinto queimando dentro de mim mesma. Suas letras são, por sua vez, terna e doce, mordaz e cruel. Ele canta sobre se apaixonar, terminar e fugir, e não é nada que já não foi cantado antes, mas é o jeito que ele canta. Cada palavra é saturada de verdade amarga.

Johnny e Craig impulsionam um ritmo agressivo, e Max ataca sua guitarra com uma ferocidade sem precedentes. As canções se convertem em algo abertamente malicioso como a multidão que estava reunida desconfiara e quando chega à hora do número acústico, sua habitual introspecção se voltou agressiva e cínica. Seus olhos cor de âmbar se encontraram com o meu através da habitação, me enchendo com sua atitude viciosa. Eu sei que é errado, mas ele só me faz querer mais dele. A multidão está febril e delirante. É a melhor performance que ele já deu.

E é para mim.

Quando acaba, eu me viro para meus amigos para ver sua reação. Anna e St. Clair parecem chocados. Impressionados, mas... Definitivamente chocados.

— Ele é bom, Lola. Ele é *realmente* bom — Anna diz, finalmente.

— Será que ele já considerou terapia? — St. Clair pergunta, e

Anna lhe cotovela nas costelas. — Ow. — Eu o encaro, e ele encolhe os ombros.

— Foi incrível — ele continua. — Eu estou apenas apontando a presença de uma raiva solta.

— Como você...

— Eu preciso ir ao banheiro — Anna diz. — Por favor, não mate o meu namorado enquanto eu estiver fora. E não saia até que

eu tenha conhecido Max! Ele está tecendo seu caminho em direção a nós agora. As pessoas estão batendo nas suas costas e tentando envolvê-lo em uma conversa, mas os olhos de Max estão só nos meus enquanto ele passa por eles. Meu coração bate mais rápido. As raízes escuras de seu cabelo descolorido e sua camiseta preta estão suando. Eu me lembro da noite em que nos conhecemos, e há um surto dentro de mim que é quase animalesco.

Max endurece quando ele chega para um abraço. Ele notou St. Clair. Sua mandíbula se tenciona enquanto ele o analisa, mas St. Clair se apresenta em uma introdução fácil. — Etienne St. Clair.

Minha namorada Anna — ele aponta para sua namorada que já havia saído — nós trabalhamos com Lola no teatro. Você deve ser Max.

Meu namorado relaxa. — Certo. — Ele aperta a mão estendida de St. Clair, e depois ele já está me puxando para fora.

— Vamos lá. Vamos sair daqui.

Max. Sim, eu quero estar com máx.

— Obrigado por terem vindo. Diga adeus Anna para mim, ok?

St. Clair parece chateado. — Yeah. Claro.

Max me leva até sua van. Ele abre a porta, e eu estou surpresa em descobrir que ela ainda esta vazia. Entramos. — A próxima banda está usando a bateria de Johnny. Pedi aos caras para esperar alguns minutos antes de carregar o resto. — Eu fecho a porta, e nós estamos em cima um do outro. Eu quero esquecer tudo. Eu o beijo forte. Ele pressiona com mais força. Isso não demorou muito.

Estamos em colapso. Eu fecho meus olhos. Minha cabeça ainda está pulsando com o som de sua música. Eu ouço o toque do isqueiro de Max, mas o cheiro que eu sinto não é fumaça de cigarro. É doce e pegajoso. Ele me cutuca numa oferta silenciosa.

Eu me recuso. O contato é o suficiente.

Max me deixa em torno das duas da manhã. Eu esqueço a minha peruca em sua van. Eu me sinto um desastre. Mais uma vez, estou atormentada com culpa, raiva e confusão. Eu me arrasto para dentro, e meus pais estão lá, como se estivessem esperando na porta desde que saí. Eles provavelmente tinham. Preparo-me para sua ira.

Ela não vem.

— Graças a Deus. — Andy cumprimenta em nosso chaise longue.

Meus pais estão ambos à beira das lágrimas, o que me faz chorar pela centésima vez hoje, enorme e embaraçosos soluços. — Sinto muito.

Nathan me abraça em um aperto de ferro. — *Nunca* mais faça isso de novo.

Eu estou tremendo. — Não vou. Sinto muito.

— Falaremos sobre isso amanhã, Dolores. — Nathan me leva até lá em cima, e Andy está atrás. Estou fechando a porta do meu quarto quando Nathan diz: — Você está cheirando a maconha. Nós vamos falar sobre isso amanhã também.

Eu abro minha janela e olho para o céu à noite. — Preciso de sua ajuda.

A lua esta fina, um pedaço de uma meia-lua minguante. Mas ela esta ouvindo.

São quatro da manhã. Eu não consigo dormir, então eu digo a ela sobre as minhas últimas vinte e quatro horas. — E eu não sei o que fazer — eu digo. — Está tudo acontecendo ao mesmo tempo, mas tudo que eu faço parece ser errado. *O que eu devo fazer?*

A janela de Cricket se abre. Eu procuro meu par de óculos mais próximo para que eu possa vê-lo. Seu cabelo esta despenteado de dormir, ainda mais alto do que o habitual, e seus olhos estão semicerrados. — Você ainda conversa com a lua? — Sua pergunta não é condescendente, é curiosa.

— Bastante tonta, hein?

— Nem um pouco.

— Eu te acordei? Você me ouviu?

— Eu ouvi você falando, mas não ouvi o que você disse.

Deixo escapar um suspiro lento de alívio. Eu preciso ser mais cuidadosa. Não escapa da minha atenção que é bom saber quando alguém está dizendo a verdade. — O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto. — É domingo à noite, você deveria estar no seu dormitório.

Cricket está quieto. Ele está decidindo como responder. Um carro com músicas de clube passa pela nossa rua, procurando por um estacionamento. Quando o ruído diminui pela distância, ele diz — Eu queria me certificar que você estava bem. Eu estava esperando a sua luz acender. Eu caí no sono. — Ele parece culpado.

— Oh.

— Vou sair cedo esta manhã. — Cricket procura em seu quarto um relógio. Ele suspira. — Em duas horas, na verdade.

— Bem, eu estou aqui. Eu fiz isso. Mal.

Ele olha para mim. É tão intenso que é quase invasivo. Olho para o beco entre as nossas casas, e um gato de rua está vagando pela pilha de composto de Andy. — Você não tinha que fazer isso — eu digo.

— Eu provavelmente não deveria. Eu não sou a pessoa certa para você conversar.

— É por isso que você ligou para Lindsey?

Ele encolhe os ombros, desconfortável. — Você falou com ela? Antes de sair?

— Yeah. — O gato salta para o nosso caixote de lixo. Ele olha para cima, e seus olhos assombrados olham para mim através da escuridão. Eu tremo.

— Você está com frio — Cricket diz. — Você deveria ir para a cama.

— Eu não consigo dormir.

— Você se sente melhor? — Ele pergunta. Max ajudou?

Estou cheia de vergonha. — Eu não sei — eu sussurro.

Estamos em silêncio por vários minutos. Viro a cabeça e assisto a rua, a lua, à rua. Eu sinto ele me olhar, as estrelas, eu. O vento está mordendo. Eu quero ir para dentro, mas eu estou com medo de perder sua companhia. Nossa amizade está à beira da extinção novamente. Eu não sei o que quero, mas eu sei que eu não quero perdê-lo.

— Cricket?

— Sim?

Eu arrasto meu olhar do céu até encontrar seus olhos. — Você vai voltar para casa na próxima semana?

Ele os fecha. Eu tenho a estranha sensação de que ele está agradecendo alguém.

— Sim — ele diz. — Claro.

16

Nathan me acorda cedo para que possamos conversar antes da escola. Também como castigo, eu suponho. Só tive três horas de sono. Enquanto eu me visto, eu espreito através das minhas cortinas e descubro que Cricket deixou a sua aberta. Sua habitual mochila de couro e o saco de roupa suja se foram.

Há uma pontada no fundo do meu peito.

Arrasto-me até lá em baixo. Andy está acordado - ele nunca acorda tão cedo - e ele está fazendo ovos mexidos. Nathan está verificando o seu e-mail na mesa em um de seus mais bonitos trajes. Não há sinal de Norah. Ela esta, provavelmente, no sofá dobrável do escritório de Nathan.

— Aqui. — Andy desliza uma caneca de café para mim. Ele não gosta que eu beba café, então isso é grave. Tomamos os assentos ao lado de Nathan, e ele deixa de lado seu telefone.

— Lola, entendemos por que você saiu na noite passada — ele diz. Estou chocada. Eu também estou aliviada que eu sou Lola, não Dolores.

Nathan continua: — Mas isso não é desculpa para seu comportamento. Você nos assustou até a morte.

Agora isso parece certo.

A palestra que eu esperava se segue. É dolorosa, é extensa, e termina comigo recebendo um mês de castigo. Eles não acreditam em mim quando eu lhes digo que eu não fumei maconha, a qual eles sabem que era de Max, e não posso convencê-los disso. Eu recebo uma palestra longa sobre os perigos do uso de drogas, a qual eu poderia facilmente apontar para a porta do escritório fechada

e dizer: — Duh.

Mas eu não digo.

Minha caminhada até a escola é longa, o meu dia na escola ainda mais.

Lindsey tenta me entreter com histórias sobre o homem agitado que seus pais contrataram para ajudar no restaurante. Ela está convencida de que ele tem um segredo obscuro como uma identidade secreta ou um cargo secreto no governo. Mas tudo que eu consigo pensar é sobre hoje à noite. Eu não tenho trabalho. Eu não tenho um encontro com Max, e eu não vou ter outro além do brunch de domingo - se é que ele vai aparecer - por mais um mês. E não tem... Cricket.

Pelo menos, o próximo mês vai me dar muito tempo para trabalhar no meu vestido.

O pensamento não me alegrou. O espartilho está progredindo mais rápido do que o esperado, e já havia começado a peruca, mas os panniers (é a forma de uma saia ampla utilizada pelas mulheres no século XIX que se usava debaixo da roupa. Estrutura com arcos de metal que mantinha aberta a saia das damas) estão frustrantes. Eu ainda não consegui encontrar nenhuma instrução convincente. Eu passei minha tarde fazendo lição de casa, batendo papo online com Lindsey, e adicionando arame na parte superior da base da minha peruca branca. Maria Antonieta usava ENORMES perucas. O arame lhe dará a altura necessária sem aumentar drasticamente o peso. Vou cobri-lo mais tarde, com o cabelo falso.

Norah está conversando com Andy na cozinha. Eles pegaram suas coisas hoje, e as caixas cobriram as antiguidades de Nathan e tomou toda a nossa sala de estar. As caixas de papelão cheiram a incenso e sujeira. A voz de Norah está cansada, e eu estremeço e aumento a minha música. Eu ainda não a vi. Eu vou ter que ver em breve, mas eu estou adiando o quanto possível. Até o jantar, eu acho.

A campainha toca às seis e meia.

Eu paro - com meus alicates no fio, meus ouvidos alerta.

Cricket?

Mas então eu ouço a voz profunda e rouca de Max. Meus alicates caem, e estou derrapando até lá embaixo. Não há nenhuma maneira, não há nenhuma maneira, não há nenhuma maneira. Exceto... Lá está ele. Ele até mesmo abandonou sua habitual camiseta preta para uma listrada com botões. Suas tatuagens

aparecem para fora de suas mangas. E ele está usando seus óculos, é claro.

— Max — eu digo.

Ele sorri para mim. — Hey.

Andy parece tão surpreso quanto eu me sinto. Ele não sabe o que fazer a seguir. Eu lanço meus braços em torno de Max. Ele me abraça de volta com força, mas se afasta depois de apenas um momento. — Queria verificar se você está sobrevivendo — ele sussurra.

Eu aperto sua mão e não solto. Eu não tinha idéia do quanto eu precisava vê-lo novamente, para saber que está tudo bem entre nós. Eu não tenho certeza porque eu pensei que as coisas seriam diferentes, sem contar que ontem à noite me senti diferente. Ele está se desculpando com meu pai. Eu sei que deve o estar matando fazer isso. Ele mantém suas palavras calmas e suaves.

— Obrigado por dizer isso, Max. — Andy hesita, desprezando aquilo que ele sabe que está por vir. — Você não vai ficar para o jantar?

— Obrigado. Eu adoraria.

Max sabia que meus pais iriam procurar por ele, então recorreu a eles ao aparecer essa noite. Ele é tão esperto.

— Então você é o namorado.

Max, Andy, e eu ficamos rígidos enquanto Norah se inclina contra a moldura da porta entre a nossa sala de estar e a cozinha. Mesmo que Nathan seja vários anos mais velho do que sua irmã, Norah parece ser pelo menos uma década mais velha. Em sua infância, ela compartilhava o mesmo rosto redondo que eu e Nathan, mas o tempo e o abuso de substâncias tinham a deixado frágil e desgastada. A pele de suas mãos estava tão solta como seu cabelo desganhado. Pelo menos ela havia tomado banho.

— Max. Conheça Norah — eu digo.

Ele acena para ela. Ela o mira, sua expressão morta. — Você tem muita coragem de aparecer aqui.

Todos congelam novamente ao som da voz de Nathan.

Ainda de mãos dadas, Max e eu nos viramos. Meu pai coloca para baixo sua pasta ao lado da porta da frente. Os músculos da mão de

Max se contraem, mas ele mantém seu discurso desprovido da emoção que eu sei que ele sente. — Eu vim pedir desculpas. Foi irresponsável levar Lola para fora na noite passada. Ela estava chateada, e eu queria ajudá-la. Foi o caminho errado.

— Droga, definitivamente foi o caminho errado.

— *Pai.*

— Nathan — diz Andy rapidamente. — Vamos conversar no escritório.

A espera é insuportável até Nathan tirar seu olhar de Max e seguir Andy. A porta do escritório se fecha. Estou suando. Eu solto a mão de Max e percebo que a minha esta tremendo. — O pior já passou — ele diz.

— Estou de castigo por um mês.

Ele faz uma pausa. — Merda.

Há um rude bufar na porta da cozinha, e eu estou prestes a perder completamente a calma.

— Eu sinto muito. — Agora sim Max parece irritado. — Não percebi que essa conversa era algum de seus negócios.

Norah dá um sorriso cruel. — Você está certo. O que eu poderia saber sobre uma adolescente fugindo e entrando em problemas com seu namorado?

— Eu não fugi — Eu protesto enquanto Max diz: — Você está saindo da linha.

Ela passa para a cozinha e fica fora da vista. — Estou? — Ela grita.

Eu quero morrer. — Eu sinto muito. Por tudo isto.

— Não se desculpe. — Ele esta duro. — Eu não estou aqui por eles. Eu estou aqui por você.

A porta do escritório bate, e Nathan marcha direto para cima até seu quarto sem olhar para nós.

Andy dá um tenso, sorriso falso. — Jantar em dez minutos.

Nathan mudou a roupa de trabalho. Ele está tentando, mas mal. Eu não sabia que era possível passar um prato de lasanha vegetariana com tamanha hostilidade. — Então. Max. Como foi o show em Los Angeles? Não sabia que você estaria de volta tão cedo.

Isso poderia ficar pior?

— Foi em Santa Monica, e correu tudo bem. Nós temos mais dois shows lá.

Sim. Isso poderia ficar pior.

— Você pretende fazer muitas turnês? — Andy pergunta. Eu não posso decidir se ele soa esperançoso ou cético.

— Nós gostaríamos de fazer mais. Eu não quero ler papéis pelo resto da minha vida.

— Então você acha que isso é uma escolha de carreira válida? — Nathan pergunta. — Você acha que é razoável esperar o sucesso?

— OH MEU DEUS — eu digo.

Nathan levanta suas mãos em um pedido de desculpas, mas ele não diz qualquer coisa. Max come silenciosamente ao meu lado. Norah olha para fora da janela, sem dúvida desejando estar em qualquer lugar, menos aqui. Arrasto a lasanha de espinafre por todo meu prato sem comê-la.

— Eu só mencionei o show — Nathan diz um minuto depois — Porque infelizmente você perdeu a nossa viagem. Fomos a Muir Woods com...

— Uma cesta de piquenique — Eu digo.

Nathan me da uma expressão presunçosa. Era um teste. Ele estava *me* testando, para ver se Max sabia da viagem com Cricket.

— Você não perdeu nada — eu digo. — Além da comida. É claro.

Max cheira a mentira, embora ele não se atreva a abordá-la em frente dos meus pais. Mas eu sinto a parede erguida entre nós.

— Ei, eu tenho uma idéia — eu digo. — Vamos falar de Norah. — Lola — Andy diz.

Ela gira a cabeça rapidamente para mim como se estivesse saindo de um transe. — O quê? — E então ela pisca. — O que você está vestindo?

— Desculpe-me?

— O que é isso? O que você deveria ser?

Estou em um vestido de tule com arco-íris saindo desde baixo, e meu cabelo está em duas longas tranças que eu tinha gelificado com glitter. Eu a encaro. — Eu. Eu sou eu.

Norah franze em desaprovação, e Nathan se volta para ela.

— Chega. Recuar.

— Claro que ela tem o direito de reclamar do meu guarda-roupa.
— Eu faço um gesto para seu suéter flácido, o que ela sempre teve, da cor de aveia deixada na pia. — Ela está claramente na vanguarda da moda.

Max sorri.

— O-kaaaaay — Andy pula. — Quem quer torta?

— Espere até você ver o meu vestido para o baile de inverno — eu digo para Norah. — É grande, luxuoso e é lindo, e você *vai* amá-lo.

Norah vira seu rosto para a janela. Como se ela tivesse qualquer direito de se sentir ferida depois de me atacar.

Max endurece novamente, e Nathan não consegue resistir atacando em cima dele. — O que você usará no baile, Max?

— Ele vai usar um smoking — eu atiro. — Eu não iria fazê-lo usar uma fantasia combinando.

Max levanta. — Eu tenho que ir.

Rompi em lágrimas. Nathan parece envergonhado. Max pega a minha mão e me leva até a porta da frente. Damos um passo para fora. Eu não me importo que eu esteja de castigo. — Me d-desculpe.

Desta vez ele não me diz para não pedir desculpas. — Isso foi desarrumado, Lola.

— Eu sei.

— Então me diga, Nathan aprova a 'escolha de carreira' de Norah como adivinha?

Me sinto doente. — Não vai ser tão ruim no domingo.

— Domingo. — Max levanta uma sobancelha escura. — Brunch. Certo.

— Ele solta minha mão e coloca as suas em seu próprio bolso. — Então, você está falando sério sobre o baile?

Eu estou assustada. Eu já falei sobre o meu vestido uma centena de vezes antes. Eu enxugo as lágrimas de meu rosto, desejando que eu tivesse outra coisa além dos meus dedos. — O quê?

— Lola. Eu tenho 22. — Max reage rapidamente ante a minha expressão esmagada. Ele pega as minhas duas mãos neste momento, e me cerca contra o seu corpo.

— Mas se isso te faz feliz, eu vou. Se eu posso sobreviver a todas essas refeições estúpidas, eu posso sobreviver a uma dança estúpida.

Eu odeio que isso soe como um castigo.

17

— Ta-da! — St. Clair aparece no hall de entrada com um ramo de uma flor. Ele está se exibindo para Anna, como ele sempre faz. É quinta-feira, e ele não precisa trabalhar, mas é claro ele está aqui de qualquer maneira. Embora esta noite seja diferente.

Ele trouxe alguém.

Aqui está uma coisa sobre Cricket Bell. Você não pode NÃO perceber quando ele entra em uma sala. A primeira coisa que você percebe é a sua altura, mas é rapidamente seguido pelo reconhecimento de sua energia. Ele se move graciosamente como sua irmã, mas com um entusiasmo que ele quase não consegue controlar, com o constante corpo em movimento, mãos, pés. Ele estava apagado nas últimas vezes que eu o vi, mas ele está totalmente rejuvenescido agora.

— Anna — St. Clair diz. — Este é Cricket.

Cricket faz St. Clair parecer um anão. Eles se parecem como Rocky e Bullwinkle, e a maneira confortável entre eles faz parecer que eles são amigos há muito tempo.

Suponho que quando uma pessoa extremamente amável e outra extremamente extrovertida se tornam amigos, é fácil assim. Anna sorri. — Seguimos sem coincidir no dormitório. É bom finalmente conhecer você.

— Igualmente — Cricket diz. — Eu não ouvi nada além de coisas boas. Na verdade, se eu não estivesse de pé ao lado de seu namorado, eu estaria tentado a te convidar a sair.

Ela cora, e St. Clair salta dentro da cabine de caixa e lhe dá um abraço. — Miiiiiiiiinha! — ele diz. O casal que está comprando bilhetes na minha cabine os olha com cautela.

— Pára com isso. — Anna o empurra, rindo. — Você vai ser demitido. E então eu vou ter que sustentar sua bunda gorda para o resto de nossas vidas.

O resto de suas vidas.

Por que isso sempre me dá arrepios? Eu não estou incomodada que *eles estão* felizes, estou? Ele pula em sua habitual posição - sentado no balcão, e eles já estão rindo de outra coisa. Cricket espera do outro lado do vidro, parecendo divertido. Eu entrego ao casal sua entrada. — Então... O que você está fazendo na cidade num dia de semana?— Pergunto a ele.

— Me encontrei com St. Clair faz uma hora, e ele me convenceu a vir. Ele disse que nós veríamos um filme — ele acrescenta em voz alta.

— CERTO — St. Clair diz. — Essa coisa com imagens em movimentos. Vamos fazer isso. — Mas ele retorna à sua conversa com Anna.

Cricket e eu trocamos sorrisos. — Entre. — Eu aponto para a porta da bilheteria.

Um homem em um difuso suéter se aproxima da minha janela, mas nem mesmo isso é suficiente para me distrair de olhar Cricket enquanto ele se move em direção à porta. Esses longos, passos são fáceis. Meu peito incha com tanto sofrimento e mágoa. Ele entra, e eu desvio o meu olhar.

— Aproveite o show — Eu digo ao homem do suéter. Cricket espera atrás de mim enquanto eu imprimo bilhetes para mais duas pessoas. É impossível se concentrar com ele parado lá. O lobby se esvazia novamente, e ele assume a cadeira ao meu lado. Sua bainha sobe e revela suas meias. Azul com listras roxas. Em sua mão esquerda esta uma lista: CAPITULO 12, CAIXA, SHAMPOO.

— Como você esta? — Ele pergunta. Não é uma pergunta casual.

Eu tiro meus óculos por um momento e esfrego meus olhos cansados. — Sobrevivendo.

— Mas ela não vai ficar lá por muito mais tempo. — Ele brinca com o relógio. — Ela vai?

— Seu crédito esta escasso, e foi reprovado a comprovação de fundos para cada apartamento em potencial.

Ele faz uma careta. — Em outras palavras, ela não está indo embora amanhã.

— Os encargos de quando ela tentou voltar para seu apartamento não estão ajudando muito. — Eu cruzo meus braços. — Ela quer que

Nathan tire as cobranças contra ela, mas ele não vai. Não quando ela estava errada.

O cenho de Cricket se aprofunda, e me dou conta que ele não sabia sobre a recente prisão de Norah. Eu o coloco por dentro, por que... Ele já sabe de tudo o mais.

— Eu sinto muito. — Sua voz se transforma em angústia. — Há algo que eu possa fazer para ajudar? — Há certa moderação em seus músculos enquanto ele luta para se manter longe de me agarrar.

— Que caixa? — Eu deixo escapar. Ele está perdido. — O quê?

Eu aponto para sua mão. — Ler o capítulo 12 e comprar shampoo, certo? O que é a caixa?

Sua mão direita distraidamente cobre sua esquerda. — Oh. Uh, eu precisava encontrar uma.

Eu espero por mais.

Ele olha para longe, e seu corpo o segue. — E eu fiz. Encontrei uma. Estou mudando algumas coisas de volta para a casa dos meus pais. Meu quarto na escola está lotado. E o meu outro quarto está vazio. Tem muito espaço. Para as coisas.

— E eu... Vou *passar* um monte de finais de semana lá.

—E as férias escolares e verão. — As palavras saltam pra fora, e seu rosto escurece como se tivesse envergonhado por sua ansiedade. A conversa não é mais segura. St. Clair interrompe com seu timing tão perfeito que ele deve ter ouvido. — Ei, você sabia que *Cricket Bell* está relacionado com *Alexander Graham Bell*?

— Todo mundo que conhece Cricket sabe disso — eu digo.

— Sério? — Anna parece genuinamente interessada. — Isso é legal.

Cricket esfrega o seu pescoço. — Não, é uma tonta banalidade, isso é tudo.

— Você está brincando? — St. Clair diz. — Ele é um dos mais importantes inventores em toda a história do mundo. Sempre! E...

— Não é nada — interrompe Cricket.

Estou surpresa, mas então eu me lembro daquela primeira noite que ele estava em casa, quando eu mencionei seu nome do meio e nossa conversa ficou estranha. Algo mudou. Mas o quê?

— Perdoe o seu entusiasmo. — Anna sorri para seu namorado. — Ele é um nerd de história. Eu não posso resistir de gabar. — Acontece que Cricket é um brilhante inventor.

— Eu não sou. — Cricket se contorce. — Eu mexo nas coisas. Não é uma grande coisa.

St. Clair parece extasiado. — Apenas pense. Você é o descendente direto do homem que inventou — ele puxa para fora seu celular. — Isto.

— Ele não inventou isso — Cricket diz secamente.

— Bem, não esse — St. Clair diz. — Mas a idéia. O primeiro.

— Não. — Este é o mais frustrado Cricket que eu já vi. — Eu quero dizer que ele não inventou o telefone. Ponto final.

Nós três piscamos para ele.

— Agora fiquei confusa — Anna diz.

— Alexander Graham Bell não inventou o telefone, um homem chamado Elisha Gray fez. Meu tata-tata-avô roubou a idéia dele. E Gray também não foi o primeiro. Havia outros, um antes mesmo de Alexander nascer. Eles só não perceberam as implicações que eles haviam criado.

St. Clair está fascinado. — O que quer dizer com, ele roubou a idéia?

— Quero dizer que, Alexander roubou a idéia, tomou crédito por isso, e fez uma soma inacreditável de dinheiro que não deveria ter sido seu. — Cricket está furioso agora. — O legado da minha família inteira é baseado em uma mentira. — Bem. Isso explicaria a mudança.

St. Clair parece culpado por incitar involuntariamente Cricket a nos dizer. Ele abre a boca para falar, mas Cricket balança a cabeça. — Desculpe, eu não deveria deixar isso me afetar.

— Quando você descobriu isso? — Eu pergunto silenciosamente.

— Um par de anos atrás. Havia um livro.

Eu não gosto da expressão em seu rosto. Outras memórias de sua relutância em falar sobre suas invenções rastejam em minha mente. — Cricket... Só porque ele roubou a idéia não significa que você faça isso...

Mas ele se lança em direção a St. Clair. — Filme?

Anna e eu olhamos para ele com preocupação, mas St. Clair facilmente assume novamente. — Sim, se as senhoras já não necessitam dos nossos serviços, acredito que estamos fora. — Cricket já esta a meio caminho para a porta. Meu coração grita em surpresa agonia.

Ele para. É como se ele fosse fisicamente interrompido por algo que não podemos ver. — Você vai estar aqui depois? — Ele me pergunta. — Quando o filme acabar?

Minha garganta esta seca. — Eu devo estar aqui.

Ele morde o lábio inferior. E então eles se foram.

— Ele está muito afim de você — Anna diz.

Eu arranjo uma pilha de moedas e tento acalmar o batimento no meu peito. O que acabou de acontecer? — Cricket é um cara legal. Ele sempre foi assim.

— Então, ele sempre foi afim de você.

Sim. Ele foi.

Anna pega o limpador de vidros e limpa uma mancha que St. Clair deixou na parte de trás na janela. Seu sorriso desaparece enquanto ela a profunda seu pensamento. — Qual é o problema? — Eu pergunto. Eu estou desesperada por uma mudança de tema.

— Eu? Nada, estou bem.

— De jeito nenhum — eu digo. — É a sua vez. Poe pra fora.

— É... Minha família vem me visitar. — Ela deixa o mais limpo, mas sua mão fica tensa. — Eles conheceram Etienne em nossa formatura no ano passado, e eles gostaram dele, mas minha mãe está muito assustada com a rapidez com que estamos nos movendo. Essa visita pode ser *tão* desconfortável.

Eu coloco o limpador longe dela. — Você acha que vocês estão indo rápido demais?

Anna relaxa e sorri de novo, apaixonada. — Definitivamente não.

— Então você vai ficar bem. — Eu falo pra ela. — Além de que, todos amam o seu namorado. Talvez sua mãe se esqueceu do quão *encantador* ele é.

Ela ri. Outro cliente vem à minha janela, e eu imprimo o seu bilhete. Quando ele sai, Anna se vira para mim e pergunta: — E você? Como estão às coisas com Max estes dias?

Estou assombrada por uma terrível compreensão. — Oh, não. Você queria conhecê-lo. E nós fomos embora!

— Você teve uma noite ruim. — Ela encolhe os ombros. — Não se preocupe com isso.

— Sim, mas...

— Está tudo bem, eu juro. Todo mundo comete erros. — Anna se levanta e pega as chaves do trabalho. — O importante é não cometer o mesmo erro duas vezes.

Minha culpa se aprofunda. — Sinto muito sobre a semana passada. Quando eu voltei tarde do jantar.

Ela balança a cabeça. — Isso não é sobre o que eu estava pensando.

— Então o quê?

Anna olha para mim com cuidado. — Às vezes, um erro não é um o quê. É um quem.

E ela vai rasgar os bilhetes no corredor, me deixando com os pensamentos desordenados como sempre. Será que ela quis dizer Max? Ou Cricket? Uma hora depois, Franko entra. Ele tem cerca de 30, e seu cabelo está desigualmente cortado. Como, se ele tivesse alguns lugares calvos por azar.

— Heeeeeey, Lola. Você já viu a coisa?

— Que coisa?

— Você sabe... A coisa com... Os nossos horários e isso?

— Você quer dizer o nosso horário?

— Yeah. Você já viu isso?

Olho ao redor. — Não aqui. Sinto muito. — Mas Franko já está vasculhando uma pilha de papéis sobre o balcão. Ele tira o telefone do gancho, e eu o agarro. — Cuidado!

— Você achou? — Franko gira em torno de si enquanto eu me aproximo.

Seu cotovelo esbarra na minha cara e bate os meus óculos para o chão.

— Whoops. Eu tenho isso, Lola.

Há uma crise doentia de plástico.

— FRANKO! — Meu mundo se transformou em gotas de cores e luzes.

— Whoa. Desculpe Lola. Eles eram reais?

Anna corre para dentro — O quê? O que aconteceu? Oh. — Ela se agacha para pegar o que eu suponho que são os meus óculos. Sua voz não soa promissora. — Cara.

— O que é isso? — Eu pergunto.

— Você não pode ver? — Ela os coloca mais perto do meu rosto. Pedacos. Muito, muitos pedacos.

Eu lamento. — Desculpa — Franko diz novamente.

— Você pode, por favor, voltar para o segundo andar de concessões? — Anna pergunta. Ele sai. — Você tem outro par? Lente de contatos? Qualquer coisa? — Ela pergunta. Eu lamento novamente. — Ok, não tem problema. Seu expediente está quase no fim. Seu pai vai estar aqui logo para buscá-la.

— Era para eu usar o ônibus — Claro que esta noite é à noite em que os meus pais estão ocupados e me deixaram usar o transporte público.

— Mas você ainda pode o pegar, certo?

— Anna, você está a dois metros de distância, e eu não posso dizer se você está sorrindo ou franzindo a testa.

— Ok... — Ela se senta para pensar, mas salta imediatamente de volta.

— Etienne e eu vamos te levar pra casa! É apenas um desvio rápido da minha escola.

— Você não tem...

— Não é uma pergunta — ela interrompe. E eu estou aliviada por ouvi-la dizer isso. Eu estou inútil pelo resto do meu turno. Estamos prontas para sair quando os garotos retornam, e Anna aproxima-se do borrão de St. Clair. — Estamos levando Lola para casa.

— Por quê? O que aconteceu? — A mancha de Cricket pergunta.

Olho para os meus sapatos enquanto eu explico a situação. — Você não pode me ver? — St. Clair pergunta. — Você não tem idéia do que estou fazendo?

— Pare com isso — Anna diz, e eles riem. Eu não sei o que esta acontecendo. É humilhante.

— Eu vou te levar pra casa — Cricket diz.

St. Clair protesta. — Você não tem...

— Eu moro ao lado. Não é fora do meu caminho.

Eu estou envergonhada da minha própria impotência. — Obrigado.

— Claro. — A sinceridade por trás desta simples declaração me toca. Ele não está me provocando ou me fazendo sentir mal sobre isso. Mas Anna parece preocupada quando ela me dá a minha bolsa.

— Tem certeza de que vai ficar bem?

A questão implícita: *Tem certeza de que vai ficar bem com Cricket?*

— Eu estou bem. — Dou-lhe um sorriso tranqüilizador. — Obrigado. — E é verdade até sairmos, e eu tropeçar na calçada.

Cricket me agarra.

E eu desmorono novamente a partir do choque de seu toque. Ele me levanta, e apesar do casaco entre nós, meu braço está zumbindo como um alarme de incêndio. — As calçadas aqui são as piores — ele diz. — Os terremotos dobraram as minas de terras. — Cricket remove sua mão. Eu pisco para ele, e ele cautelosamente oferece seu braço.

Hesito.

E então eu pego.

E, então, estamos tão perto que eu posso sentir o cheiro dele. Eu *cheiro* ele. Seu perfume é limpo como uma barra de sabão, mas com um toque doce de óleo de mecânica. Nós não falamos até ele me levar através da rua para a parada de ônibus. Eu pressiono contra ele. Só um pouco. Seu outro braço salta, e ele abaixa. Mas então ele o levanta novamente, lentamente, e sua mão vem para descansar em cima da minha. Queima. O calor traz uma mensagem: *Eu me preocupo com você. Eu quero estar conectado a você. Não deixe ir.*

Mas então... Ele faz.

Ele se senta comigo na parada de ônibus, e *me deixa ir*, e ele não olha para mim. Esperamos em um silêncio agitado. A distância entre nós cresce a cada minuto passado. Será que ele vai pegar meu braço novamente, ou vou ter que pegar o seu? Eu roubo um olhar, mas, é claro, eu não posso ver a expressão dele. Nosso ônibus exala contra o meio-fio, e a porta se abre.

Cricket chega para mim.

Eu olho para o brilho amarelo no céu que só pode ser a lua.
Obrigado.

Nós subimos a bordo, e antes que eu possa encontrar o meu passe de ônibus, ele paga o meu bilhete. O ônibus está vazio. Ele ronca para frente, não esperando nós nos sentar, e ele me agarra com mais força. Eu não preciso segurá-lo, mas eu faço de qualquer maneira, com ambas as mãos. Nós nos sentamos em um assento. Juntos. Eu estou agarrando sua camisa e seu coração está batendo como um tambor.

— Oi — eu sussurro.

Ele tira as minhas mãos e se volta para o corredor. — Por favor, não faça isso mais difícil do que já é — ele sussurra de volta.

E eu me sinto a maior idiota do mundo. — Certo. — Eu afundo o mais longe possível dele. — Desculpe.

O fantasma de Max toma o assento entre nós. Ele espalha suas pernas territorialmente. O ônibus é frio, e a viagem para a estação é curta. Desta vez, eu tenho que tomar o seu braço. Ele me leva roboticamente. Nossa viagem de trem até o Castro é desoladora. O trem se sacode adiante e atrás, através dos túneis escuros e minha humilhação cresce mais e mais com cada forçado empurrão em seu ombro. Eu preciso sair. AGORA. As portas abrem, e eu corro através da estação e para fora da catraca. Ele está nos meus calcanhares. Eu não preciso dele.

Eu não preciso dele, eu não preciso dele, eu não preciso dele.

Mas eu tropeço na calçada de novo, e o seu braço está em torno da minha cintura, e quando eu me puxo de suas mãos, ele só o aperta.

Há uma luta silenciosa entre nós enquanto eu tento torcer a minha saída. — Para um cara magro, seus braços são como uma armadilha de aço: — Eu silvo.

Cricket cai na gargalhada. Seu aperto se solta, e eu quebro a distância, tropeçando para frente. — Oh, vamos lá, Lola. — Ele ainda está rindo. — Deixe-me ajudar você.

— Eu nunca vou a lugar nenhum novamente sem segundo par de óculos... — Espero que não.

— E eu só estou aceitando sua ajuda porque eu não quero correr em alguma coisa e acidentalmente rasgar esse glorioso uniforme de poliéster...

— Entendido.

— E nada disso mudou nada entre nós. — Minha voz treme.

— Entendi também — ele diz em voz baixa.

Eu respiro fundo. — Ok.

Nenhum de nós se move. Ele está deixando para mim. Eu tentativamente chego para ele novamente. Ele estende o braço, e eu o aceito. O gesto de um amigo ajudar o outro. Não há nada mais, porque, enquanto houver Max, não pode haver mais nada. E eu amo Max.

Então é isso.

— Então — Cricket diz, uma quadra silenciosa mais tarde. — Conte-me sobre este famoso vestido.

— Que vestido?

— O que você está fazendo. Parece importante.

Minha conversa com Max aparece de volta, e eu estou constrangida. Danças são assuntos tão femininos. Eu não posso suportar ouvir o desprezo de Cricket, também. — É para o meu baile de inverno — eu digo. — E isso não é importante.

— Diga-me sobre isso.

— É... Um vestido grande.

— Grande como um pára-quedas? Grande, como uma tenda de circo?

Como sempre, ele me faz sorrir quando estou determinado a não fazer.

— Grande como Maria Antonieta.

Ele assobia. — Isso é grande. Como essas coisas são chamadas? Saias rodadas?

— Mais ou menos. Nesse período, eles eram chamados de panniers. Eles iam para o lado, em vez de ir em torno de um círculo perfeito.

— Parece um desafio.

— É.

— Parece divertido.

— Talvez fosse se eu tivesse alguma idéia do que eu estivesse fazendo. Panniers são essas gigantes, engenhocas estruturais. Fazer elas não é costurar, é construção. E eu tenho ilustrações, mas eu não posso encontrar instruções decentes.

— Você quer me mostrar às ilustrações?

Minha testa aumenta. — Por quê?

Ele encolhe os ombros. — Talvez eu pudesse descobrir isso.

Estou prestes a dizer que não preciso de sua ajuda, quando eu percebo... Ele é *exatamente* a pessoa certa para o trabalho. — Um. Sim. Isso iria ser bom, obrigado. — Chegamos a minha parte. Eu aperto seu braço e deixo ir. — Eu fico daqui.

— Eu vou a partir daqui. — Sua voz torna-se instável. — Eu posso levá-la muito mais adiante. — E ele chega para mim uma última vez.

Preparo-me para o contato.

— Cricket — Uma chamada de entre as nossas casas, e seu braço cai como uma âncora. Ela deve ter ido tirar o lixo. Calliope o abraça por trás, e eu realmente não consigo ver, mas ela parece que está prestes a chorar. — A prática foi um pesadelo. Eu não posso acreditar que você está aqui, você disse que não poderia vir. Deus é bom vê-lo. Eu vou fazer chocolate quente e lhe dizer tudo-Oh. Lola.

Cricket está estranhamente petrificado em silêncio.

— Seu irmão muito gentil me trouxe do trabalho para casa — Eu explico. — Meus óculos quebraram, e eu estou completamente cega.

Ela faz uma pausa. — Onde é o seu trabalho? No cinema?

Estou surpresa que ela conhece. — Sim.

Calliope volta para Cricket. — Você foi ao cinema? E sobre esse graaande projeto de amanhã? Pensei que era por isso que você não poderia voltar para casa. Que estranho.

— Cal... — ele diz.

— Eu vou estar na cozinha. — Ela vai embora.

Eu espero até que ela esteja dentro. — Você tem um grande projeto para amanhã?

Ele espera um longo tempo antes de responder. — Sim.

— Você não estava voltando para casa hoje à noite, você estava?

— Não.

— Você voltou para casa por mim.

— Sim.

Estamos quietos novamente. Tomo o braço dele. — Então me leve para casa.

18

Estou encorajando-o. E não posso parar.

Por que não consigo parar?

Eu pressiono minha mão contra a porta da frente, e minha testa vem para descansar contra ela, também. Ouço seus passos descendo do outro lado. Eles são lentos, sem pressa. Eu sou a única a tornar nossas vidas mais difíceis. Eu sou a única fazendo essa amizade difícil. *Mas ele é o único que não vai parar de voltar.* Ele é mais inteligente do que isso. Ele deve saber que é hora de seguir em frente e ficar longe de mim.

Eu não quero que ele fique longe.

O que eu quero? As respostas são obscuras e ilegíveis, mas é claro que eu não quero outro coração partido. Não o dele e certamente não o meu. Ele precisa ficar longe.

Eu não quero que ele fique longe.

— Aquele menino de Bell cresceu bem, diz Norah.

Eu me assusto. Ela está no chaise longue turquesa que fica encostado à janela perto da sacada da frente. Há quanto tempo ela está aqui? Ela deve ter nos visto. Será que ela nos ouviu? Ela olha para ele, até que eu assumo que a sua figura desaparece, antes de voltar sua atenção para mim.

— Você parece cansada, Lola.

— Fale por si mesma.

— Me parece certo.

Mas ela está certa. Estou exausta. Nós olhamos uma para a outra. Norah está embaçada, mas eu posso ver o suficiente. Sua camisa cinza fica solta contra o peito, e ela está usando um dos casacos antigos da avó de Andy que está embrulhado em volta dela para aquecê-la. Seus longos cabelos e braços finos estão limpos. Tudo sobre ela trava. É como se seu próprio corpo a rejeitasse.

Eu me pergunto o que ela vê quando olha para mim.

— Você sabe o que precisamos? Ela pergunta.

Eu não gosto de seu uso da palavra *nós*.

— O quê?

— Chá. Precisamos de chá.

Eu suspiro. — Eu não preciso de chá. Eu preciso ir para a cama.

Norah se levanta. Ela geme como se as articulações estivessem doloridas, como se fossem tão antigas quanto o casaco sobre os ombros. Ela toma o meu braço, e eu recuo. A sensação quente e reconfortante da mão de Cricket desaparece e é substituído pela dela, úmida e afiada. Ela me leva até a cozinha, e eu estou muito desgastada para detê-la.

Norah puxa uma cadeira na mesa. Eu cedo a ela.

— Eu volto em seguida, ela diz.

Eu a ouço subir as escadas, seguido pelo som da porta do meu quarto que está sendo aberta. Antes que eu possa ficar preocupada, minha porta se fecha novamente. Ela retorna e me dá outro par de óculos.

Estou surpresa. — Obrigada.

— O que aconteceu com o par que você estava?

— Eles foram pisados.

— Alguém pisou em seus óculos? Agora ela parece chateada.

— Não de propósito. Deus. Foi sem querer. — Os meus pais já arrumaram um apartamento para você?

— Eu acho. Por que eu deveria me importar? Ela preenche a chaleira de cobre com água da torneira e a deixa com mais força do que necessário. Isso sacode o fogão.

— Você teve outra luta, eu digo.

Norah não responde, mas a maneira pela qual ela procura as raízes através de sua caixa de papelão de chá, é de ressentimento e raiva.

Sua caixa de chá.

— Não! Eu salto para cima. — Você não vai ler minhas folhas.

— Bobagem. Isto é o que você nece...

— Você não sabe nada sobre o que eu realmente preciso. — As palavras amargas saíram antes que eu pudesse detê-las.

Ela congela. Seu cabelo cai para frente de seu rosto como um escudo. E então ela o enfia atrás das orelhas, como se eu não disse

nada, e ela remove algo de sua caixa.

— Fenghuang dancong oolong. Fenghuang significa 'Phoenix'. Este é apropriado para você.

— Não.

Norah abre o armário de copos e pega uma xícara de chá-de-rosa. Eu não a reconheço, por isso deve ser uma das dela. Meu sangue ferve novamente.

— Você colocou os copos em nossos armários?

— Só dois. — Ela puxa a outra cor de jade. — Esta é minha.

— Então, onde está sua bola de cristal? Ao lado da televisão? Será que vou encontrar o seu turbante na lavanderia?

Os copos vazios batem contra os seus discos, quando ela os coloca sobre a mesa.

— Você sabe que eu odeio essa porcaria. Um traço não indica significado ou experiência. É uma mentira.

— E o que você faz não é mentir?

— Sente-se, ela diz calmamente. — Eu nunca deixei de ler minhas folhas antes, então por que eu iria começar agora?

Norah pensa por um momento. — Você não está nem um pouco curiosa?

— Não. Mas eu digo muito rapidamente. Ela vê um vacilar quando o canto de trás da minha mente responde de forma diferente. *Quem não é nem um pouco curioso?* Eu sei que a leitura da sorte é um engano, mas a minha vida se tornou uma luta que eu não posso deixar de esperar uma ajuda de qualquer modo. Talvez a sorte vai me dizer algo sobre Cricket. Talvez saiba algo que eu não, ou talvez me fará pensar em algo que eu não teria de outra forma me dado conta.

Presunção em seus lábios. Sento-me de volta na cadeira, mas desvio meus os olhos para mostrar o quanto eu não gosto de estar aqui. A chaleira apita, e Norah derrama uma colher de chá diretamente nela. A casa range calmamente enquanto o chá oolong se mistura. Quanto mais esperarmos, mais nervosa fico. Quase me levanto para sair uma dúzia de vezes, mas a curiosidade tem uma forte influência em mim.

— Beba, diz Norah quando está terminado. — Deixe cerca de meia colher de líquido no fundo.

— Eu tomo um gole do chá, porque está quente. O sabor é leve, e tem gosto de um pêssego, mas com algo mais escuro escondido lá dentro. Como fumaça. Norah não mente sobre o calor.

Ela bebe o dela e serve outro copo. Eu finalmente chego ao fundo. Eu sustento a xícara cor-de-rosa e faço caretas para as folhas marrom-esverdeada, à procura de símbolos. Tudo está agrupado.

— E agora?

— Pegue o copo com a mão esquerda.

— Essa é minha mão mágica?

Ela ignora isso, também.

— Agora, faça girar três vezes, anti-horário... Mais rápido do que isso. Sim, bem. Vire-o sobre seu prato.

— Não vai escapar todas as folhas para fora?

— Shh. Mantenha sua mão no fundo do copo. E feche os olhos e tome um momento para pensar sobre o que você gostaria de saber.

Me sinto estúpida. O QUE é que eu penso. E... Eu acho que sobre Cricket Bell.

— Desvire novamente. Com cuidado, acrescenta.

Movo calmamente e endireito minha xícara. As folhas usaram os últimos remanescentes de gotas de líquido para se manterem coladas.

— Vou ler isso agora — Ela está em silêncio por vários minutos. Suas mãos ossudas move o copo em todas as direções, para obter diferentes perspectivas ou talvez apenas prever as melhores formas na luz tênue da cozinha. — Bom. Norah a deixa para baixo e faz gestos para que me aproxime. Eu faço. — Você vê essa nuvem aqui, perto da alça?

— Algo assim, sim.

— Isso significa que você está em uma fase de confusão ou problemas. Mas comigo vivendo aqui, nós não precisamos de folhas para nos dizer isso. E este triângulo aqui, isso significa que você possui um talento natural para a criatividade. Mas nós não precisamos deles para saber isso.

Estou surpresa com sua franqueza, bem como pelo elogio raro. Eu me aproximo um pouco mais.

— Mas você vê esses pontos, viajando ao redor da borda do copo?

Concordo com a cabeça.

— Um caminho de pontos, uma viagem. Esta será tomada ao longo de vários meses. Pois, circulam por toda a xícara, teria sido pelo menos um ano, explica ela. — Mas a jornada termina aqui desta forma. O que parece para você?

— Um. Uma lua, talvez? Com um... Ficar saindo dela?

Que tal uma cereja?

— Yeah! Eu vejo isso.

— As cerejas representam o primeiro amor. Em outras palavras, esse caminho que você está sendo conduzida ao primeiro amor.

Sobressalto-me me sacudindo e minhas pernas batem na mesa. O jeito que ela não se assusta me faz acreditar que ela esperava essa reação. Ela sabe como me sinto sobre Cricket? Ou, devo dizer, como eu me sentia sobre ele no passado? Ela certamente estava ali ao redor, mas o quanto ela observou?

Norah está brincando comigo.

Ela faz uma pausa. — Por que você não me diz que forma você vê na taça?

Eu olho para ela por vários minutos. Eu procuro cães ou sapatos ou qualquer coisa reconhecível, mas tudo o que vejo são folhas molhadas. Meus olhos voltam sempre à cereja. Eu coloco o copo para baixo.

— Eu não sei. Há um monte de varas desse lado. E uma coisa circulando.

— Okay. O laço perto da borda significa que você tem feito ou que você vai em breve ser tomar ações impulsivas.

— Boas ou más? Eu rapidamente pergunto.

Ela encolhe os ombros. — Poderia ser qualquer uma, mas coisas feitas por impulso realmente são uma boa idéia?

— É algo que o seu terapeuta lhe disse? Eu atiro.

Norah escurece de tom. — E vê como as varas são cruzadas, tudo em cima uns dos outros? Isso sugere uma série de discussões. E

geralmente leva a uma separação. — A voz dela é direta.

— Uma despedida. Coloco-me de pé. — Sim, obrigada. Isso foi muito educativo.

Discussões, despedidas, impulsos. Nuvens de confusão. Pensei que fortunas deveriam fazer as pessoas se sentir melhor sobre suas vidas. Pensava que era por isso que as pessoas pagavam dinheiro para ouvi-los. E uma viagem ao primeiro amor? Só porque Max a insultou não significa que ela tem que me direcionar para os braços de outro cara.

Embora se pareça com uma cereja.

Eu não sei por que eu estou dando qualquer consideração para essa porcaria. Norah acha que minhas roupas são mentiras, que precisam de sentido? Ela deve se olhar no espelho. Seu modo de vida inteiro, ou o que resta dele, precisa de significado. Eu estou fervendo enquanto escovo meus dentes e vou para a cama. Desligo minhas luzes quando uma luz atrás das minhas cortinas se ascende.

Então ele vai ficar a noite. Será que ele estava falando com Calliope? Eu me pergunto se ele vai ser capaz de completar seu projeto para a escola, seja ele qual for. Provavelmente não. Eu me atiro em minhas colchas, incapaz de dormir por culpa de Cricket, da cafeína no chá, e por essa maldita cereja idiota. Talvez cerejas não signifiquem primeiro amor. Talvez elas queiram dizer a pessoa que você perdeu a virgindade. Faria muito mais sentido, e nesse caso, o meu caminho conduz para Max.

O que significa que estou no caminho certo?

Eu ouço a sua janela se abrir.

E então. . . Nada mais.

Não sei por que, mas acho que ele vai chamar meu nome. Ele não faz. Eu pego meus óculos e rastejo para fora da cama. Espio pela escuridão. Cricket está olhando para cima, olhando para o céu. Eu o observo em silêncio. Ele não se move. Eu me estico até a minha cortina, esse impulso eu não posso controlar, abro a minha janela.

— Oi, eu digo.

Ele olha diretamente para mim. Seus olhos estão profundos, como se ele ainda estivesse olhando para as estrelas.

— Está tudo bem com sua irmã?

Cricket acena com a cabeça lentamente. — Ela vai sobreviver.

— Sinto muito sobre seu projeto.

— Não se preocupe com isso.

— Será que você conseguirá recomeçá-lo?

— Talvez.

Você... Você quer que essas ilustrações?

Um pequeno sorriso.

— Claro.

— Okay. Espere um pouco. — Eu vasculho as pilhas no meu chão até encontrar a pasta de fotos impressas a partir da Internet e fotocópias xerocadas de livros. Toda a inspiração para o meu vestido que eu coletei desde que conheci Max no início do verão. Volto à minha janela, e Cricket está sentado na sua, assim como a primeira vez que eu o vi novamente. No final do verão.

— Devo jogá-las para você? Olho para pilha de Andy no beco abaixo.

Uma fração de segundo de pensamento e ele diz: — Eu já volto.

Ele desaparece, deixando-me observar o seu quarto. Ainda é nu, mas os traços dele começam a aparecer, uma revista Science em sua cama, uma pilha de emaranhadas bandas de borracha em sua cômoda, um copo de suco de laranja em sua mesa, um revestimento incomum pendurado na parte traseira de sua cadeira. Cricket retorna minutos mais tarde com uma vassoura e uma cesta de metal de fruta. Ele remove o fruto, um a um, e os coloca em sua penteadeira.

Eu tenho pavor que ele vai puxar uma cereja. Ele não faz.

Ele coloca a cesta vazia no cabo de vassoura de madeira, levanta a ponta, e o cesto desliza para baixo até sua mão. Cricket se inclina para fora da janela e estende o cabo de vassoura. Seus braços são longos o suficiente para que ela me atinja com espaço de sobra.

— Pronta? Prepare-me para a captura.

— Sim, meu capitão.

Ele inclina a vassoura, e a cesta voa baixo pelo pau até meus braços. Eu rio com prazer.

— Sabe, eu realmente poderia ter jogado.

— Não queria arriscar. Eu poderia ter perdido isso.

— Você nunca perde a piada. Eu dobro a pasta dentro da cesta.
— É meio pesada.

— Eu peguei. Cricket sustenta a vassoura firme e em um ângulo até acima. Estendo os meus dedos para deslizar alça da cesta para a vassoura. Eu o largo. O peso baixa a vassoura, mas ele levanta justo no tempo certo para enviar a cesta voando de volta para ele.

— Ha! Os cliques da fivela do seu cinto contra a janela quando ele move seu corpo de volta para dentro, e eu estou surpresa ao reconhecê-lo. É o mesmo cinto que ele teve durante anos, de couro preto, rachado. Ele puxa para baixo sua camisa, que subiu um pouco. Seu tronco é tão longo que as camisas são sempre um pouco curtas para ele. Outro detalhe que eu tinha esquecido.

Sacudo a cabeça, tentando afastar pensamentos de seu abdômen. Mas eu estou sorrindo.

— Isso foi ridiculamente fácil e mais complicado do que deveria ter sido.

Ele sorri de volta. — Essa é a minha especialidade.

19

Eu sou parada quando passo na em frente à casa dos Bell na manhã seguinte, mas não pela opção preferida.

— Nós precisamos conversar. Os braços de Calliope estão cruzados, e ela está vestida com uma roupa de correr azul claro, o mesmo tom de azul dos seus olhos. Os olhos do Cricket. Os gêmeos também compartilham o mesmo tom de cabelo quase negro, embora o dela caia limpo e arrumado. Mas o seu sorriso se parece com a noite. O de Cricket brilha como se ele não pudesse ser evitado, como se ele não pudesse possivelmente ser contido, enquanto o de Calliope transmite prática. Sem dúvida que é. Eu sei como ela é dedicada à prática.

Ela está claramente esperando que eu saísse antes de iniciar sua corrida diária. Dizer que estou nervosa seria um eufemismo monumental. — Falar sobre o quê? Movo a mochila de hoje, um vinil brilhante com fitas transpassadas em frente ao meu peito.

— O que você acha que está fazendo?

Olho em torno de nossa rua. — Um. Indo para a escola?

— Com o meu irmão. A voz dela cresce ainda mais forte. — Isto tem que parar agora. Estou cansada de ver você se aproveitar dele.

— Des... Desculpa?

— Não se faça de tonta. Você sabe exatamente o que eu estou falando. Ele sempre foi esse otário total por você, ele vai fazer qualquer coisa que você diz. Então, me diga. Será que você rompeu com seu namorado na noite passada antes de chegar em casa nos braços do Cricket?

Meu rosto fica vermelho. — Ele se ofereceu para me ajudar porque meus óculos quebraram. Eu não podia ver.

— E tudo isso de paquerar e pressionar seu peito no braço dele? Será que isso também ajudou?

Estou muito atordoada para responder.

— Meu irmão não é como você, ela continua. — Ele não tem muita experiência. Ele só teve uma namorada, e não foi por muito tempo, e ela apenas foi isso. Eu duvido seriamente que ele fez alguma coisa além do que beijar.

O rubor cresce mais profundo. A implicação é que eu teria feito algo mais, que não é problema seu.

— Em outras palavras, o meu irmão é muito desligado quando se trata de garotas, e ele não pode dizer quando está sendo usado. Mas eu posso dizer então eu estou dizendo a você RECUE.

Minha visão está desfocada. Eu ainda não consigo encontrar as palavras para falar.

Calliope dá um passo mais perto. — As viagens especiais para vê-la, e a decepção esmagadora quando ele descobre que você saiu com Máx. Pare de manipulá-lo.

BASTA.

— Você está enganada. Endireito minha coluna osso, por osso. — Cricket e eu somos amigos. Você nunca ouviu falar de amigos? Faço uma pausa e sacudo minha cabeça. — Não, eu não acho.

— Eu tenho um melhor amigo. E você está mexendo com a cabeça dele.

— Mexendo... Mexer com a cabeça? E quanto a você mentindo para ele, há dois anos? Dizendo-lhe que eu não queria vir para a sua festa?"

Desta vez, ela é a única que ruboriza.

— Você está apenas preocupada em perdê-lo novamente. Agora que ele foi para a faculdade, sua vida deve ser tão solitária. A empurro quando passo. — Deve ser difícil quando seu chefe de torcida segue adiante e começa uma vida.

Ela pega meu casaco para me deter. — Isto não é sobre mim.

— É sempre sobre você. — Tiro sua mão, furiosa. — Mas só para você saber, o seu irmão tem uma vida, também. Ele pode não estar atuando para multidões, mas ele é muito talentoso. Mas você nunca percebeu, porque toda a sua família está presa no mundo egoísta de Calliope.

Na verdade. A palavra é lenta e venenosa. — Eu tenho dois irmãos talentosos. E Cricket sabe que nós nos preocupamos com ele.

— Será que ele sabe? Você tem certeza disso?
— Ele disse alguma coisa. De repente ela parece insegura.
— Ele não, eu digo por meio de um maxilar cerrado. — Para mim, a minha família. Agora, se você não se importa, vou chegar atrasada para a escola.

As acusações de Calliope pairam sobre minha cabeça, como nuvens negras. *Aproveitando dele*. Eu não estou fazendo nada de propósito, eu nunca feri intencionalmente Cricket, mas eu já estava ciente que eu não tenho feito a ele quaisquer favores. Escutá-la falar foi horrível, e eu me encolho cada vez que eu me lembro dela mencionar paquerar.

Mais desconfortável é o conhecimento que Cricket teve uma namorada. Incluindo que ele é inexperiente, saber que ele namorou uma pessoa não devia me fazer sentir desse jeito. Como se os meus intestinos fossem feitos de minhocas. Tenho Max, e Cricket deveria ter namorado alguém, também. Para estar namorando alguém agora.

Oh Deus. O pensamento de Cricket com uma nova namorada me faz mal. *Por favor, por favor, por favor não deixe ele arrumar uma namorada até que eu me fique confortável com essa coisa toda de amizade*.

E então eu me sinto pior, porque caramba, que desejo egoísta.

Max me chama depois da escola para anunciar mais uma noite de sábado em Santa Monica. Eu sabia que a banda tinha agendado shows por lá, mas a maneira que ele se esqueceu de mencionar no início desta semana me fez ficar paranóica de que isto é algo adicional, algo reservado para escapar do nosso almoço. Eu não o vi desde o terrível jantar. Tudo que eu quero fazer é me enterrar em seus braços e saber que tudo ainda está bem entre nós.

Ele se oferece para me levar para fora durante a minha pausa para o jantar no trabalho. Nós nos encontramos em um restaurante tailandês de baixa qualidade, e eu não posso manter minhas mãos longe dele. Eu desejo a sua proximidade. O proprietário nos atira olhares sujos enquanto nos beijamos na mesa do canto.

— Venha para minha casa depois do trabalho? Ele pergunta.

— Andy vai me pegar, e eu ainda estou de castigo. — E amanhã, antes de sair? Eu posso fingir que eu tenho um turno mais cedo?

— Estamos indo mais cedo. Há uma loja de música em Los Angeles queremos visitar. Não faça essa cara, Lola-girl, ele Diz, quando um XXX escorrega sobre meus lábios. Ele enlaça seus dedos com os meus. — Vejo você em poucos dias.

O fim de semana passa lentamente sem ele. Ele também sem Cricket. Tudo que eu vejo dele é um sinal, e não um sinal como algo em uma xícara de chá, mas um sinal escrito num marcador preto e colado sua janela: SKATE AMÉRICA. VEJO VOCÊ NA PRÓXIMA SEMANA. Por que ele não disse mais cedo que estaria fora da cidade? Será que Calliope lhe contou sobre a nossa briga?

Quero ligar, mas eu não tenho o número dele. E eu poderia perguntar a Lindsey, tenho certeza que ainda tem guardado em seu telefone, mas daria a impressão errada sobre eu sair do meu caminho como esse. Calliope provavelmente me morderia se ela descobrisse. Então eu faço lição de casa e olho para o sinal em seu lugar.

Agora é quarta-feira. Ele ainda está lá.

E quanto mais eu olhava para sua letra, muito atarracada, muito menino, mais eu quero provar a mim mesma que podemos ser amigos. Eu gosto de Cricket. Ele gosta de mim. Não é justo deixar Calliope nos intimidar ou sequer tentar.

Qual é de alguma forma, é a razão porque eu estou em um trem para Berkeley. Eu acho. Além da coisa de amizade, eu tive pensamentos cada vez mais perturbadores sobre o meu fichário de vestidos. Eu não posso acreditar que eu dei a ele! A coisa toda. Não, "Aqui estão às cinco páginas importantes." São, seis meses de planejamento e sonhar acordada. O que ele pensa quando olha para ele? Lembro-me de cada renda, babado, imagem adornada, e meu coração e notas rabiscadas e rabiscos, e eu quero morrer. Ele deve pensar que meu cérebro é feito de bolo.

Eu tenho que recuperá-lo. Além disso, eu também preciso de minhas anotações esta semana. Eu tenho uma tonelada de trabalho para fazer no vestido. Então, realmente, é a praticidade que me levou para um trem assim que terminou a escola. Os que correm

para as cidades circunvizinhas são mais elegantes do que os que atravessam por San Francisco. Eles lançados através das estações com uivos ferozes, mas seus passageiros compartilham as mesmas expressões cansadas e entediadas. Eu brinco com meus óculos-de-sol vermelhos, em forma de coração e vejo o lado sujo e industrial de Oakland quando passamos por ali.

É um passeio solitário. É apenas vinte minutos, mas incluindo a espera pelo trem na estação de trem local que levei para chegar a este trem, estou viajando por mais de uma hora. Eu não posso acreditar que St. Clair faz isso todos os dias. Agora eu sei quando ele faz sua lição de casa. Ele viaja uma hora, duas horas, uma vez que ele tem que voltar! Para ver Anna. E ela faz isso todo fim de semana para vê-lo.

O que Cricket vai dizer quando eu aparecer? Ele sabe que não é uma viagem rápida. Talvez eu devesse lhe dizer que eu estava fazendo compras de roupas vintage na área, então eu pensei aparecer. Amigos aparecem, certo? E então eu posso mencionar casualmente o fichário e levar para casa. Sim, a coisa do amigo e, em seguida, a coisa do fichário. Porque isso é o motivo que eu estou indo.

Então por que você não disse a Max?

Eu me contorço na cadeira e me afasto da questão.

Aparentemente, eu só estou castigada a partir de coisas que envolvem o meu namorado. Quando eu disse a Andy hoje que eu estava indo para Lindsey para uma maratona de Pushing Daisies, ele não hesitou. Ele até me deu dinheiro para pegar uma pizza. Eu acho que ele se sente culpado por Norah. Tem sido uma semana e meia, e ainda nenhum sinal de sua saída. Ontem à noite, um de seus clientes se deteve por uma leitura. Meus pais e eu já estávamos na cama quando alguém começou a pressionar a nossa campainha como se fosse um botão de pânico. Imagino que quando Nathan chega em casa hoje à noite, haverá outra disputa hostil. Aposto que Andy preferia estar assistindo televisão velha e comendo pizza, também.

Eu não sei por que eu não lhe disse que estou visitando Cricket. Eu honestamente não acho que Andy se importaria. Talvez eu tenho

medo que meus pais iriam falar isso para Max. Quer dizer, eu vou dizer a Max, eventualmente, quando ficar muito, muito, muito claro que Cricket e eu somos apenas amigos.

Quando estivermos confortáveis um perto do outro.

Eu saio na estação Downtown Berkeley e sigo em direção do campus. Graças a conversas com St. Clair, eu sei em qual dormitório Cricket vive. Eu imprimi um mapa on-line. Não deve ser muito difícil de encontrar, mesmo que já faz um tempo. Eu costumava arrastar Lindsey aqui, por vezes, nos fins de semana para ir às compras na Telegraph Avenue, mas desde o verão passado e desde Max, que nós não deixamos a cidade juntas.

Os edifícios nesta cidade parecem mais a Califórnia, e menos San Francisco. Eles são mais novos e mais quadrados. Em vez casas vitorianas, com vidros coloridos e pinturas descascadas eles são feitos de tijolo estável. E há belas árvores em todos os lugares, alinhando ruas que são mais amplas e mais limpas e mais silenciosas. No entanto, está cheio o suficiente, porém, todos o que caminham a pé ou de bicicleta em volta de mim estão em idade de universidade... Eu empurro de volta dos meus ombros para parecer mais confiante.

É estranho pensar sobre Cricket vivendo aqui. Minhas memórias dele são tão ligadas a casa lavanda no Castro que é difícil imaginá-lo em outro lugar. Mas essa poderia ser sua farmácia. E essa poderia ser sua vida. E essa pode ser onde ele compra o seu Cal Golden Bears!

Não. É impossível imaginar Cricket usando uma camiseta com um mascote escolar estampado nela..

É por isso que somos amigos.

É preciso mais quinze minutos para percorrer a estrada longa, inclinada para a moradia estudantil Foothill, e minha mente não consegue evitar somar o tempo total de Anna e St. Clair. É obsceno quanto tempo que eles gastam para se verem todos os dias. E eu nunca os ouvi reclamar, nenhuma vez. Eu não posso mesmo acreditar a frequência em que Cricket volta para casa. Arrastando sua roupa, nada menos!

Um pensamento inquietante me ocorre.

Seu saco de roupa suja. Nunca está cheio. Cricket tem um grande armário para um cara, não há nenhuma maneira que ele está levando toda a sua roupa suja para casa. O que significa que ele está lavando um pouco de sua roupa aqui. O que significa... O quê? A roupa é uma desculpa para voltar para casa? Mas ele não precisa de uma desculpa para sair com Calliope. Ela o quer lá. Portanto, a desculpa deve ter sido criada para fortalecer uma razão diferente para voltar para casa.

A voz de Calliope soa dentro da minha cabeça: *As viagens especiais para a casa para vê-la.*

Um incômodo aloja a própria pergunta na boca do meu estômago. E o que estou fazendo agora? *Fazendo uma viagem especial para vê-lo.*

Oh, não...

Eu paro quieta. A moradia estudantil é Foothill são dois dormitórios, em lados opostos da rua. Eu esperava um edifício enorme. E eu pensei que eu seria capaz de parar em algum tipo de... Mesa de informação. Mas eu não vejo nada parecido com uma mesa de informação, e não só existem dois dormitórios, mas cada um é constituído por uma série de labirintos como edifícios de formato similar de chalés suíços. Malvados, malvados chalés suíços cercado por portões altos.

O que devo FAZER?

Ok acalme-se, Dolores. Há provavelmente uma solução fácil. Você pode descobrir isso. Vê não pira. Você chegou até aqui.

Eu tento uma das portas. Trancada.

ARRRRGHHHHHH.

Espera. Alguém está vindo! Eu retiro o meu celular e começar a conversar como uma louca.

— Ohmeudeus, eu sei. Você viu aquelas esporas que aquele cowboy urbano estava vestindo no posto de gasolina? Eu pretendo alcançar o portão, justo quando a garota do outro lado sai. Ela mantém em o portão aberto, e eu lhe dou um gesto de agradecimento enquanto eu sigo caminhando e falando com ninguém.

Eu estou dentro. EU ESTOU DENTRO.

Lindsey estaria tão orgulhosa! Ok, o que ela faria agora? Examino o pátio, e eu estou consternada ao descobrir a situação parece ainda pior vista daqui, infinitas construções, pisos e corredores. Trancados em toda parte. Em tudo. É uma fortaleza.

Esta foi uma idéia estúpida. Esta foi à idéia mais estúpida de todas as idéias estúpidas que eu já tive em toda minha vida estúpida. Eu deveria ir para casa. Ainda nem sei o que eu diria para Cricket quando o visse. Mas eu odeio que eu já cheguei até aqui. Eu encosto em uma bancada e ligo para Lindsey. — Eu preciso de ajuda.

— Que tipo de ajuda? Ela suspeita.

— Como faço para encontrar o edifício Cricket e número da sala?

— E você precisa da informação por quê?

Minha voz fica minúscula. — Porque eu estou em Berkeley?

Uma longa pausa. — Oh, Lola. E então um suspiro. — Você quer que eu ligue para ele?

— Não!

— Então, você só vai aparecer? E se ele não estiver aí?

Cruz. Eu não tinha pensado nisso.

— Esqueça isso, diz Lindsey. — Ok, chame não-sei-o-nome. St. Clair.

— Muito constrangedor. Você não tem acesso aos registros escolares ou algo assim?

— Se eu tivesse acesso a algo assim, você não acha que eu teria usado até agora? Não, você tem que usar uma fonte. Sua fonte é St. Clair.

— Não é você?

— Tchau, Lola.

— Espere! Se os meus pais ligarem, lhes diga que eu estou no banheiro. Estamos comendo pizza e assistindo Pushing Daisies.

— Eu te odeio.

— Eu te amo.

Ela desliga.

— Tudo bem, diz um sotaque Inglês para mim. — (A) Você não está no banheiro, (B) Você não vai comer pizza, e (C) Quem você ama?

Dou um salto e jogo meus braços em torno dele. — Eu não acredito!

St. Clair me devolve o abraço antes de me soltar. — O que você está fazendo no meu dormitório?

Eu escolhi o caminho certo? Você mora aqui? Que edifício? Eu olho em volta loucamente como se tudo estivesse se iluminando.

— Eu não sei. Devo confiar em uma menina mentirosa vestindo uma capa de chuva amarela em um dia ensolarado?

Eu sorrio. — Por que você está sempre no lugar certo na hora certa?

— É um talento particular meu. Ele encolhe os ombros. — Você está procurando Cricket?

— Você vai me mostrar onde ele mora?

— Será que ele sabe que você está vindo? Ele pergunta.

Eu não respondo.

— Ah, ele diz.

— Você acha que ele vai se importar?

St. Clair balança a cabeça. — Você está certa. Eu sinceramente duvido. Venha, então. Ele me leva através do pátio de um prédio de telhas marrons na parte de trás. Subimos um lance de escadas, e ele abre outra porta, que nos coloca dentro do segundo andar do edifício, em um corredor, feio e maltratado. Ele aparece à minha frente, mas as botas gastas fazem pesados ruídos no tapete. Cricket não faz qualquer ruído quando ele se move.

Será que Max faz barulho?

— Aqui é o meu quarto. St. Clair acena para uma porta de madeira de aparência barata, e eu rio quando vejo o desenho gasto gravado nela. É ele vestindo um Chapéu de Napoleão. — E aqui... Nós descemos mais quatro portas... — é o quarto Monsieur Bell.

Há também algo gravado na sua porta. É um mini pôster de uma mulher empurrando um machado de batalha para os céus e abrangendo um tigre branco. Nua.

Sorrio para St. Clair.

— Você tem. . . Certeza que este é seu quarto?

— Oh, eu tenho certeza.

Olho para a garota do tigre nua. Ela é magra e loira, e não parece nada comigo. Não que isso importe. Não que eu deveria me preocupar com a opinião de alguém que tem isso pendurado em sua porta. Mas, ainda assim.

— E agora eu tenho um trem para pegar, St. Clair diz. — Boa sorte. Ele salta para fora do edifício.

Se ele estiver jogando comigo, eu vou matá-lo.

Eu respiro fundo. E depois outro.

E então eu bato.

20

— Lola? — Cricket olha espantado. — O que você está fazendo aqui?

— Eu... — Agora que eu estou em pé diante de sua porta, minhas desculpas parecem ridículas.

Hey, eu estava no bairro, então eu pensei em passar pra sair. Oh! E eu queria pegar aquela pasta embaraçosa, que eu só emprestei a você porque você era bom o suficiente para se oferecer para fazer algo que me permitisse dançar com outro cara. — Eu vim para ver se você teve alguma idéia para os arcos. Eu estou... Um pouco escassa de tempo.

Escassa de tempo? Eu nunca usei a falta de tempo numa frase antes.

Cricket ainda está em choque.

— Quer dizer, eu vim vê-lo, também. Claro.

— Bem. Você me encontrou. Oi.

— Tudo bem? — Uma menina levanta sua cabeça por trás dele.

Ela é mais alta que eu, e ela é magra. E ela tem cabelos dourados em ondas naturais e um bronzeado brilhante que diz surfista em vez de uma laranja artificial.

E ela parece totalmente chateada a me ver aqui.

Ela coloca a mão possessivamente em seu braço. Sua manga esta empurrada para cima então sua pele nua está tocando a sua. Meu estômago despenca. — S-sinto muito. Foi rude eu aparecer assim. Eu te vejo mais tarde, ok? — E então eu estou andando a toda velocidade para o hall.

— LOLA!

Eu paro. E viro lentamente.

Ele parece desnorreado. — Aonde você vai?

— Eu não queria interromper. Eu estava na vizinhança, um, fazendo compras e... E é claro que você está ocupado. — *Pare de*

surtar. Ele pode namorar ou sair com ou - oh Deus - dormir com quem ele quiser.

— Está chovendo? — A menina franze o cenho para as minhas impermeáveis botas de chuva.

— Oh. Não. Elas combinam com meu vestido. — Eu abro o casaco para expor um lindo vestido no mesmo tom de amarelo. Cricket assusta quando ele nota a mão da menina. Ele desliza o olhar de seu alcance para o corredor.

— Esta é minha amiga Jessica. Nós estávamos trabalhando na nossa lição de casa de física. Jess, essa é Lola. A... A que eu lhe falei.

Jessica não parece satisfeita com essa informação.

ELE CONTOU A ELA DE MIM.

— Então você veio para trabalhar no vestido? — Ele pergunta.

— Não é grande coisa. — Eu movo em direção a ele. — Podemos fazer isso mais tarde.

— Não! Você está aqui. Você nunca está aqui. — Ele olha para Jessica. — Nós terminamos amanhã, ok?

— Certo. — Ela me atira um olhar de morte antes de sair furiosa.

Cricket não percebe. Ele abre a porta. — Entre. Como você me encontrou?

— St. Cla-OH.

— O quê? O que foi?

Duas camas. Ao lado de uma, um gráfico de constelação, uma tabela periódica, e uma mesa cheia de papéis, fios e pequenos objetos de metal. Ao lado da outra, mais mulheres nuas de fantasia, uma televisão gigante e diversos jogos de consoles.

— Você tem um companheiro de quarto.

— Yeah. — Ele parece confuso.

— A, hum, foto, em sua porta me surpreendeu.

— NAO. Não. Eu prefiro minha mulher com... Menos animais carnívoros e menos armas. — Ele faz uma pausa e sorri. — Pelada está bem. O que ela precisa é de um golden retriever e de um telescópio. Talvez então ela funcionasse pra mim.

Eu rio.

— Um esquilo e um béquer de laboratório?

— Um coelho e um cavalete.

— Só se o cavalete tiver equações matemáticas nele.

Finjo um desmaio sobre a sua cama. — Demais, demais! — Ele esta rindo, mas ele para quando me olha dar a volta na cama. Ele parece com dor. Me apoio em meus cotovelos. — Qual é o problema?

— Você está no meu quarto — ele diz calmamente. — Você não estava no meu quarto a cinco minutos atrás e agora você esta.

Termino de levantar o resto do caminho, de repente, consciente tanto da cama como de seu persistente aroma de barra de sabão e o doce óleo de mecânica. Miro um espaço próximo à sua cabeça, mas sem chegar a ela. — Eu não deveria ter interrompido desta maneira. Desculpe-me.

— Não. Estou feliz por você estar aqui.

Encontro a coragem para encontrar os seus olhos, mas ele não está olhando mais pra mim. Ele pega algo em sua mesa. Esta cheia de torres de papel gráfico e projetos parcialmente concluídos, mas há uma área que está livre de tudo. Tudo, exceto a minha pasta de fichário. — Eu fiz alguns esboços neste fim de semana na Pensilvânia...

— Oh, sim. — Olhei para o panfleto, foi realizada em Reading este ano. Eu faço uma pergunta educada. — Como é que Calliope foi?

— Bom, muito bom. Em primeiro lugar.

— Ela quebrou sua medalha de segundo lugar?

Ele olha para cima. — O quê? Oh. Não. Ela sempre fica em primeiro lugar nestas primeiras competições sazonais. Ninguém tira nada seu. — ele acrescenta distraidamente. Desde que ele não fica incomodado com a menção, entendo que ele não sabe que nós falamos. Melhor manter dessa maneira. — Tudo bem — ele diz. — Aqui está o que eu estava trabalhando.

Cricket senta ao meu lado na sua cama. Ele está em um modo profissional de inventor cientista, então ele se esqueceu da sua auto-imposta regra de distância. Ele pega algumas ilustrações que ele enfiou para dentro, e divaga sobre materiais e circunferências e

outras coisas que eu não estou pensando, porque tudo o que vejo é o cuidado com que ele está segurando meu fichário em seu colo.

Como se fosse frágil. Como se fosse importante.

— Então o que você acha?

— Parece maravilhoso — eu digo. — Obrigado.

— Isso vai ser grande. Quero dizer, você queria grande, certo? Será que você tem tecido suficiente?

Oops. Eu deveria ter prestado mais atenção. Eu estudo as dimensões.

Ele me entrega uma calculadora para que eu possa teclar meus números, e eu estou surpresa com a quão perfeita ela é. —Yeah. Wow, inclusive tenho a quantidade certa de tecido de reserva, apenas no caso.

— Eu vou coletar os materiais amanhã então eu posso começar neste fim de semana na casa dos meus pais. Eu vou precisar... — Suas bochechas ficam rosa.

Eu sorrio. — Minhas medidas?

— Não todas elas — Agora vermelhas.

Escrevo o que necessita. — Eu não sou umas *dessas* garotas. Eu não me importo.

— Não deveria. Você é perfeita, parece linda. As palavras pularam pra fora. Ele tinha sido tão cuidadoso.

— Eu não deveria ter dito isso. — Cricket coloca de lado meu fichário e se levanta com um pulo. Ele se move o mais longe possível de mim sem pisar no lado do seu companheiro de quarto. — Eu sinto muito. — Ele esfrega a parte de trás de sua cabeça e olha para fora da janela.

— Está tudo bem. Obrigado.

Estamos quietos. Está mais escuro lá fora.

— Você sabe. — Eu abotoo e desabotoo minha capa de chuva. — Nós passamos muito tempo pedindo desculpa um ao outro. Talvez devêssemos parar. Talvez precisamos nos esforçar mais para sermos amigos. Está tudo bem para os amigos dizerem coisas como essa sem se sentir estranho.

Cricket se vira e olha para mim. — Ou aparecer de surpresa.

— Mas se você tivesse me dado o seu número, eu não precisava fazer isso.

Ele sorri, e eu pego meu celular e o atiro para ele. Ele me joga o seu. Colocamos nossos números no celular um do outro. O ato parece oficial. Cricket joga o meu de volta e diz: — Estou debaixo como 'Mulher Tigresa desnuda.

Eu rio. — Você está falando sério? Porque eu me listei como 'Lady Tigresa desnuda.

— Sério?

Eu rio mais ainda. — Não. Eu sou Lola.

— A única.

Caminho para dar seu telefone e o coloco na palma de sua mão aberta.

— Isso é um elogio muito bem vindo de você, Cricket Bell.

Suas sobrancelhas sobem lentamente em uma pergunta.

E então as luzes do quarto se acendem.

— Whoops. — Um cara da metade da altura de Cricket e duas vezes mais largo joga um saco de Doritos Rancho frescos para a outra cama. — Desculpe cara. —

Cricket pula para trás. — Este é o meu companheiro de quarto, Dustin. Dustin, esta é Lola.

— Huh — Dustin diz. — Eu pensei que você fosse gay.

— Hum — Cricket diz.

— Você está sempre na cidade, e você ignora Heather sempre que ela aparece.

Heather? Há outra?

— Acho que eu estava errado. — Dustin balança a cabeça e se encosta ao lado de seus chips. — Ótimo. Agora eu não tenho mais que me preocupar sobre você olhar para a minha bunda.

Eu fico tensa. — Como você sabe que ele estaria interessado em *sua bunda*? Não é como se você se sentisse atraído por cada menina no mundo. Por que ele iria ser atraído por cada menino?

— Whoa. — Dustin olha para Cricket. — Qual é o problema?

Cricket pega um casaco. — Devemos ir, Lola. Você provavelmente terá que pegar o trem.

— Você não vem aqui? — Dustin me pergunta.

— Eu frequento a escola na cidade. — Eu deslizo meu fichário na minha bolsa.

Ele me olha de cima a baixo. — Um desses alunos de arte, huh?

— Não. Vou ao Harvey Milk Memorial.

— O que é isso?

— Uma escola secundária — eu digo.

As sobrancelhas de Dustin vão para cima. Ele se vira para Cricket.
— O que disse é certo? — Sua voz esta tingida com aprecio e respeito.

— Tchau, Dustin. — Cricket mantém a porta aberta para mim.

— O QUE DISSE É CERTO? — Ele diz enquanto Cricket bate a porta atrás de nós.

Cricket fecha os olhos. — Sinto muito.

— Hey. Não se desculpe. Especialmente por *ele*. — Nós vamos para fora, e eu estremeço. Não me pergunto por que Cricket vai para casa nos fins de semana. — Além disso — eu continuo — Eu estou acostumada com isso. Eu recebo coisas assim toodo o...

Cricket parou de se mover.

—... Tempo. — *Merda* — Certo. Claro que você recebe. — Com um esforço excruciante, ele se empurra através do fantasma de Max. Sempre presente. Sempre nos assombrando.

— Então, o que o seu namorado esta fazendo esta noite?

— Eu não sei. Eu não falei com ele hoje.

— Você costuma falar com ele? Todos os dias?

— Sim — eu digo desconfortável. Eu estou perdendo Cricket. Seu corpo está se movendo fisicamente longe do meu enquanto sua mente reconstrói a barreira que construiu para nos proteger. — Você quer jantar ou algo assim? — eu deixo escapar. Ele não responde. — Esqueça isso, eu tenho certeza que você tem coisas para fazer. Ou o que seja.

— Não! — E então, com controle — jantar seria bom. Algum desejo particular?

— Bem... Andy me deu dinheiro para pizza.

Cricket me leva através de seu campus, apontando para vários edifícios, tudo grande e imenso e nomeado Algo-o-outro-Hall, onde ele tem aulas. Ele me conta sobre seus professores e os outros

alunos, e mais uma vez, eu estou impressionada com o quão estranho é que ele tenha essa outra vida. Essa vida que eu não faço parte.

Nós acabamos na Telegraph Avenue, a rua mais movimentada do centro de Berkeley. É o lugar mais parecido de São Francisco por aqui, com suas lojas, lojas de tatuagem, livrarias, lojas de CDs, e as importações do Nepal. Mas também é invadida por vendedores ambulantes que vendem uma fabricação mais barata: jóias feias, sapatos tingidos, arte ruim e a cara do Bob Marley em tudo. Tivemos que caminhar através de um grupo de dança Hare Krishnas com roupas de sorvetes coloridos e pratos de som no dedo, e quase me choquei com um homem vestindo um chapéu de pele e uma capa. Que está cobrindo uma pequena mesa de veludo para leituras de taro, ali mesmo na rua. Sinto-me aliviada de que o desgosto de Norah por trajas significa que pelo menos ela não se parece com esse cara.

Há sem-tetos em todos os lugares. Um homem mais velho com um rosto endurecido pelo tempo aparece do nada, mancando e cambaleando diante de nós como um zumbi. Eu instintivamente sacudo para trás e para longe.

— Hey — Cricket diz suavemente, e eu percebo que ele percebeu a minha reação. É confortante saber que ele entende por quê. Saber que não vou ter que explicar, e sei que ele não está me julgando por isso. Ele sorri. — Nós estamos aqui.

Dentro da Blondie, eu insisto em pagar com os 20 dólares de Andy. Sentamos em uma bancada com vista para a rua e comemos uma fatia de pizza vegetariana (para mim) e três de carne de pepperoni (para ele). Cricket toma um gole de Coca-Cola de cereja. — Gentil de Andy nos dar dinheiro para jantar—ele diz. — Mas por que pizza?

— Oh, a pizzeria estava no caminho — eu digo. Ele olha confuso. — No caminho para casa de Lindsey. Eles acham que eu estou com Lindsey.

Cricket deixa de lado sua bebida. — Por favor, me diga que está brincando.

— Não. Foi mais fácil do que explicar a Andy... — Eu paro pouco a pouco, sem ter certeza de qual é o resto da frase.

— Explicar que você queria sair comigo?

— Não. Bem, sim. Mas eu não acho que meus pais se importariam — Eu adiciono rapidamente.

Ele está irritado. — Então por que não disse a eles? Jesus, Lola. E se alguma coisa acontecesse com você? Ninguém saberia onde você estava!

— Eu disse a Lindsey eu estava aqui. — *Bem, eu disse a ela depois.* Eu empurro o recipiente de queijo parmesão. — Você sabe, você está começando a soar como meus pais.

Cricket abaixa a cabeça e passa suas mãos através de seu cabelo escuro. Quando ele olha para cima novamente, se sobressai ainda mais alto e mais agitado do que o habitual. Ele fica de pé. — Vamos.

— O quê?

— Você tem que ir para casa.

— Eu estou comendo. *Você* está comendo.

— Você não pode estar aqui, Lola. Eu tenho que te levar pra casa.

— Eu não acredito nisso. Você ta falando sério?

— SIM. Eu não vou ter isso no meu... Registro permanente.

— O que diabos isso significa?

— Isso significa que se seus pais descobrirem que você esteve aqui sem suas permissões, eles não irão gostar muito de mim.

Agora eu estou de pé. Ele é quase um pé mais alto, mas eu tento fazê-lo se sentir pequeno o quanto possível. — E por que você está tão preocupado sobre os meus pais gostarem de você? É necessário lembrá-lo – DE NOVO - que eu tenho um namorado?

As palavras são cruéis, e estou horrorizada logo que elas deixam a minha boca. Os olhos azuis de Cricket ficam surpreendentemente zangados. — Então por que você está aqui?

Eu estou entrando em pânico. — Porque você se ofereceu para me ajudar.

— Eu estava ajudando-a, e então você simplesmente apareceu. No meu quarto! Você sabia que eu estava voltando neste fim de semana...

— Você não voltou na semana passada!

— E agora eu preciso de sua permissão para ir a algum lugar? Você gosta de saber que eu estou lá... *Suspirando* por você?

Eu lanço minha fatia semi-acabada na lata de lixo e fujo. Como sempre, ele está em meus calcanhares. Ele me agarra. — Lola espere. Eu não sei o que estou dizendo, essa conversa está se movendo muito rápido. Vamos tentar de novo.

Eu arranco meu braço de sua mão e retomo a minha corrida em direção à estação de trem. Ele está ao lado de cada passo. — Eu vou para casa Cricket. Como você me disse.

— Por favor, não vá. — Ele está desesperado. — Não assim.

— Você não pode ter as duas coisas, você não entende? — Me sacudo um pouco e giro. *Refiro-me a mim mesma, não á Cricket.*

— Estou tentando — ele diz. — Eu estou tentando tanto.

As palavras quebram meu coração. — Sim — eu digo. — Bem. Eu também.

Confusão.

E então... — Você está tentando? Você está tentando da mesma maneira que eu? — Suas palavras saem correndo, tropeçando umas sobre a outras.

A vida seria muito mais fácil se eu pudesse dizer que eu não estou interessada, que ele não tem chance comigo. Mas algo sobre o modo que Cricket Bell está olhando para mim - como se nada importava para ele mais do que a minha resposta - significa que eu só posso falar a verdade. — Eu não sei. Ok? Eu olho para você, e eu penso em você, e... Eu não sei. Ninguém jamais me deixou completamente confusa da maneira que você me deixa.

Seu rosto é uma difícil equação. — Então, o que isso quer dizer? — Isso significa que estamos de volta onde começamos. E eu estou de volta na estação de trem. Então, eu estou indo agora.

— Eu vou com você

— Não. Você não vai.

Cricket quer discutir. Ele quer ter certeza de que eu chegarei em casa com segurança. Mas ele sabe que se ele vier comigo, ele vai atravessar uma linha que eu não quero cruzar. Ele vai me perder.

Então ele diz adeus. E eu digo adeus.

E quando o trem se afasta, eu sinto que eu o perdi de novo de qualquer jeito.

21

Eu adoro assistir Max no palco. Ele está tocando o seu atual cover favorito. A primeira vez que ele cantou — *I Saw Her Standing There* — *Bem, ela tinha apenas 17 anos! Você sabe o que eu quero dizer* - com um olhar malicioso em minha direção, pensei que eu morreria. Eu era uma daquelas meninas. Meninas que tinham músicas dedicadas a elas.

Ainda é emocionante.

Lindsey e eu estamos em San Francisco, um cenário do dia inteiro no festival de rock de Halloween, com doze palcos, em Golden Gate Park. É Sábado, e eu ainda estou de castigo, mas tínhamos os ingressos há meses. Além disso, Norah é inevitável. Depois de ser negada em todos os apartamentos de baixa renda na cidade, ela fez arranjos para morar com seu amigo Ronnie Reagan. Ronnie tolera Norah, e ela é como ele, e o único problema é que o antigo colega de quarto de Ronnie não estará saindo até *janeiro*. Meus pais se sentem mal e culpados por isso. Então eles me deixaram vir hoje.

Por tradição anual, eu estou vestindo jeans, uma blusa bonita, uma peruca preta com franja reta e tênis vermelhos. Lindsey está vestindo um vestido de dona de casa dos anos cinqüenta, um avental vintage, saltos de quatro polegadas, uma peruca loira, e grande e brilhantes brincos.

Estamos vestidas uma como a outra, é claro. Eu uso praticamente a mesma coisa cada ano. Ela sempre tem algo novo.

Amphetamine termina no palco quatro, e eles movem seus equipamentos enquanto a banda seguinte, Pot Kettle Black, se organiza. Eu me abano com um panfleto de uma casa assombrada, tentando não chamar a atenção para o fato de que eu estou abanando mais minhas axilas do que o meu rosto. Mas eu não quero cheirar mal para Max. Ele ainda não tinha me visto. O sol bate, e meu nariz esta queimando, apesar do meu filtro solar 25. A cidade tende a ter estas raras ondas de calor no outono.

— Eu não posso esperar até você virar um detetive, e eu começar a usar o seu crachá — eu digo. — Eu totalmente iria deter qualquer garota que viesse aqui vestida como uma gata sexy. Snooze.

— Eu não posso esperar até que sua podóloga a proíba de usar saltos.

— Mas você parece *fabulosa*, querida.

— Lola?— Uma garota grita atrás de nós.

Eu me viro para encontrar Calliope com a cabeça inclinada para o lado. — Esta é você. Você estava certo. — Ela olha por cima do ombro, e eu sigo o seu olhar enquanto o outro gêmeo Bell aparece atrás de um monstruosamente grande anjo do inferno. Ou um cara vestido como um Anjo do Inferno. Abano meu rosto com o folheto, me sentindo quente novamente. Eu não tenho certeza qual dos gêmeos é mais preocupante — Como você pode dizer? — Calliope continua. — Ela parece tão... Normal.

— Vou levar isso como um elogio — Lindsey sussurra para mim.

— Ela sempre se parece com Lindsey no Halloween — Cricket diz. Nenhum dos gêmeos está fantasiado, mas a mão de Cricket diz BOO. —Lindo traje, Lindsey. Você está ótima.

Com todo o seu eu-não-me-importo-menos, Lindsey parece satisfeita com o elogio. — Obrigado.

Ele está tendo problemas em olhar diretamente para mim. Ele viu a Banda de Max? O que ele pensa deles? O único contato que tive com ele desde Berkeley foi naquela mesma noite, quando eu recebi uma mensagem de texto da MULHER TIGRE PELADA perguntando se eu tinha chegado em casa bem. Se alguém tivesse feito isso depois de uma briga, eu teria achado insuportável.

Mas Cricket de verdade não pode deixar de ser uma pessoa agradável.

Eu não posso dizer se Calliope sabe que eu o visitei. Presumo que não, já que ela está falando comigo. Graças a Deus pelos pequenos milagres.

— Hey — eu digo, mais ou menos encontrando os olhos de Cricket. — O que você está fazendo aqui?

— A mesma coisa que você. — A voz de Calliope é cortante. — Ouvindo música. A prática foi cancelada. Petro está doente.

— Petro? — Lindsey pergunta.

— Meu treinador. Petro Petrov.

Lindsey e eu sufocamos nosso riso. Calliope não percebe. É estranho, mas de repente percebo que eu não tinha visto os gêmeos de pé um ao lado do outro em anos. Eles têm uma forma de corpo semelhante, embora Calliope seja a versão pequena. Isto ainda significa que ela é mais alta do que seus concorrentes. Depois de seu esforço de crescimento, levou vários anos para que ela se ajustasse no gelo. Cricket uma vez me disse que quando você é alto, o seu centro de equilíbrio também é maior, e isso acentua os erros. O que faz sentido.

Mas agora sua confiança e força são forças a serem consideradas. Ela poderia chutar minha bunda qualquer dia da semana.

Eu a sinto observando o espaço extra e o constrangimento entre Cricket e eu, e eu não tenho dúvida de que ela está considerando isso.

— Por que vocês não se fantasiaram? — Lindsey pergunta.

— Nós fizemos. — Calliope esboça seu primeiro sorriso. — Estamos vestidos como gêmeos.

Lindsey sorri de volta. — Hmm, eu vejo isso agora. Fraternal ou idênticos?

— Você ficaria surpresa com quantas pessoas perguntam isso — Cricket diz.

— O que você diz a eles? — Lindsey pergunta.

— Que eu tenho um pênis.

Oh Deus. Minhas bochechas queimam enquanto todos eles caem na gargalhada. *Pense em algo mais, Dolores. QUALQUER outra coisa. Pepinos. Bananas. Abobrinha. AHHHH! NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO.* Eu viro meu rosto para longe deles enquanto Calliope finge um som de tagarelice.

— Definitivamente, hora de mudar de assunto — ela diz.

— Ei, vocês estão com fome? — Eu deixo escapar. *SÉRIO?* Eu estou tão grata que os leitores da mente não são reais.

— Faminto — Cricket diz.

— Diz o cara que só comeu três saladas de taco — Calliope diz.

Ele esfrega o estômago. Suas pulseiras e faixas de borracha chacoalham. — Invejosa.

— É tão injusto. Cricket come durante todo o dia, as mais terríveis coisas...

— As mais deliciosas — ele diz.

— As coisas mais horríveis e deliciosas, e ele não ganha uma grama. Enquanto isso, eu tenho que contar calorias cada vez que eu como uma alfafa.

— O quê? — Lindsey diz. Ela está tão perplexa quanto eu. — Você está em perfeita forma. Tipo, *perfeita*.

Calliope revira os olhos. — Diga isso ao meu treinador. E para os comentaristas.

— E a mamãe — Cricket diz, e Calliope lhe corta com um olhar.

Ele olha de volta. É assustador ver que eles têm o mesmo olhar.

E então eles caem na gargalhada. — Eu ganhei! — Cricket diz.

— De jeito nenhum. Você riu primeiro.

— Empate — Lindsey diz autoritariamente.

— Hey. — Calliope se vira para mim, e o sorriso desaparece. — Não é o seu namorado?

Oh. Santo. Cemitérios.

Eu tenho estado tão desatenta que me esqueci que Max estaria aqui a qualquer segundo. Eu quero enfiar Cricket atrás do anjo do inferno, e ele parece que não se importaria de fazer um ato de desaparecimento. Max anda no meio da multidão como um lobo na espreita. Eu levanto minha mão em uma fraca saudação.

Ele acena com a cabeça, mas está olhando fixamente para Cricket.

Max me puxa em seus braços tatuados. — Como fomos?

— Fenomenal — eu digo sinceramente. Seu aperto está apertado, obrigando-me apontar o elefante bem vestido na sala. — Esta é meu vizinho Cricket. Lembra-se? — Como se qualquer um de nós pudesse ter esquecido.

— Oi — Cricket diz, encolhendo os ombros.

— Hey — Max diz em uma voz entediada. O que ainda não é sua voz regular entediada. É a máscara de uma voz entediada que diz, *vê o quanto eu não me importo com você?*

— E esta é sua irmã, Calliope.

— Nós vimos o seu show — ela diz. — Você estava ótimo.

Max a olha de novo. — Obrigado — ele diz depois de um momento. É educado, mas indiferente, e sua frieza a desconcerta.

Ele se vira para mim e franze a testa. — O que você está vestindo?

A maneira como ele diz isso me faz querer não responder.

— Ela é eu — Lindsey diz.

Max nota finalmente a sua presença. — Então você deve ser Lola. Bem. Não posso dizer que vou me lamentar quando esse dia acabar.

Estou horrorizada. A presença de Cricket o fez imprudente.

— Acho que está linda. — Cricket endireita sua altura total. Ele mira meu namorado de cima. — Eu acho que é legal elas fazerem isso todo ano.

Max se inclina e fala baixinho para que somente eu possa ouvi-lo. — Eu vou carregar algumas coisas para van. — Ele me beija rapidamente no início, mas, em seguida, algo muda em sua mente. Ele desacelera. E ele REALMENTE me beija. — Eu mando uma mensagem quando acabar. — E ele sai sem se despedir de ninguém mais.

Estou tão mortificada. — Grupos... O deixa desconfortável.

Calliope parece revoltada, e meu interior se contorce, porque eu sei que ela pensa que eu estou brincando com Cricket para seguir saindo com ele. Mas *isso* não era meu namorado. O desdém na expressão de Cricket me faz sentir ainda mais humilhada. Eu imagino as conversas em que Calliope usa isso como prova de que eu sou superficial e não digna de sua amizade.

Viro-me para Lindsey. — Sinto muito. Tenho certeza que ele não quis dizer aquilo.

— Tanto faz. — Ela revira os olhos. — Você sabe que ele me odeia. Eu não sou louca por ele também.

Eu abaixo a minha voz. — Max não te odeia.

Ela encolhe os ombros. Eu não posso suportar que os gêmeos ouçam mais disso, então eu pego a mão de Lindsey e a levo embora. — Temos que ir, me desculpe. Há uma banda no palco seis que eu estou morrendo para ouvir.

— Bom, nós vamos te seguir — Calliope diz. — Você conhece esses locais de bandas melhor do que nós.

Estou gritando por dentro enquanto eles seguem Lindsey e eu em silêncio por toda a grama através de esqueletos, fantasmas e piratas para o palco seis, onde uma banda punk medíocre está massacrando — Thriller.

Miro o tambor com os olhos cerrados. Minhas lentes de contatos coloridas são uma receita antiga. — As Azeitonas em chamuscas?

— Os diabos da noite — Lindsey corrige, irritada.

— É um nome estúpido — eu digo.

— Azeitonas seria pior — Calliope diz. — Eu pensei que você estava morrendo de vontade de ouvi-los.

— Eu pensei que fosse ser outro — eu resmungo.

— Ah — Cricket diz.

É um descrente *ah*, e isso aumenta minha vergonha. Mantenho-me firme e tento me perder na banda, mas não posso acreditar que meu namorado apenas tratou Lindsey como lixo. Eu não posso acreditar que Cricket o viu tratar Lindsey como um lixo. E eu estou feliz que ele tenha intervindo antes que Max pudesse fazer mais danos, mas por que teve que ser *ele*? Deveria ter sido eu. O sol alaranjado fica mais forte, e eu estou suando de novo. Minha peruca esta retendo o calor. Eu me pergunto o quão mal o meu cabelo está por baixo, e se eu posso fugir para removê-lo. Enfim, recobro a respiração quando uma nuvem passa sobre o sol. Solto um pequeno suspiro.

— De nada — Cricket diz.

E então eu percebo que ele está de pé atrás de mim. Cricket é a nuvem.

Ele dá um sorriso estranhamente sombrio. — Você parecia desconfortável.

— Esta banda é péssima, e os meus pés estão me matando — Lindsey diz. —Vamos.

Meu telefone vibra no meu bolso. Uma mensagem de Max:

"No parque marx perto dos primeiros socorros. Onde você está?"

O plano era sair com Max e Lindsey por poucas horas e depois ir para casa ao anoitecer. Eu amo o Halloween. O Castro costumava fechar as ruas e fazer uma festa insana que atrairia mais de cem mil pessoas, mas alguns anos atrás, alguém morreu na multidão. A cidade deixou de fechar e pediu para as pessoas ficarem em seus próprios bairros. Ainda. De longe os lugares para se estar no dia 31 de outubro, uma multidão de drag queens não pode ser batida.

Mas agora eu não quero sair com Lindsey e Max juntos. E eu quero ficar com minha amiga, mas eu não tenho estado sozinha com Max em duas semanas.

Não. Eu deveria ficar com Lindsey.

— Max? — Ela pergunta.

— Yeah. Ele está pronto para nos encontrar, mas eu vou lhe dizer que vamos para casa mais cedo.

— Ele vai ficar puto se você não aparecer.

— Ele não vai ficar puto — eu digo, com um olhar nervoso para Cricket. Apesar de Lindsey estar certa. Mas o jeito que ela disse faz soar pior do que é.

— Sim, bem, você não o viu desde sempre. Não me deixe ficar no caminho de suas atividades amorosas.

Desejo que Lindsey parasse de falar na frente de Cricket.

— Está tudo bem — ela continua. — Vou sair com eles por mais algum tempo — ela aponta para os Bells — e então eu vou pegar o ônibus para casa. Eu estou cansada.

Ela está me empurrando com maldade. Não há uma boa maneira de lidar com ela quando ela esta assim, exceto dar o que ela quer. — Então, um, falo com você esta noite?

— Vá — ela diz.

Eu pego outro vislumbre de Cricket antes de sair. Eu gostaria que não tivesse. Ele parece torturado. Como se fosse fazer qualquer coisa para me parar, mas ele está sendo retido pelos seus próprios demônios invisíveis. Murmuro um adeus. Enquanto eu ando para a grama, eu tiro minha peruca. Eu não tenho uma bolsa - Lindsey nunca carrega uma - então eu a coloco sobre um ramo bordo japonês. Talvez alguém vá encontrá-la, e adicioná-la ao seu traje. Eu

sacudo meu cabelo, desabotoo o topo da minha camisa e arregaço as mangas.

É melhor, mas ainda não se parece comigo.

Na verdade, eu pareço *mais* como eu. Eu me sinto exposta.

Max está encostado na estação de primeiros socorros, e seus ombros relaxam quando ele me vê. Ele está feliz que eu estou sozinha. Mas quando eu me inclino para beijá-lo, ele endurece de novo, e isso envia um frio na minha espinha. —Agora não, Lola.

Ele pica com repreensão. É por causa da minha aparência?

— Você ainda está saindo com ele — ele diz.

Não, é porque ele está com ciúmes. Estou suando de novo.

— Quem? — Pergunto, ganhando tempo.

— Gafanhoto. Centopéia. Louva Deus.

Estremeço-me ao ouvir Max zombar de seu nome. — Isso não é engraçado. E não foi legal o que você disse a Lindsey antes também.

Ele cruza os braços. — Há quanto tempo você está vendo ele?

— Eu não estou vendo ele. Nós só cruzamos com ele e sua irmã, eu prometo. Seu silêncio me intimida, me fazendo tagarelar. — Eu juro, Lindsey e eu topamos com eles, tipo, três minutos antes de você aparecer.

— Eu não gosto da maneira como ele olha para você.

— Ele é apenas meu vizinho, Max.

— Quantas vezes você já viu ele desde Amoeba?

Hesito e decido ir com uma parte da verdade. — Às vezes eu o vejo através da minha janela no fim de semana.

— Sua janela? A janela do seu *quarto*?

Eu estreito meus olhos. — E então eu fecho minhas cortinas. Fim da história.

— Lola, eu não acredito...

— Você nunca acredita em mim!

— Porque você mente o tempo todo! Não pense que eu não sei que você ainda está escondendo coisas de mim. O que aconteceu em Muir Woods, Lola?

— *O quê?*

— Você me ouviu. Nathan estava tentando fazer com que você me dissesse algo no jantar. Ele estava lá, não estava? O garoto

vizinho.

— Oh meu Deus, você está louco. Era um piquenique da família. Você está ficando paranóico e você está inventando coisas. — Eu estou em pânico. *Como ele sabe?*

— Estou?

— SIM!

— Porque um de nós está ficando muito nervoso agora.

— Porque você está me acusando de coisas horríveis! Eu não posso acreditar que você acha que eu iria mentir para você sobre algo assim. — *Oh Deus, eu vou para o inferno.* Eu estou chorando.

— Por que está tão convencido de que eu estou disposta a te enganar?

— Eu não sei. Talvez porque eu nunca vi o mesmo de você duas vezes. Nada sobre você é real.

Suas palavras param meu coração.

Max vê que ele foi longe demais. Ele se empurra para frente como se um feitiço tivesse sido quebrado. — Eu não quis dizer isso. Você sabe que eu amo as roupas malucas.

— *Você sempre diz o que quer dizer* — eu sussurro.

Ele esfrega as têmporas por um longo momento. — Sinto muito. Vem aqui.

Ele coloca os braços em volta de mim. Eu o abraço fortemente, mas parece como se ele estivesse desaparecendo. Quero lhe dizer que me desculpe também, mas eu estou com medo de lhe dizer a verdade. Eu não quero o perder.

Quando duas pessoas se amam, é suposto que isso funcione. Isso *tem* que funcionar. Não importa quão difícil sejam as circunstâncias. Eu penso sobre as doces canções que ele escreve, as que ele toca em seu apartamento, para os meus ouvidos apenas. Eu penso sobre nosso futuro, quando eu não estiver mais ligada aos meus pais. Trajes de dia, clubes de rock à noite. Nós dois vamos ser um sucesso, e isso vai ser devido um ao outro.

Nosso amor deve nos fazer um sucesso.

Max beija o meu pescoço. Meu queixo. Meus lábios. Seus beijos são famintos e possessivos. Max é o único. Nós amamos um ao outro, então ele tem que ser o único.

Ele se afasta. — Este é o meu verdadeiro eu. Esta é a verdadeira
você?

Estou tonta. — Essa sou eu.

Mas isso tem gosto de medo em meus lábios. Tem gosto de outra
mentira.

22

Eu estou discutindo sobre Max com a lua, mas é extremamente insatisfatório. Seus raios estão lançando uma estranha luminescência na janela de Cricket. — Max não gosta quando eu me visto informal, mas ele joga a minha aparência habitual na minha cara quando brigamos. Eu nunca sou o que ele precisa que eu seja.

A lua se escurece pelas nuvens que a cobre.

— Ok, eu menti para ele. Mas você viu como ele fica com ciúmes. Fez-me sentir como se eu *tivesse*. E eu não deveria ter que defender o meu direito de ser amiga de outro cara.

Eu espero. O céu permanece escuro.

— Ótimo. A situação com você-sabe-quem é estranha. Talvez... Max e Calliope não estão tão longe. Mas para começar, nunca tive a confiança de Max, como ele pode esperar que eu confie nele em troca? Você vê o que eu quero dizer? Você vê o quão confuso que é?
— Eu fecho meus olhos. — Por favor, me diga. O que eu faço?

A luz atrás das minhas pálpebras suavemente se ilumina. Abro os olhos. As nuvens se moveram, e a janela de Cricket é iluminada pelo luar.

— Você tem um doente senso de humor — eu digo.

Seus raios não vacilam. E sem saber como isso acontece, me encontro removendo um punhado de grampos para cabelos da minha mesa. Os atiro em sua janela. Dink! Dink! Dink! Sete grampos depois, Cricket abre sua janela.

— Doces ou travessuras — eu digo.

— Há algo de errado? — Ele está sonolento e desorientado. Ele também está apenas vestindo sua cueca boxer, suas pulseiras e elásticos.

OHMEUDEUS. ELE SÓ ESTÁ VESTINDO UMA CUECA BOXER.

— Não.

Cricket esfrega os olhos. — Não?

NÃO OLHE PARA O SEU CORPO. NÃO OLHE PARA O SEU CORPO.

— Você foi a algum lugar divertido esta noite? Eu fiquei aqui dentro e entreguei doces. Nathan comprou coisas boas, chocolates de marca, não a mescla barata que geralmente recebe, você sabe, como os Tootsie Pops e Dots e esses pequenos Tootsie Rolls em sabores como limão, eu acho que você teve um monte de crianças em sua casa, também, hein?

Ele olha para mim sem entender. — Você me acordou... Para falar sobre doces?

— Ainda tá muito quente aqui fora, não é? — Eu deixo escapar. E ENTÃO EU QUERO MORRER.

Porque Cricket se transforma em pedra, ao se dar conta do estado de quase nudez em que seu corpo se encontra. O qual eu não, não, estou olhando. Em tudo.

— Vamos dar um passeio!

Minha exclamação o descongela. Suas bordas estão fora de vista, tratando de deixar que tudo se esfrie.

— Agora? — ele pergunta da escuridão. — São... 02h42min da manhã.

— Eu poderia precisar de alguém para conversar.

Cricket aparece de volta. Ele localizou suas calças. Ele está as usando.

Eu coro.

Ele me examina por um momento, puxa uma blusa sobre a sua cabeça, e então acena com a cabeça. Desço furtivamente as escadas, passo o quarto dos meus pais, e o quarto temporário de Norah, e chego à rua sem ser detectada. Cricket já está lá. Eu estou usando uma calça de pijama com um sushi impresso e uma camisola branca. Vendo ele completamente vestido de novo me faz sentir *despida*, um sentimento que se intensificou quando o percebo olhando minha pele nua. Caminhamos até a colina da esquina de nossa rua. De alguma forma, nós dois sabemos onde estamos indo.

A cidade está em silêncio. O espírito do Halloween tinha ido dormir.

Chegamos ao morro ainda maior que nos separa do Dolores Park. Oitenta passos conduzem para o topo. Eu contei. Cerca de vinte para cima, ele para. — Você vai dizer o que está em sua mente, ou

— Você vai me fazer adivinhar? Porque eu não sou bom em jogos de adivinhas. As pessoas devem dizer o que quer dizer, e não fazer as outras pessoas tropeçarem em tudo.

— Desculpe.

Ele sorri pela primeira vez em muito tempo. — Hey. Não se desculpe.

Eu sorrio de volta, mas vacilo.

O seu também desaparece — É Max?

— Sim — eu digo baixinho.

Caminhamos lentamente as escadas de novo. — Ele parecia surpreso em me ver hoje. Ele não sabe que nós saímos, sabe?

A tristeza em sua voz me faz subir mais lentamente. Eu envolvo meus braços ao meu redor. — Não. Ele não sabia.

Cricket pára. — Você tem vergonha de mim?

— Por que eu deveria ter vergonha de você?

Ele coloca as mãos nos bolsos. — Porque eu não sou legal.

Estou demolida. Cricket não é legal no mesmo sentido que Max, mas ele é a pessoa mais *interessante* que eu conheço. Ele é gentil, inteligente e atraente. E ele está bem vestido. Cricket está REALMENTE bem vestido. — Como você pode pensar isso?

— Vamos lá. Ele é um sexy deus do rock, e eu sou o garoto da porta ao lado. O estúpido nerd da ciência, que passou toda sua vida na margem das pistas de patinação artística. Com sua irmã.

— Você não é... Você não é um nerd, Cricket. E mesmo se você fosse, o que há de errado com isso? E desde quando ciência é *estúpida*?

Ele parece agitado fora do usual.

— Oh, não — eu digo. — Por favor, me diga que isto não é sobre o seu tata-tata qualquer que seja avô. Porque isso não significa nada.

— Isso significa tudo. A herança que pagou por nossa casa, que paga o treinamento de Calliope, que paga minha educação universitária, que comprou tudo que já tive... E que não era nosso. Você sabe o que aconteceu com Alexander Graham Bell depois que se tornou famoso? Ele passou o resto de sua vida se escondendo em uma parte remota do Canadá. Com vergonha do que ele tinha feito.

— Então, por que ele fez isso?

Cricket passa a mão pelos cabelos. — Pela mesma razão que todos cometem erros. Ele se apaixonou.

— Oh. — Isso dói. Eu nem tenho certeza por que dói tanto, mas dói.

— Seu pai era rico e poderoso. Alexander não era. Ele tinha *idéias* para o telefone, mas ele não pôde fazê-las funcionar. Seu pai descobriu que alguém - Elisha Gray - estava prestes a patentear isso, então eles foram para o escritório de patentes no mesmo dia que Elisha, copiou sua idéia e a converteu em sua própria, e afirmaram que estavam lá primeiro. Alexandre tornou-se um dos homens mais ricos da América e foi autorizado a se casar com a minha ta-ta-tara avó. No momento em que Elisha se deu conta do que ele havia feito, já era tarde demais.

Eu fico surpresa. — Isso é terrível.

— Os livros de história estão cheios de mentiras. Quem ganha à guerra conta a história.

— Mas Alexandre ainda era um homem inteligente. Ele ainda era um inventor. Você consegue *isso* muito honestamente. A vida não é sobre o que você ganha, é sobre o que você FAZ com o que você ganha.

— Eu crio coisas que não têm uso. — Seu tom é plano. — É tão ruim. Eu deveria estar criando algo que faz uma diferença, algo que... Compense o passado.

Eu estou ficando com raiva. — O que você acha que aconteceria se eu acreditasse que a genética desempenhou esse tipo de papel na minha vida? Se eu acreditasse que só porque meus pais biológicos tomaram certas decisões, isso signifique que a minha vida, meus sonhos, se perderam, também? Você sabe o que isso faria comigo? Você tem alguma idéia do que isso TINHA feito a mim?

Cricket está arrasado. — Eu não estava pensando, eu sinto muito...

— Você deveria. Você tem um dom, e você está duvidando dele. — Eu sacudo a cabeça para limpar meus pensamentos. — Você não

pode deixar esse tipo de vergonha dizer quem você é. Você não é seu nome. Suas decisões são próprias.

Ele me mira fixamente.

Devolvo o olhar, e meus sentidos aumentam. A energia entre nós ricocheteia tão ferozmente que me assusta.

Eu quebro o nosso olhar.

Nós subimos o resto do caminho até o topo, e toda a cidade se estende ante nós. As casas sobressaindo, as colinas douradas, os arranha céus, a baía cintilante. É impressionante. Sentamos em uma laje vazia de asfalto para ver a vista. É o caminho de alguém, mas ninguém nos verá. A árvore de eucalipto pendurada acima de nós libera sua fragrância suave para o ar da noite. Cricket inala longo e lentamente. Quando exala, suspira. — Eu senti falta disso. Eucalipto sempre me faz lembrar de casa.

E eu me encho de calor, porque, mesmo com a sua segunda vida em Berkeley, ele ainda pensa nisso como casa. — Você sabe — eu digo. — Quando eu era pequena, meus pais ficavam envergonhados pela maneira que eu me vestia.

— Sério? Isso é surpreendente.

— Eles ficaram com medo de que as pessoas pensassem que ELES estavam me vestindo assim. Que OS GAYS estavam me corrompendo com cílios postiços e brilho.

Ele ri.

— Mas eles aprenderam que é quem eu sou, e eles aceitaram. E o apoio me deu alguma confiança. E então, naquele verão, você me ensinou a aceitar isso por mim. Para não se preocupar com o que as outras pessoas dissessem. E depois... As coisas não foram de todo mal.

— *Eu fiz?*

— Sim, você. Então, eu estou lhe dizendo isso agora. Eu *nunca* vou esquecer aquele pássaro mecânico que você fez. Aquele que só cantava quando você abrisse a porta da gaiola?

— Você se lembra disso? — Ele está confuso.

— Ou os 50 passos da máquina Rube Goldberg para afiar um lápis? Ou aquele trem louco de dominós que você levou duas semanas para configurar, mas que se derrubava em um minuto? Isso

foi incrível. Só porque algo não é prático não significa que não vale à pena criar. Às vezes, a beleza e a magia da vida real são suficientes.

Viro-me para encará-lo, com as pernas cruzadas. — É como o meu vestido de Maria Antonieta. Não é prático, mas... Por um único momento, chegar a um baile com um vestido bonito, elaborado e que ninguém mais estará usando e que todos vão se lembrar? Eu quero isso.

Cricket olha através das luzes da cidade em direção à baía. — Você vai. Você vai ter isso.

— Não sem sua ajuda. — Eu quero lhe dar um empurrão amigável, mas eu contento com um soco verbal. — Então você vai começar a fazer os meus panniers amanhã ou o quê?

— Eu já comecei. — Ele encontra os meus olhos novamente. — Eu fiquei em casa esta noite, também. Eu não distribuí apenas doce.

Eu estou tocada. — Cricket Bell. Você é o cara mais gentil que eu conheço.

— Sim. — Ele ri pelo nariz. — O cara gentil.

— O quê?

— Isso foi o que minha primeira e única namorada disse quando ela terminou comigo.

Oh. — Eu estou surpresa. A namorada, por fim. — Essa é... Uma razão realmente, *realmente* estúpida.

Cricket se impulsiona para frente, e os seus joelhos quase colidem com o meu. Quase. — Não é incomum. Garotos gentis terminam em ultimo em tudo.

Há uma indireta a Max em meio a sua auto-depreciação, mas eu a ignoro.

— Quem era ela?

— Uma das amigas de Calliope. No ano passado.

— Uma patinadora artística?

— Minha cena social não se estende muito mais longe.

A notícia me faz infeliz. Patinadoras são *lindas*. E *talentosas*. E, tipo, *atleticamente superdotadas*. Levanto-me, meu coração batendo nos meus ouvidos. — Eu preciso ir pra casa.

Ele olha para seu pulso, mas ele não está usando relógio.

— Sim, eu acho que é muito tarde. Ou muito cedo.

Descemos os oitenta degraus da escada até nossa esquina antes de Cricket parar inesperadamente. — Oh, não. Você queria falar sobre Max. Você...

— Eu acho que nós deveríamos falar esta noite — eu o interrompo com um olhar para a lua. Ela é uma bola brilhante, quase cheia. — E eu pensei que era para ser sobre Max, mas eu estava errada. Precisávamos falar sobre você. — Eu aponto para os meus pés.

Eu estou em cima da palavra BELL.

Está impressa na grade da Pacific Bell, a empresa de telefonia. Elas estão em toda parte, em cada rua. — Vê? — Eu digo.

— Toda vez que vejo a Rua Dolores eu penso em você — Suas palavras saem correndo. — Dolores Park. Dolores Mission. Você está em toda parte neste bairro, você é esse bairro.

Eu fecho meus olhos. Ele não deveria dizer coisa como essas, mas eu não quero que ele pare. Tornou-se impossível negar que ele significa algo para mim. Eu não tenho coragem de nomear isso. Ainda não. Mas está lá. Eu abro meus olhos, e... Ele se foi.

Ele está andando rapidamente pela escada de sua casa.

Outro espírito desaparecido do Halloween.

23

Eu gosto de tentar coisas novas. Como quando eu fui vegetariana no meu primeiro ano. Durou apenas três dias, porque eu estranhava o cheddar, mas eu tentei. E eu estou constantemente experimentando chapéus nas lojas. Eles são o único item que não posso fazer com que fique bem em mim, mas eu continuo tentando, porque eu tenho certeza que um dia eu vou encontrar um adequado. Talvez ele vá ser um vintage com falsas peônias, ou talvez ele vá ser um Stetson atado com um lenço vermelho.

Eu vou encontrá-lo. Eu apenas tenho que continuar tentando.

Então, isso me irrita quando Lindsey sugere que eu não estou me esforçando o suficiente para encontrar algo para enrolar meu cabelo. Meu cabelo falso. Ela está balanceando equações químicas enquanto eu pego emprestado o vapor portátil de seus pais para curvar meu cabelo branco em ondas de tamanho adequado. Mais tarde, eu pego cola em spray para minha peruca da Maria Antonieta. Mas primeiro eu preciso enrolar os estúpidos cachos.

— *Não tem nada maior? Ou menor?* Aponto para os cilindros, canetas, marcadores, artigos de vidro, mesmo um monóculo de espião de longo alcance, que estava diante de mim. Nenhum deles é do tamanho certo.

Ela vira uma página de livro. — *Não sei. É a sua peruca. Tente mais.*

Eu procuro no quarto dela, mas eu sei que não vou encontrar nada. Seu quarto é tão bem organizado que eu já teria visto se ela tivesse. As paredes de Lindsey são pintadas com um estilo clássico de *Nancy Drew* com colunas amarelas. Sua coleção completa dos livros está alinhada em filas entre as prateleiras superiores da sua estante e abaixo delas, em ordem alfabética por autor, está títulos como *A maior espiã da História*, *detectando for Dummies*, e *O Mestre do combate à criminalidade*. Ao lado de sua cama está meticulosamente organizado um porta-revista com quatro anos de

edições anteriores da Revista Inteligência Eye Spy e uma dúzia de notas adesivas marcando artigos da lista de desejos.

Mas o quarto dela é desprovido de quaisquer outros objetos cilíndricos.

“E na próxima corrida da noite, o senador por Nova York, Joseph Wasserstein ainda está lutando para segurar o seu lugar”, diz o jornalista toupee. É dia da eleição, e desde que os LINS não tem TV a cabo, cada canal está preenchido com coberturas chatas. A única razão que a televisão está ligada é para abafar o som estridente da Sra. Lim que está escutando Neil Diamond. Ele é um cantor pop super antigo que usa camisa de lantejoulas. Mesmo os brilhos não são suficientes para me influenciar, embora eu nunca diria isso a ela. Quando ela não está cozinhando churrasco coreano assassino no restaurante, ela escreve em blogs para a seu segundo maior fan clube.

Eu aponto para o jornalista. — *Aposto que esse cara poderia me ajudar. Será que ele pensa seriamente que o tapete em sua cabeça parece real?* A imagem muda para um vídeo do senador Wasserstein e sua família esperando as contagens finais. Sua esposa tem o cabelo perfeitamente penteado e aquele sorriso político, mas seu filho adolescente parece desconfortável e fora do lugar. Ele é realmente bonitinho. Eu digo isso, e Lindsey olha para a tela.

— *Deus. Você é tão previsível.*

— *O quê?*

— *Ele parece infeliz. Você só gosta de caras que parecem putos.*

— *Isso não é verdade.* Eu desligo a televisão, e as vibrações de Neil treme o chão.

Lindsey ri. — *Sim, mas Max não é conhecido pelo seu sorriso encantador.*

Franzo a testa. Dois domingos se passaram, e nós não tivemos nenhum almoço. Max me ligou na manhã após o Halloween e me disse que não seria possível vir neste domingo, nem nos seguintes. Eu não posso culpá-lo por estar cansado da minha família. Eu disse aos meus pais que ele tinha mais shows agendados, e eles ainda estão muito esgotados com Norah para saber mais. Sinceramente,

espero que os meus pais apenas esqueçam que o almoço foi um requisito.

Tenho visto Max em ocasiões estranhas: antes de um turno do fim de semana no teatro, durante uma pausa para comer, e uma vez em seu apartamento depois da escola. Meus pais pensaram que eu estava na casa da Lindsey. Mas eu também vi Cricket muitas vezes. Ele só levou mais uma noite para terminar o vestido, além de uma tarde em minha casa com os acessórios finais. É gigantesco e surpreendente. É como usar a estrutura de um arranha-céu na horizontal. E eu terminei a armação, assim que agora eu estou trabalhando na melhor parte: O vestido em si. Cricket me ajudou a medir e cortar o tecido. Acontece que ele é útil não só por causa de sua matemática e ciências, mas ele também sabe um pouco sobre a costura de fantasias porque as de Calliope estão em constante necessidade de reparações.

Eu só tinha me encontrado mais uma vez com Calliope, outro encontro antes da escola, embora este fosse acidental. Ela realmente tropeçou em mim quando estava saindo de casa e não me viu chegando. Pelo menos, eu acho que foi acidental.

— Você simplesmente não consegue ficar longe, não é? Ela resmungou, antes de correr para longe.

— Eu moro aqui! Eu disse, esfregando meu braço machucado.

Ela me ignorou.

Mas desde que Cricket e eu estamos muito ocupados com meu projeto, tem sido mais fácil sermos amigos. Houve apenas um momento estranho, quando ele veio pela primeira vez. Eu não tinha pensado em limpar meu quarto, e havia um sutiã rosa Pink, jogado no chão. Ele ficou do mesmo tom quando viu.

Para ser justa, eu também.

Espera um segundo.

Eu sei exatamente o que eu preciso para enrolar a minha peruca.

— Eu volto já, digo a Lindsey, e eu apareço lá embaixo, onde a Sra. Lim está no computador da família. Eu levanto minha voz acima de Neil.

— Onde você guarda a vassoura? Então eu acrescento — eu não quebrei nada. — Ali. Ela faz um gesto distraído para o armário do

corredor. — Olha que ridículo, ele está dizendo Wayne Newton é melhor do que Neil Diamond. Você acredita?

— Totalmente ridículo. Eu pego a vassoura. Ela realmente se parece com a que Cricket usou para pegar meu fichário.

Eu corro lá em cima e empurro o cabo até Lindsey. — Aha! A circunferência perfeita.

Ela sorri. — E muito espaço para vaporizarmos muitas mechas de uma vez. Muito bom.

— Você vai ajudar?

— Claro. Graças a Deus que ela vai, porque acaba por ser um horrível e demorado trabalho. — Você tem sorte que eu amo você, Lola.

Outra mecha desliza para o tapete antes de ondular, e eu abafa um grito. Ela ri de uma forma, inconsciente e cansada, e isso me faz rir, também.

— Esta é realmente uma das piores idéias que eu já tive — digo.

— Não é uma das piores. A pior. — Sua mecha desliza para o chão. — AHH! — Ela diz, e caímos de tanto rir. — espero que Cricket esteja certo, que a beleza vá valer a pena o esforço.

É como ser atropelada por um trem. — Quando ele disse isso?

O sorriso de Lindsey desaparece. — Oh. Um. Domingo à tarde.

— Domingo? Neste último domingo? Você falou com Cricket no domingo?

Ela mantém os olhos em uma nova mecha de cabelos brancos. — Sim, um, nós saímos.

Eu largo a vassoura. — O QUÊ?

— *Não dessa forma*, ela diz rapidamente. — *Quero dizer, nós saímos em um grupo. Como os amigos.*

Meu cérebro está congelando e estralando. — *Qual grupo? Quem?*

— *Ele ligou para ver se eu queria ir jogar boliche com ele e Calíope. E... Com Charlie. Você estava no trabalho, então você estava ocupada. É por isso que não perguntei.*

Eu perdi a capacidade de falar. Ela levanta o meu lado da vassoura e coloca minha mecha nela. Ainda estou aturdida. — Eu disse a eles sobre Charlie no Scare Francisco, depois que você saiu com Max — ela continua. — Eu não sei por quê. Simplesmente saiu.

Talvez estivesse chateada por você estar com Max novamente, e eu estava sozinha.

Culpa. Culpa, culpa, culpa.

— De qualquer forma, Cricket pensou que seria uma boa idéia se saíssemos com Charlie como amigos em primeiro lugar, em um grupo. Você sabe. Para tornar mais fácil.

Aquela era minha idéia. MINHA!

— Então nós fomos jogar boliche, e... Tivemos um momento divertido.

Eu não sei o que dói mais: que ela não tenha mencionado isso até agora, que ela saiu com Cricket sem mim ou que ela saiu com Calliope, ou que Cricket saiu com a mesma idéia brilhante que eu e tenha levado o crédito por isso.

Ok, então minha idéia era um encontro duplo, e, obviamente, Cricket não está saindo com sua irmã. MAS AINDA ASSIM. Parece ter funcionado. E eu não estava lá. E supõe que eu sou sua melhor amiga

— Oh. Isso é... Isso é ótimo, Lindsey... — Sinto muito. Eu devia ter lhe contado antes. Mas eu não sei como você se sentiria sobre eu sair com os gêmeos, e eu realmente queria ir. E você estava ocupada. Você tem estado muito ocupada nos últimos meses.

Desde que você conheceu Max. Ela poderia muito bem ter dito isso. Eu olho de novo para meu trabalho.

— Não, eu estou feliz que você foi. Estou feliz que você teve um bom momento com Charlie.

Metade disto é verdade.

— Tive um bom tempo com os gêmeos, também, ela diz com cautela. — Uma vez que Calliope relaxa, ela é meio divertida. Ela está sob uma quantidade insana de pressão.

— Hmph. Me disseram isso.

— Honestamente, Lo, eu não acho que ela seja a garota cruel que ela já foi. Ela é apenas protetora.

Eu a encaro. — Seu irmão está na faculdade. Eu acho que ele sabe se cuidar.

— E ele fala o que pensa agora. No entanto, raramente o faz — ela acrescenta. — Você sabe que ele nunca te machucou de

propósito. E quando você não está por perto, ele faz uma centena de perguntas sobre você. Sobre Max, também. Ele gosta de você. Ele sempre gostou de você, lembra?

Eu paro de vaporizar os cachos.

— E eu não quero que você morda minha cabeça por dizer isso, ela diz rapidamente — mas está bem claro que você gosta do Cricket Bell também.

É como algo estivesse preso na minha garganta. Eu engulo. — E por que você acha disso? Ela toma o vaporizador de mim. — Porque qualquer pessoa com o poder de observação pode ver que você ainda está louca por ele.

Estou arrumando a mesa do jantar, quando eu descubro um recorte de jornal dobrado sob o canto da minha esteirinha. Andy ataca novamente. É um artigo sobre um aumento de doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes. Enfio-o na lixeira. Os meus pais sabem que eu estou fazendo sexo?

Eu sei que Max dormiu com muitas meninas, muitas mulheres antes de mim. Mas ele fez testes. Ele está limpo. Ainda assim, essas mulheres misteriosas me assombram. Imagino Max em cantos de bares escuros, em seu apartamento, em camas de toda a cidade com uma súcubo fascinante, intoxicado e apaixonado. Max me garante que a verdade é muito menos emocionante. Eu quase acredito nele.

Não ajuda que hoje à noite, uma noite eu tenho de folga do trabalho, e o Amphetamyne tem um show no Honey Pot, um clube burlesco onde não sou velha o suficiente para entrar. Estou tentando não deixar isso me incomodar. Eu sei que o burlesco é uma arte, mas me faz sentir desconfortável. Me faz sentir jovem. Eu odeio me sentir jovem.

Mas há muitas coisas que me preocupam hoje à noite.

É sexta-feira. Será Cricket voltou para casa neste fim de semana?

As palavras de Lindsey formam loop dentro da minha cabeça durante toda a semana. Como é possível que me sinta desse jeito? Estar interessada em Cricket e ainda estar preocupada com a minha relação com Max? Eu quero que as coisas fiquem bem com meu

namorado, de verdade. Se supõe que seja simples. Eu não quero outra complicação. Eu não quero estar interessada em Cricket.

Durante o jantar, Andy e Nathan troca olhares preocupados sobre o pastel vegetariano. — *Alguma coisa errada, Lo?* Andy finalmente pergunta. — *Você parece distraída.*

Eu tiro meus olhos da janela da nossa cozinha, a partir do qual apenas posso ver varanda da frente da família de Bell. — Huh? Sim. Tudo bem.

Meus pais me olham desconfiados enquanto Norah entra e se senta à mesa.

— Essa era Crisântemo Bean, aquela com a voz de pato. Ela virá amanhã cedo para uma leitura antes de comprar sua revista semanal.

Nathan estremece e mói mais pimenta em cima do seu pastel. E tritura. E tritura.

Andy se move em seu assento. Ele sempre reclama que Nathan arruína suas refeições adicionando muita pimenta.

— Cristo. Pare com isso, você pode? Norah diz para seu irmão. — Você está aumentando a sua pressão arterial. Você está aumentando a minha pressão arterial.

— Está tudo bem, Andy diz bruscamente. Mesmo que eu possa ver o que o está matando.

Nós não tivemos uma refeição tranqüila desde que ela – desde que seus clientes, dos quais nenhum deles deveriam gastar suas finanças limitadas com leituras de folhas de chá ou loteria chegaram. Eu me viro a tempo de ver uma figura magricela subindo os degraus ao lado. E eu me levanto tão rápido que todo mundo para a discussão para ver o que me distraiu. Cricket procura em seus bolsos sua chave de casa. Suas calças estão mais apertadas do que o habitual. E no momento em que percebo isso é o mesmo momento que eu sou golpeada pela verdade dos meus sentimentos.

Luxuria.

Ele encontra sua chave, assim que a porta da frente se abre. Calliope o deixa entrar. Eu afundo de volta em minha cadeira. Eu nem percebi que estava parcialmente levantada fora dela.

Andy pigarreja. — Cricket parece estar bem.

Meu rosto fica em chamas.

— Eu me pergunto se ele tem uma namorada? Ele pergunta. — Você sabe?

— Não, eu murmuro.

Nathan ri. — Eu me lembro quando vocês dois saiam para se encontrarem acidentalmente um na caminhada do outro.

Andy corta Nathan com uma olhada rápida, e Nathan fecha a boca. Norah sorri. Então é verdade, a nossa paixão embaraçosa era óbvio para todos.

Fantástico.

Eu estou. — Vou lá pra cima. Eu tenho tarefas de casa.

— Em uma noite de sexta-feira? Andy pergunta quando Nathan diz: — Os pratos em primeiro lugar.

Eu levo meus pratos para a pia. Será Cricket vai jantar com sua família ou irá direto para seu quarto? Eu estou esfregando os pratos tão forte que me corto com uma faca. Assobio sob minha respiração.

— Você está bem? Todos os três perguntar ao mesmo tempo.

— Eu me cortei. Não é ruim, apesar de tudo.

— Tenha cuidado — Nathan diz.

Os pais são excelentes para afirmar o óbvio. Mas eu diminuo o ritmo e termino sem mais incidentes. A máquina é desligada enquanto corro lá em cima e explodo no meu quarto. Meus ombros cedem. Sua luz está apagada.

Calma, é apenas o Cricket.

Me mantenho ocupada costurando pregas em meu vestido de Maria Antonieta. Vinte minutos passam. Trinta, quarenta, cinqüenta, sessenta.

O que ele está fazendo?

As luzes estão no andar de baixo, então até onde eu sei, toda a família pode estar reunida em frente da televisão assistindo a oito horas de... Alguma coisa. Qualquer que seja. Não consigo me concentrar, e agora eu estou com raiva. Raiva de Cricket por não estar aqui e com raiva de mim mesma por me importar. Eu lavo a minha maquiagem, removo minhas lentes de contato, ponho meu pijama – preocupando em fechar minhas cortinas primeiro - e me meto na cama.

O relógio diz 09h37min. Banda de Max ainda nem começou a tocar.

Justo quando eu pensei que não poderia me sentir como uma grande perdedora.

Dou voltas na cama enquanto imagens piscam em minha mente: Cricket, Max, dançarinas burlescas sentadas em conchas. Eu finalmente estou à deriva em um sono agitado quando há um *plink* fraco contra a minha janela. Meus olhos se abrem. Será que eu sonhei?

Plink, minha janela diz de novo.

Eu pulo da cama e puxo de lado as minhas cortinas. Cricket Bell está sentado em sua janela, com os pés balançando contra sua casa. Há algo pequeno em uma mão e a outra está posicionada para jogar outra coisa. Eu abro minha janela e milhares de emoções engarrafadas explodem dentro de mim com a visão completa dele.

Eu gosto de Cricket. Assim.

Mais uma vez.

Ele abaixa a mão. — Eu não tinha pedrinhas.

Meu coração está preso na minha garganta. Eu engulo. — O que você estava jogando? Eu pressiono os olhos, mas não posso adivinhar.

— Coloque seus óculos e veja.

Quando volto, ele segura alto. Ele está sorrindo.

Eu sorrio de volta, consciente de mim mesma. — O que você está fazendo com uma caixa de palitos de dente?

— Fazendo uma festa de cubinhos de queijo, diz ele com uma cara séria. — Por que sua luz está apagada?

— Eu estava dormindo.

— Não é nem 10: 30. Suas pernas param de balançar. — Sem data quente?

Eu não quero ir para lá.

— Sabe — eu aponto para as pernas — se você as esticasse, eu aposto que elas poderiam tocar minha casa.

Ele tenta. Elas caem a poucos metros antes, e eu voltar a sorrir.

— Elas pareciam ser suficientes.

— Ah, sim. Cricket e suas monstruosas pernas longas. Seu corpo monstruosamente longo.

Eu rio, e seus olhos cintilam. — Nossas casas só precisavam estar mais próximas, eu digo. — Suas proporções são perfeitas. Ele libera as pernas e me olha com cuidado. O momento dura tanto tempo que eu tenho que desviar o olhar. Uma vez *Cricket* disse que meu corpo estava perfeito também. Fico corada com a memória e por revelar algo sem querer. Por fim, ele fala.

— Isso não está funcionando para mim. Ele joga as pernas dentro e desaparece em seu quarto, fora da vista.

Eu estou assustada. — Cricket?

Eu o escuto sussurrando ao redor.

— Cinco minutos. Faça uma pausa no banheiro ou algo assim.

Não é uma má idéia. Eu não tenho certeza o quanto ele pode me ver na escuridão, mas um pouco de maquiagem não faria mal. Estou levantando a pincel do rímel até meus cílios quando me surpreendo com... Isso não é inteligente. Aplicando maquiagem. Para quem não é meu namorado. Eu contento com apenas com um brilho labial sabor uma cereja, mas tão logo o cheiro me bate, eu fico tremendo.

Cereja aromatizada. Folhas de chá. Primeiro amor.

Volto para o meu quarto, limpando o brilho na minha mão, quando há um ruído contra a minha janela. E então eu vejo que ele está prestes a fazer. — Oh Deus!

— Não, Cricket, não!

— suportará meu peso. Basta agarrar esse lado, ok? Apenas no caso?

Aperto-o bem. Ele tirou uma de suas prateleiras do armário, o tipo de madeira grossa que é revestida com um plástico branco, e ele está usando isso como uma ponte entre os nossos quartos.

— Cuidado! Eu grito muito alto, e a ponte treme.

Mas ele sorri. — Está tudo bem. Eu consigo fazer isso. E ele faz. Cricket se empurra rapidamente, a direita de onde eu estou segurando-o. Seu rosto fica contra o meu. — Você pode soltar agora, ele sussurra.

Minhas mãos pulsam por agarrar com tanta força. Dou um passo para trás, lhe permitindo espaço para entrar. Ele desliza para baixo e

suas pernas roçam contra as minhas. Meu corpo sacode. É a primeira vez que nos tocamos em anos. Ele é tão alto que seu coração bate em meu rosto.

Seu coração.

Eu vacilo para trás. — O que você estava pensando?

Eu assobio, sentindo todos os tipos de ansiedade. — Você poderia ter caído e quebrado o seu pescoço.

— Eu pensei que seria mais fácil de falar cara-a-cara. Ele mantém a voz baixa.

— Nós poderíamos ter nos encontrado na calçada, ir para outro passeio.

Ele hesita. — Devo voltar?

— Não! Eu quero dizer... Não. Você já está aqui.

Uma batida na minha porta nos assusta e nos separamos.

— Lola? Nathan diz. — Ouvi um estrondo. Você está bem?

Meus olhos arregalam em pânico. Meus pais vão me matar se encontrar um menino inesperado no meu quarto. Mesmo que seja Cricket! Eu o empurro no chão atrás da minha cama, onde ele não pode ser visto a partir da minha porta. Eu pulo e rezo para Nathan não questione o som das molas.

— Eu caí da cama, eu digo grogue. Eu estava exausta. Eu estava tendo um pesadelo. — Um pesadelo? A porta se abre, e Nathan, espreita a sua cabeça para dentro — Tem um longo tempo desde que você teve um desses. Você quer falar sobre isso?

— Não, era... Estúpido. O wolverine estava me perseguindo. Ou um lobisomem. Eu não sei você sabe como são os sonhos. Eu estou bem agora. — Por favooooor vai embora. Mas meu pai está lá, o mais provável é que ele é veja a ponte.

— Você tem certeza que está bem? Você estava tão distante no jantar, e então você se corta.

— Eu estou bem, pai. Boa noite.

Ele faz uma pausa e, em seguida, se despede, começa a fechar a porta. — Boa noite. Eu te amo.

— Te amo, também.

E ele está quase lá, quando... — Por que você está usando seus óculos na cama?

— Eu-eu estou? — Eu fungo e apalpo meu rosto. — Oh. Uau. Eu devia estar mais cansada do que eu pensava.

Nathan franze a testa. — Estou preocupado com você, Lo. Você não está à mesma ultimamente.

Eu realmente não quero ter essa conversa na frente de Cricket. — Pai.

— É Norah? Sei que as coisas não têm sido fáceis desde que ela chegou aqui, mas...

— Eu estou bem, pai. Boa noite.

— É Max? Ou Cricket? Você ficou estranha quando você o viu esta noite, e eu não queria envergonhá-la quando eu disse...

— Boa noite, papai.

Por favor, parar de falar. Ele suspira. — Ok, Lola-doodle. Mas tira os óculos. Eu não quero que você os esmague. Eu os deixo na minha mesa de cabeceira, e ele sai. Cricket espera até que os passos cheguem ao andar de abaixo. Sua cabeça aparece ao lado da minha própria, e embora eu saiba que ele está lá, isso me faz saltar.

— Meu pai estava falando... Eu luto por uma resposta não incriminadora. — Eu vi você chegar em casa, e era ao mesmo tempo Norah estava nos contando sobre esse cliente horrível. Devo ter feito uma cara terrível.

Eu me odeio.

Ele fica quieto.

— Então... E agora? Eu pergunto.

Cricket fica distante de mim. Ele inclina as costas contra o lado da minha cama. — Se você quer que eu vá, eu vou.

Tristeza. Desejo. Uma dor dentro de mim tão forte que eu não sei como acreditei que ela alguma vez já tinha ido embora. Eu fico olhando para a parte traseira de sua cabeça, e é como se o oxigênio tivesse desaparecido do meu quarto. Meu coração se afundou em água. Eu estou me afogando.

— Não, eu sussurro finalmente. — Você acabou de chegar aqui.

Eu quero tocá-lo novamente. Eu tenho que tocá-lo novamente. Se eu não tocá-lo de novo, eu vou morrer. Eu alcanço seu cabelo. Ele nem vai perceber. Mas, quando meus dedos estão prestes a fazer contato, ele se vira.

E empurra a cabeça para trás, quando eu quase pico seu olho.

— Desculpe! Sinto muito! Eu sussurro.

— O que você está fazendo? Mas ele sorri enquanto trata de pegar a minha mão. Eu agarro os seus dedos, e então – exatamente assim – os estou segurando. Minha mão está em volta do seu dedo indicador. Mas ele faz círculos no arco-íris do Band-Aid.

— Quando você se cortou?

— Não foi nada. Eu o deixo ir, auto consciente de novo. — Eu estava lavando os pratos.

Ele observa girando as minhas mãos. — Unhas geniais, ele finalmente diz.

Elas estão pretas com uma listra rosa no centro de cada unha. E então. . . Eu sei como eu posso tocá-lo. — Hey. Deixa-me pintar as suas. Eu já estou levantando e pegando meu esmalte azul favorito. De alguma forma, eu sei que ele não vai protestar.

Eu o levo ao chão, onde ele ainda está encostado a minha cama. Ele senta-se em linha reta. — Será que isto vai doer? Ele pergunta.

— Dificilmente. Eu agito o frasco. — Mas tente manter seus gritos baixos, eu não quero Nathan volte.

Cricket sorri quando eu chego com meu livro de química. — Coloque isso em seu colo, eu vou precisar de uma superfície firme. Agora coloque suas mãos sobre ele. — Estamos perto um do outro, muito mais do que estávamos enquanto trabalhávamos no meu vestido. — Eu vou pegar sua mão esquerda agora.

Ele engole. — Ok.

Cricket a sustenta levemente. Esta noite o dorso da sua mão tem uma estrela desenhada nela. Eu me pergunto o que significa enquanto eu deslizo minha mão por baixo dos seus dedos.

As contrações musculares da sua mão são violentas. — Você vai ter que segurá-la firme, eu digo. Mas eu estou sorrindo. Estamos em contato. Eu pinto as suas unhas de um azul da noite clara a luz da lua. Os nossos apertos relaxam enquanto me concentro em meu trabalho. Movimentos lentos, cuidadosos. Nós não falamos. Minha pele e sua pele. Apenas um livro entre minhas mãos e seu colo. Eu o sinto me observando todo o tempo - não minhas mãos, mas sim meu rosto - e seu olhar queima como o sol da África.

Quando eu termino, levanto os meus olhos para o seu. Ele me olha de volta. A lua se move no céu. Seus raios batem em seus cílios, e estou admirada de novo que estou sozinha, no escuro, com um menino que uma vez quebrou meu coração. Que me beijaria, se eu não tivesse um namorado. Quem eu gostaria de beijar, se eu não tivesse um namorado.

Quem eu quero beijar de qualquer maneira.

Eu mordo meu lábio inferior. Ele está hipnotizado. Eu me inclino para frente, movendo as curvas do meu corpo para as sombras do seu corpo. O ar entre nós é fisicamente quente, tão doloroso. Ele olha para baixo até minha camisa. Está muito, muito perto de sua linha de visão.

Eu separo meus lábios.

E então ele está atordoado. — Eu quero — ele grasna. — Você sabe que eu quero.

Ele pula para a ponte saindo do meu quarto. Cricket de Bell não olha para trás, assim ele não vê as lágrimas derramando pelo meu rosto. A única coisa que ele deixa para trás é uma mancha de esmalte azul na minha janela.

24

— Loooo-laaaa. Linda Lola. — Os olhos de Franko estão vermelhos e dilatados. Como de costume. Vasculho as gavetas da bilheteria, lançando canetas secas e manuais de instrução poeirentos pelo chão.

— Você já viu os cartuchos de tinta para as entradas?

— Não, mas você já viu a pipoca hoje? São tão... Aerodinamicamente inclinadas. Eu acho que eu poderia ter comido alguma. Tenho grãos nos meus dentes?

— Não tem grãos, que eu atiro.

— Acho que tenho grãos nos meus dentes. Exatamente entre os meus dentes da frente. — Ele se levanta, e sua língua explora sua própria boca em uma forma repugnante de auto-beijo Francês. As cordas estão bonitas esta noite.

— Claro. As cordas.

— Quer dizer, eu não iria cortar uma, mas se eu fizesse, eu diria... Isso é uma seqüência bonita.

Sério, se ele não calar a boca logo, eu vou estrangulá-lo. Minha paciência está no ponto mais baixo de todos os tempos. Eu aceno meus braços para St. Clair, que está rasgando as entradas hoje à noite. Não há ninguém por perto, então ele caminha até aqui. — Pelo amor de Deus, vocês dois têm de mudar de emprego, eu digo.

— Você é lindo, St. Clair, diz a Franko.

— Todo mundo é belo para você quando você está drogado. Ele se senta no banco de Franko.

— Sai.

Franko se move para longe.

— Obrigado, digo. — Eu só... Não posso lidar com isso agora.

Ele me dá um encolher de ombros encorpado. — Neste momento, ou para todo o mês de novembro?

— Não mesmo, eu adverti. Mas é verdade. Desde a minha humilhação total e completa com Cricket há duas semanas e seu

posterior desaparecimento de minha vida tenho estado extremamente desagradável. Estou ferida, e eu estou com raiva. Não, eu estou furiosa, porque a culpa é a minha estupidez. Me atirei em cima dele. O que ele pensa de mim agora? Obviamente, não muito. Chamei-o duas vezes e enviei três textos pedindo desculpas, mas ele ignorou todos eles.

— Muito para o Sr. Bom Garoto.

— Sr. Bom Garoto? St. Clair pergunta. — Quem é esse?

Oh, não. Eu estou falando em voz alta novamente. — Eu, minto.

— Sr. Bom Garoto já se foi.

Ele suspira e verifica o relógio na parede. — Fantástico.

— Eu sinto muito. — E eu quero dizer isso. Meus amigos, Lindsey, Anna, e St. Clair estão sendo muito paciente comigo. Mais do que mereço. Eu disse a Lindsey o que aconteceu, mas St. Clair deve ter escutado a versão dele, Anna, deve ter ouvido alguma versão ou algo de Cricket. Eu não sei o que. — Obrigado por ter tomado o lugar do Franko. Eu aprecio isso.

O encolher de ombros Europeu novamente. Trabalhamos em silêncio pela próxima hora. Enquanto os minutos vão passando, eu me sinto mais e mais culpada. É hora de mudar a minha atitude. Pelo menos em torno de meus amigos.

— Então, eu digo durante a calma antes do próximo cliente. — Como foi com a família de Anna? A mãe dela e o irmão não os visitaram na Ação de Graças?

Ele sorri pela primeira vez desde que chegou aqui. — Eu os cortejei até os pés. Foi uma excelente visita.

Sorrio e, em seguida, lhe dou um aceno com formalidade exagerada. — Parabéns.

— Obrigado, diz ele com igual formalidade. — Eles ficaram com a minha mãe.

— Isso é... Estranho.

— Não é verdade. Mamãe é legal, fácil de se conviver.

Eu levanto uma sobrancelha provocação. — Então onde é que vocês ficaram?

— Onde nós sempre ficamos. Ele olha para trás solenemente. — Em nossos dormitórios muito separados.

Eu suspiro.

— E você? Pergunta ele. — Você passou a Ação de Graças com o namorado?

— Uh, não. — Eu tropeço através de uma explicação sobre Norah sendo difícil e Max estar ocupado, mas soa oca e forçada. Estamos em silêncio por um minuto. — Como vocês... Eu estou lutando para encontrar as palavras certas. — Como você e Anna fazem funcionar? Vocês fazem isso parecer fácil.

— Estar com Anna é fácil. Ela é a única.

O único. Ele pára o meu coração. Eu pensei que Max fosse o único, mas... Há aquele outro. O primeiro.

— Você acredita nisso? Pergunto em voz baixa. — Em uma única pessoa para todos?

Algo muda nos olhos de St. Clair. Talvez tristeza. — Eu não posso falar por ninguém além de mim, ele diz. — Mas, para mim, sim. Eu tenho que estar com Anna. Mas isso é algo que você tem que descobrir por conta própria. Eu não posso responder isso para você, ninguém pode.

— Oh.

— Lola. Ele rola a cadeira ao meu lado. — Eu sei que as coisas estão uma merda agora. E em nome da amizade e da discrição completa, eu passei por algo semelhante no ano passado. Quando eu conheci Anna, eu estava com outra pessoa. E levei um longo tempo antes que eu encontrasse coragem para fazer a parte mais difícil. Mas você tem que fazê-lo.

Eu engoli. — E qual é a coisa mais difícil?

— Você tem que ser honesta com você mesma.

— Lola. Você está... Diferente.

Na tarde seguinte e eu estou na porta da casa de Max, sem peruca e maquiagem extravagante. Eu estou vestindo uma saia discreta e uma blusa simples, e meu cabelo natural está solto em torno de meus ombros. — Posso entrar? — Estou nervosa.

— Claro. Ele se afasta, e eu entro.

— Johnny está aqui?

— Não, eu estou sozinho. Max faz uma pausa. — Seus pais sabem que você está aqui?

— Eles não têm de saber onde eu estou o tempo todo.

Ele balança a cabeça. — Certo. Ando em direção ao seu sofá, pego o livro de Noam Chomsky sobre sua mesa de café, folheio as páginas, e coloco-o de volta. Eu não sei por onde começar. Eu estou aqui para obter respostas. Estou aqui para descobrir se ele é o único.

Max está me olhando estranho e curioso pela minha presença súbita. Isso me deixa ainda mais desconfortável. — O quê? Eu pergunto. — O que está olhando?

— Desculpe. Você... Parece um pouco jovem hoje.

Meu coração se torce. — Isso é ruim?

— Não. Você está linda. E ele me dá aquele meio sorriso lindo. — Venha cá. Max se esparrama em seu sofá, e eu subo em seus braços.

Nós sentamos em silêncio. Ele espera que eu fale novamente, consciente de que estou aqui por uma razão. Mas eu não consigo formar as palavras. Eu pensei que estar aqui seria o suficiente. Eu pensei que eu iria saber quando o visse.

Porque é que a verdade é tão difícil de ver?

Eu sigo suas teias de aranha. Max fecha os olhos. Eu beijo levemente o rapaz com terno na dobra do seu cotovelo. Ele solta um gemido, e os nossos lábios se encontram. Ele me puxa para o seu colo. Sou impotente contra a corrente.

— Lolita, ele sussurra.

E todo o meu corpo congela.

Max não percebe. Ele levanta a ponta da minha camisa, e é o suficiente para me acordar. Eu a coloco de volta para baixo. Ele assusta. — O quê? Qual é o problema?

Eu mal posso manter minha voz firme. — Qual delas, Max? — Qual, o quê? Ele está extraordinariamente tonto. — O que estamos falando?

— Por qual Dolores Nolan você é apaixonado? Você está apaixonada por mim, Lola? Ou você está apaixonado pela Lolita?

— E o que é que isso quer dizer?

— Você sabe exatamente o que isso significa. Você me chama de Lolita, mas você estranha quando eu não estou disfarçada, quando

eu pareço ter a minha idade. Então, qual é? Você gosta da mais velha ou a mais jovem de mim? — O pior pensamento ocorre. — Ou você só gosta de mim porque eu sou jovem?

Max fica furioso. Ele me empurra para fora de seu colo e se levanta. — Você realmente quer ter essa conversa? Agora?

— Quando seria um momento melhor? Quando, Max?

Ele rouba o seu isqueiro da mesa do lado. — Pensei que tínhamos superado essa coisa da idade. Eu pensei que era algo que incomodava as outras pessoas.

— Eu só quero a verdade. Você me ama? Ou você ama a minha idade?

— Como diabos você pode dizer isso? Max lança seu isqueiro do outro lado da sala. — Caso você tenha esquecido, deixe-me lembrá-la. Você me perseguiu. Eu não queria isso.

— O que você quer dizer com 'não queria isso'? Você não me quer?

— Isso não foi o que eu disse! Ele explode. — Oh, eu queria que você. Mas caras como eu não deveriam ir atrás de garotas como você, lembra? Não é isso que estamos falando? Jesus. Eu não sei o que você quer que eu diga. Parece que cada resposta que dou a você será sempre a errada. A verdade me atinge com um soco vicioso para o intestino. Cada resposta é a errada.

— Você está certo, eu sussurro.

— Damn, eu estou certo. — Uma pausa. — Espere. Certo sobre o quê?

— Não há resposta certa. Ela não existe. Não há como isso pode terminar bem.

Ele olha pra baixo. Por vários momentos, nenhum de nós fala.

— Você não está falando sério, ele diz finalmente.

Eu me forço a ficar de pé. — Eu acho que estou.

— Você pensa que está. Sua mandíbula endurece. — Depois de seus pais. Após o almoço de domingo? Você tem alguma idéia do que eu coloquei acima para estar com você?

— Mas exatamente isso! Você não deveria ter que "colocar acima"

— Será que eu tenho escolha? Max fecha a distância entre nós.

— Sim. Não! Eu não sei... Estou tremendo. — Eu só estou tentando ser honesta.

— Oh. Seu nariz está a uma polegada do meu. — Você está pronta para ser honesta.

Eu engulo em seco.

— Honestamente, ele diz — Eu não sei quem você é. Toda vez que vejo você, você é alguém diferente. Você é uma mentirosa, você é uma farsa. Apesar do que você pensa apesar do que seus pais já lhes disseram, não há nada de especial em você. Você é apenas uma menina com um monte de problemas. Isso é o que eu penso sobre você.

E então. . . Meu mundo fica preto.

— Amor, eu deixo escapar. — Eu pensei que você me amava.

— Eu pensava também. Obrigado por fazer coisas tão claras.

Eu tropeço para trás com horror. Por um momento louco, eu quero me jogar aos seus pés e implorar por seu perdão. Prometer ser outra pessoa, prometer ser uma pessoa.

Max cruza os braços.

E então... Eu quero feri-lo.

Eu caminho de volta para ele, meu nariz contra o dele. — Adivinha o quê? Eu assobio para trás. — Eu sou uma mentirosa. Eu gosto de Cricket Bell. Você está certo. Estava saindo com ele esse tempo todo! E ele esteve no meu quarto, e eu fui ao dele. E eu quero que ele, Max. Eu quero que ele...

Ele está tremendo de raiva. — Fora.

Pego minha bolsa e escancaro a porta da frente.

— Eu nunca mais quero ver você de novo. Sua voz é baixa e mortal. — Você não é nada para mim. Você entendeu?

— Sim, eu digo. — Obrigado por tornar as coisas tão claras.

25

Estou tonta. Vendo manchas. Cambaleando. Caminhando ou em ônibus? Andando ou de ônibus? Estou andando. Sim, vou andar até em casa. Mas então eu vejo o ônibus e subitamente eu estou no ônibus e estou chorando com todas as minhas forças. Um hippie com um bigode irônico se move mais para baixo. Um velho homem com um boné de beisebol franze suas sobranceiras para mim e uma mulher em um casaco acolchoado me olha como se na verdade ela quisesse me dizer alguma coisa. Eu me viro e continuo chorando.

E então eu estou puxando a corda do sinal de parada e estou fora do ônibus, cambaleando morro acima. Para casa. Parece que alguém está se agarrando ao meu estômago, meu peito, meu coração. Como se minhas entranhas estivessem sendo arrancadas de meu corpo e costuradas na minha pele para que eu fosse ridicularizada pelo mundo.

Como ele pôde? Como ele pôde dizer aquelas coisas?

Como minha vida pôde mudar tão drasticamente e tão rápido? Em um minuto nós estávamos bem. No seguinte... Oh Deus. *Está acabado*. Eu quero me arrastar para a cama e desaparecer. Não quero ver ninguém. Não quero falar com ninguém. Não quero pensar ou fazer nada.

Max. Abraço meu peito. Não consigo respirar. Entre em casa Dolores. Você está quase lá.

Estou há duas casas de distância quando eu os vejo. A família Bell. Eles estão envolvidos em uma calorosa discussão no meio da sua pequena entrada de carros. O Sr. Bell – alto e esbelto como os gêmeos, mas o cabelo areia – está balançando sua cabeça e apontando para a rua. A Senhora Bell – menor, mas com os mesmos cabelos escuros dos gêmeos – está esfregando seus dedos contra suas têmporas. As costas de Calliope estão viradas para mim, com as mãos em seus quadris. E Cricket... Ele está olhando diretamente para mim. Ele parece abalado, sem dúvidas tanto pelo meu

aparecimento repentino quanto pelo o estado em que estou agora. O resto do seu corpo se vira para me encarar, o que revela outra surpresa.

Tem um bebê em seu colo.

Eu escondo meu rosto em uma cortina de cabelo e corro até as escadas da minha casa. Os Bells pararam de falar. Eles estão me olhando e ouvindo meu choro abafado. Eu olho para trás enquanto abro a porta da frente. Alexander está lá também. O irmão mais velho dos gêmeos. Eu não o vi porque ele está parado atrás de Cricket, vários centímetros mais baixo.

O bebê. Claro. O bebe de Aleck, Abigail.

Max. Seu nome se choca contra mim como uma chicotada e os Bells são esquecidos, e eu estou batendo a porta e correndo para meu quarto. Nathan escuta meus passos batendo e vai atrás de mim. — O que é isso Lola? O que está havendo, o que aconteceu?

Eu tranco minha porta e caio contra ela. Eu desmorono. Nathan está batendo e gritando perguntas e logo Andy e Norah se juntam a ele. A cauda de Betsy bate rapidamente contra a porta.

— EU E MAX TERMINAMOS OKAY? DEIXEM-ME EM PAZ. — A última palavra é cortada conforme minha garganta se bloqueia. Tem um murmúrio agitado no outro lado. Parece que Norah está afastando meus pais, e eu escuto o ttilar das patas de cachorro de Betsy seguindo todos de volta para baixo.

A sala está quieta.

Estou sozinha agora. Estou realmente sozinha.

Jogo-me na cama, de sapatos e tudo. Como Max pôde ser tão cruel? E como eu pude ser tão cruel em retorno? Ele está certo. Eu sou uma mentirosa, sou uma falsa e... Eu não sou especial. Não há nada de especial sobre mim. Eu sou uma garotinha estúpida em sua cama. Por que minha vida continua voltando a este momento? Depois de Cricket, dois anos atrás. Depois de Norah, quase dois meses atrás. E agora, depois de Max. Eu *sempre* serei a garotinha chorando em sua cama.

Esse pensamento me faz chorar ainda mais.

— Lola? —Eu não tenho certeza de quanto tempo se passou quando eu escuto uma fraca voz por fora da minha janela. — Lola?

— Mais alto agora. Ele tenta uma terceira vez, um minuto depois, mas eu não levanto. Quão conveniente Cricket aparecer agora, quando eu não o vi nas últimas duas semanas. Quando ele não tem retornado minhas ligações. Quando minha alma está mais triste do que a tristeza, mais negra do que o preto.

Eu sou uma pessoa ruim.

Não, Max é uma pessoa ruim. Ele é difícil, ele é condescendente, ele está com ciúmes.

Mas eu sou pior. Eu sou uma criança brincando de se vestir, que não pode nem mesmo se reconhecer por debaixo de sua própria fantasia.

26

Meu lado racional sabe que preciso de algum tipo de alívio. Mas eu não posso mais chorar. Estou vazia, drenada. E não posso me mover.

Não que eu quisesse me mover.

Porque essa é a coisa sobre depressão. Quando eu a sinto profundamente, eu não quero deixá-la ir. Torna-se um conforto. Eu quero me esconder sob seu grande peso e aspirá-la para meus pulmões. Eu quero nutri-la, fazê-la crescer e cultivá-la. É minha. Eu quero sair com ela, flutuar no sono enrolada em seus braços e não acordar por um bom tempo.

Eu passei muito tempo na cama essa semana.

Quando se está dormindo, ninguém te pede para fazer nada. Ninguém espera nada de você. E você não precisa encarar nenhum de seus problemas. Então eu tenho me arrastado para a escola e tenho me arrastado para o trabalho. E eu tenho dormido.

Max se foi. E não simplesmente se foi como não sendo mais meu namorado, mas se foi mesmo. Eu pedi à Lindsey para buscar um livro que eu tinha deixado em seu apartamento, e seu colega de quarto disse que ele saiu da cidade na terça. Johnny não disse para onde.

Ele finalmente fugiu. Sem mim. Eu gostaria que não machucasse pensar sobre ele. E não estou chateada porque queira estar com ele, eu não quero, mas ele significou tanto para mim e por tanto tempo. Ele era meu futuro. E agora é nada. Eu dei tudo a ele e agora ele é nada. Ele foi o meu primeiro, o que significa que eu nunca poderei esquecê-lo, mas eu irei sumir de sua memória. Em breve eu serei apenas outra em sua cama.

Eu não sabia que era possível odiar e sentir dor por uma pessoa ao mesmo tempo. Eu pensei que Max e eu ficaríamos juntos para sempre. Ninguém acreditou em mim. Nós iríamos provar que estavam errados, mas éramos nós os errados. Ou talvez eu seja a

única que estive errada. Será que Max pensou em mim como sendo para sempre?

Essa pergunta é muito dolorosa, para ser considerada de qualquer maneira.

Meus pais estão preocupados, mas eles têm me deixado em paz para que eu possa me curar. Como se fosse possível em algum momento me curar de um coração partido.

É por volta de meia-noite – então não é bem sexta-feira ou completamente sábado – e a lua está cheia novamente. Tradicionalmente os fazendeiros chamam a lua cheia de dezembro de Lua Fria ou Lua das Noites Longas. Ambos parecem apropriados hoje. Eu abri minha janela para absorver melhor sua frieza e tristeza, mas foi um erro estúpido. Eu estou congelando. E eu tive outro longo turno no cinema, estou exausta, não consigo encontrar energia para fechá-la.

Mas eu não consigo dormir.

O tecido de seda do meu vestido de Maria Antonieta está solto sobre a minha mesa de costura, cintila com um brilho azul pálido sob a luz da lua. Está quase pronto. O baile formal de inverno ainda está a um mês e meio de distância, então ainda havia tempo suficiente.

Mas não importa mais. Eu não vou.

E eu nem me importo de não ter um encontro. É a idéia de aparecer em algo tão ridículo, é isso que machuca. Max tinha razão. A dança é estúpida. Meus colegas de classe não se impressionariam pelo meu vestido, eles seriam impiedosos. Eu não sei por quanto tempo eu fiquei encarando as dobras do tecido quando uma luz amarela começou a piscar contra a minha janela.

— Lola? — Uma chamada através da noite.

Eu fecho meus olhos. Não consigo falar.

— Eu sei que você está aí. Eu estou entrando, ok?

Eu me enrijeço conforme a madeira do seu closet chega à minha janela. Ele me chamara uma vez mais no último fim de semana, mas eu fingi que não estava ouvindo-o. Eu escutei o rangido de seu peso contra o parapeito, e no momento seguinte ele cai silenciosamente no chão. — Lola? — Cricket está de joelhos ao lado da minha cama.

Eu sinto isso. — Estou aqui — ele cochicha. — Você pode ou não falar comigo, mas eu estou aqui.

Eu fecho meus olhos com ainda mais força.

— St. Clair me disse o que aconteceu. Com o Max. — Cricket espera que eu diga alguma coisa. Quando eu fico calada, ele continua. — Eu - eu sinto muito não ter ligado de volta. Eu estava bravo. Eu falei para Cal sobre aquela noite no seu quarto, e ela pirou. Ela disse que havia te avisado para ficar longe de mim, e então nós tivemos uma briga enorme. Eu estava bravo com ela por ter falado com você pelas minhas costas e com você por não ter me contado. Tipo... Você não esperava que eu pudesse lidar com isso. Eu estremeço e me enrolo em uma bola. Por que não digo a ele? Porque eu não queria que ele percebesse que as acusações dela eram verdade? Porque eu tinha medo de que ele fosse ouvir as palavras dela e não as minhas? Eu sou uma idiota. Com tanto medo de Calliope quanto ela de mim.

— Mas já é tarde para isso. — Eu o escuto mudar o peso em seus joelhos, agitado. — O que eu estava tentando dizer — onde eu queria chegar — é que eu estive pensando muito sobre tudo, e eu não estou realmente bravo com você. Eu estou zangado comigo mesmo. Sou eu quem fica escalando sua janela. Sou eu que não consegue ficar afastado. Todas essas coisas estranhas são minha culpa.

— Cricket. Isso não é sua culpa. — Isso soa como um grasnido.

Ele está em silêncio. Eu abro meus olhos, e ele está me observando. Eu o observo de volta. — A lua está brilhante hoje — ele diz finalmente.

— Mas está frio. — As lágrimas novamente me encontraram. Elas caem.

Cricket estende a mão e esfrega meu pescoço. Sua mão sobe ao longo da minha mandíbula e então para minha bochecha. Eu fecho meus olhos sob a insuportável sensação de seu polegar secando minhas lágrimas. Ele pressiona gentilmente. Eu viro minha cabeça, e ela se apóia em sua mão. Ele sustenta o peso por vários minutos.

— Desculpe-me por não te falar que eu havia conversado com Calliope — eu sussurro.

Ele se afasta, cautelosamente, e eu percebo outra estrela desenhada nas costas de sua mão. — Eu só estou chateado que ela falou com você primeiro. Isso não é problema dela.

— Ela só estava preocupada com você. — Conforme as palavras jorram, eu percebo que acredito nelas. — E ela tem todo direito de estar preocupada. Eu não sou exatamente uma boa pessoa.

— Isso não é verdade — ele diz. — Por que você diria uma coisa dessas?

— Eu fui uma namorada terrível para Max.

E então uma longa pausa. — Você o amava? — ele pergunta baixinho.

Eu engulo em seco. — Sim.

Cricket parece triste. — E você ainda o ama? — ele pergunta. Mas antes que eu pudesse responder, ele diz rapidamente — Esqueça, não quero saber. — E de repente Cricket Bell está na minha cama, seu tronco achatado contra o meu, e sua pélvis pressionando a minha, seus lábios se movendo para os meus.

Meus sentidos estão explodindo. Eu o desejei por tanto tempo.

E eu preciso esperar um pouco mais.

Coloco minhas mãos entre nossos lábios, bem a tempo. Seus lábios são macios contra minha palma. Eu lentamente, lentamente os removo. — Não, eu não amo mais o Max. Mas eu não quero dar a você meu eu quebrado, vazio. Eu quero que você me tenha quando eu estiver completa, quando puder dar algo a você em retorno. Eu não tenho muito para dar agora.

Os membros de Cricket estão parados, mas seu peito está batendo com força contra o meu. — Mas você vai me querer algum dia? Aquele sentimento que você tinha por mim... Ele também não sumiu?

Nossos corações batem no mesmo ritmo maluco. Estão tocando a mesma música.

— Ele nunca sumiu — eu respondo.

Cricket fica a noite toda. E mesmo que nós não tenhamos falado mais, e mesmo que não fazemos nada *além* de falar, é disso que eu preciso. A calmante presença de um corpo que eu confio. E quando caímos no sono, dormimos profundamente.

Na verdade, nós dormimos tão profundamente que não percebemos o sol nascer.

Nós não ouvimos a cafeteira funcionando lá embaixo.

E nós não ouvimos Nathan até que ele está bem acima de nós.

Nathan pega Cricket pelos ombros e o joga fora da minha cama. Cricket engatinha até um canto enquanto eu pego meus óculos. Minha pele está em chamas.

— Que diabos está acontecendo aqui? Ele se meteu enquanto...? Nathan se detém. Ele notou a ponte. Ele caminha até Cricket, que se encolhe tão baixo que ele quase se torna altura de Nathan. — Então você tem escalado para o quarto de minha filha por quanto tempo agora? Dias? Semanas?

Meses?

Cricket está tão envergonhado que ele mal pode falar. — Não. Oh Deus, não. Senhor. Sinto muito, senhor.

Andy corre para o quarto, descabelado e frenético. — O que está acontecendo? Ele vê Cricket encolhido embaixo Nathan. — Oh.

— Faça alguma coisa! Eu digo a Andy. — Ele vai matá-lo!

Flashes de assassinato passam por todo o rosto de Andy, e eu me lembro do que Max disse tempos atrás, sobre o quão ruim era lidar com dois pais protetores. Mas ele desaparece, e ele dá um passo hesitante se aproximando de Nathan.

— Querida. Eu quero matá-lo também. Mas vamos falar com Lola em primeiro lugar. Nathan está terrivelmente quieto. Ele está tão bravo que sua boca mal se move. — Você. Fora.

Cricket se balança até a janela. Os olhos de Andy aumentam quando vê a ponte, mas tudo o que ele diz é: — Pela porta da frente Cricket. Pela porta da frente.

Cricket levanta as duas mãos, e à luz do dia, é a primeira vez que vejo que ainda há rastros espalhados de tinta azul em suas unhas.

— Eu só quero que vocês saibam que nós não fizemos nada, exceto conversar e dormir... Dormir, dormir, ele rapidamente acrescenta. Como com os olhos fechados e mãos para si mesmo como se estivesse sonhando. Sonhos inocentes. — Eu nunca faria nada pelas costas. Quero dizer, nunca nada desonroso. Quero dizer...

— Cricket, eu imploro.

Ele olha para mim miseravelmente. — Eu sinto muito. E então vai com toda pressa para as escadas e sai pela porta da frente. Nathan sai violentamente do meu quarto e a porta se fecha com um golpe.

Andy fica silencioso por um longo período de tempo. Por fim, ele suspira. — se importaria de explicar por que havia um rapaz em sua cama esta manhã?

— Nós não fizemos nada. Você tem que acreditar em mim! Ele veio porque sabia que eu estava triste. Ele só queria se certificar de que estava tudo bem.

— Dolores, é assim que os meninos se aproveitam de meninas. Ou de outros meninos... Acrescenta. — Eles atacam quando a guarda está baixa, quando você está se sentindo vulnerável. A implicação me dá raiva. — Cricket nunca iria se aproveitar de mim.

— Ele subiu em sua cama plenamente consciente de que você está sofrendo por alguém.

— E nós não fizemos nada além de conversar.

Andy cruza os braços. — Há quanto tempo isso está acontecendo?

Eu digo a verdade. Eu quero que ele acredite em mim, para que ele também acredite que Cricket é inocente. — Houve apenas outra vez. Mas ele não passou a noite.

Ele fecha os olhos. — Isso foi antes ou depois que você terminou com Max?

Minha cabeça se afunda nos meus ombros. — Antes.

— E você disse ao Max?

Ela cai mais. — Não.

— E isso não faz você se perguntar se havia algo de errado com ele?

Eu estou chorando. — Nós somos amigos, pai.

Andy parece triste quando ele se senta na beira da minha cama. — Lola. Todo mundo e suas avós sabem que esse garoto está apaixonado por você. Você sabe que o menino está apaixonado por você. Mas tão errado quanto era para ele estar aqui, é muito pior que você tenha levado a diante. Você tinha um namorado. O que

— Você estava pensando? Não se trata alguém assim. Você não deveria ter tratado qualquer um deles assim.

— Eu não sabia que era possível sentir-se pior do que eu já estava.

— Ouça. O olhar no rosto de Andy significa que ele preferia comer vidro a me dizer o que ele está prestes a dizer. — Eu sei que você está crescendo. E tão difícil como é, temos que aceitar que existem certas... Coisas que você está fazendo. Mas você é uma jovem inteligente, e nós já tivemos essa conversa, e eu sei, desde este momento, que você tomará as decisões certas.

— Oh Deus. Eu não posso olhar para ele.

— Mas você tem que entender essa parte é difícil para nós, especialmente para Nathan. Norah festava com a sua idade quando ela fugiu e ficou grávida. Mas você pode falar comigo. Eu quero que você fale comigo.

— Okay. — Eu mal posso pronunciar a palavra.

— E eu não quero encontrar um rapaz em seu quarto novamente, você me ouviu? — Ele espera antes de se levantar. — Tudo bem. Vou falar com Nathan e ver o que eu posso fazer. Mas nem por um segundo ache que você vai sair dessa facilmente.

— Eu sei.

— Ele caminha até a porta. — Nunca. Mais. Entendeu?

— O que... O que acontece quando eu me casar?

— Vamos comprar um berço. Seu marido pode dormir lá, quando ele vier de visita.

— Eu não posso evitar. Deixo escapar um pequeno sorriso. Ele volta e me abraça.

— Eu não estou brincando — ele diz.

— A punição chega à parte da tarde. Estou de castigo até o final de minhas próximas férias de inverno. Outro mês de castigo. Mas, honestamente, eu não me importo. É a outra metade da punição, o não-dito é que me faz sentir horrível.

— Meus pais já não confiam em mim. Eu tenho que ganhá-la de volta. Durante todo o dia, eu tento encontrar Cricket em nossas janelas, mas ele nunca vai para dentro de seu quarto. Próximo das três horas, eu vejo sua silhueta passar rapidamente pela janela da cozinha, então eu sei que ele ainda está em casa. Por que ele está

me evitando? Ele está envergonhado? Ele está com raiva? Será que meus pais chamaram seus pais? Eu vou morrer se eles chamaram o Sr. e Sra. Bell, mas eu não posso perguntar, porque se eles não fizeram, pode dar-lhes a idéia.

Eu estou naufragando no momento em que a luz do quarto de Cricket se ascende. É depois das oito. Eu jogo de lado a minha lição de casa de Inglês e corro para a minha janela, e ele já está na dele. Nós abrimos ao mesmo tempo, e o ar da noite nublada explode... Num choro.

Cricket está segurando a filha Aleck novamente.

— Sinto muito, ele grita. — Ela não me deixa colocá-la no chão!

— Está tudo bem! — Eu grito de volta.

E então eu percebo alguma coisa. Eu fecho minha janela. Cricket olha espantado, mas eu seguro um dedo e formo as palavras “um segundo” em meus lábios. Eu rasgo uma página do meu caderno de espiral e rabisco sobre ela com um marcador grosso roxo. Eu prendo a mensagem contra a minha janela.

MEUS PAIS! Falamos mais tarde? QUANDO NÃO ESTIVER COM O BEBÊ!

Ele parece aliviado. E então entra em pânico quando ele bate sua própria janela. No minuto seguinte está repleta de tensão enquanto esperamos que os meus pais irrompam em meu quarto. Eles não o fazem. Mas mesmo com as janelas fechadas, ouço os gritos de Abigail. Cricket a coloca em seu quadril, implorando com ela, mas seu rosto permanece contorcido de sofrimento.

Onde está Aleck? Ou esposa do Aleck? Eles não deveriam estar cuidando disso?

Calliope irrompe pela porta de Cricket. Ela leva Abigail dele, e Abigail grita mais. Ambos os gêmeos estremecem quando Calliope empurra a bebe de volta para os braços do Cricket. O bebê fica mais calmo, mas ela ainda está chorando. Calliope olha em minha direção. Ela congela, e eu dou um fraco aceno. Ela franze a testa.

Cricket vê a sua expressão e diz algo que faz com que ela se vá impetuosamente. A luz do quarto se ascende um segundo depois. Ele está voltando para mim, ainda segurando Abigail, quando a Sr^a.

Bell entra. Eu fecho as minhas cortinas. O que está acontecendo por lá, eu não quero que sua mãe pense que estou espionando ele.

Sento-me de volta embaixo com o meu ensaio cinco de parágrafos para Inglês, mas não consigo me concentrar. Esse sentimento, familiar nauseante de culpa. Quando eu vi os Bell em sua entrada na semana passada, eles estavam claramente angustiados por alguma coisa. E eu nunca perguntei Cricket sobre o que era. Ele ficou no meu quarto a noite inteira, e eu nem sequer pensei em perguntar. E ele está sempre preocupado com o que está acontecendo na minha vida. Eu sou tão egoísta.

Um novo tipo de verdade me bate: Eu não sou digna dele.

Sua luz se apaga, e a escuridão súbita funciona como uma confirmação dos meus medos. Ele é muito bom para mim. Ele é doce e gentil e honesto. Cricket Bell tem integridade. E eu não mereço ele. Mas... Eu quero ele de qualquer maneira.

É possível ganhar alguém? Ele não retorna por quase duas horas. No momento em que ele está de volta, eu levanto minha janela novamente. Cricket levanta sua. Esgotamento se estabeleceu entre as suas sobrancelhas, e os ombros estão caídos. Mesmo uma mecha de seu cabelo tem fracassado em esconder sua testa. Eu nunca vi o cabelo Cricket caído assim.

— Sinto muito. Sua voz está cansada. Ele a mantém baixa, consciente de que a ameaça dos pais não passou. — Pela noite passada. Por esta manhã, por esta noite. Seus pais não vieram, eles? Eu sou um id...

— Pare, por favor. Você não tem que pedir desculpas.

— Eu sei. A nossa regra. Ele está triste.

— Não. Quero dizer, não se desculpe por ontem à noite. Ou esta manhã. Eu queria você aqui.

Ele levanta a cabeça. Mais uma vez, a intensidade dos seus olhos faz meu coração gaguejar.

— Eu sou a única que está arrependida — eu continuo. — Eu sabia que algo estava acontecendo com sua família, e eu não perguntei. Nem sequer passou pela cabeça.

— Lola. Sua testa aprofunda mais. — Você está passando por um momento difícil. Eu nunca esperaria que você pensasse em minha

família agora. Seria uma loucura.

Mesmo quando estou errada, ele me coloca como se eu estivesse certa. Eu não o mereço.

Hesito.

Ganhe ele.

— Então... O que está acontecendo? A menos que você não quer me dizer. Eu entenderia.

Cricket se inclina os cotovelos contra a sua janela e olha para o céu à noite. A estrela em sua mão esquerda desapareceu na lavagem, mas ela ainda está lá. Ele espera tanto tempo para responder que me pergunto se ele me ouviu. Uma névoa serena baixa à distância. A névoa rasteja até meu quarto, carregando o cheiro de eucalipto.

— Meu irmão deixou sua mulher na semana passada. Aleck ficou com a Abby, e vai ficar aqui até ele descobrir o que vai fazer a seguir. Ele não está em grande forma, por isso estamos meio que cuidando dos dois agora.

— Onde está sua esposa? Por que ele ficou com o bebê?

— Ela ainda está em seu apartamento. Ela está passando por... Uma crise de estilo de vida.

Eu envolvo meus braços em volta de mim. — O que significa isso? Ela é lésbica?

— Não. Cricket arranca os olhos do céu para olhar para mim, e vejo que ele está desconfortável. — Ela é muito mais jovem do que o Aleck. Casaram-se, quando ela ficou grávida, e agora ela está se rebelando contra isso. Esta nova vida. Ela fica fora até tarde, festas. No último fim de semana... Meu irmão descobriu que ela tinha traído ele.

— Eu sinto muito. Penso em Max. Sobre Cricket no meu quarto. — Isso é terrível.

Ele encolhe os ombros e olha para longe. — É por isso que eu finalmente voltei. Você sabe, para ajudar.

— Isso significa que você ainda está lutando com Calliope?

— Talvez. Eu não sei. Cricket passa os dedos pelo cabelo escuro, e a parte que havia caído volta ao lugar. — Às vezes, ela faz as coisas

tão difíceis, mais do que elas deveriam ser. Mas eu acho que estou fazendo a mesma coisa agora.

Eu permito que essa idéia fique no ar, e minha mente retorna ao Max. Ela se enche com vergonhosas, fantasias sobre o nosso futuro. — Você acha que... A mulher do Aleck faz isso porque ela se casou muito jovem?

— Não, eles se casaram equivocados. A única pessoa na minha família que pensou que duraria foi o Aleck, mas ficou claro que ele não era o único.

O único. Isso não é novo.

— Como você sabia? Que ela não era a única para ele?

Agora ele está olhando para suas mãos, retardando esfregando-as juntas. — Eles simplesmente não têm isso... Magia natural. Você sabe, nunca pareceu fácil.

Minha voz fica minúscula. — Você acha que as coisas têm que ser fácil? Para que elas funcionem?

A cabeça de Cricket se levanta com rapidez, os olhos esbugalhados quando compreendeu o meu significado. — Não. Quero dizer, sim, mas... Às vezes há. . . Circunstâncias atenuantes. Que impeçam que ela seja fácil. Por um tempo. Mas então as pessoas superam aquelas. . . Circunstâncias. . . E. . .

— Então você acredita em segunda chance? Eu mordo meu lábio.

— Segunda, terceira, quarta. O que for preciso. Não importa o tempo que for preciso. Se a pessoa for a certa, acrescenta.

— E se a pessoa for... Lola?

Desta vez, ele segura meu olhar. — Só se a outra pessoa for Cricket.

28

Cricket não é a única coisa que tenho a ganhar. Eu tenho que ganhar de volta a confiança dos meus pais.

Eu sou uma boa filha, eu sou. Tenho muitas falhas, mas eu continuo fazendo a minha lição de casa, eu faço minhas tarefas, eu raramente respondo, e eu gosto deles. Eu sou uma das poucas pessoas da minha idade que realmente se importam com o que seus pais pensam. Então, eu estou vestida como alguém responsável (tudo preto, muito séria), e estudei como uma louca para as provas finais, e eu estou fazendo o que eles pedem. Mesmo quando é horrível. Como levar Betsy para sua caminhada de fim de noite quando está a 4 graus lá fora, o que, aliás, eu fiz todas as noites desta semana.

Eu quero que meus pais se lembrem que eu sou boa, então eles também vão se lembrar que Cricket é bom. Mais do que bom. Ele veio pedir desculpas a eles formalmente, embora eu não ache que isso ajudou. Seu nome ainda está banido na nossa casa. Mesmo depois que o Sr. Bell disse a Andy o que estava acontecendo com Aleck, e meus pais estavam impacientes com a família durante o jantar, eles pularam o nome do Cricket. Era — Calliope e... Hmph. Pelo menos o Sr. E a Sra. Bell não sabem o que aconteceu. Meus pais não ligaram para eles. Eu provavelmente tenho de agradecer a Andy, talvez até Norah.

Ela tem sido surpreendentemente legal sobre tudo isso. — Dê-lhes tempo — ela diz. — Não apresse nada.

Que é o que eu sei que preciso de qualquer maneira. Tempo.

A lembrança de Max ainda é amarga e forte. Eu não sabia que era possível ter um termino feio quando você era a pessoa que estava terminando. E eu tenho certeza que eu sou à única que terminou. Pelo menos, eu fiz isso primeiro.

E então ele fez isso melhor.

Eu me sinto terrível sobre como terminou, e eu me sinto terrível por não ser honesta com ele enquanto estávamos juntos. Quero pedir desculpas. Talvez me livrando desses sentimentos ruins, e eu seria capaz de seguir em frente. Talvez então eu não sinta dor toda vez que minha mente cita seu nome. Deixei várias mensagens em seu correio de voz, mas ele não me ligou de volta. E ele ainda está desaparecido da cidade. Eu até fui a Amoeba perguntar para o Johnny.

As últimas palavras de Max me assombram. Sou nada para ele? Já?

Eu não estou preparada para Cricket, e suas mãos estão cheias de qualquer maneira. Com Aleck deprimido demais para dar atenção a Abigail, ela decidiu que Cricket é a próxima coisa melhor. Ele está em casa para o recesso do inverno - nós dois estamos no recesso de inverno - e eu raramente o vejo sem Abby pendurada em seus braços ou em volta de suas pernas. Eu reconheço esse sentimento, essa falta, dentro dela. Eu gostaria que houvesse alguém em que eu pudesse me segurar. Lindsey ajuda. Ela liga todos os dias, e falamos... Max não. Cricket não. Embora ela tenha anunciado culposamente que ia ao baile de inverno. Ela perguntou ao Charlie, e é claro que ele disse sim. Estou feliz por ela.

Uma pessoa pode ficar triste e feliz ao mesmo tempo.

Eu mudei o meu vestido de Maria Antonieta e peruca e aros para o escritório de Nathan, vulgo quarto da Norah. Eu não gosto de olhar para eles. Talvez eu termine o vestido mais tarde, para o Dia das Bruxas do ano que vem. Lindsey pode usá-lo. Mas eu continuo não indo para o baile, e pelo menos eu sei que essa foi a decisão certa. As últimas semanas de escola eram miseráveis.

— Quem morreu e se transformou em uma gótica? — Marta zombou, levantando o nariz pelo meu conjunto todo preto. Seus amigos, os mais populares de Harvey Milk Memorial, juntaram-se a ela, e logo todo mundo estava me acusando de ser uma Gótica, que, apesar de não ser verdade, teria sido bom. Exceto que então as crianças góticas me acusaram de ser uma poser.

— Eu não sou gótica. E eu não estou de luto — eu insisti.

Pelo menos o meu novo guarda-roupa me ajuda a me misturar em meu bairro. No inverno, Castro se transforma em um mar de roupas pretas na moda. Preto me ajuda a desaparecer, e eu não quero ser vista agora. É incrível como a roupa afeta a forma como as pessoas te vêem - ou não vêem. No outro dia eu esperava o ônibus ao lado de Malcolm do Hot Cookie. Ele me serviu dezenas de cookies com arco-íris de MM, e sempre estamos debatendo os méritos de Lady Gaga contra Madonna, mas ele não me reconheceu.

É estranho. Eu, o meu verdadeiro eu, e eu estou irreconhecível. As poucas pessoas que me reconhecem sempre perguntam se eu estou me sentindo bem. E não é que eu me sinta bem, mas por que todos assumem que algo está errado porque eu não estou fantasiada? Nossa habitual caixa de banco foi tão longe para mencionar sua preocupação para Nathan. Papai chegou em casa preocupado, e eu tive que assegurar-lhe, mais uma vez, que eu estou bem.

Eu estou bem.

Eu não estou bem.

O que eu sou?

Os pisca-piscas de Natal e os tremulantes menorahs nas janelas das casas, da loja de ferragens, dos bares e discotecas e restaurantes... Eles parecem falsos. Forçados. E eu estou anormalmente atenta ao homem vestido como Mamãe Noel Sexy distribuindo bengalinhas doces na frente dos Walgreens e recolhendo dinheiro para caridade.

Passei minhas férias trabalhando no cinema - eu tomo turnos extras para preencher meu tempo livre - e assistindo Cricket. Durante todo o dia, eu posso normalmente vê-lo através de uma das janelas dos Bells, brincando com Abigail. Abby não tem o cabelo cor de areia cabelo como seu pai e avô, mas há algo doce e puro no seu sorriso que me faz lembrar de seu tio. Ele a empacota e leva para caminhar todos os dias.

Às vezes, pego um casaco e corro atrás deles. Eu fui com eles para o parque para os balanços, para a biblioteca para livros ilustrados, e para o Spike para um expresso (Cricket e eu) e um homem-biscoito de gengibre orgânico (Abby). Eu tento ser útil. Eu

quero merecer ele, ser digna dele. Ele sempre explode em um sorriso quando me vê, mas é impossível confundir o exame silêncio que se segue. Como se ele estivesse se perguntando se já estou bem. Se hoje é o dia.

E eu posso dizer pela sua expressão, sempre um pouco confuso e triste, que ele sabe que não é.

Eu gostaria que ele não me olhasse assim. Eu transformei seu rosto em uma equação difícil de novo.

À noite, depois de Abby ter ido para cama, eu vou vê-lo consertando alguma coisa em seu quarto. Eu não posso dizer o que ele está fazendo, deve ser algo pequeno, mas os sinais reveladores de bits mecânicos e peças - incluindo objetos abertos e em pedaços - permanecem espalhados sobre sua mesa. Isso está me fazendo feliz.

O Natal passa como a Ação de Graças, sem diversão. Eu vou para o trabalho - cinemas estão sempre cheios no dia de Natal - e Anna e St. Clair estão lá. Eles tentam me animar com esse jogo, onde ganhamos um ponto cada vez que alguém reclama do preço do bilhete ou grita conosco, porque algum filme está esgotado. Quem tiver mais pontos no final do dia vai ter um saco fechado de balas de gomo de lichia que St.Clair encontrou na sala 12. Não é um grande prêmio. Mas ajuda.

Os gerentes compraram chapéus de Papai Noel para que todos possam usar. O meu é o único cor de rosa. Eu aprecio a tentativa, mas eu me sinto ridícula.

Gritaram mais comigo. Eu ganho o doce de lichia.

Dia de Ano Novo. É frio, mas o sol está fora, então eu levo Betsy para o Dolores Park. Ela está farejando lugares na encosta para deixar a sua marca quando ouço um pequeno, — O-la! É Abby. Estou lisonjeada que ela tenha falado meu nome. Com um ano e meio de idade, seu vocabulário não é imenso. Ela vem em minha direção do parque.

Ela está vestida em um pequeno tutu roxo. Cricket caminha em passos largos atrás dela, mãos nos bolsos, sorrindo.

Eu fico de joelhos para abraçar Abby, e ela cai em meus braços, da forma que as crianças pequenas realmente fazem. — Olá, você —

eu digo. Ela dá o bote na fivela de strass turquesa no meu cabelo. Eu tinha esquecido de tirá-la. Norah - NORAH, de todas as pessoas - colocou no café da manhã. — É o Ano Novo — ela disse.

— Brilho não vai te matar hoje.

Cricket tira Abby antes que ela possa quebrar o grampo. — Tudo bem, tudo bem. Abigail Bell, isso é o suficiente. — Mas ele está sorrindo para ela. Ela sorri de volta.

— Você fez um novo melhor amigo — eu digo.

Sua expressão se transforma em lamento. — As crianças têm gosto questionável.

Eu rio. É a primeira vez que eu me lembro de rir esta semana.

— Embora ela tenha muito bom gosto em acessórios para o cabelo — ele continua. Betsy rola com seu estômago para ele, e ele coça sua barriga. Suas pulseiras de arco-íris e suas faixas de borracha agitam contra o pelo negro dela. O dorso da mão esquerda inteira, incluindo os dedos, está repleto de símbolos matemáticos e cálculos. Abby se inclina hesitante para brincar com meu cão. — É bom vê-la com algo brilhante de novo — acrescenta.

Meu riso para, e meu rosto fica vermelho. — Oh. É estúpido, eu sei. É Ano Novo, então Norah pensou...

Cricket franze as sobrancelhas e levanta. Sua sombra se estende, alta e esbelta, para o infinito atrás dele. — Eu estava falando sério. É bom ver um pouco de Lola brilhando. — A carranca se transforma em um sorriso gentil. — Me dá esperança.

E eu não posso explicar, mas eu estou à beira das lágrimas. — Mas eu tenho sido eu. Eu venho me esforçando para ser eu. Um eu melhor.

Ele levanta as sobrancelhas. — Em que planeta Lola Nolan não usa... Cor?

Eu mostro minha roupa. — Eu tenho isso em branco, também, você sabe.

A piada não teve graça. Ele está lutando para não dizer alguma coisa. Abby dá solavancos em sua perna esquerda e a agarra com todas suas forças. Ele a pega e põe contra o seu quadril.

— Diga — falo a ele. — Seja o que for.

Cricket acena com a cabeça lentamente. — Ok. — Ele recolhe seus pensamentos antes de continuar. Ele fala com cuidado. — Ser uma boa pessoa, ou uma pessoa melhor, ou seja lá o que com que você está preocupada e tentando consertar? Não deve mudar quem você é. Isso significa que você se tornar mais parecido com você mesmo. Mas... Eu não conheço essa Lola.

Meu coração pára. Estou com sensação de desmaio. É a mesma coisa que Max costumava dizer.

— O quê? — Cricket está alarmado. — Quando ele disse isso?

Eu ruborizo de novo e olho para a grama. Eu gostaria de não falar em voz alta quando estou angustiada. — Eu não vi ele de novo, se é isso que você quer dizer. Mas ele disse... Isso... Antes porque eu vestida alguma fantasia, ele não sabia quem eu realmente era.

Cricket fecha os olhos. Ele está tremendo. Leva-me um instante para perceber que ele está tremendo de raiva. Abby se contorce em seus braços. Está perturbando ela. — Lola, você se lembra quando me disse que eu tinha um dom?

Engulo em seco. — Sim.

Seus olhos abertos presos nos meus. — Você tem um também. E talvez algumas pessoas pensem que vestir uma fantasia significa que você está tentando esconder sua verdadeira identidade, mas acho que uma fantasia é mais verdadeira do que qualquer roupa normal poderia ser. Ela realmente diz algo sobre a pessoa que o usa. Eu conhecia aquela Lola, porque ela expressa seus desejos e vontades e sonhos para que a cidade inteira veja. Para eu ver.

Meu coração está batendo nos meus ouvidos, nos meus pulmões, na minha garganta.

— Sinto falta dessa Lola — ele diz.

Dou um passo em sua direção. Sua respiração trava.

E então ele dá um passo em minha direção.

— Ohhhh — Abby diz.

Nós olhamos para baixo, surpreso ao descobrir que ela ainda está em seu quadril, mas ela está apontando para o céu branco do inverno. O famoso bando de papagaios de São Francisco voa através do Dolores Park em um turbilhão de penas verdes. O ar está cheio de asas batendo e dos gritos barulhentos, e todo mundo no parque

pára para assistir ao espetáculo. O bando surpreendente desaparece sobre os edifícios tão rapidamente quanto chegou.

Eu me viro para Abby. A inesperada explosão de cor e ruído e beleza no mundo dela deixaram-na impressionada.

29

É a noite de domingo antes da volta às aulas, e meus pais estão em uma data especial. Eu estou saindo com Norah. Estamos assistindo a uma maratona de mostra de decoração de casa, rolando os olhos por diferentes razões. Norah acha que as casas redesenhadas são burguesas e, portanto, chatas. Eu acho que elas se vêm chatas também, mas só porque cada designer parece estar trabalhando a partem do mesmo manual cansado da decoração moderna.

— É bom te ver agindo como você mesma novamente, ela diz durante um intervalo comercial.

Eu estou usando uma peruca azul, um vestido de babados Heidi suíço, e nos braços um brilhante suéter thrift store-dourado. Eu o cortei, e estou usando como aquecedores da perna dourado brilhantes. Suspiro. — Sim, eu sei o quanto você gosta da forma como me visto.

Ela mantém os olhos na televisão, mas essa vantagem familiar faz Norah retorna à sua voz. — Não é como eu iria vestir, mas isso não significa que eu não aprecie. Isso não significa que eu não gosto de você por quem você é. Eu mantenho meus olhos na televisão também, mas meu peito aperta. — Então, eu digo alguns minutos mais tarde, quando o show recapitula o que já vimos. — O que está acontecendo com o apartamento? Ronnie já tem uma data para a mudança?

— Sim. Eu irei embora até o final da semana.

— Oh. Isso é realmente... Em breve.

Ela bufá. Seu suspiro soa como o meu. — O breve não pode chegar o suficiente breve. Nathan tem estado sufocado desde o momento em que cheguei.

E aí está a Norah ingrata. De repente, sua partida iminente é bem-vinda. Mas eu só sacudo a cabeça, e nós assistimos o resto do

episódio em um silêncio incomodo. Outro intervalo comercial começa.

— Sabe qual é o segredo para a leitura da sorte? — Ela pergunta, de repente.

Eu afundo nas almofadas do sofá. Aqui vamos nós.

Norah se vira para olhar para mim. — O segredo é que eu não leio folhas. E os leitores de palma não lêem palmas, e os leitores de tarô não lê cartas. Nós lemos as pessoas. Um bom vidente lê a pessoa sentada em frente a eles. Eu estudo os sinais em suas folhas, e eu as uso para dar uma interpretação do que eu sei que a pessoa quer ouvir. Ela se inclina para mais perto. — As pessoas preferem pagar quando ouvem o que eles querem ouvir.

Eu tremo, com certeza que eu não quero ouvir o que está por vir.

— Digamos que uma mulher entra — ela continua. — Sem anel de casamento, camisa apertada, com uma gola até o queixo. Pergunta sobre seu futuro. Esta é uma mulher que quer me dizer que ela está prestes a conhecer alguém. E, geralmente, se a camisa é forte o suficiente e com a confiança adquirida com uma boa fortuna, adivinhem? Ela provavelmente vai encontrar alguém. Agora, ele pode não ser a pessoa certa, mas ainda significa que a adivinhação se tornou realidade.

Meu rosto aprofunda em uma carranca. Eu fico olhando para a tela da televisão, mas os comerciais piscando estão tornando difíceis de concentrar. — Então... Quando você olhou para mim, você viu alguém que queria argumentos e confusões e divisões? E você queria que ele se tornasse realidade?

— Não. — Norah se inclina ainda mais perto. — Você era diferente. Eu não tenho muitas chances de falar com você quando você pode realmente ouvir o que tenho a dizer. Ler as suas folhas era uma oportunidade. Eu não lhe disse o que você queria ouvir. Eu te disse que você precisava ouvir.

Estou confusa e magoada. — Eu precisava ouvir coisas ruins?

Ela coloca a sua mão na minha. É ossuda, mas de alguma forma também é quente. Dirijo-me a ela, e seu olhar é simpático. — Seu relacionamento com Max foi diminuendo — ela diz, usando sua voz

de cartomante. — E eu vi que você tinha alguém muito mais especial esperando bem atrás dele.

— A cereja. Você sabia como eu me sentia sobre Cricket naquela época.

Ela tira a mão dela. — Cristo, o carteiro sabia como você se sentia sobre ele. E ele é um bom garoto, Lola. Foi estúpido de você ser pega com ele na cama você sabe que seus pais são rigorosos como o inferno sobre essa merda, mas eu sei que ele é bom. Eles gostam dele também. E eu sei que você é boa.

Eu estou tranqüila. Ela pensa que eu sou uma boa pessoa.

— Sabe meu maior arrependimento? Ela pergunta. — Que você se transformou nesta pessoa, brilhante, bonita e fascinante... E eu não posso levar o crédito por qualquer uma delas.

Há um nó na minha garganta.

Norah cruza os braços e olha para longe. — Os seus pais me irritam, mas eles são ótimos pais. Tenho sorte que eles são seus.

— Eles se preocupam com você, também, você sabe. Eu me preocupo com você.

Ela está silenciosa e rígida. Aproveito a oportunidade e, pela primeira vez desde que eu era uma garotinha, me encosto em seu lado. Seus ombros rígidos se derretem contra mim.

— Volte para me visitar, eu digo. — Quando você se mudar.

As luzes dos comerciais começaram a piscar.

Flash.

Flash.

— Tudo bem, ela diz.

Estou no meu quarto mais tarde naquela noite, quando meu telefone toca. É Lindsey.

— Pensando bem, ela começa assim: — Talvez eu não deveria dizer.

O quê? Seu tom estranhamente perturbado me dá um frio instantâneo. — Diga-me o quê?

Uma respiração longa e profunda. — Max está de volta.

O sangue escorre de meu rosto. — O que você quer dizer? Como você sabe?

— Eu só o vi. Minha mãe e eu fomos fazer compras na Mission, e lá estava ele, andando por Valência.

— Ele viu você? Você falou com ele? Como ele parece?

— Não. Claro que não. E como ele sempre faz.

Estou estupefata. Há quanto tempo ele esteve de volta? Por que ele não ligou? Seu silêncio contínuo significa que ele deve ter dito a verdade: Eu não sou mais nada para ele.

Ultimamente, tenho tido várias horas, uma vez um dia inteiro, sem pensar nele. Esta é uma escavação fresca em minhas feridas, mas de alguma forma... O golpe não é tão esmagador como eu pensei que seria. Talvez eu esteja bem em ser nada para Max.

— Você pode respirar? Lindsey pergunta. — Você está respirando?

— Eu estou respirando. E eu estou. — Uma idéia rapidamente se multiplica dentro de mim. — Escute, eu tenho que ir. Há algo que eu preciso fazer. Eu pego meu casaco de pele sintética e minha carteira, e eu estou correndo para fora minha porta, quando ouço um fraco plink.

Eu paro.

Plink, minha janela de novo. Plink. Plink.

Meu coração salta. Eu abro as vidraças, e Cricket baixa a sua caixa de palitos de dente. Ele está usando um lenço vermelho e algum tipo de jaqueta militar azul. E então percebo a bolsa de couro pendurada no ombro, e esse golpe está me esmagando. Suas férias terminaram. Ele está voltando para Berkeley.

Seus braços se afrouxam. — Você está incrível.

Oh. Certo. Passou um mês desde que ele me viu com nada diferente de preto. Dou-lhe um sorriso tímido. — Obrigado.

Críquete aponta para meu casaco. — Indo a algum lugar?

— Sim, eu estava saindo.

— Encontramos primeiro na calçada? Será que seus pais se importariam?

— Eles não estão em casa.

— Ok. Vejo você em um minuto?

Concordo com a cabeça e desço as escadas com pressa. — Eu estarei de volta em uma hora, eu digo Norah. — Há algo que tenho que fazer. Hoje à noite.

Ela silencia a televisão e levanta uma sobrancelha em minha direção. — Será que esta incumbência misteriosa tem a ver com o cara certo?

Eu não tenho certeza a qual deles ela se refere, mas... Qualquer um é correto. — Sim.

Ela me estuda por vários segundos insuportáveis. Mas então ela devolve o som da televisão. — Basta voltar antes dos seus pais. Eu não quero ter que explicar.

Cricket está esperando na parte inferior das minhas escadas. Sua figura esguia parece requintada ao luar. Nossos olhares ficam fixos um no outro enquanto eu desço os vinte e um degraus para a minha calçada.

— Eu vou voltar para a escola, ele diz.

Aponto com a cabeça para sua bolsa. — Achei o máximo.

— Eu só queria dizer adeus. Antes de eu sair.

— Obrigado. — Eu sacudo a cabeça, confusa. — Eu quero dizer... Eu estou contente. Não que você está indo. Mas que você me encontrou antes de sair.

Ele coloca as mãos nos bolsos. — Sim?

— Sim. Estamos em silêncio por um minuto. Mais uma vez, eu cheiro o traço de sabão em barra e óleo mecânico doce, e as minhas entranhas mexem nervosamente.

— Então... Qual caminho? Ele gesticula em ambas as direções pela calçada. — Aonde você vai?

Eu aponto na direção oposta de onde ele vai pegar o trem. — Por este caminho. Há, uh, alguns negócios inacabados que eu tenho para resolver.

Cricket sabe, por minha hesitação, o que eu estou falando. Tenho medo que ele vá me dizer para não ir, ou, pior ainda, pedir para me acompanhar, mas ele só faz uma pausa. E então ele diz: — OK.

Confiança.

— Você vai voltar para casa em breve? Eu pergunto.

A pergunta o faz sorrir. — Promete que não vai esquecer de mim enquanto eu estiver fora?

Eu sorrio de volta. — Eu prometo.

E enquanto eu vou embora, eu percebo que não tenho ideia de como eu vou conseguir parar de pensar nele.

O pavor não bate até que chego a seu apartamento e vejo as familiares paredes de café escuro e rosa-clara. Olho no apartamento de Max.

A luz está acesa e não há movimento por trás da cortina. A dúvida se infiltra como uma névoa venenosa. Seria errado da minha parte vir aqui? É egoísta da minha parte me desculpar se ele não quer ouvi-la?

Subo a escada escura que leva à sua porta da frente. Estou aliviada quando ele abre, e não Johnny, mas o meu alívio é de curta duração. Olhos cor de âmbar de Max me encaram, e o cheiro de cigarros é forte. Não há hortelã esta noite.

— Eu... Ouvi que você estava de volta.

Max permanece em silêncio.

Eu me forço para manter seu olhar pétreo. — Eu só queria te dizer que eu sinto muito. Sinto muito por ter mentido, e eu sinto muito pela maneira como as coisas terminaram. Eu não te tratei de forma justa.

Nada.

— Okay. Bem... Era isso. Adeus Max".

Eu estou no primeiro passo de volta para baixo quando ele grita:
— Você dormiu com ele?

Eu paro.

— Enquanto estávamos juntos — acrescenta.

Viro-me e olho nos olhos dele. — Não. E essa é a verdade. Nós nem sequer nos beijamos.

— Você está dormindo com ele agora?

Eu corro. — Deus, Max.

— Você está?

— Não. — E eu estou saindo agora. Mas eu não me movo. Esta é minha última chance de saber. — Onde você estava durante o último mês? Eu liguei. Eu queria falar com você.

— Eu estava ficando com um amigo.

— Onde?

- Santa Monica. — Algo sobre a maneira como ele diz. Como se ele quisesse que eu perguntasse.
- Uma... Garota?
- Uma mulher. E eu dormi com ela. Max bate sua porta.

30

Max sempre soube o que dizer e quando dizer para tornar o machucado pior. Suas palavras haviam me tocado, mas levou apenas um momento para eu perceber por que. Não é porque eu me importe que ele esteja com outra mulher. É porque eu não posso acreditar que alguma vez eu o amei. Eu via Max de forma deliberadamente cega.

Como eu poderia ter ignorado seu lado vingativo? Como eu poderia ter me comprometido a alguém cuja reação instintiva era sempre a raiva e a crueldade?

Pedi desculpas. Ele reagiu à sua maneira típica. Eu fui ao seu apartamento para absolvição, e eu consegui.

Adeus Max

As férias de Inverno chegam ao fim.

Escola recomeça. Estou surpresa quando três dos meus colegas e três pessoas que eu não sei bem se aproximam de mim no primeiro dia e dizem que eles estão felizes em ver que eu estou me vestindo como eu de novo.

Faz-me sentir. . . Gratificada. Apreciada.

Mesmo Lindsey se sente mais alta e mais orgulhosa, uma combinação de Charlie e seus amigos (que se juntaram a nós no almoço) e tudo está novamente colorido. É bom ter mais pessoas ao redor.

A parte difícil é esperar o fim de semana.

Eu sinto falta da chance de ver Cricket a qualquer momento. O vidro azul pálido de minha janela parece aborrecido sem ele do outro lado. Sexta-feira é o dia mais longo na história da escola. Eu olho o relógio uma e outra vez, com os olhos como bolas de pingue-pongue, deixando Lindsey louca.

— *Ele virá*, ela diz. — *Paciência*, Ned.

Mas enquanto o ultimo sinal toca, meu telefone também toca. Uma mensagem de texto de MULHER TIGRE NUA: "Não voltarei para

casa neste fim de semana. Projeto inesperado. Na primeira semana! Isso é uma merda”.

Meu mundo cai. Mas, em seguida, um segundo texto aparece:

“Eu sinto sua falta.”

E depois uma terceira:

“Espero que esteja ok dizer isso agora”.

Meu coração está irregular enquanto respondo de volta:

“Sinto sua falta também. Sinto ainda mais neste fim de semana”.

Grilos cantando + de sinos tocando!!!!

Mandamos mensagem de texto todo o caminho para a minha casa, e eu estou flutuando como uma nuvem cor de rosa macia. Eu o deixo ir para que ele possa trabalhar, e ele protesta em várias mensagens, o que me deixa ainda mais feliz.

Ao longo da noite, meu telefone pisca com novas mensagens, sobre seu companheiro de quarto Dustin, seus amigos chatos, de que estava fome, por não ser capaz de ler suas próprias notas. Eu enchi seu telefone com mensagens sobre Norah empacotando suas caixas, sobre a nova torta de Andy, sobre como acidentalmente esqueci o meu livro de matemática no meu armário.

Na parte da manhã, meus pais são surpreendidos quando eu acordo cedo e me materializo nas escadas enquanto eles ainda estão tomando café da manhã. Andy examina o calendário. — Eu pensei que seu turno não começa até as quatro.

— Eu gostaria de ir para Berkeley. Apenas por algumas horas antes do trabalho.

Meus pais trocam um olhar inquieto enquanto Norah entra no quarto atrás de mim. — Oh, pelo amor de Deus, deixem-na ir. Ela vai de qualquer maneira.

Eles me dão permissão. Com a condição de ligar a cada hora para dar notícias, mas aceito de bom grado. Eu estou saltando para fora da porta quando no último segundo uma decisão me faz voltar para pegar algo minúsculo que eu mantenho guardado em minha gaveta de meias. Eu o coloco em minha bolsa.

Eu passo por New Garden Seoul, e Lindsey embala uma bolsa de comida para viagem, o que faz com que todo o carro - e ambos os trens que pego para chegar a Berkeley a cheirassem mal. Whoops.

Eu decido ser corajosa neste momento, e chamá-lo quando eu chegar aos portões seu dormitório, mas alguém está saindo quando eu estou chegando, e não é necessário.

Eu atravesso o pátio e as outras portas facilmente. E então eu estou em sua porta.

Eu levanto minha mão para bater quando uma menina ri do outro lado. Apoio meus dedos trêmulos contra a madeira. Será que é Jessica? Mais uma vez?

A porta se abre e. . . É Anna.

— Ei, vaqueira do espaço! Ela nota meu vestido de franjas prata e minhas botas de cowboy vermelhas. Por um segundo de pesadelo, sou consumida por suspeita, mas a porta se abre mais e revela St. Clair. Claro.

Ele e Cricket estão sentados contra o lado da cama de Cricket. E logo Cricket me vê, e o ambiente se ilumina. Minha alma se acende em resposta.

— Oi. Ele fica de pé. — Oi, ele diz novamente.

— Eu estava preocupada que você não teria tempo para almoçar hoje. Levanto a bolsa com comida quando noto umas caixas vazias de comida chinesa no chão. — Oh.

Anna me dá um sorriso banguela. — Não se preocupe. Ele vai comer o que você trouxe, também.

— Seu estômago é bastante grande, diz St. Clair.

— E o seu é tão pequenino, diz Anna. Ele empurra as pernas do seu lugar no chão, e ela empurra de volta. Eles são como cachorros.

Cricket me faz sinal com ambos os braços para que me aproxime. — Aqui, entra, senta.

Olho ao redor. Cada superfície está ocupada.

— Uh, segura, ele diz. Há um monte de trabalhos escolares, espalhados em toda a superfície da sua cama, que ele empurra de lado. — Aqui. Sente-se aqui.

— Nós devemos ir, Anna diz. — Nós só paramos para almoçar com Cricket e discutir sobre os Jogos Olímpicos. Você sabia que eles serão na França este ano? Ela suspira. — Eu estou morrendo para uma visita. Seu namorado morde a unha dedo mindinho. — E eu

microondas, e ele hesita, sem saber se deve levantar.

Eu chego e pego o seu pulso, pela borracha de suas pulseiras. — Eu não estou com fome, eu digo.

Cricket olha para minha mão.

Eu deslizo meu dedo indicador por baixo de uma pulseira vermelha. Meus dedos contornam a pele de seu pulso interno, e ele libera um pequeno som. Seus olhos se fecham.

Eu enrosco o meu dedo dentro e fora de suas pulseiras, amarrando-me contra ele. Eu fecho meus olhos, também. Meus dedos nos orientam sobre nossas costas, e nós nos encontramos ao lado um ao outro, calmamente ligado, por vários minutos.

— Onde está Dustin? Eu finalmente pergunto.

— Ele estará de volta em breve. Infelizmente.

Abro os olhos, e ele está me olhando. Eu me pergunto quanto tempo seus olhos estavam abertos. — Tudo bem, eu digo. — Eu vim aqui para lhe dar um presente de Natal atrasado.

Levanta as sobrancelhas.

Eu sorrio. — Não esse tipo de presente. Eu desembaraço meu dedo em seu pulso e volto para pegar minha bolsa de chão. Eu vasculho até que eu encontro algo pequeno retirado da minha gaveta de meias. — Na verdade, é mais como um presente de aniversário atrasado.

— Como. . . Um presente tardio?

Eu vou em direção a ele. — Estenda sua mão.

Ele está sorrindo. Ele faz.

— Tenho certeza que você não se lembra mais, mas há vários aniversários, você precisava disso. E eu coloco uma chave pequena na palma da mão. Lindsey e eu fomos a todos os lugares para encontrá-lo, mas então. . . Eu não pude dar isso a você.

Sua expressão cai. — Lola.

Eu fecho os seus dedos em torno do presente. — Eu joguei fora a sua tampa de garrafa, porque me torturava olhá-la. Mas eu nunca poderia jogar isso fora. Eu estive esperando para dar a você por dois anos e meio.

— Eu não sei o que dizer, ele sussurra.

— Não faz mal, eu digo. — Obrigado por me esperar também.

31

A campainha toca cedo no próximo Sábado. Ela me acorda de um sono profundo, mas eu imediatamente volto a dormir. Estou surpresa quando estou sendo sacudida para acordar momentos depois. — Você está sendo solicitada lá embaixo — Andy diz. — Agora.

Eu me sento. — Norah? Ela já foi colocada para fora?

— Calliope. É uma emergência.

Eu me arranco da cama. Uma emergência com Calliope só pode significar uma coisa: uma emergência com o Cricket. Nós estávamos nos mandando mensagem, então eu sei que ele planejava vir para casa antes de sair para as Nacionais. Mas a luz dele estava desligada quando eu voltei do trabalho noite passada. Eu não sabia dizer se ele estava lá. E se ele *tentou* vir para casa, e alguma coisa aconteceu no caminho? — Oh Deus, oh Deus, oh Deus, oh Deus, oh Deus. — Eu coloco um quimono e vou correndo para baixo, onde Calliope está caminhando na nossa sala. Seu cabelo normalmente liso está sujo e desgrenhado, e seu aspecto é ofegante e vermelho.

— Ele está bem? O que aconteceu? Onde ele está?

Calliope para. Ela ergue a cabeça, embaralhada e confusa. — Quem?

— CRICKET!

— Não. — Ela está momentaneamente jogada. — Não é o Cricket, sou eu. É... Isso. — As mãos dela tremem quando ela estende uma sacola grande de papel marrom.

Eu estou tão aliviada que nada está errado com o Cricket — e estou tão chateada por achar que alguma coisa *estava* errada — que eu agarro a sacola um pouco bruscamente. Eu espio dentro. Está cheia de gazes vermelhas rasgadas.

E então eu arquejo com entendimento. — Sua roupa!

Calliope rompe em lágrimas. — É para as Nacionais.

Eu cuidadosamente removo uma tira cintilante do tecido rasgado. — O que aconteceu?

— Abby. Você pensaria que ela era um cachorro, não uma criança. Quando a mamãe desceu para o café da manhã, ela a achou brincando com... *Isso*. Eu tinha deixado minha roupa no andar de baixo para limpar. Quem iria pensar que ela poderia rasgá-la? — O pânico de Calliope cresce. — Eu nem sabia que ela era forte o bastante. E nós vamos sair amanhã! E minha costureira está fora da cidade, e eu sei que você não suporta me ver, mas você é minha única esperança. Você pode consertar isso a tempo?

Tão intrigante como essa ser sua única esperança, não tinha nenhuma esperança a se ter. — Eu sinto muito — eu digo. — Mas eu não posso consertar neste tempo. Está arruinada.

— Mas você TEM que fazer alguma coisa. Tem que ter alguma coisa que você possa fazer!

Eu levanto um monte de retalhos. — Eles mal são grandes o bastante para cobrir o seu nariz. Se eu os costurar uns nos outros - mesmo se eu pudesse, o que eu não posso - ficaria horrível. Você não seria capaz de competir nele.

— Por que você não pode usar uma das suas roupas antigas? — Nathan interrompe.

Andy parece horrorizado. — Ela não pode fazer isso.

— Por que não? — Nathan pergunta. — Não é a roupa que ganha às competições.

Calliope dá de ombros, e é quando eu me lembro da sua maldição do segundo lugar. Ela já deve ter sido torturada pelos nervos, e então para adicionar isso no topo? Eu realmente me sinto mal por ela. — Não — ela diz. A palavra mal sai. — Eu não posso fazer isso. — Ela se vira para mim com seu corpo inteiro, um gesto assustadoramente familiar. — Por favor.

Eu me sinto perdida. — Eu tenho que fazer uma nova. Não tem...

— Você poderia fazer uma nova? — ela pergunta desesperadamente.

— Não! — Eu digo. — Não tem tempo suficiente.

— Por favor — ela diz. — Por favor, Lola.

Estou me sentindo frenética. Eu quero que ela saiba que eu sou uma boa pessoa, que eu não sou inútil, que eu mereço o irmão dela. — Certo. Certo — eu repito. Todo mundo me encara enquanto eu

encaro os farrapos. Se pelo menos eu tivesse pedaços maiores para trabalhar. Estes são tão pequenos que nem sequer fariam uma roupa inteira de novo.

Me dá um estalo. — Sobre aquelas roupas antigas...

Calliope grunhe.

— Não, escuta — eu digo. — Quantas você tem?

Ela faz outro gesto familiar, a boca aberta e o cenho franzido. A cara da equação difícil. — Eu não sei. Muitas. Uma dúzia, pelo menos.

— Traga-as para cá.

— Elas não servem mais! Eu não posso usá-las, eu não vou...

— Você não vai precisar — eu reasseguro a ela. — Nós vamos usar as partes para fazer alguma coisa nova.

Ela está na beira da histeria de novo. — Você vai me remendar?

Mas eu me sinto calma agora que tenho um plano. — Eu não vou te remendar. Eu vou te renovar.

Ela volta em cinco minutos, e ela volta com... O Cricket. Seus braços estão amontoados com tecido elástico e miçangas brilhantes. O cabelo dele ainda está despenteado do sono, e ele não está usando suas pulseiras. Os pulsos deles parecem nus. Nossos olhos se encontram, e seus pensamentos estão tão expostos quanto os pulsos: Gratidão por estar ajudando a irmã dele e a nítida dor da saudade.

A dor é recíproca.

Eu os guio para o andar de cima para o meu quarto. Cricket hesita no fundo, incerto se ele tem permissão para subir. Andy dá uma cutucada nas costas dele, e eu fico aliviada. — Nós definitivamente vamos encontrar alguma coisa em tudo isso — eu digo a Calliope.

Ela ainda está no canto. — Eu não consigo acreditar que minha sobrinha estúpida fez isso comigo.

Meus músculos faciais se contraem, mas eu diria a mesma coisa se estivesse no lugar dela. — Vamos espalhar as roupas e ver o que temos.

— Espalhá-las *aonde*?

Eu quase perco a calma, quando olho para o meu chão e percebo que ela tem razão. — Oh. Certo. — Eu empurro as pilhas de sapatos e roupas descartadas para os cantos, e Andy e Cricket se juntam a mim. Nathan espera na entrada, contemplando a situação - e Cricket - cautelosamente. Quando meu chão está limpo o bastante, nós estendemos as roupas dela.

Todo mundo encara a dispersão. É um pouco impressionante.

— Qual é a sua música? — Andy pergunta.

Nossas cabeças estalam para olhar para ele.

— O quê? — Ele dá de ombros. — Nós precisamos saber com que música ela vai patinar antes que a Lo possa desenhar a roupa certa. Qual é a inspiração dela?

Eu sorrio. — Ele está certo. Com que música você vai patinar, Calliope?

— É uma seleção da edição de *Romeu e Julieta* de 1968.

— Não tenho nem idéia de como é. — Eu aponto para o meu laptop. —Faça o download dela.

— Eu posso fazer melhor do que isso. — Ela senta na minha cadeira e digita seu próprio nome em um site de busca. Uma das primeiras opções é um vídeo da sua última competição. — Assista isso.

Nós nos juntamos ao redor do meu computador. A música é assombrosa e romântica. Carregada de drama e tensão, ela sucumbe em sofrimento, e termina com um poderoso crescendo em redenção. É linda. *Calliope* está linda. Faz um tempo desde que eu a vi se apresentar, e eu não tinha idéia do que ela tinha se tornado. Ou tinha esquecido.

Ou eu me forcei a esquecer.

Calliope se move com paixão, graça, e confiança. Ela é uma bailarina de primeira. E não é só o jeito que ela patina - são as expressões no rosto dela, que ela carrega nos braços, mãos, dedos. Ela representa cada emoção da música. Ela *sente* cada emoção da música. Não é de admirar que o Cricket acredite na irmã dele. Não é de admirar que ele tenha sacrificado tanto da sua própria vida para vê-la ser bem sucedida. Ela é extraordinária.

O clipe acaba, e todo mundo está em silêncio. Até o Nathan está admirado. E eu estou preenchida pela sensação esmagadora da presença de Calliope - seu poder, sua beleza - no quarto.

E então... Estou ciente da presença de outra pessoa.

Cricket está atrás de mim. O mísero toque de um dedo contra as costas do meu quimono de seda. Eu fecho os olhos. Eu entendo a compulsão dele, sua necessidade de tocar. Enquanto meus pais explodem em parabenizar a Calliope, eu deslizo uma mão para minhas costas. Eu sinto ele se afastar com a surpresa, mas eu encontro a mão dele, e a pego na minha. E eu afago a pele suave do centro da sua palma. Só uma vez.

Ele não faz nenhum som. Mas ele está parado, tão parado.

Eu a deixo cair, e de repente a *minha* mão está na *dele*. Ele repete o ato de volta. Um dedo, lentamente, descendo pelo centro da minha palma.

Eu não consigo ficar em silêncio. Eu arquejo.

É o mesmo momento em que a Sra. Bell irrompe no meu quarto, e, agradecidamente, todo mundo se vira para ela e não para mim. Todo mundo exceto o Cricket. O peso do olhar fixo dele contra o meu corpo é intenso e pesado.

— Qual o progresso? — Sra. Bell pergunta.

Calliope suspira. — Nós acabamos de começar.

Eu salto para frente, tentando sacudir para longe o que tem que ser o sentimento mais inapropriado no mundo para se ter quando três dos nossos quatro pais estão presentes. — Oi, Sra. Bell — eu digo. — É bom vê-la de novo.

Ela coloca seu cabelo curto atrás das orelhas e se lança em uma discussão calorosa com a Calliope. É como se eu nem existisse, e eu estou envergonhada que isso machuque. Eu quero que ela goste de mim. Cricket fala pela primeira vez desde que entrou na nossa casa. — Mãe, não é ótimo que a Lola esteja nos ajudando? — Seus dedos agarram os próprios pulsos procurando por tiras de borracha que não estão lá.

A Sra. Bell levanta o olhar, assustada com a intrusão embaraçosa dele, e então me escrutina com um olhar severo. Eu a deixo desconfortável. Ela sabe como eu me sinto a respeito do filho dela,

ou como ele se sente a meu respeito. Ou ambos. Eu queria estar usando alguma coisa respeitável. Minha aparência de quem acabou de rolar da cama faz eu me sentir desprezível.

Não é assim que eu escolheria me apresentar para ela.

A Sra. Bell assente. — É sim. Obrigada. — E se vira de volta para a Calliope.

Cricket olha de relance para mim com vergonha, mas eu dou um sorriso encorajador. Certo, então nós precisamos trabalhar nos nossos pais. Nós chegaremos lá. Eu me viro para pegar um caderno, e é quando eu pego o Nathan e Andy trocando um olhar particular. Não estou certa do que significa, mas, talvez, contenha algum remorso.

Eu sinto uma onda de esperança. Força.

Eu dou um passo à frente para trabalhar, e as coisas ficam loucas. Todo mundo tem uma opinião, e a Sra. Bell termina sendo até mais forte do que sua filha. Há próxima meia hora é agitada enquanto discussões são tidas, tecido é pisado, e roupas são rasgadas. Estou tentando medir Calliope quando o Andy se choca comigo, e eu me esmago contra o canto pontudo da minha mesa.

— FORA — eu digo. — Todo mundo fora!

Eles congelam.

— Estou falando sério, todo mundo exceto a Calliope. Eu não posso trabalhar desse jeito.

— VÃO — Calliope diz, e eles se dispersam. Mas Cricket se demora. Eu dou a ele um sorriso quente. — Você, também.

Seu sorriso de volta é atordoado.

Nathan clareia a garganta do corredor. — Tecnicamente, você nem sequer tem permissão para entrar no quarto da minha filha.

— Desculpe senhor. — Cricket enfia as mãos nos bolsos. — Me chame se você precisar de alguma coisa. — Ele olha de relance para Calliope, mas seus olhos retornam para os meus. — Se qualquer uma de vocês precisarem de alguma coisa.

Ele sai, e eu estou sorrindo o caminho todo para as minhas unhas dos pés pintadas brilhantes enquanto eu retomo a tirar as medidas dela. Ela pega um curvex da minha mesa de trabalho e o bate contra sua mão. — Por que o meu irmão não é permitido no seu quarto?

— Oh. Hum, eu não tenho permissão para ter nenhum garoto aqui dentro.

— Por favor. O Nathan pegou vocês dois fazendo alguma coisa? NÃO. Eca. Não me conta.

Eu arranco a fita métrica da cintura dela um pouco brusco demais.

— *Ai.*

Eu não me desculpo. Termino meu trabalho em silêncio. Calliope clareia a garganta enquanto eu escrevo as medidas que faltam. — Eu sinto muito — ela diz. — É legal de a sua parte fazer isso por mim. Eu sei que eu não mereço. Eu paro no meio do rabisco.

Ela bate com o meu curvex. — Você estava certa. Eu achei que ele sabia, mas ele não sabia.

Estou confusa. — Sabia o quê?

— Que ele é importante para a nossa família. — Ela cruza os braços. — Quando o Cricket foi aceito em Berkeley, foi quando eu decidi voltar para o meu antigo técnico. Eu queria me mudar de volta para cá para poder ficar perto dele. Nossos pais também.

Parece que a Calliope tem mais coisas para dizer, então eu espero que ela continue. Ela se senta na minha cadeira. — Escuta, não é segredo que eu tornei a vida da minha família difícil. Tem coisas que Cricket não teve ou não experimentou por minha causa. E eu também não as tive, e eu odiei isso, mas foi minha escolha. Ele não teve escolha. E ele aceitou tudo com essa... Exuberância e natureza boa. Teria sido impossível para a nossa família ficar junta se nós não tivéssemos o Cricket fazendo a parte mais difícil. Mantendo-nos felizes. — Ela levantou os olhos para encontrar os meus. — Eu quero que você saiba que eu me sinto *terrível* a respeito do que eu fiz com o meu irmão.

— Calliope... Eu não acho... Cricket não se sente desse jeito. Você sabe que não.

— Você tem certeza? — Sua voz é surpresa. — Como você pode ter certeza?

— Eu tenho certeza. Ele ama você. Ele tem orgulho de você.

Ela fica em silêncio por um minuto. Ver uma pessoa tão forte lutar para se manter inteira é de partir o coração. — Minha família deveria

dizer a ele com mais freqüência o quanto ele é extraordinário.

— Sim, ele é. E, sim, vocês deveriam.

— Ele acha que você também é. Ele sempre achou. — Calliope olha para mim de novo. — Eu sinto muito ter sido tão ruim para você.

E eu estou muito atônita pela admissão dela para responder.

Ela descansa a mão na confusão de roupas ao lado dela. — Só me responda uma pergunta. Meu irmão nunca superou você. Você o superou?

Eu engulo. — Existem algumas pessoas na vida que você *não pode* superar.

— Bom. — Calliope se levanta e me dá um sorriso cruel. — Mas quebra o coração do Cricket? Eu quebro a sua cara.

Nós trabalhamos juntas por meia hora, escolhendo peças, jogando idéias para lá e para cá. Ela sabe o que quer, mas eu estou satisfeita em descobrir que ela respeita minha opinião. Nós decidimos por um modelo usando apenas suas roupas pretas, e ela pegou os outros para levar para casa.

— Então cadê o seu vestido? — ela pergunta.

Eu não tenho idéia do que ela está falando. — Que vestido?

— O vestido da Maria Antonieta. Eu vi a sua pasta.

— *Você o quê?*

— Cricket estava carregando ela em uma das minhas competições, praticamente acariciando a droga da coisa. Eu o provoquei impiedosamente, é claro, mas... Era interessante. Você colocou muito trabalho naquelas páginas. Ele disse que você colocou muito trabalho na coisa de verdade, também. — Ela olha em volta do meu quarto. — Eu não achava que fosse possível esconder um vestido de baile com a bunda gigante, mas aparentemente eu estava errada.

— Oh. Uh, não está aqui. Eu parei de trabalhar nele. Eu não vou ao baile.

— O quê? POR QUÊ? Você trabalhou nisso a metade do ano.

— É, mas... É estúpido, certo? Aparecer sozinha?

Ela olha para mim como se eu fosse uma idiota. — Então apareça com o meu irmão.

Eu estou emocionada pela sugestão dela - *permissão!* - mas eu já tinha considerado isso. — O baile é no próximo sábado. Ele ainda vai estar do outro lado do país para nas Nacionais.

As Nacionais duram uma semana inteira. Sessões de treinamento, adequação ao gelo e à pista de patinação, entrevistas com a mídia, dois programas, mais uma apresentação adicional se ela ganhar medalha. Cricket vai estar com ela o tempo inteiro para apoiá-la.

— Oh — ela diz.

— Além disso, é estúpido de qualquer forma. — Eu olho fixamente para as notas da roupa dela, e eu puxo uma mecha de cabelo. — Você sabe grande baile. Grande vestido. Qual o sentido?

— Lola. — Seu tom é monótono. — Não é estúpido querer ir a um baile. Não é estúpido querer colocar um vestido bonito e se sentir bonita por uma noite. E você não precisa de um par para isso.

Estou calada.

Ela balança a cabeça. — Se você não for então você é estúpida. E você *não* merece meu irmão.

Eu trabalho todo o dia e toda noite no traje de Calliope - rasgando as costuras antigas, costurando novas peças, adicionando enfeites do meu próprio esconderijo - apenas parando para uma breve pausa na minha janela por volta de meia-noite. Cricket se junta a mim. Ele se inclina para frente, cotovelos apoiados contra sua janela. A posição se parece muito com um inseto com seus braços e dedos longos. É bonito. Muito bonito.

— Obrigado por ajudar a minha irmã — ele diz.

Eu me inclino para frente, imitando a sua posição. — Estou feliz.

Calliope pende para fora de sua janela. — PARE DE FLERTAR E VOLTE AO TRABALHO.

Tanto para a minha pausa.

— Ei, Cal — ele chama. Ela olha enquanto ele remove uma faixa de borracha verde de seu pulso e atira na cabeça dela. Isso atinge seu nariz com um golpe firme e cai entre as nossas casas.

— Realmente maduro. — Ela bate sua janela.

Ele sorri para mim. — Isso nunca fica velho.

— Eu sabia que você usava isso por uma razão.

— Qual cor você gostaria? Eu sorrio de volta. — Azul. Mas tente não apontar para o meu rosto.

— Eu nunca faria isso. — E ele rapidamente atira uma para o espaço ao meu lado.

Ela pousa em meu tapete, e eu a deslizo para o meu pulso. — Você é bom com os dedos. — E eu lhe dou um olhar aguçado que significa, *eu não estou falando de pulseiras de borracha.*

Seus cotovelos deslizam para fora debaixo dele.

— Boa noite, Cricket Bell. — Eu fecho minhas cortinas, sorrindo.

— Boa noite, Lola Nolan — ele grita.

A pulseira de borracha ainda está quente de sua pele. Eu trabalho pelo resto da noite, terminando o traje quando a lua está se pondo. Eu caio na cama e adormeço com a minha outra mão apertando o

redor da pulseira de plástico azul. E eu sonho com olhos azuis, unhas azuis e um primeiro beijo nos lábios espanados com cristais de açúcar azuis.

— Onde está?

— Mmph? — Eu acordo com a visão assustadora de Calliope e sua mãe pairando acima da minha cama. As pessoas TÊM que parar de fazer isso comigo.

— Você terminou? Onde ele está? — Calliope pergunta novamente.

Olho para meu relógio. Eu só estive dormindo por duas horas. Rolo para fora da cama e me levanto. — Está no meu armário — eu murmuro, rastejando para a porta do armário. — Precisa ser pendurado.

Sra. Bell chega ao meu armário primeiro. Ela abre a porta e suspira.

— O quê? O que é? — Calliope pergunta.

Sra. Bell o pega e o estende para ela ver. — Oh, Lola. É *maravilhoso*.

Calliope o tira do cabide e o coloca, dessa forma que apenas garotas bonitas e atléticas podem fazer — sem vergonha e com uma multidão. Eu desvio o olhar, envergonhada.

— Ohhh — ela diz.

Eu olho para trás. Ela está de pé ante o meu espelho de corpo inteiro. O traje negro tem longas, finas, mangas gossamer – delicado cintilante e sedutor - mas são quase mais como luvas sem dedos da noite, porque elas param no topo de seus braços, permitindo uma exibição elegante da pele do ombro. O corpo tem uma saia para ecoar esse sentimento, mas a parte superior termina com uma "corda", e acrescentei uma camada fina para espiar por baixo, portanto têm muitos cintos, lantejoulas e é sexy.

O efeito geral é romântico, mas... Atrevido.

Calliope esta impressionada. — Eu estava com medo que você me desse algo louco, algo Lola. Mas isso sou eu. Esta é minha canção, este é o meu programa.

E mesmo com o insulto atirado, eu brilho de felicidade.

— É melhor do que o original — a senhora Bell diz para Calliope.

— Você realmente acha? — Eu pergunto.

— Sim — as duas dizem.

Eu me levanto do chão e inspeciono o traje. — Poderia fazer uma alteração aqui e aqui — Eu aponto para dois lugares soltos — mas... Sim. Isso deve funcionar.

Sra. Bell sorri carinhosa e aliviada. — Você tem um talento especial, Lola. Obrigado.

Ela gosta de mim! Ou pelo menos das minhas habilidades de costura, mas eu vou aceitar isso.

Por agora.

Há uma batida na minha porta, e eu deixo meus pais entrarem. Eles dizem *ooh* e *aah*, e Calliope e eu estamos ambas sorrindo. Marco o traje para alterações rápidas, o que eu posso fazer em uma hora. Que eu *tenho* que fazer em uma hora, porque é quando eles saem para o aeroporto. Eu espanto todo mundo, e enquanto eu estou costurando, eu olho de novo e de novo para a janela de Cricket. Ele não está lá. Eu rezo para uma lua invisível para vê-lo antes que ele parta.

Sessenta e cinco minutos depois, me encontro na garagem dos Bells.

Calliope e seus pais estão carregando as últimas malas.

Aleck está lá com Abby em seu quadril. Ele aparenta uma falta de sono como eu sinto, mas, brincando, oferece a mão de Abby para segurar o novo traje.

Calliope não acha a piada engraçada.

Aleck e Abby estão permanecendo enquanto todo mundo vai. Espero que o tempo sozinho o force a voltar a estar em movimento, mas Andy e eu temos planos secretos para comprová-los. Apenas no caso. Estou abrindo minha boca para perguntar sobre Cricket, quando ele corre da casa. — Estou aqui, estou aqui! — Ele se detém abruptamente seis centímetros de mim, quando ele finalmente percebe que há alguém no caminho.

Eu olho para cima. E de novo, até eu encontrar o olhar dele.

— Entre no carro — Calliope diz. — Nós estamos saindo. Agora.

— Você ainda está usando a pulseira de borracha — ele diz.

— Eu ainda estou usando tudo o que você viu pela última vez — E então eu quero chutar a mim mesma, porque eu não quero que soe como se eu tivesse *esquecido* que estava usando isso.

Estou muito, muito consciente de usar sua pulseira de borracha.

— CRICKET — Desta vez, o Sr. Bell.

Estou cheia de uma centena de coisas que eu quero dizer a Cricket, mas estou consciente de sua família inteira nos assistindo. Então, é ele.

— Hum, vejo você na próxima semana? — ele pergunta.

— Boa sorte. Para a sua irmã. E para você. Para... Qualquer coisa.

— CRICKET! — Todo mundo no carro.

— Tchau — deixamos escapar. Ele está subindo quando Aleck se inclina e sussurra algo em seu ouvido. Cricket olha para mim e fica vermelho. Aleck ri. Cricket bate a porta do carro, e o Senhor Bell já está se afastando. Eu aceno. Cricket levanta sua mão em um adeus até que o carro vira a esquina e fica fora da vista.

— Então. — Aleck abaixa a cabeça para fora do alcance de Abby agarrando suas mãos. — Você e meu irmão, hein?

Minhas bochechas queimam. — O que você disse a ele?

— Eu disse a ele que você claramente o desejava, e que ele deve ser homem e fazer um movimento.

— Você não disse isso!

— Eu disse. E se ele não fizer, então eu sugiro que você pule em *seus* ossos. Meu irmão, caso você não tenha notado, é uma espécie de idiota com essas coisas.

Cricket deixou uma nova mensagem para mim em sua janela. Está escrito em seu habitual marcador preto, mas com um acréscimo - meu nome colorido, impresso a partir dos cantos da calçada da Rua Dolores.

O letreiro diz: VÁ PARA O BAILE DOLORES.

Estou indo para o baile.

— Eu ouvi sobre Calliope — Norah diz na noite de sexta-feira. — Sexto lugar?

Eu suspiro. — Sim. — Em sua curta mensagem ao programa de entrevistas, Calliope estava tranqüila, mas serena. Uma profissional.

— Estou decepcionada — ela disse — mas eu estou grata por ter outra chance.

— Isso é uma vergonha — Norah diz.

— Não acabou ainda. — Minha voz é aguda. — Ela ainda tem uma chance.

Norah me dá um olhar desconfiado. — Você acha que eu não sei disso? Nada é sempre mais.

Minha família, Lindsey, e eu estamos reunidas em torno da televisão. Todo mundo está trabalhando no meu vestido de Maria Antonieta. Os últimos detalhes decorativos são tudo o que resta, e eu agradeço a ajuda enquanto esperamos o longo programa de Calliope começar.

O curto programa das garotas foi duas noites atrás. Vimos o final desde o começo, no momento em que a câmera corta para a primeira posição de Calliope. Estava em seus olhos e debaixo de seu sorriso. *Medo*. A música começou, e ficou claro que algo estava errado.

Tudo aconteceu muito rápido.

Suas seqüências mais difíceis estavam no início - eles geralmente são, de modo que um patinador tem força total para realizá-los - e os comentaristas estavam em um estado de excitação sobre o seu salto triplo, o qual ela não havia aterrissado na prática.

Calliope pousou, mas caiu na combinação.

A expressão em seu rosto, só por um momento, ela pegou instantaneamente, era terrível. Os comentaristas faziam ruídos de pena enquanto ela bravamente patinava para o outro lado da pista, mas a nossa sala ficou em silêncio.

Uma temporada inteira pelo valor do treinamento. Para nada.

E então ela caiu *de novo*.

— Nem tudo é o talento — disse o comentarista masculino. — É também sobre sua cabeça. Ela não tem sido capaz de fazer o que as pessoas esperavam dela, e isto está cobrando seu preço.

— Não existe carga maior de potencial — acrescentou a comentarista do sexo feminino.

Mas como se Calliope tivesse os ouvidos, como se ela tivesse dito o *suficiente*, determinação cresceu em cada giro de seus músculos,

em cada empurre de seus patins. Ela pregou um salto extra e ganhou pontos adicionais. Seus últimos dois terços foram sólidos. Não é impossível para ela fazer parte da equipe olímpica, mas ela vai precisar de um longo programa impecável esta noite.

— Eu não posso ver. — Andy baixa seu canto do meu vestido de Maria Antonieta. — E se ela não ganhar a medalha? No traje de Lola?

Isto estava me incomodando, também, mas eu não quero fazer Andy ficar ainda mais nervoso, por isso lhe dou um encolher de ombros. — Então não vai ser culpa minha. Eu só fiz a roupa. Ela é a única que tem que patinar nela.

O resto de nós abandona o meu vestido quando a câmera corta para o seu treinador Petro Petrov, um senhor de cabelos brancos e uma cara grisalha. Ele está falando com ela na beira da pista. Ela está concordando, concordando e concordando com a cabeça. O cinegrafista não pode obter uma boa imagem de seu rosto, mas... Seu traje parece *ótimo*.

Estou na TV! Mais ou menos!

— Você fez isso em um dia? — Norah pergunta.

Nathan se inclina e aperta meu braço. — É fenomenal. Estou tão orgulhoso de você.

Lindsey sorri. — Talvez você devesse ter feito o meu vestido.

Fomos ao shopping no início desta semana para o baile. Eu sou aquela que encontrou seu vestido. É simples um corte lisonjeiro para a sua pequena figura, e é o mesmo tom de vermelho que seu Chuck Taylors. Ela e Charlie tinham decidido usar os mesmos sapatos correspondentes.

— Você vai ao baile? — Norah fica surpresa. — Eu pensei que você não tivesse par.

— Eu não tenho — Lindsey diz. — Charlie é apenas um amigo.

— Um amigo fofo — eu digo. — Com quem ela sai regularmente.

Ela sorri. — Estamos mantendo as coisas casuais. Minha agenda educacional vem em primeiro lugar.

Os comentaristas começam a refazer a jornada de Calliope. Sobre como é uma vergonha alguém com um *talento natural*, sempre se *afogar*. Eles criticam a mudança constante de treinadores e fazem

uma declaração ousada sobre uma equivocada tendência à perfeição. Nós vamos a televisão. Sinto tristeza por ela de novo, por ter que viver com a crítica constante. Mas também admiração, por continuar a lutar. Não é à toa que ela está construída como uma casca dura.

Eu estou ansiando para a rede mostrar a sua família, o que eles não fizeram EM TUDO durante todo o programa curto. Um gêmeo não deveria ser notável? Eu liguei para ele ontem, porque ele ainda é muito tímido para me ligar. Ele estava compreensivelmente estressado, mas eu o peguei rindo. E então ele foi quem me incentivou a convidar Norah hoje.

— Ela é da família — ele disse. — Você deveria mostrar encorajamento sempre que puder. As pessoas se esforçam mais quando sabem que alguém se preocupa com elas.

— Cricket Bell. — Eu sorrio para o meu telefone. — Como você ficou tão sábio?

Ele ri de novo. — Muitas e muitas horas de observação familiar.

Como se a câmera tivesse me ouvido... ELE. É ele! Cricket está vestindo um casaco de lã cinza com um lenço listrado envolvido frouxamente ao redor de seu pescoço. Seu cabelo está coberto com neve e suas bochechas estão cor de rosa; ele deve ter acabado de chegar à arena. Ele é o inverno personificado. Ele é a coisa mais linda que eu já vi.

A câmera corta para Calliope, e eu tenho que morder minha língua para não gritar com a televisão para voltar ao Cricket. Petro tem apertadas as mãos de Calliope, as sacode suavemente, e depois ela desliza sobre o gelo com o barulho de milhares de espectadores, aplaudindo e agitando bandeiras. Todo mundo na minha sala segura à respiração enquanto esperamos para a primeira imagem clara de sua expressão.

— Você deveria olhar para isso — diz o comentarista masculino. — Calliope Bell está aqui para lutar!

Está no ardor dos seus olhos e na força de sua postura enquanto ela espera pela sua música para começar. Sua pele é pálida, seus lábios são vermelhos, e seu cabelo escuro está puxado em um toque

elegante. Ela está surpreendente e feroz. A música começa, e ela se funde com o romance dela, e ela é a música.

Calliope é Julieta.

— Abrir com um triple lutz/double toe — a mulher diz. — Ela caiu com isso no ano passado no Mundial...

Ela aterrissa.

— E o Salchow triplo... Vejam como ela se inclina, vamos ver se ela pode conseguir a altura suficiente para terminar a rotação...

Ela aterrissa.

Os comentaristas vão à deriva em um silêncio perplexo. Calliope não está apenas aterrissando os saltos, ela está os realizando. Seu corpo se ondula com intensidade e emoção. Eu imagino todas as jovens de toda a América sonhando em se tornar ela um dia, como uma vez eu fiz. Uma seqüência em espiral leva a uma magnífica combinação de giros deslumbrantes. E logo Calliope está balançando seus braços em sinal de triunfo, e acabou.

Um longo programa impecável.

A câmera corre através da multidão em festa. Corta até sua família. Os pais Bell estão se abraçando, rindo e chorando. E ao lado deles, o cabelo revoltado do gêmeo de Calliope, está gritando em plenos pulmões. Meu coração canta. A câmera volta para Calliope, que grita e bate seus punhos no ar.

Não! Volte para seu irmão!

Os comentaristas riem. — Esquisito — o homem diz. — Suas posições, suas extensões. Não há ninguém como Calliope Bell quando ela está pegando fogo.

— Sim, mas isso será suficiente para superar seu curto programa desastroso?

— Bem, a maldição continua — ele responde. — Ela não poderia fazer dois programas limpos, mas fale sobre redenção. Calliope pode manter sua cabeça erguida. Este foi o melhor desempenho de sua carreira.

Ela coloca suas proteções de patins e caminha para o "beijo-e-choro", a área apropriadamente apelidada de onde as pontuações são anunciadas. As pessoas estão jogando flores e ursos de pelúcia, e ela bate nas mãos de várias pessoas. Petro coloca seu braço sobre

os ombros dela, e eles riem felizes e nervosos enquanto esperam por seus resultados.

Eles são anunciados, e os olhos de Calliope crescem tão grandes como pratos.

Calliope Bell está em segundo lugar.

E ela está estática de estar lá.

33

Coloco a peruca, e eu estou... Quase feliz.

Há algo errado com o meu reflexo.

Não é meu costume, o que tornaria Maria Antonieta orgulhosa. O vestido azul pálido é feminino, escandaloso e gigantesco. Há saias sobre saias, fitas e ornamentos, pérolas e rendas. Seu corpete é lindo, e a forma se mantém confortavelmente por baixo, me dando uma lisonjeira figura, as partes do corpo são corretamente mais delgadas ou mais redondas. Meu pescoço está envolto em um colar cristalino como os diamantes, e as minhas orelhas estão com brincos que reluzem como lustres. Eu brilho com a luz refletida.

É a maquiagem?

Eu estou usando pó facial branco, blush vermelho, e um gloss claro vermelho. Maria Antonieta não tem mascara de rímel, então eu me senti compelida a fazer uma armadilha. Eu escovei só um pouquinho em um par de cílios postiços. Meu olhar viaja para cima. A peruca branca tem dois metros de altura, e está adornada com fitas azuis, rosas e plumas cor de rosa, e um único pássaro azul cantor. É lindo. Uma obra de arte. Passei muito tempo fazendo isso.

E... Não é certo.

— Eu não me vejo — eu digo. — Não estou.

Andy está desamarrando minhas botas de combate com plataforma, se preparando para me ajudar a coloca-lás. Ele aponta, em um grande círculo. — O que você quer dizer? TUDO que vejo é você.

— Não. — Eu engulo. — Há muito Maria, e não Lola o suficiente.

Sua testa enrugada. — Eu pensei que esse fosse o ponto.

— Eu também pensei assim, mas... Eu estou perdida. Estou escondida. Eu pareço um traje de Halloween.

— Quando você *não* parece como um traje de Halloween?

— Pai! Estou falando sério. — Meu pânico rapidamente se intensifica. — Eu não posso ir ao baile assim, é demais.

Extremamente demais.

— Querido — ele grita para Nathan. — É melhor você entrar aqui. Lola está usando novas palavras.

Nathan aparece na minha porta, e ele sorri quando me vê.

— Nossa filha disse. — Andy faz uma pausa para efeito dramatic...

Extremamente demais

Eles caem na gargalhada.

— ISSO NÃO É ENGRAÇADO. — E então eu suspiro. Meu corpete esmaga a minha caixa torácica, tornando a respiração difícil e dolorosa.

— Whoa. — Nathan está de repente ao meu lado, a mão em torno de mim. — Respire. Respire.

Eu já estava nervosa sobre ir para o baile e ver meus colegas. Pelo menos eu não estarei sozinha - me encontrarei com Lindsey e Charlie lá - mas eu não posso ir assim.

Seria humilhante. Eu preciso de Lindsey aqui, ela assumiria o controle. Mas ela está no meio de um jantar de mistério e assassinato, e Charlie apostou um mês de merenda escolar que ele vai resolver o mistério antes dela. É importante para Lindsey que ela ganhe.

— Telefone — ofego. — Me de o meu telefone.

Andy me entrega, e eu ligo para Cricket instantaneamente. Sou enviada diretamente para seu correio de voz, como havia sido durante toda à tarde. Ele ligou esta manhã para certificar de que eu estava indo para o baile, mas não nos falamos desde então. Eu continuo fantasiando que não podemos entrar em contato porque ele está em um avião, planejando me surpreender ao aparecer magicamente na minha escola durante a primeira música lenta, mas é mais provável que uma tempestade de neve está causando estragos em sua conexão. Hoje é a Exposição dos Campeões, e Calliope participará dela. Ele tem que estar lá.

Mas amanhã... Ele estará em casa.

O pensamento temporariamente me acalma. E então eu vejo o meu reflexo mais uma vez, e eu percebo que amanhã não vai ajudar nada *esta noite*.

— O-kaaaay. — Andy arranca o telefone do meu agarre mortal. — Precisamos de um plano.

— Eu tenho um plano. — Eu rasgo os pinos que prendem a peruca na minha cabeça. — Eu vou desmontá-la. Eu vou fazer uma reinterpretação moderna dela com meu próprio cabelo. — Estou jogando os pinos ao chão como dardos, e meus pais dão um passo para trás nervosos.

— Isso soa... — Nathan diz.

— Complicado — Andy diz.

Eu arranco a peruca e a jogo em minha mesa.

— Tem certeza de que você quer. — As palavras de Nathan morrem enquanto arranco as rosas da peruca. Metade delas rasga, e Andy coloca uma mão sobre sua boca. O pássaro cantor é o próximo. — Está tudo bem — eu digo. — Vou colocá-los no meu próprio cabelo, ficará bem. — Eu empurro o resto da peruca no chão, olho para cima, e grito. Meu cabelo está emaranhado e confuso, denso e achatado. É tudo de ruim que pode acontecer à cabeça de alguém, de uma só vez.

Andy cautelosamente remove outro pino enquanto eu tento passar a escova através do desastre.

— Cuidado! — ele diz.

— ESTOU TENDO CUIDADO. — A escova enrosca no meu cabelo, e eu explodo em lágrimas.

Andy gira para Nathan. — Para quem é que nós vamos ligar? Quem é que nós sabemos que faz o cabelo?

— Eu não sei! — Nathan olha surpreendido. — Aquela Rainha com a grande encomenda na semana passada?

— Não, ela estaria trabalhando. Que tal Luis?

— Você odeia Luis. Que tal...

— Eu vou usar a peruca! Eu só vou usar a peruca, esqueça isso! — Eu sinto minha máscara de rímel preto deslizar através do meu pó facial branco enquanto me movo para trás, e meu pé direito pisa sobre a peruca. A estrutura de arame por baixo dela se achata.

Meus pais ofegam. E a última visão restante que eu tinha de entrar no meu baile de inverno como Maria Antonieta desaparece.

Eu puxo o meu espartilho, forçando espaço para entrar ar dentro do meu peito.

— Acabou.

Há um *baque* ao lado da minha janela quando alguém cai para o quarto. — Apenas a peruca acabou.

Eu me lanço em direção a ele, instintivamente, mas meu vestido é tão pesado que eu caio de cara em meu tapete. Meu vestido cai em torno de mim como um acordeão. Eu não sabia que era possível morrer de vergonha. Mas eu acho que pode realmente acontecer.

— Você está bem? Você se machucou? — Cricket cai de joelhos. Seu aperto é forte enquanto ele me ajuda a se sentar. Eu quero morrer em seus braços, mas ele me solta com cuidado.

— O que... o que você está...?

— Deixei as Nacionais mais cedo. Eu sei como o baile é importante para você, e eu queria surpreendê-la. Eu não queria que você entrasse sozinha. Não que você não poderia lidar com isso — ele adiciona. O que é gracioso, considerando o meu estado atual. — Mas eu queria estar lá também. Para sua grande entrada.

Estou limpando restos do tapete e mascara de cílios de minhas bochechas. — Minha grande entrada.

Meus pais estão congelados com estupefação pelo aparecimento súbito. Cricket volta para eles se desculpando. — Eu teria usado a porta da frente, mas não pensei que vocês me ouviriam. E a janela estava aberta.

— Você sempre foi... Cheio de surpresas — Andy diz.

Cricket sorri para ele antes de girar para mim. — Vamos lá. Vamos prepará-la para o baile.

Eu viro a minha cabeça. — Eu não vou.

— Você tem que ir. — Ele cutuca meu cotovelo. — Voltei para que eu pudesse levá-la, lembra?

Eu não posso encontrar os seus olhos. — Eu pareço estúpida.

— Hey. Não — ele diz baixinho. — Você está linda.

— Você está mentindo. — Eu levanto o meu olhar, mas eu tenho que morder meu lábio por um momento para evitar que eles tremem. — Meu rosto parece uma máscara de palhaço. Meu cabelo grita bruxa malvada dos contos de fadas.

Cricket parece divertido. — Eu não estou mentindo. Mas... devemos limpar isso — ele acrescenta.

Ele toma os meus braços e começa a me ajudar a levantar. Nathan dá um passo adiante, mas Andy pega um de seus ombros. Meus pais observam Cricket reorganizar a saia do meu vestido para que eu possa estar de pé de forma segura. Ele me leva para o banheiro anexo ao meu quarto. Nathan e Andy nos seguem a uma distância cuidadosa. Cricket abre a torneira da pia e procura as garrafas e tubos na minha bancada até que ele encontra o que está procurando. — Aha!

É removedor de maquiagem.

— Calliope usa o mesmo tipo — ele explica. — Ela é conhecida por precisar disto depois de performances particularmente brutais. Para a, uh — ele aponta de um modo geral em direção ao meu rosto — mesma razão.

— Oh Deus. — Eu pisco para o espelho. — Parece que eu tenho vomitado um tinteiro.

Ele sorri. — Um pouco. Vamos lá, a água está quente.

Nós deslizamos ao redor desajeitadamente até que eu estou posicionada na frente da pia, e então ele coloca uma toalha sobre a frente do meu vestido. E - com muita dificuldade - me inclino sobre ele. Seus dedos se deslizam pelo meu cabelo e os seguram para trás, enquanto eu lavo meu rosto. Sua presença física contra mim é calmante. O pó facial, rímel, cílios postiços, e blush desaparecem. Enxugo o meu rosto e meus olhos encontram o seu no espelho. Minha pele está nua e rosa.

Ele me olha de volta com um desejo forte.

Nathan pigarreia da porta, e nós assustamos. — Então o que vamos fazer sobre o seu cabelo? — ele pergunta.

Meu coração cai. — Eu acho que eu vou usar uma peruca diferente. Algo simples.

— Talvez... Talvez eu possa ajudar — Cricket diz. — Eu tenho alguma experiência. Com cabelo.

Eu franzo a testa. — Cricket. Você teve o mesmo cabelo toda a sua vida. Não me diga que o fixá-lo assim você mesmo.

— Não, mas... — Ele esfrega a parte de trás do pescoço. — Às vezes eu ajudo Cal com o dela antes das competições.

Minhas sobrancelhas levantam.

— Se você me perguntasse ontem, eu teria dito que era uma habilidade seriamente embaraçosa para um cara heterossexual.

— Você é o *melhor* — eu digo.

— Só você poderia pensar isso. — Mas ele parece satisfeito

É neste momento que eu, finalmente, registro o que ele está usando.

É um lindo terno preto ajustado para o tecido da pele brilhante. As calças são curtas – de propósito, é claro - expondo os seus habituais sapatos pontudos e um par de meias azuis pálidos que coincidi com o meu vestido *exatamente*

E eu totalmente quero pular nele.

— Tick Tock — Nathan diz.

Eu passo por Cricket, e volto para o meu quarto. Ele aponta para a minha cadeira, então eu levanto minhas saias por cima e por trás, e eu encontro uma maneira de me sentar. E então ele me penteia com os dedos. Suas mãos são gentis e rápidas, os movimentos suaves e seguros. Eu fecho meus olhos. O quarto fica em silêncio enquanto seus dedos desembaraçam os fios da raiz até as pontas e correm soltas através de todo o meu cabelo. Eu me inclino de volta para ele. Parece que meu corpo inteiro está florescendo.

Ele se inclina e sussurra em meu ouvido: — Eles se foram.

Eu olho para cima, e, com certeza, meus pais deixaram a porta entreaberta. Mas eles se foram. Sorrimos. Cricket recomeça o seu trabalho, e eu me relaxo em suas mãos. Meus olhos fecham novamente. Depois de alguns minutos, ele limpa a garganta. — Eu, hum, tenho algo a lhe dizer.

Meus olhos permanecem fechados, mas as minhas sobrancelhas levantam em curiosidade.

— Que tipo de coisa?

— Uma história — ele diz.

Suas palavras se convertem em um sonho, quase hipnótico, como se ele houvesse dito isso para si mesmo uma centena de vezes antes. — Era uma vez, havia uma menina que falava com a lua. E

ela era misteriosa e perfeita, dessa forma que as meninas que conversam com as luas são. Na casa ao lado, vivia um garoto. E o garoto observava a menina se tornar mais e mais perfeita, mais e mais bela a cada ano que passava. Ele assistiu ela ver a lua. E ele começou a se perguntar se a lua iria ajudá-lo a desvendar o mistério da menina bonita. Assim, o menino olhou para o céu. Mas ele não conseguia se concentrar na lua. Ele estava muito distraído pelas estrelas.

Eu ouço Cricket remover uma faixa de borracha de seu pulso, que ele usa para segurar uma parte do meu cabelo.

— Vá em frente — eu digo.

Eu ouço o sorriso na voz dele. — E não importa quantas canções ou poemas já haviam sido escritos sobre eles, cada vez que ele pensava na garota, as estrelas *brilhavam mais brilhantes*. Como se fosse ela quem as mantinham iluminadas. Um dia, o rapaz teve de se afastar. Ele não poderia trazer a menina com ele, então ele trouxe as estrelas. Quando ele olhasse para fora de sua janela à noite, ele iria começar com uma. Uma estrela. E o menino ia pedir um desejo, e o desejo seria o nome dela. Ao som de seu nome, uma segunda estrela iria aparecer. E então ele desejaria o nome dela, e as estrelas se dividiriam em quatro. E quatro se tornaram oito, e oito se tornaram 16, e assim por diante, a maior equação matemática que o universo já tinha visto. E pelo tempo que uma hora tinha passado, o céu estaria cheio de tantas estrelas que acordaria os vizinhos. As pessoas se perguntariam quem tinha ligado os holofotes. O menino fez. Ao pensar sobre a menina.

Meus olhos se abrem, e meu coração está na minha garganta. — Cricket... Eu não sou isso.

Ele pára de colocar grampos no meu cabelo. — O que você quer dizer?

— Você construiu essa idéia sobre mim, este *ideal*, mas eu não sou essa pessoa. Eu não sou perfeita. Estou longe de ser perfeita. Eu não mereço uma história tão bonita.

— Lola. Você é a história.

— Mas uma história é apenas isso. Não é a verdade.

Cricket volta ao seu trabalho. As rosas são adicionadas. — Eu sei que você não é perfeita. Mas são as imperfeições de uma pessoa que as tornam perfeitas para alguém.

Outra presilha desliza em seu lugar quando eu avisto as costas de sua mão. Uma estrela. Cada estrela que ele há desenhado em sua pele tem sido por *mim*. Olho à minha porta para se certificar de que ainda está vazia, e eu agarro a sua mão.

Ele olha para ela.

Eu sigo o meu polegar em torno da estrela.

Ele olha para mim. Seus olhos são tão dolorosamente, requintadamente azuis.

E eu o puxo para baixo sobre mim, e planto meus lábios contra os seus, que estão soltos com surpresa e choque. E eu beijo Cricket Bell com tudo o que há dentro de mim, tudo o que estou segurando desde que ele se mudou de volta, tudo desde o verão, tudo desde a nossa infância. Eu o beijo como eu nunca beijei ninguém antes.

Ele não se move. *Seus lábios não estão se movendo.*

Afasto cabeça em alarme. Havia agido precipitadamente, eu o empurrei muito rápido.

Ele cai de joelhos e me puxa de volta para os lábios.

Seu beijo não é nem remotamente inocente. Há paixão, mas há também uma urgência beirando o pânico. Ele me puxa para mais perto, tão perto quanto o meu vestido e minha cadeira permitem, e ele está me agarrando com tanta força que eu sinto seus dedos pressionados pela parte de trás do meu espartilho.

Eu me puxo para trás, ofegante. Cambaleando. Sua respiração é irregular, e eu coloco minhas mãos em seu rosto para firmá-lo.

— Isso está bem? — Eu sussurro. — Você está bem?

Sua resposta é angustiada. Honesta. — Eu te amo.

34

O luar brilha no meu quarto e revela o seu estado frágil.

— *Eu não disse isso para que você tenha que dizê-lo de volta, ele diz. Por favor, não diga se você não quer dizer. Eu posso esperar.*

Eu levanto e retiro o meu vestido da cadeira. E então eu o ajudo a ficar, e eu coloco suas mãos na minha cintura. Eu me inclino para ponta dos pés, descansando os dedos contra a parte de trás de seu pescoço, e o beijo suavemente. Lentamente. Sua língua encontra a minha. Nossos corações batem mais rápido e mais rápido, e os nossos beijos crescer mais quente e mais quente, até que estou com falta de ar.

Eu sorrio, vertiginosamente, e toco meus lábios inchados. Estes não são os beijos de um menino, doce da casa ao lado. Eu o atraio para mais perto puxando sua gravata e sussurro em seu ouvido,

— *Cricket Bell, Eu estive no amando você por toda minha vida.*

Ele não diz nada. Mas seus dedos apertam contra a traseira do meu corpete. Eu sofro para pressionar meu corpo no seu, mas meu vestido está fazendo o contato impossível. Eu procuro uma posição um pouco melhor. Ele olha para baixo e percebe que eu ainda estou usando a certa coisa azul, o seu dedo indicador se envolve debaixo da minha pulseira de borracha.

Eu tremo maravilhosamente. — *Eu nunca vou tirá-la.*

Cricket roça a pele delicada do meu pulso. — *Vai cair.*

— *Vou te pedir outra.*

— *Vou te dar outra.* Ele sorri e toca seu nariz no meu.

E então ele tem espasmos violento e me empurra.

Alguém está chegando aqui em cima. Cricket pega o pássaro da minha mesa e empurra no meu cabelo quando Andy coloca a cabeça dentro do quarto. Meu pai nos dá uma olhada.

— *Apenas tendo certeza que tudo está bem. Está ficando tarde. Você deve ir.*

— *Vamos descer em um minuto, eu digo.*

— *Você não está usando sapatos. Ou maquiagem.*

— *Cinco minutos.*

— *Estou cronometrando. Andy desaparece. — E vai ser Nathan aqui na próxima, ele grita.*

— *Então o que você acha?* Cricket pergunta.

— *Você é bom. Muito, muito bom.* Eu toco o seu peito, tonta com o conhecimento que eu posso tocá-lo agora quando eu quiser. — *Como você ficou tão bom?*

— *É seguro dizer que você é a única que traz isso em mim.* Ele cutuca meu estômago. — *Mas eu quis dizer o seu cabelo.*

Estou radiante, quando me viro para o espelho, e. . . — *OH.*

O coque tem aparência profissional. É alto e esplêndido e elaborado, mas não me oprime. Ele me complementa. — *Isto é. . . É. . . Perfeito.*

— *Você nunca vai dizer a ninguém que eu fiz isso sob pena de morte.* Mas ele está sorrindo.

— *Obrigado.* Faço uma pausa, e então eu olho para as minhas unhas azuis pálidas. — *Sabe aquela coisa que você disse sobre alguém sendo perfeito para alguém mais?*

— *Sim?*

Meus se olhos levantam de volta aos seus. — *Eu acho que você é perfeito, também. Perfeito para mim. E. . . Você surpreendeu esta noite. Você sempre...*

Cricket pisca. E então, novamente. — *Será que eu morri? Porque eu sonhei com essas palavras milhares de vezes, mas eu nunca pensei que você realmente fosse dizer elas.*

— *Três minutos,* Andy grita lá de baixo.

Nós quebramos em um riso nervoso. Cricket balança a cabeça para mudar o foco. — *sapatos,* ele diz. — *Meias.*

Eu aponto, e enquanto ele termina preparando-os, eu passo mascara nos meus cílios, pó em meu rosto, e brilho nos meus lábios. A maquiagem é jogada em minha bolsa. Tenho a sensação de que vou precisar de retoque antes de eu voltar para casa. Cricket me pega pela minha cintura e me leva para a cama, e eu estou levantando a minha saia enquanto ele me deixa sobre a borda. Seus

olhos se arregalaram, mas ele se transforma em mais risadas quando ele vê quantas camadas estão embaixo.

Eu sorrio. — *Há mais oito aqui.*

— *Apenas me dê o seu pé.*

De lá embaixo: — *Um minuto.*

Cricket se ajoelha e leva meu pé esquerdo em suas mãos. A meia vem em muito rápida. Minha bota guincha quando ele desliza na minha perna. Seus cuidadosos e rápidos dedos por todo o caminho até ao meu joelho, onde eles permanecem sempre tão ligeiramente. Eu fecho meus olhos, rezando para o relógio parar. Ele puxa e aperta a fivelas. E então repete tudo no outro lado.

De alguma forma, esta é a coisa mais sexy que já me aconteceu.

— *Eu desejaria ter alguns pés a mais,* eu digo.

— *Nós podemos fazer isso de novo.* Ele aperta a fivela. — *Sempre.*

Há uma batida contra a minha moldura da porta quando Betsy ansiosamente vem em nossa direção. Meus pais estão ambos aqui. Cricket me ajuda a ficar de pé.

Expressão de Nathan suaviza em espanto. — *Wow.*

Hesito. — *Bom wow?*

— *Wow* continua sendo um elogio — Cricket diz.

A forma como todo mundo está olhando me deixa nervosa de novo. Eu viro para o espelho, e vejo. . . Um vestido magnífico e belo cabelo num brilhante rosto. E o reflexo sorrindo para mim é Lola.

— *Mais um,* diz Andy. — *De lado, para que possamos ver o pássaro em seu cabelo.*

Viro minha cabeça para posar para outra foto. — *Esta é a última.*

— *Você recebeu um tiro com as botas?* Nathan pergunta. — *Nos mostre as botas.*

Eu levanto minha bainha e sorrio. — *Tic Tac.*

— *Estou tentando muito duro para não usar a palavra "fabulosa" neste momento,* diz Andy.

Mas eu me sinto fabulosa. Meus pais tomam mais duas rodadas de fotos uma com nós dois e uma com apenas Cricket antes de nós irmos pela noite de nevoeiro. Chegar à calçada requer dobrar os

cestos, levantar as saias, e pisar de lado descer as escadas. Vamos caminhando para a minha escola, porque é perto.

Além disso, porque eu não caberia em um carro.

— *Hey! Lá estão eles!*

Aleck aparece na porta da varanda seguinte. Abby está em seu quadril. Eu sinalizo, e seus olhos enormes crescem quando ela vê os papagaios selvagens verde.

— *Ohhhh*, ela diz.

— *Você está ótima*, Aleck grita para baixo. — *Louco. Mas genial.*

Nós sorrimos agradecendo e dizemos adeus. Sem surpresa, o vestido faz com que seja difícil de manobrar pela calçada, eu freqüentemente tenho de recorrer para o lado, e segurar com as mãos é complicado, mas nós fazemos o nosso caminho no primeiro bloco.

— *Eles ainda estão assistindo?* Eu pergunto.

Cricket olha para trás. — *Todos os quatro.*

Meu estômago está agitado, mas as borboletas estão felizes com a antecipação. Nós dois estamos esperando pelo mesmo momento. Nós finalmente viramos uma esquina, e Cricket me puxa para as sombras roxo-pretas da primeira casa. A boca esmaga uma contra a outra. Minhas mãos correm pelos seus cabelos, puxando-o mais perto. Ele tenta me apoiar contra a parede, mas eu salto para fora. Nossos lábios ainda estão tocando enquanto nós rimos.

— *Espera um pouco.* Eu levanto a estrutura do meu vestido, mas eu o dobro para o outro lado desta vez, de modo que o levantou superfície plana, na parte de trás. — *Okay. Tente novamente.*

Ele faz isto calmamente, empurrando sua figura inteira contra a minha, usando seus quadris para me pressiona contra a casa. Não importa quanto tecido está entre nós, à força sólida de seu corpo contra o meu é elétrica. Carregada. E então nossos braços são envolventes e nossos dedos estão cavando e nossas bocas estão buscando e os nossos corpos encontram esse bloqueio.

E se eu sou as estrelas, Cricket Bell é galáxias inteiras.

As espirais de vento de inverno em torno de nós, frio e amargo, mas o espaço entre nós é quente e doce. Seu perfume me faz voraz. Eu beijo seu pescoço em uma trilha para baixo, e eu não posso ouvi-

lo sobre o vento, mas eu sinto-o gemer. Seus dedos facilmente, graciosamente deslizam com os cadarços do meu corpete e trabalham a sua maneira para encontrar o caminho para blusa interna. Ele acaricia só um pequeno quadrado das minhas costas, mas o tremor percorre toda a extensão completa da minha espinha.

Nossas bocas se apertam novamente. Nos pressionamos um contra o outro com mais força. Seus dedos escorregam para fora do meu corpete. Eles se movem das costas para frente, e pela primeira vez, eu queria que esse vestido fosse menos complicado. Mas o próximo será muito menor, uma única camada, com uma seda fina que me permita sentir tudo.

Cricket para, seus olhos selvagens. — *Nós temos que parar. Se não pararmos agora. . .*

— *Eu sei.* Apesar de tudo o que eu quero fazer é continuar.

Mas ele envolve seus braços em volta de mim, e ele me abraça como se eu estivesse prestes a voar para longe com o vento. Ele me segura até o nosso coração parar de bater tão furiosamente. Ele me segura até que possamos respirar novamente.

O nevoeiro ainda é pesado, e as calçadas estão cheias, mas todo mundo nos vê chegando. Eles se separam de lado com palmas e aplausos. Nossos sorrisos estão cheios como nossos corações. Quando avançamos pelas calçadas brilhantes do Castro, sinto como se estivéssemos em um videoclipe. Uma mulher com um topete dá Cricket uma pulseira, e o homem com a Care Bears tatuagem que possui os produtos de limpeza ecológicos secos nos dá dois apitos de lobo.

Ou talvez apenas para Cricket. *Ele parece sexy.*

Nós viramos a última curva em direção a minha escola, e ele me puxa para a privacidade de outra lacuna entre as casas. Eu olho para ele através dos meus cílios postiços. — *Você sabe, eu acabo de reaplicar meu gloss.*

Mas Cricket está subitamente nervoso. Muito nervoso.

Sua expressão me enche de apreensão. — *Está. . . Tudo bem?* Eu pergunto.

Ele coloca a mão dentro do bolso interno do paletó. — *Eu queria lhe dare este para o Natal, e, em seguida, para o Ano Novo. Mas eu*

não pude tê-lo pronto a tempo. E então eu pensei que ia fazer um presente melhor para esta noite de qualquer maneira, supondo, é claro, que você venha comigo para a dança. Mas então eu não poderia dar a você em seu quarto, porque dentro estava muito brilhante, então eu tive que esperar até que nós estivéssemos fora, porque é escuro aqui fora,

— Cricket! O que é isso?

Ele engole. — *aqui está, espero que goste.*

Ele retira a mão do bolso e coloca um objeto fino de ouro em minha palma. O disco é quente do seu calor do corpo. É redondo como uma maquiagem compacta, e há um pequeno botão para abri-lo, mas é mais profundo do que um compacto.

E o metal foi gravado com estrelas. O som do meu coração é forte dentro de meus ouvidos. — *Eu estou quase com medo de abri-lo. É perfeito como ele é.*

Cricket o levanta e coloca ao nível dos meus olhos. — *Pressione o botão.*

Dirijo um dedo trêmulo.

Clique.

E então. . . A coisa mais maravilhosa aparece. A tampa aparece de volta, e um universo em miniatura luminoso se ergue e se desdobra. A pequena lua redonda brilha no centro, cercado por pequenas estrelas cintilantes. Eu suspiro. É complexo e vivo. Cricket coloca o artefato mecânico de volta em minha mão. O aperto encantada, e as estrelas piscam para mim preguiçosamente.

— A lua é o que levou tanto tempo. Eu tive problemas para conseguir o ciclo correto.

Eu olho para cima, mistificado. — *O ciclo?*

Ele aponta para a lua real. Ela é uma Giba, uma fatia de seu lado esquerdo é escura. Eu olho para trás para baixo. A pequena lua é quase inteiramente iluminada. Uma fatia do seu lado esquerdo está escuro. Eu estou chocada que não posso falar.

— Então você não se esquecerá de mim quando eu me for, diz ele.

Eu levanto os meus olhos em alarme.

Cricket reage rapidamente. — Não for. Eu quis dizer durante a semana, quando estou na escola. Não há mais mudanças. Eu estou aqui. Estou onde você estiver.

Deixei escapar um suspiro aliviado, uma mão segurando meu corpete apertado.

— *Você não disse nada.* Ele arranca em uma faixa de borracha. — *Você gostou?*

— *Cricket. . . Esta é a coisa mais extraordinária que eu já vi.*

Sua expressão se derrete. Ele me envolve em seus braços, e eu subo na ponta dos pés a minha plataforma para alcançar os lábios de novo. Eu quero beijá-lo pelo resto da noite, para o resto de nossas vidas. *O indicado.* Ele tem um gosto salgado como a névoa do mar. Mas ele tem um gosto doce, também, como. . .

— *Cerejas,* diz ele.

Sim. Espere. Eu estava falando em voz alta?

— *Você tem gosto de cerejas. Seu cabelo tem cheiro de cerejas. Você sempre cheirava cerejas para mim.* Cricket. pressiona o nariz contra o topo da minha cabeça e inala. — *Eu não posso acreditar que eu estou autorizado a fazer isso agora. Você não tem idéia de quanto tempo eu queria fazer isso.*

Eu enterro meu rosto contra seu peito e sorriso. Um dia vou lhe contar sobre a minha xícara de chá.

O som dos carros alegóricos risos e música através do ar da noite, rodando e efêmero. Está acenando para nós. Eu olho para cima e profundamente em seus olhos. — *Você tem certeza de que quer fazer isso? Um baile do colégio? Você não acha que é. . . Algo patético?*

— *Claro, mas não são eles deveriam ser?* Cricket sorri. — *Eu não sei. Eu nunca fui a um. E eu estou feliz. Estou muito fel...*

E eu interrompo suas palavras com um beijo em êxtase. — *Obrigado.*

— *Você está pronta?* Ele pergunta.

— *Eu estou.*

— *Você está com medo?*

— *Não.* Ele pega a minha mão e a aperta. Com minha outra mão, eu levanto o fundo do meu vestido. Minhas botas de combate com plataforma abrem o caminho. E eu mantenho minha cabeça alta

para a minha grande entrada, de mãos dadas com o garoto que me deu a lua e as estrelas.